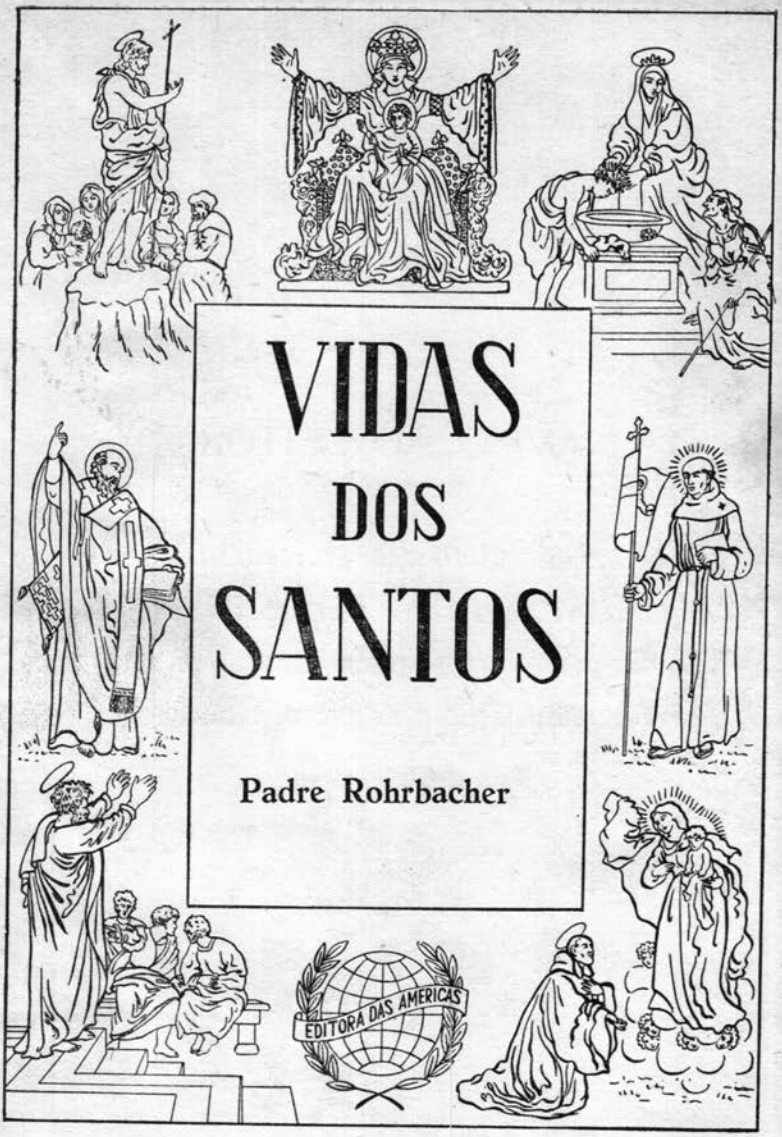

VIDAS
DOS
SANTOS
Padre Rohrbacher
EDITORA DAS AMÉRICAS

AVISO AO LEITOR:

Os nomes de Santos acompanhados do sinal (*) indicam biografias compiladas por Jannart Moutinho Ribeiro, as quais constituem acrescentamento necessário à obra do padre Rohrbacher.

PADRE ROHRBACHER

VIDAS DOS SANTOS

EDIÇÃO ATUALIZADA POR

JANNART MOUTINHO RIBEIRO

SOB A SUPERVISÃO DO

PROF. A. DELLA NINA

(BACHAREL EM FILOSOFIA)

VOLUME XIX

EDITÔRA DAS AMÉRICAS

Rua Visconde de Taunay, 866 — Telefone: 51-0988

SÃO PAULO

Caixa Postal 4468

NIHIL OBSTAT

Padre Antônio Charbel. S. D. B.

IMPRIMATUR

São Paulo, 10 de Julho de 1959

† PAULO ROLIM LOUREIRO

Bispo Auxiliar e Vigário Geral

Propriedade literária e artística da
EDITÔRA DAS AMÉRICAS

Vidas dos Santos

Outubro

25.º DIA DE OUTUBRO

SÃO GAUDÊNCIO

Bispo de Bréscia, Itália

São Gaudêncio, bispo de Bréscia e sucessor de São Filastro, era contemporâneo de Santo Ambrósio, de São Jerônimo, de Santo Agostinho e de São Crisóstomo. Contudo, não se conhece ao certo a data do seu nascimento, nem o ano em que morreu. Só em seus discursos e sermões, em número de vinte e um, é que são encontradas algumas informações sôbre a sua vida. No elogio que teceu sôbre São Filastro, chama-o de pai, o que nos leva a acreditar que também nascera em Bréscia, ou pelo menos, fôra nessa cidade elevado ao clericato.

Era sacerdote, mas ainda muito jovem, quando empreendeu a peregrinação a Jerusalém. Percorrendo as cidades da Capadócia, chegou a Cesaréia, metrópole de que São Basílio fôra arcebispo. Lá encontrou um grande mosteiro de virgens, cujas superioras eram as sobrinhas de São Basílio, irmãs pela natureza, pela fé, pela pureza e pelo fervor. Tinham recebido de seu tio as relíquias dos quarenta mártires de Sebaste, cuja memória a Igreja cultua nos dias 9 e 10 de março. Havia muito tempo que pediam a Deus que lhes permitisse entregar aquêle precioso

tesouro a uma pessoa de confiança, que soubesse dar-lhes o devido valor, pois eram muito idosas, e esperavam morrer de um dia para outro. Tendo entrado em contacto com São Gaudêncio e, informadas de que viera da província de Santo Ambrósio, de boa vontade lhe cederam as santas relíquias, convencidas de que seriam veneradas na Itália com a mesma piedade, ou ainda maior, do que o eram no Oriente. São Gaudêncio teve, pois, quarenta mártires como companheiros de peregrinação; de regresso, depositou-os numa nova igreja de Bréscia.

Ainda não retornara de Jerusalém, quando faleceu São Filastro, bispo de Bréscia. Imediatamente o clero e o povo da cidade elegeram para substituí-lo o padre Gaudêncio, embora ausente. Protestaram, mesmo, sob juramento, que não aceitariam outro. Os bispos da província, encabeçados por Santo Ambrósio, escreveram a Gaudêncio, por emissários enviados pelo povo, pedindo-lhe que voltasse para a sua pátria. Êle regressou a Bréscia e malgrado tôdas as suas tentativas para subtrair-se à escolha, recebeu a consagração episcopal das mãos de Santo Ambrósio. Isso se deu no ano de 387. Chegou até nós o discurso que pronunciou na ocasião, e no qual fala de si mesmo com muita humildade: "Convencido da minha incapacidade, e esquivando-me por causa da minha idade, imatura para a dignidade do sacerdócio, supliquei aos soberanos sacerdotes que me permitissem permanecer em silêncio; pois temo em primeiro lugar que a virtude das palavras celestes perca a fôrça através da linguagem da minha insuficiência. Em seguida, envergonho-me por não poder oferecer a tão grande espera o desejado fruto da doutrina. Assim, sentindo-me completamente incapaz de cor-

responder à vossa expectativa, esforcei-me para declinar êste fardo. Mas o bem-aventurado padre Ambrósio e outros veneráveis pontífices, sujeitos ao juramento ao qual também vós temeràriamente vos ligastes, escreveram-me, por intermédio de vossos emissários, cartas tais, que não me permitiram mais resistir, sem perigo para a minha alma. Além disso, os bispos orientais recusar-me-iam a santa comunhão, se eu não prometesse voltar para vós. Cercado de tôdas as partes e subjugado pela autoridade dos santos aqui presentes, recebi o encargo do soberano sacerdócio, sem dêle me julgar digno, nem pelos méritos, nem pela idade, nem pela doutrina. Considerai, pois, quanto sofro, eu que não sei falar, por não poder calar-me. Pela imposição dos mais antigos, sou obrigado a obedecer além de minhas fôrças, pois impossibilitado de guardar o silêncio e incapaz de proferir o que devo dizer. Porém, ciente pela autoridade da lei divina de que as ordens de nossos pais espirituais são salutares, atrevo-me a falar, e a levar até os vossos ouvidos um insignificante sermão; talvez o acolhereis pacientemente, pela razão de que é útil ao povo de Cristo aprender, através do exemplo daquele que vos prega, a obediência, que é preferida ao sacrifício divino, e anteposta a todos os mandamentos de Deus." São Gaudêncio assim termina a sua alocução: "Rogo a Ambrósio, nosso pai comum, que, após o insignificante orvalho do meu discurso, se digne regar vossos corações com os mistérios das Sagradas Escrituras; pois êle vos falará pelo Espírito Santo, que nêle habita; rios de águas vivas irromperão de suas entranhas, e tal como um sucessor do apóstolo Pedro, êle será a bôca de todos os pontífices aqui presentes; pois tendo o Senhor Jesus inter-

pelado os apóstolos: *"E vós, quem dizeis que eu seja?* ùnicamente Pedro respondeu, como órgão de todos: *"Sois Cristo, Filho do Deus vivo"*.

Temos outro pequeno sermão que São Gaudêncio pronunciou mais tarde diante de Santo Ambrósio, em Milão, sôbre a natividade ou nascimento de São Pedro e São Paulo, festejados àquele dia, isto é, a natividade ou o nascimento para o céu pelo martírio.

São Gaudêncio fazia todos os anos o panegírico de seu predecessor São Filastro que, como Abraão, deixara a pátria e a família para obedecer à vocação de Deus, percorrendo como apóstolo grande parte do universo, conquistando com seus ensinamentos os pagãos, os judeus, os heréticos, em particular os arianos de Milão. Tendo chegado a Bréscia, e eleito bispo, arroteou aquela terra, até então inculta, e transformou-a num campo abençoado. De todos os panegíricos que São Gaudêncio pronunciou todos os anos no dia 18 de julho, só nos ficou um, o décimo-quarto.

Os sermões de São Gaudêncio eram tão apreciados que havia quem os anotasse na própria igreja. Entre seus editôres mais fiéis, encontrava-se Benévolo, um dos homens mais importantes de Bréscia, e até mesmo do império. Era chanceler do jovem Imperador Valenciano, quando a mãe dêste último, a Imperatriz Justina, começou a perseguir Santo Ambrósio e os católicos, para favorecer os arianos. Como o chanceler tinha a seu cargo escrever e selar as leis, ela tentou obrigá-lo a redigir uma em favor dos arianos, e contrária aos católicos. Êle se recusou. A Imperatriz prometeu-lhe ainda maiores honrarias. Benévolo ainda não fôra batizado, era apenas catecúmeno. Insensível a tôdas as promessas, despojou-

se dos símbolos da dignidade e retirou-se, como simples indivíduo, para Bréscia, sua terra natal, onde se tornou amigo de São Filastro e do sucessor do mesmo bispo. Certa ocasião quando, retido por uma grave moléstia, Benévolo não pôde ouvir as lições que São Gaudêncio deu aos neófitos durante os oito dias da Páscoa, pediu ao santo Bispo que as enviasse por escrito, a fim que delas pudesse tomar conhecimento. Levado pela amizade o Bispo satisfez-lhe o pedido, embora com certa repulsa, e juntou àqueles ensinamentos mais alguns sermões, dezessete ao todo; pois não respondia pelas cópias quase sempre defeituosas dos notários ou estenógrafos.

No seu primeiro sermão pascal, São Gaudêncio observa que Deus criou o mundo na primavera, que livrou Israel da servidão do Egito na primavera, que resgastou o mundo inteiro na primavera. Criou o céu e a terra no primeiro dia da semana; nesse mesmo dia, ao ressuscitar do túmulo, criou novos céus e uma nova terra. É no sexto dia da semana que cria o primeiro homem, e é no sexto que o resgasta morrendo na cruz; morte e ressurreição conferidas ao novo cristão pelas águas do batismo. Costumava ler para os neófitos os capítulos do Êxodo que se referem à imolação do Cordeiro pascal, de seus preparativos e de suas conseqüências, assim como o Evangelho de São João, no qual Jesus Cristo assiste às bodas de Caná, na Galiléia, e transforma a água em vinho para mostrar que é o mesmo Deus que, no princípio, criou o primeiro homem e a primeira mulher, instituiu e abençoou a união conjugal. "Outrora, no Egito, imolaram muitos cordeiros; agora, um único cordeiro, o Cordeiro de Deus, basta para todos; pois criador e senhor da natureza, êle que da terra faz o pão, faz

do pão seu próprio corpo; e que da água faz o vinho, faz do vinho seu sangue.

Tendo São Gaudêncio construído uma nova igreja, consagrou-a solenemente, na presença de vários bispos, e nela depositou as relíquias de grande número de mártires, cuja enumeração faz. "Em primeiro lugar João Batista, o último, e também o maior dos profetas; em segundo, Santo André, a princípio discípulo de João, depois do Salvador; em terceiro, Tomás, o único que, depois da ressurreição de Cristo, desejou e conseguiu tocar seus membros; em quarto, São Lucas, que redigiu com maravilhosa exatidão o Evangelho e os Atos dos Apóstolos. Depois dêsses quatro, temos os mártires, Protásio, Gervásio e Nazário que, anos atrás, se tinham dignado revelar-se, em Milão, ao bem-aventurado pontífice Ambrósio. Dêles conservamos o sangue recolhido no sulfato de cal. Também conservamos as sagradas cinzas de Sisínio, Martírio e Alexandre, que uma nação sacrílega acaba de supliciar pelas chamas por ódio à verdadeira fé. Enfim, além dêsses dez, temos os quarenta mártires de Sebaste." São Gaudêncio narra o martírio sofrido pelos últimos e a maneira por que obteve suas preciosas relíquias. "Temos uma parte delas, e, nem por isso acreditamos ter menos, pois veneramos os mártires inteiros nas suas cinzas, como a mulher mencionada pelo Evangelho que, apenas tocando a fímbria do vestido do Salvador, atraiu a virtude da divindade e foi curada."

São Gaudêncio de Bréscia mostrou-se digno dos grandes bispos do seu tempo, Santo Ambrósio, Santo Agostinho, São João Crisóstomo. Êste último, perseguido e condenado ao exílio pelos bispos da côrte, apelou para o Papa Inocêncio, que escreveu muitas

cartas a seu favor. Em 405, o soberano Pontífice reuniu em Roma um concílio para examinar o caso; foram enviados emissários ao Imperador de Constantinopla, incumbidos de defender a causa de São João Crisóstomo. São Gaudêncio foi o chefe dessa deputação; pois temos uma carta na qual São João Crisóstomo o felicita e lhe agradece. Os próprios emissários foram perseguidos; maltratados e encarcerados, depois embarcados num navio em precário estado. Mas Deus, por cuja causa tinham arriscado a vida, preservou-os do perigo. São Gaudêncio morreu cêrca do ano de 420; não se conhece bem a data exata.

* * *

SANTA TABITA ou DORCAS (*)

Novo Testamento

O que sabemos de Santa Tabita (Tabitha) ou Dorcas encontramo-lo nos Atos de São Lucas, nos Trabalhos Apostólicos de São Pedro:

"Tinha então a paz a Igreja por tôda a Judéia, Galiléia e Samaria, e se edificava e caminhava no temor do Senhor, e com a assistência do Espírito Santo ia-se multiplicando.

"Ora, aconteceu que Pedro, indo por tôda a parte, de cidade em cidade, foi também aos santos que habitavam em Lida. E encontrou ali um homem, chamado Enéias, que havia oito anos jazia num leito, porque estava paralítico. Pedro disse-lhe:

"— Enéias, Jesus Cristo cura-te; levanta-te, e faze tu mesmo a tua cama".

"Imediatamente, levantou-se. Viram-no todos os que habitavam em Lida e em Saron, os quais se converteram ao Senhor.

"Havia em Jope uma discípula, chamada Tabita (1), (*nome*) que, traduzido (*em grego*) quer dizer Dorcas. Estava cheia de boas obras e de esmolas que fazia. Aconteceu naqueles dias que, caindo enfêrma, morreu. Tendo-a lavado, puseram-na num

---

(1) Tabita, ou seja, Gazela.

quarto alto. Como Lida estava perto de Jope, os discípulos, ouvindo dizer que Pedro se encontrava lá, enviaram-lhe dois homens, rogando-lhe:

"— Não te demores em vir ter conosco".

"Pedro, levantando-se, foi com êles. Logo que chegou, levaram-no ao quarto alto, e cercaram-no tôdas as viúvas chorando, e mostrando-lhe as túnicas e os vestidos que Dorcas em vida lhes fazia. Então Pedro, tendo mandado sair todos para fora, pondo-se de joelhos, orou, e depois, voltado para o corpo, disse:

"— Tabita, levanta-te".

"Ela abriu os olhos, e, vendo Pedro, sentou-se. Êle a fêz levantar, dando-lhe a mão. E, tendo chamado os santos e as viúvas, entregou-lha viva. Êste fato foi sabido por tôda Jope, e muitos creram no Senhor". (2)

* * *

(2) Act., 9, 31-42.

SÃO CRISANTO e SANTA DARIA (*)

Mártires

Crisanto era filho de Polêmio, homem muito ilustre de Alexandria, e senador. Com o filho, um dia, rumou para Roma, onde foi recebido pelo imperador Numeriano. Numeriano gostou do filho de Polêmio, e tanto, que lhe ofereceu uma cadeira no Senado.

Crisanto terminara recentemente, com sucesso, os estudos. Mais entusiasmado com a oferta, começou a estudar os filósofos, procurando, cada vez mais, enriquecer os conhecimentos.

Uma tarde, a procura de livros, para aplacar a sêde de leitura que o tomara completamente, remexendo numa parte da biblioteca em que ainda não inspecionara, deu com os evangelhos.

Conquistado pela leitura, interessadíssimo quis procurar alguém que o pudesse guiar mais ràpidamente pelo caminho da verdade. Um feliz acaso levou-o ao padre Carpóforo, que se escondia na caverna duma montanha.

Crisanto leu tôdas as Escrituras. Recebeu, humildemente, o batismo, e, sete dias depois, para escândalo dos pais, dos parentes e dos amigos, principiou a pregar.

Polêmio ficou furioso. Então o imperador acenava-lhe com rica posição, invejável posição, e o filho, assim displicentemente, passava por cima do que lhe seria magnífica carreira? Trancou-o numa cela, e deu ordens severas aos criados para que ao filho dessem pouquíssimo de comer, sòmente à tardinha.

Crisanto aproveitou aquela oportunidade para orar e jejuar, alegremente.

Um dia, um amigo de Polêmio disse-lhe que tal sistema não lhe traria o filho de volta, que melhor seria remetê-lo a um riquíssimo quarto e lá com êle enviasse cinco das mais belas escravas que tivesse, das mais sedutoras. Prodigalizando a Crisanto as carícias que sabiam dar, tudo correria ao inverso do que vinha acontecendo.

O senador aplaudiu idéia tão excelente. E fêz como lhe fôra sugerido. Arrebanhou cinco das mais insinuantes escravas, das muitas que possuía, e ordenou que as conduzissem ao belo quarto em que o filho agora estava aprisionado, depois de instruí-las diligentemente.

Crisanto, indiferente às carícias e aos beijos das jovens que o pai selecionara, rogou a Deus que a elas adormecesse. Depois de longa oração, um sono extraordinário apossou-se das cinco raparigas.

Julgando que as escravas fôssem vítimas dalgum encantamento, o pai de Crisanto buscou alguém mais hábil, a sacerdotiza Daria, moça belíssima e de muita vivacidade.

O jovem amigo de Carpóforo recebeu-a educadamente, falou-lhe docemente sôbre teologia, da vida maravilhosa que se podia viver para o Deus verda-

deiro e vivo. Conquistou-a plenamente, catequizou-a inteligentemente.

Finalmente, para que pudessem levar uma santa vida, propôs-lhe um casamento simulado, dentro do qual guardariam a castidade.

Crisanto, então, foi libertado. E Daria, secretamente batizada, também secretamente recebeu o véu das virgens.

São Crisanto e Santa Daria converteram inúmeros pagãos, aos quais exortavam a guardar a castidade. Um dia, porém, foram denunciados ao pretor Celerino, e os dois foram prêsos.

Crisanto, escoltado, foi remetido ao tribuno Cláudio, que ordenou aos soldados levassem o prisioneiro ao templo de Júpiter, onde seria induzido a sacrificar.

No templo, Crisanto foi amarrado fortemente com nervos de boi, mas os liames arrebentaram-se. Prenderam-lhe os pés nos terríveis cepos, e os cepos, ao contacto dos santos pés, transformaram-se, no mesmo instante, em pó. Furiosos, atiraram-lhe em rosto grandes vasilhas de urina, mas a urina, tocando-o, perfumou-o deliciosamente, como se fôra a mais fina água de rosas.

Tudo em vão, arrastaram-no ao mais sórdido, sombrio, úmido e fétido calabouço. Escuríssimo lugar, apenas Crisanto fôra atirado a um dos cantos, tôda a pútrida enxovia se iluminou com grande esplendor.

Quando Cláudio, o tribuno, soube de todos os sucessos, disse que para quebrar encantamentos não havia como uma sova de varas. Voltaram os soldados, munidos de terríveis açoites, e a Crisanto malharam duramente. O Santo, porém, não dava mostras

de dor, não deixava escapar um grito, um gemido, nem mesmo um tênue suspiro, e aos soldados parecia que não o maltratavam com duas varas compridas, mas com suaves plumas delicadas.

Convencido, afinal, de que sòmente um santo poderia suportar tais provas, ordenou o tribuno que suspendessem o castigo. Falava com doçura, tinha o olhar diferente, e foi com humildade que se aproximou do prêso cristão e rogou que lhe desse instruções sôbre a religião de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Os soldados, como que magnetizados, acompanharam o chefe. E todos foram instruídos e, posteriormente, com tôda a família, batizados.

Numeriano ficou possesso: Cláudio, Hilária, sua espôsa, Jasão e Mauro, os filhos, deixavam o culto dos ídolos? Ordenou que ao tribuno atassem uma pesada pedra ao pescoço e atirassem com êle ao mar.

Jasão e Mauro, logo depois, firmes na fé, foram decapitados, bem como os soldados. Quanto a Hilária, enterrou o marido, retirado das águas, e os filhos, em sepulturas distintas.

Quando foram prendê-la, Hilária rogou aos soldados que a deixassem, pela última vez, contemplar a tumba do marido e dos filhos. Sôbre uma delas, a orar, caiu de bruços, morta. Enterrada pelos criados, construíram-lhe sôbre o túmulo uma pequenina, graciosa igreja.

Crisanto, assim pensava Numeriano, era o responsável por todo aquêle distúrbio na vida da cidade, bem como Daria, a jovem que êle enfeitiçara. Que o remetessem ao cárcere, à prisão Mamertina, e a ela, confinassem-na num lupanar.

Quando São Crisanto entrou na cela, uma luz miraculosa iluminou-a com imensíssimo fulgor.

Daria, assim que se viu na horrorosa casa de perdição, encolheu-se, amedrontada, num canto. Que lhe sucederia, naquele lugar em que se matavam almas? Nada, porque Deus saberia socorrê-la, haveria de ampará-la e proteger. Pôs-se, então, com grande fervor, a orar, a longamente orar, rogando a Jesus que se dignasse olhá-la benignamente.

Senão quando, belíssimo, mas ferocíssimo leão escapou do circo. Flexuosamente varou a cidade, penetrou na casa em que Daria fôra condenada a permanecer, e entrou no quarto que lhe fôra destinado. Manso como um cordeiro, deitou-se num canto e ali se deixou ficar, de olhos a piscar, depois cerrados, como a cochilar.

Quando o primeiro homem a procurou, a fera levantou-se e o espantou com um simples arreganho da dentuça possante.

Como nada podia quebrar aquelas almas, Numeriano decidiu que Crisanto e Daria fôssem executados. Puseram, então, fogo ao quarto, para espantar o leão, mas o felino não arredava pé, embora se impacientasse vivamente. Condoída com a sorte daquele fiel guarda, a jovem fêz com que se salvasse, ordenando-lhe que a deixasse e se fôsse.

Submetidos Crisanto e Daria a novos suplícios, nada sofreram: os cavaletes em que eram estendidos desabavam, as cordas que os amarravam, fortíssimas, arrebentavam-se como um fio de linha, e as tochas ardentes, quando lhas chegavam ao corpo, extinguiam-se imediatamente.

Imputando tais prodígios aos encantamentos, levaram-nos à Via Salária, e ali, ambos foram enterrados vivos, jazendo debaixo duma verdadeira montanha de pedrouços. É o que diz a legenda, que vimos resumidamente. Pena que a história conheça pouquíssimo a São Crisanto e a Santa Daria, já que as Atas dos dois mártires se perderam.

* * *

SÃO FRONTÃO (*)

Primeiro Bispo de Périgueux

São Frontão nasceu na atual Dordonha, antiga *Linocassium*. Quando contava sete anos, principiou a aprender as primeiras letras e, diz a legenda, o saltério. Moço, deixou a terra em que nascera e foi viver no Egito, onde visitou o monge Apolônio, a cuja cela duas serpentes montavam guarda.

Depois de longa estada no deserto, ao lado de Apolônio, São Frontão rumou para Roma. Ali, livrou a filha dum senador dos tormentos que o demônio lhe infligia. Ora, São Pedro, ouvindo falar dêle, chamou-o para conhecê-lo, e, agradado, resolveu enviá-lo para Périgueux como bispo. Como companheiro, levou consigo o padre Jorge.

Jorge morreu pelo caminho, e Frontão, todo choroso, voltou-se para São Pedro, contando-lhe o sucedido. O Príncipe dos Apóstolos deu-lhe o bordão que sempre trazia consigo, e com êle o santo bispo ressuscitou o companheiro, na presença de grande número de pagãos, os quais se converteram.

Quando retomaram o caminho de Périgueux, Frontão e Jorge iam acompanhados de setenta discípulos. Assim, chegaram ao fim da viagem.

Jorge, mais tarde, foi feito bispo do Velay, mas o seu fim é ignorado.

Frontão, em Périgueux, começou por sofrer tenaz perseguição dum péssimo homem poderoso, *prae-*

ses (presidente) do lugar: Esquirio. Deixou então Périgueux e se foi para *Noioialus*, sítio dominado por um dragão e infestado de serpentes. São Frontão livrou o país do monstro e das serpentes, e, com os setenta discípulos, agora monges, ali passou a viver, afastados dos homens.

Logo, porém, a fome começou a perseguí-los, e os monges entraram, descontentes, a murmurar. O santo bispo, exortando-os a ter paciência, suplicou-lhes que tivessem confiança em Deus.

Ora, como a fome apertasse, um anjo apareceu ao *praeses*, ordenando-lhe que, responsável que era pelo que sucedia aos que haviam deixado Périgueux, tratasse de enviar-lhes alimento.

Onde estavam Frontão e os companheiros? Esquirio não o sabia, e, pois, não atendeu ao pedido do anjo.

No dia seguinte, foi severamente castigado. Então, um amigo, ao qual contara o sucedido, aconselhou-o a remeter as provisões por meio de camelos que deixaria ir sem condutores. Se fôsse do céu o aviso, do céu naturalmente sairiam os condutores.

Com efeito, guiados por Deus, os camelos chegaram, sem humanos, no lugar em que São Frontão e os companheiros paravam.

Quando os camelos retornaram, Esquirio converteu-se. Mandou que lhe procurassem o santo bispo e, quando São Frontão chegou, fêz-se batizar, escolhendo o nome de Jorge. Assim, acompanhando-o, todo o povo se converteu.

São Frontão, cuja sepultura foi destruída em 1575 pelos protestantes, é o padroeiro da catedral da diocese de Périgueux.

* * *

SÃO CRISPIM e SÃO CRISPINIANO (*)

Mártires

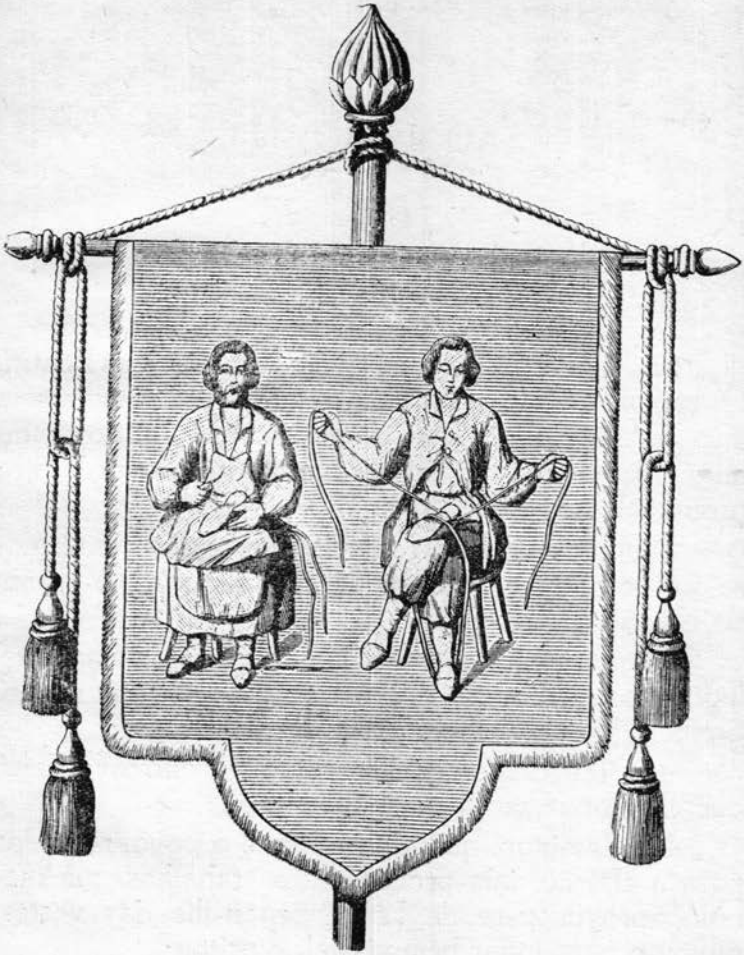
Sôbre êstes dois santos mártires, tidos como padroeiros dos sapateiros, diz o resumo do martirológio:

"Em Soissons, nas Gálias, os santos mártires Crispim e Crispiniano, nobres romanos: durante a perseguição de Diocleciano, sob o governador Rictiovaro, foram degolados, depois de horríveis tormentos, assim obtendo a coroa do martírio. Os corpos foram, em seguida, transportados para Roma e receberam uma sepultura honrosa na igreja de São Lourenço *in Panisperna*".

Destarte, para Delehaye, São Crispim e São Crispiniano, foram mártires que chegaram a Soissons em forma de relíquias. Nasceu, depois, uma legenda local. Fizeram-se sapateiros, para ganhar a vida, vindos de Roma, fugidos da perseguição. Fixaram-se nas Gálias e ali foram mortos pela fé.

Diz-se que Santo Elói lhes encontrou o corpo numa cripta de Soissons.

* * *



Insígnia dos sapateiros de Issoudun, com a efígie dos patronos da corporação.

SÃO LÔBO (*)

Bispo

Século V

São Lôbo, bispo de Bayeux, nasceu em Bessin. O bispo Rufiniano batizou-o, quando contava sete anos, e o instruiu. Bom aluno, clérigo, foi nomeado leitor, depois sub-diácono. Um ano mais tarde, era promovido ao diaconato.

Quando Rufiniano faleceu, os bispos reuniram-se para o entêrro. Depois do sepultamento, trataram da eleição do sucessor.

O metropolitano de Ruão, Silvestre, uma noite, logo depois da morte do velho bispo, teve um sonho. Sonhou que um velho o procurou e lhe disse:

— Não deixes que se consagre outro cordeiro que não o que se chama Lôbo.

No domingo, quando o clero e o povo, reunidos para a eleição, iam proceder aos trabalhos, um menino aproximou-se de Lôbo, pegou-lhe das vestes, puxou-o para lugar bem visível, e gritou:

— Abençoai, senhores, êste bispo, porque é abençoado do Senhor Deus.

O metropolitano lembrou-se do sonho. Contou-o. Todos, então, foram unânimes em aclamar o

diácono Lôbo, que foi imediatamente ordenado padre e sagrado bispo.

Conta-se de São Lôbo que, duma feita, feroz lôbo apareceu pela redondeza de Bayeux, refugiando-se numa floresta. À noite, fazia atrevidas incursões pela vizinhança da cidade, atacando e devorando meninos e meninas.

Ia já a dezoito o número de vítimas, e ninguém sabia como agir para dar paradeiro àquele tormento. Foram, pois, procurar o bispo. São Lôbo ordenou orações. E, resoluto, procurou o lugar em que as crianças eram surpreendidas. Mal chegara, caíra a noite, e o lôbo apareceu, precipitando-se sôbre o santo bispo, num grande salto, os dentes arreganhados. Agarrado pelo pescoço, o animal sentiu-se impotente para lutar com quem contava com a ajuda de Deus. Destarte, o Santo dirigiu-se a um rio que passava perto, e, ali, atirou o feroz lôbo que, misteriosamente, desapareceu nas águas, afundando-se ràpidamente.

Conta-se ainda do santo bispo que, tendo dois cegos ouvido falar das suas virtudes, buscaram, cheios de fé, a cidade de Bayeux. Chegaram-se, levados por guias, aos pés do altar em que Lôbo ia principiar a dizer a santa missa, e suplicaram, fervorosamente:

— Ó São Lôbo, toca nossos olhos para que possamos ver a luz.

Finda a missa, São Lôbo aproximou-se dos dois confiantes cegos e lhos tocou, fazendo sôbre êles o sinal da cruz. Imediatamente, dos olhos dos pobres, correu sangue, abundantemente, e puderam ver.

Desde aquêle dia, as curas que São Lôbo operou não cessaram até a sua morte.

Havia trinta e dois anos que Lôbo se assentava na cadeira episcopal de Bayeux quando, reunindo o clero e o povo, anunciou-lhes, calmamente, o dia da morte. Pediu-lhes, então, humildemente, que o enterrassem no lugar em que enfrentara o lôbo, muitos anos atrás.

A um sacerdote, chamado Anxíaco, também lhe predisse a morte: ir-se-ia da terra no mesmo dia em que êle, Lôbo, a deixaria. E assim foi. E o enterraram consoante desejara, com o padre Anxíoco ao seu lado.

Setenta anos depois, São Lôbo apareceu a um clérigo da catedral e lhe ordenou que o exumassem, para repousar em lugar mais honroso. As relíquias foram exumadas, e em honra de Lôbo construiu-se uma basílica, que recebeu o seu nome.

No mesmo dia, em Roma, a morte de quarenta e seis bem-aventurados soldados: batizados pelo papa São Dionísio, foram decapitados logo depois daquela cerimônia, por ordem do imperador Cláudio, e, em seguida, enterrados na Via Salária. No mesmo lugar, foram sepultados outros mártires, em número de cento e vinte e um, entre os quais estavam os quatro soldados de Cristo, Teodósio, Lúcio, Marcos e Pedro.

Na Sardenha, os santos mártires Proto, sacerdote, e Januário, diácono: enviados àquela ilha pelo papa São Caio, ali padeceram a morte, em tempos de Diocleciano, quando do prefeito Bárbaro.

Em Constantinopla, os santos mártires Martírio, sub-diácono, e Marciano, chantre, que os heré-

ticos massacraram sob o imperador Constâncio, em 351.

Em Florença, a *Paixão* do bem-aventurado Miniato, soldado, que, sob o imperador Décio, generosamente combateu pela fé de Nosso Senhor Jesus Cristo e recebeu a coroa dum glorioso martírio. A igreja de São Miniato é um dos mais belos monumentos da arte toscana do século XI. Nela há um mosaico em que Jesus aparece entre a Mãe Santíssima e São Miniato. São Miniato, soldado, como vimos, foi, como cristão que era, levado a sacrificar aos ídolos. Recusou-se. Atirado a uma grande fornalha, dela saiu ileso. Atiraram-no, então, a um leão, ao qual, com o sinal da cruz, matou. Estirado ao cavalete, arrebatou-o daquele instrumento de suplício um anjo. Tudo em vão, decapitaram-no na montanha que recebeu o seu nome.

Na Gália, Santo Hilário, bispo, falecido depois de 535.

Na Turena, os santos Espânico, Lôbo, Benigno, Beato, Messálgio, Principino, Genitor, Marceliano e Tridório, mártires.

Em Bayeux, São Rufiniano, bispo, ao qual São Lôbo sucedeu.

Na Bretanha, São Gouesnou, bispo ou monge, que é honrado perto de Brest, na paróquia que tem o seu nome.

Em Cahors, São Capuano, bispo, falecido, ao que se supõe, em 700.

Na diocese de Segóvia, na Espanha, os santos Frutos, Valentino e Santa Engrácia, ermitães e mártires (715). Irmãos, viveram num *castrum*. São Frutos faleceu em paz, mas Valentino e Engrácia foram vítimas dos mouros.

Perto de Bourges, São Dulchard, ermitão.

Santo Arduíno, confessor, companheiro legendário de Geraldo de Gallinaro.

Na diocese do Mans, São Frontão, ermitão.

Em Roskilda, Dinamarca, Santa Margarida, mártir, em 1176 ou 1177.

No mosteiro de Gommersheim, perto de Landau, o bem-aventurado Luís, conde, fundador da abadia de Arnstein, converso premonstratense. Falecido em 1185.

No mosteiro de Santa Cruz, perto de Sassoferrato, Marca de Ancona, os bem-aventurados Alberto e Geraldo, monges, falecidos em 1350 e 1367, respectivamente.

Bem-aventurado Tadeu Machar, bispo de Cork e Cloyne. Irlandês, foi pôsto de lado por rivais. Fazendo uma peregrinação a Roma, a pé, hospedou-se entre os cônegos regulares de São Bernardo de Menton (Itália). Ali faleceu em 1497. Peregrino obscuro, quando o povo soube que era bispo, que buscava, aflito, o representante de Nosso Senhor, acorreu em massa ao entêrro. Muitos milagres, então, foram operados por sua intercessão. Leão XIII confirmou-lhe o culto no ano de 1895.

* * *

26.º DIA DE OUTUBRO

SÃO BERNWARD OU BERNARDO

Bispo de Hildesheim

Pertencia à primeira nobreza de Saxe, era sobrinho de Folcmar, que foi bispo de Utrecht em 977, e se conservou no cargo durante doze anos. O tio entregou o jovem Bernardo a Osdag, Bispo de Hildesheim, que o colocou sob a tutela de Tangmar, diretor da sua escola; êste o acolheu muito afetuosamente e, para sondar-lhe a capacidade, a princípio só o mandou estudar certas passagens mais fáceis das Sagradas Escrituras: iluminado por uma luz resplandecente, como um segundo Daniel, o menino meditava-as com persistente entusiasmo; associava-se aos condiscípulos que lhe pareciam mais aplicados, e, juntos, procuravam penetrar-lhes o sentido mais oculto. Antes mesmo que começasse a assistir às aulas, escutava atentamente, de longe, as lições dadas pelo mestre, as explicações que tirava de diferentes livros e, depois, num plágio bem sucedido, transmitia-as aos seus pequenos companheiros. Maravilhado com aquela aplicação furtiva, o mestre nada poupou para desenvolver tão promissores dons. De seu lado, o Bispo Osdag, que pressagiava algo de

grande no jovem Bernardo, recomendou-lhe o sobrinho de maneira especial.

O sacerdote Tangmar que escreveu, e com muito brilho, a vida de seu querido e ilustre aluno, aproveitou tôdas as oportunidades para desenvolver mais e mais o admirável talento de Bernardo. Até mesmo os dias em que viajavam ou passeavam juntos a cavalo eram inteiramente consagrados ao estudo; ora se ocupavam de uma leitura tão longa como as das classes, ora tentavam compor versos ou prosa, ora exercitavam a inteligência com os mais sutis raciocínios da lógica. Freqüentemente o jovem aluno dirigia ao mestre, embora sempre com marcada modéstia, as mais sutis perguntas, extraídas da própria essência da filosofia. A essa prodigiosa disposição para a ciência, adestrada até mesmo durante as refeições, Bernardo aliava não menor aptidão para as artes, até pelas artes mecânicas. Seu talento sobressaía na escrita, na pintura, na arquitetura e na arte de trabalhar os metais. Quanto aos serviços domésticos, e outros do mesmo teor, executava-os com rapidez e facilidade tais, como se nunca houvesse feito outra coisa. Em suma, era um gênio universal, amado tanto por Deus como pelos homens. Villegise, Arcebispo de Maiença, conservou-o ao seu lado durante algum tempo, ordenou-o subdiácono, diácono e sacerdote. Depois disso, Bernardo regressou para junto de Adalberon, Conde Paladino, seu avô materno, que embora tivesse tido muitos filhos, demonstrava por êle particular afeição. Bernardo permanecia dia e noite junto ao ancião, prestando-lhe todos os serviços reclamados pelas suas enfermidades e sua idade avançada, assistindo-lhe até morrer.

Depois do falecimento do avô, foi para a côrte do rei Oton, então com sete anos de idade, e de tal modo conquistou a simpatia da Imperatriz Teofânia que, com a aquiescência de todos os fidalgos, colocou o jovem príncipe sob a sua orientação. Tão bem se desincumbiu Bernardo de suas funções, que foram visíveis e rápidos os progressos do jovem rei. Porém, era êste adulado por todos, que estimulavam a natural inclinação para os divertimentos, própria da idade. A própria Imperatriz, no receio de perder a afeição do filho, mostrava uma excessiva complacência para com todos seus pendores. São Bernardo era o único a êles se opor, e continha o discípulo pelo temor, mas com tanta habilidade que não chegou a perder a sua amizade; ao contrário, depois da morte da Imperatriz Teofânia, o jovem Oton para êle se voltou inteiramente, como para alguém capaz de servir-lhe de pai e de mãe. Bernardo fazia-o analisar os conselhos que recebia dos aduladores, acostumando-o desde cedo a destrinçar os artifícios da dissimulação. Assim sendo, o príncipe depositava nêle a maior confiança e exigia que todos lhe demonstrassem o respeito merecido pelas suas virtudes.

Tendo falecido Gerdag, Bispo de Hildesheim, Bernardo foi unânimemente eleito para suceder-lhe, de preferência a vários outros nobres que serviam no clero do palácio. Foi sagrado por Villegise, Metropolitano e pelo Arcebispo de Maiença, no dia 15 de janeiro de 993. Embora ainda fôsse jovem, ultrapassava os velhos em gravidade, consagrava à oração a maior parte de suas noites, e assistia assìduamente aos ofícios divinos. Depois da missa solene, dava audiência, em seguida recebia seu capelão e mandava-o distribuir dinheiro e alimento a mais de

cem pobres, às vêzes. Visitava os operários que, sob sua direção, trabalhavam em diferentes matérias; à nona, sentava-se à mesa acompanhado por muitos clérigos e leigos, mas em silêncio, ouvindo pias leituras, e observando uma estrita frugalidade.

Sendo muito dotado em relação às artes, cultivou-as com cuidado, enquanto bispo. Mandava escrever livros, não apenas no mosteiro da catedral, mas em diversos outros lugares; de maneira que reuniu uma grande biblioteca, composta tanto de obras eclesiásticas como filosóficas. Incrementava o aperfeiçoamento da pintura, do mosaico, da serralharia, da ourivesaria, recolhendo cuidadosamente os trabalhos curiosos que os estrangeiros enviavam ao rei, e mandando educar jovens de bom comportamento para exercitá-los nessas artes. Embora muito dedicado às suas funções eclesiásticas, não se cansava de prestar serviços ao rei e ao Estado, e tão bem se saía, que chegava a despertar a inveja de outros fidalgos. Havia muito tempo que o Saxe permanecia bastante exposto às incursões dos piratas e dos bárbaros. O santo Bispo muitas vêzes as repelira, ora com suas tropas, apenas, ora com o auxílio de outras; mas os assaltantes eram senhores das duas margens do Elba, e da navegação do mesmo rio; de maneira que se espalhavam por todo o território do Saxe e quase chegavam a Hildesheim. Para detê-los, São Bernardo mandou construir duas fortalezas em dois pontos da sua diocese, guarnecendo-as, obteve segurança para a nação.

Não obstante as despesas acarretadas por essas obras, enriqueceu sua igreja com a aquisição de várias terras, cultivou as que já lhe pertenciam, e guarneceu-as com belos edifícios. Quanto à Igreja Catedral,

decorou-lhe as paredes e os apainelados com maravilhosas pinturas. Mandou fazer para a procissão solene dos grandes dias santos, um livro dos Evangelhos trabalhado com ouro e pedras preciosas, incensórios do mais alto preço, grande número de cálices, um de ônix, um de cristal, um de ouro puro, do pêso de vinte libras, uma coroa de ouro e prata, de prodigioso tamanho, suspensa no centro da igreja, sem contar uma infinidade de outros objetos do mesmo gênero. Rodeou de muralhas e de tôrres o claustro da catedral, de maneira que servissem ao mesmo tempo de adôrno e defesa. Nada havia, em todo o Saxe, que lhe pudesse ser comparado. Enfim, construiu magnífica capela, destinada a guardar um pedaço da verdadeira cruz, presente do rei Oton III, e que operou vários milagres. São Bernardo consagrou essa capela no ano de 996, quarto da sua ordenação, no dia 10 de setembro. (1)

* * *

(1) **Acta Bened.**, sect. VI, pars. I.

SÃO LUCIANO E SÃO MARCIANO (*)

Mártires

Diz-se que Luciano e Marciano eram mágicos e tanto davam fórmulas para o êxito no amor como no ódio, conforme o desejasse o consulente. Certa vez, procurava alguém fazer mal a uma virgem consagrada a Deus. Todos os sortilégios foram em vão, e o próprio demônio, manifestando-se aos dois, avisou-lhe de que era inútil prosseguir, porque a jovem tinha a defesa de Nosso Senhor, ao qual tudo estava sujeito.

Luciano e Marciano ficaram chocados. Jamais haviam acreditado que houvesse potestade maior do que aquela que sempre invocaram e da qual lançavam mão para manipular encantamentos, de modo que, sem titubear, queimaram todos os livros de magia que possuíam e procuraram instruir-se para receber aquêle batismo que muitos buscavam às escondidas.

Notemos que o início destas linhas sôbre São Luciano e São Marciano é baseado num texto que não merece muito crédito. O que veremos a seguir, se não é verdadeiro no todo, certamente o é em parte.

Ambos os santos, então, retiraram-se ao deserto, depois de batizados, e da solidão às vêzes saiam, para aos homens pregar o Evangelho.

Ora, alguns pagãos, inconformados com aquela reviravolta, não tardaram a denunciá-los ao procônsul Sabino. Era, então, no princípio da perseguição que o imperador Décio empreendia.

Presos, Luciano e Marciano foram encaminhados a Sabino, e o interrogatório teve comêço:

"O procônsul Sabino disse a Luciano:

"— Teu nome?"

"— Luciano".

"— Tua condição?"

"— Outrora perseguidor da lei divina, hoje, se bem que indigno, sou o seu predicador".

"— Qual é o teu ofício, para que sejas predicador?"

"— O que se deve fazer é arrancar os irmãos do êrro para que se possa encaminhá-los na graça, livrando-os das rêdes do diabo".

"O procônsul Sabino disse a Marciano:

"— Teu nome?"

"— Homem livre e adorador dos mistérios divinos".

"— Que te levou a deixar os deuses veneráveis e verdadeiros, dos quais tanto recebeste, para te bandeares para um deus morto e crucificado que nem a si mesmo pôde salvar-se?"

"— Êle mesmo, êle, que transformou São Paulo, o qual de perseguidor das Igrejas, tornou-se predicador por sua graça".

"O procônsul Sabino:

"— Refleti, e tornai à vossa antiga crença, para que sejais bem visto pelos deuses veneráveis e pelos príncipes invencíveis. Vós mesmo salvareis vossas vidas".

"Luciano:

"— Tu falas como um insensato. Jamais renderíamos a graça suficiente a Deus, que nos tirou das trevas e da sombra da morte, que se dignou conduzir-nos a esta glória".

"Marciano:

"— A glória dos cristãos, a de ganhar a verdadeira vida eterna, enquanto que tu pensas ser esta a vida. Nós desejamos que Deus te conceda a graça e a luz para que saibas o que êle é e o que dá aos que nêle crêem".

"O procônsul:

"— Estou vendo muito bem o que êle vos dá: atira-vos em minhas mãos".

"Luciano:

"— Eu repito que a glória dos cristãos e a promessa de Deus consistem nisto: aquêle que combater fielmente o diabo e desprezar os bens dêste mundo, que são caducos, obterá a vida futura e eterna".

"O procônsul:

"— Tu estás a contar histórias de velhas. Ouvi-me, ambos, e sacrificai aos deuses, obedecei aos editos, antes que me irrite e vos condene a suplícios novos e atrozes".

"Marciano:

"— Nós estamos prontos a padecer os suplícios que quiserem infligir-nos, porque, negando o Deus vivo e verdadeiro, iríamos para as trevas exteriores e para o fogo inestinguível preparado pelo diabo e seus subordinados".

"Sabino, então, vendo que êles perseveravam, ditou contra êles esta sentença:

"— Já que Luciano e Marciano, transgressores de nossas leis divinas, passaram à ridícula fé dos

cristãos; já que, depois de terem sido citados em justiça e exortados a obedecer às leis dos príncipes invencíveis e a sacrificar, não nos ouviram, ordeno que sejam queimados vivos".

"Enquanto eram conduzidos ao lugar de execução, os dois rendiam graças a Deus, a uma só voz, dizendo:

"— A ti, Senhor Jesus, nossos louvores imperfeitos, a ti, que nos tiraste, vis e celerados, do êrro dos pagãos, para nos conduzires a êste suplício glorioso, a fim de que rendêssemos glória ao teu nome e entrássemos na companhia dos teus santos. A ti o louvor, a ti a glória, a ti também a nossa alma e o nosso espírito".

"Quando acabaram de pronunciar aquela oração, os carrascos atearam o fogo, e assim, os veneráveis mártires terminaram o combate e mereceram participar da Paixão de Jesus Cristo.

"Os bem-aventurados mártires Luciano e Marciano sofreram aos 7 das calendas de novembro (26 de outubro), sob o imperador Décio e o procônsul Sabino, sob o reino de Nosso Senhor Jesus Cristo, ao qual a honra, a glória, a fôrça, o poder nos séculos dos séculos. Assim seja".

Onde foram Luciano e Marciano martirizados? Pensa-se que na Nicomédia, em 250.

* * *

SANTA GIBITRUDES (*)

Monja

Século VII

Sôbre Santa Gibitrudes, um monge, chamado Jonas, escreveu:

"Uma virgem, chamada Gibitrudes, nobre pelo nascimento e pela religião, converteu-se e deixou o século para ganhar a comunidade (de *Eboriacum*), e a mãe do mosteiro, Burgondofara (1), recebeu-a com alegria, como a um gracioso presente, porque ela era sua parenta. Queimava-a um tal ardor, que sempre a graça do Espírito Santo parecia inflamá-la.

"Estava ela ainda na casa paterna, quando, a conselho do Espírito Santo, decidiu votar-se ao culto da religião, e rogou ao pai e à mãe que lhe erigissem um oratório onde pudesse ser a serva do seu Criador.

"Os pais julgaram-na erradamente: os dois eram nobres da raça franca e não se importavam ainda com a vida que leva ao reino dos céus. Pelo contrário, desejavam fruir das honras do século, e por isso queriam da filha uma posteridade, antes que dar penhor ao céu. Todavia, nada conseguiram fazer para demover a jovem do que trazia no espírito: cede-

---

(1) Ou Santa Fara ou Fare.

ram ao seu desejo, e lhe construiram uma pequenina capela.

"Como a jovem ali ia dia e noite, a astúcia do hábil inimigo propôs-se tomá-la como cibo. E começou, por meio de sua ama, a causar-lhe obstáculos, a impedir que ela fôsse ao oratório. A moça, vendo-se atormentada, principiou a procurar a clemência do Criador, a fim de que aquela que a impedia de orar e queria roubar-lhe a luz da alma, fôsse privada da luz exterior.

"A bondade divina não se fêz esperar! Bem cedo (a mulher), atacada dum mal dos olhos, viu-se despojada da luz necessária e o Árbitro clemente redobrou o temor dos pais castigando o pai com febres. Se bem que inflado pela nobreza, pelo exemplo da filha êle aspirava já ao temor divino; pediu à filha que rogasse ao Senhor por si, e se recuperasse a saúde, por sua intercessão, seguir-lhe-ia a vontade.

"A êste pedido da fé, respondeu a saúde por longo tempo diferida; o fogo da febre deixou-o e o pai recuperou a saúde de outrora; a jovem, então, pediu licença para ir à comunidade de *Eboriacum*.

"Ali levou ela a vida religiosa por muitos anos, quando, um dia, Burgondofara foi tomada de febres, levando a crer que os liames da presente vida dela se desligariam.

"Gibitrudes, vendo a mãe do mosteiro perto da última hora, entrou, angustiada, na basílica, e pediu ao Senhor, com lágrimas, que se lembrasse da antiga misericórdia, a fim de que não deixasse morrer a mãe, mas que, a ela mesma, recebesse no céu com as companheiras, e ali não chamasse a mãe senão para as seguir.

"Depois das lágrimas, ouviu uma voz, vinda do alto, que lhe disse:

"— Vai, serva do Cristo, o que pediste, obtiveste. Ela, de boa saúde, pode ser unida aos bem-aventurados doutra vez, mas tu, tu serás primeiramente desligada dos entraves da carne".

"No mesmo instante, foi tomada pela febre, e rendeu a alma pouco depois. Já os anjos a haviam tomado e levavam além do éter; deposta diante do tribunal do eterno juiz, via bandos de vestes brancas — foi ela mesma que o referiu depois — tôda a milícia do céu de pé diante da glória do eterno juiz.

"Ouviu uma voz partindo do trono, que dizia:

"— Volta, porque não estás inteiramente despegada do século. Está escrito: Dá, e te será dado, e, demais, vê-se na oração: Perdoai as nossas dívidas, assim como nós perdoamos os nossos devedores. Tu te lembras dos sentimentos de rancor para com três de tuas irmãs? Não curaste a ferida com o remédio da indulgência? Corrige, pois, as tuas fraquezas, põe em ordem os teus sentimentos, que manchaste com o tédio e com a negligência".

"Ó maravilha! Voltando e tomando a vida anterior, ela revelou com tristes gemidos a sentença que recebeu, e confessou as faltas. Chamou as companheiras, pelas quais votara sentimentos de cólera, e pediu perdão para que não incorresse na danação eterna por causa duma dissimulação.

"Novamente saudável, viveu mais seis meses no século, depois, prêsa da febre, predisse o dia da morte e anunciou a hora em que deixaria o mundo. A morte foi tão feliz que, na cela, onde o corpo jazia inanimado, acreditava-se sentir exalações de bálsamo.

Para nós, que lá estávamos, no momento, pareceu-nos um grande milagre.

"No trigésimo dia, quando lhe celebrávamos uma missa, segundo o costume da Igreja, um tal perfume encheu a nave que, dir-se-ia, ali havia todos os eflúvios das essências e dos aromas. A justo título, o Criador fazia brilhar, por seus dons, as almas que lhe foram dedicadas aqui, as que, por seu amor, nada do século quiseram amar". (2)

No mesmo dia, em Roma, Santo Evaristo, papa e mártir, que, sob o imperador Adriano, enriqueceu a Igreja de Deus com a efusão de seu sangue. Santo Evaristo, sucessor de São Clemente, foi papa que, segundo o *Liber pontificalis*, reinou por nove anos e dez meses, sob Domiciano, que faleceu em 96, sob Nerva (96-98), sob Trajano, que desapareceu em 117. Santo Evaristo, que era grego de Antioquia, filho de pai judeu nascido em Belém, faleceu no ano 100.

Na África, os santos mártires Rogaciano, sacerdote, e Felicíssimo; durante a perseguição de Valeriano e de Galieno, receberam a coroa dum glorioso martírio. São Cipriano fêz-lhes o elogio numa *Carta* aos confessores. Quando eclodiu a perseguição de Décio, em princípios de 250, São Cipriano, bispo de Cartago, achou conveniente esconder-se, confiando a administração da sua Igreja ao padre Rogaciano. Rogaciano, porém, bem cedo foi prêso, e na prisão foi o sustentáculo dos cristãos que lá jaziam. Depois

(2) **In Mon. Germ. hist., Script. rer. merov.**

da perseguição, foi pôsto em liberdade, sendo martirizado, ao que se presume, quando de Valeriano, com Felicíssimo, que, pensa-se, tenha sido um diácono romano.

Em Narbonne, na Gália, São Rústico, bispo e confessor, que foi célebre no tempo dos imperadores Valentiniano e Leão.

Perto de Salerno, São Gaudioso, bispo.

Em Pavia, São Fulco, bispo, falecido em 1229. Nascido em 1165, na Itália do Norte, era de origem irlandêsa. Ordenado em 1192, era prior de Santa Eufêmia em 1194 e bispo de Pavia em 1216.

São Quadragésimo, subdiácono, que ressuscitou um morto (século VI).

Em Gap, São Demétrio, bispo e mártir.

Em Agen, quinhentos mártires, companheiros de Santa Fé. Convertidos pela coragem de Santa Fé e de São Caprais, foram martirizados pela religião católica.

Na Gália, Santo Amando, bispo de Strasburgo, desaparecido em 346.

Santo Aptono, bispo, falecido em 567, ao que se crê.

Na Bretanha, Santo Alor, bispo.

Santo Eadfrido, prior de Leominster, falecido em 675.

Em Hexham, Santo Eata, bispo, um dos doze discípulos de Santo Aidan, o fundador da abadia de Lindisfarne.

Na abadia de Fritzlar, o bem-aventurado Humberto, monge no século VIII.

Em Cantorbéry, São Cutberto, arcebispo.

Em Santo Avoldo, São Sigebaldo, bispo de Metz, falecido em 740 ou 741.

Em Buraburgo, na Germânia, Santo Witta ou Albino, bispo, desaparecido depois de 760.

Santo Adalgoto, abade de Disentis, falecido em 1031.

Na Catalunha, São Bernardo Calvo, bispo de Vich, que faleceu no ano de 1243. Conta-se de São Bernardo que, um dia, na rua, cruzando com algumas jovens, ouviu que uma delas dizia: "Oh, que monge! Que belos dentes tem!" Mais adiante, o Santo agarrou uma pedra e os quebrou, para não cair em tentação.

Em Reggio, Itália, o bem-aventurado Damião de Finale, dominicano, falecido em 1484.

Em Rovello, também na Itália, o bem-aventurado Boaventura de Potenza, franciscano, que se caracterizou pela humildade e pela obediência.

* * *

27.º DIA DE OUTUBRO

SANTO ELESBÃO

Rei da Etiópia

No sexto século, havia, entre os árabes do Iemen, conhecidos pelos orientais sob o nome de Hamiar, e chamados homeritas pelos gregos, grande número de cristãos. Mas o judaísmo recuperava a antiga primazia, e o rei dos homeritas, chamado Dimião, era judeu. Sob o pretexto de vingar a religião judaica, proscrita no império, mandou trucidar uma caravana de mercadores romanos que, como costumavam fazer, atravessavam seus estados para ir negociar na Etiópia. Êsse bárbaro procedimento interrompeu aquêle comércio. O rei da Etiópia foi tomado de cólera. Chamava-se Elesbão, alcunha etíope que significa o *abençoado*. Segundo afirma João, bispo da Ásia, era pagão. Instigado pelo Imperador Justino, pôs-se à frente de um exército, atravessou o Mar Vermelho, foi ao encontro de Dimião, matou-o em combate, pilhou o país, e colocou no trono um novo rei, que era cristão. Prometera a Deus, antes da batalha, que também se tornaria cristão, caso vencesse. Fiel à sua promessa, enviou a Justino, como emissários, dois dos mais prestigiosos fidalgos da Etiópia, solicitando-lhe que mandasse

um bispo e alguns clérigos. Isso vem provar que a hierarquia não se conservara ininterruptamente depois de São Frumêntio. Justino tomou conhecimento do pedido pelas cartas de Licínio, prefeito do Egito, e permitiu que os emissários escolhessem o bispo do seu agrado. Êstes, então, se dirigiram ao Patriarca ortodoxo da Alexandria que, de acôrdo com as doutas informações de Assemani, se chamava Astério; o Patriarca designou-lhes João, depois de tê-lo sagrado bispo de Axum, capital da Etiópia. Elesbão recebeu o batismo das mãos do novo pontífice, juntamente com os maiorais do império; também mandou doutrinar seus súditos, e construiu grande quantidade de igrejas. Em pouco tempo o cristianismo floresceu por todo o reino.

Mas como a vida do rei dos homeritas foi de curta duração, com isso se beneficiaram os judeus. Aproveitando o inverno de 523 a 524 que impediu que os etíopes atravessassem o mar para colocar no trono outro chefe cristão, escolheram um rei na sua própria seita, chamado Dunaan, assenhorearam-se de tôda a nação, trucidaram grande quantidade de cristãos e transformaram as igrejas em sinagogas. Dunaan mandou degolar duzentos e oitenta sacerdotes, e assassinar todos os etíopes que tinham permanecido no país.

Tendo sido o Imperador Justino informado do morticínio dos cristãos no país dos homeritas, apressou-se em escrever a Astério, Patriarca da Alexandria, pedindo-lhe que insistisse junto ao rei etíope para que fôsse socorrê-los. Mal chegou a primavera e Elesbão pôs-se à frente de um numeroso exército. Malgrado os acidentes de uma travessia difícil, transpõe o mar, vai ao encontro de Dunaan, destroça

os judeus, cêrca de trinta mil combatentes armados até os dentes, que se opunham à avançada. Dirige-se diretamente à capital, chamada Trafar, ou seja Zhafar para os árabes, aprisiona a rainha e, deixando uma guarnição na cidade, vai lutar com Dunaan, desbarata-lhe o exército numa batalha longamente disputada e mata-o, assim como a todos seus parentes. Obtida a vitória, retorna a Trafar, onde condena à pena última todos os que se encontravam no palácio e tinham participado dos crimes do rei judeu. Manda construir uma igreja cujos alicerces êle mesmo assenta. Em seguida, comunicou os êxitos por êle obtidos ao Patriarca da Alexandria, Astério, e êste se incumbiu de transmitir as auspiciosas notícias ao Imperador Justino, e de enviar um bispo ao país dos homeritas, a fim de fortalecer o cristianismo que acabava de ser festivamente restabelecido. Êsse pontífice, que foi São Gregentius, procedeu à consagração da igreja fundada pelo rei, batizou os homeritas das cidades e dos campos, ordenou sacerdotes e diáconos, e consolidou as igrejas já existentes no país.

Em seguida Elesbão dirigiu-se a Nagra ou Nagran, a cidade dos mártires, e lá edificou uma igreja, na qual reuniu os ossos de todos que tinham morrido pela fé. Concedeu-lhe o direito de asilo e fêz-lhe doação de cinco domínios reais, a fim de que pudesse prover à sua manutenção. A êles juntou uma parte dos bens do mártir Aretas, cujo filho foi investido na soberania paterna. Regressou depois à capital, onde se ocupou com regular o destino dos homeritas. Deu-lhes como rei um homem da sua nação, que era cristão e se chamava Esimifeu. Impôs-lhe um tributo anual, e deixou para guardá-lo

um corpo de dez mil cristãos da Etiópia. Muitos de seus súditos, seduzidos pela beleza da região, fixaram-se para sempre junto aos homeritas.

Elesbão tornou a cruzar o mar e retornou a Axum com enormes despojos, que dividiu com o exército. Revoluções subseqüentes custaram a coroa a Esimifeu. As tropes que Elesbão deixara, após a derrota do rei judeu, insurgiram-se e proclamaram rei Abraão, cristão de Adulis, principal pôrto marítimo. Êsse homem, famoso pela piedade, e a quem os autores árabes chamam Abrahad, manteve-o no trono apesar das tentativas em contrário que fêz o rei da Etiópia, finalmente obrigado a deixá-lo em paz. Muito tempo depois o próprio Elesbão, bastante avançado em anos e cansado das preocupações do govêrno, resolveu renunciar à coroa e passar o resto de seus dias num mosteiro. Enviou a Jerusalém a coroa enriquecida com pedrarias, como homenagem da sua piedade, e para demonstrar a Deus a sua gratidão pelas vitórias e pela glória a êle concedidas; depois, vestido com um cilício, deixou durante a noite o palácio e a capital e recolheu-se a um mosteiro de religiosos situado numa alta montanha e no qual passou o resto da vida praticando a mais austera penitência. A Igreja cultua-lhe a memória no dia 27 de outubro. (1)

* * *

(1) Martirol. rom.

SANTO ABRAÃO (*)

Ermitão

Santo Abraão, ermitão, viveu, sob São Pacômio, vinte e três anos; depois, sòzinho, numa choça primitiva, dezesseis. Alimentava-se sòmente de favas com um pouco de sal.

Um velho, que viveu cinqüenta anos sem comer pão, nem beber vinho, disse-lhe, um dia:

— Eu matei a impureza, a avareza e as vãs impressões.

Abraão considerou aquela afirmativa, por algum tempo, depois disse:

— Eis que tu entras na cela e, no teu velho catre, encontras uma mulher. Tu podes pensar que ali não está uma mulher?

Respondeu o velho:

— Não, mas combato o meu espírito, para não a tocar.

— Eis aí, tornou o santo ermitão, tu não mataste nada: a paixão vive; apenas está reprimida, ligada. Do mesmo modo, estás a andar por aí, e vês pelo chão pedras, cacos e, entre êles, ouro. Tua inteligência pode conceber o ouro como pedras e cacos?

— Não, respondeu o outro, mas combato o meu espírito para não o apanhar do chão.

Santo Abraão:

— E então? A paixão vive. Está apenas prêsa, dominada. Mas eis que tu ouves falar de dois irmãos: um dêles te ama, o outro te odeia, humilha-te. Um dia, aparecem na tua casa. Tu os recebes igualmente?

— Não, mas combato o meu espírito, procurando tratar bem o meu inimigo, assim como trato o meu amigo.

— Ora vê tu: as paixões vivem, apenas são reprimidas pelos santos.

Santo Abraão faleceu antes do ano de 368.

No mesmo dia, a vigília dos santos apóstolos Simão e Judas.

Em Ávila, na Espanha, o martírio dos santos Vicente, Sabina e Cristeta, que, primeiramente, foram estendidos no cavalete com tanta violência que tôdas as suas juntas se deslocaram; depois, tendo-lhes sido colocadas pedras nas cabeças, bateram-nas com malhos até que os miolos lhes saltassem fora. Assim consumaram o martírio, por ordem de Daciano.

Em Til-Châtel, na Gália, São Florêncio, mártir.

Na Capadócia, as santas mártires Capitolina e Eroteida, sua criada, que sofreram sob Diocleciano (século IV?). Constantinopla possuía, ao lado da basílica de São Focas, uma igreja dedicada às santas Capitolina e Eroteida. Capitolina era uma rica cristã, que foi obrigada a comparecer diante do prefeito Zelicíntios para prestar contas da fé. Dizendo-se cristã, foi induzida a apostatar. Nada a levou a renegar Jesus Cristo, nem promessas, nem ameaças.

Foi, então, trancafiada num calabouço. Eroteida, levando-lhe comida, que Capitolina recusava, recebeu ordem de vender tudo o que possuía e distribuir o apurado à pobreza. A criada cumpriu tudo ao pé da letra. Quando foi levar a notícia à senhora, Capitolina estava sendo conduzida para o suplício. Decapitada, deixaram-na no lugar e prenderam Eroteida, enviando-a à prisão. Ali, recebeu a visita dum anjo. No dia seguinte, atirada a uma fornalha, dela saiu ilesa. Então, cortaram-lhe a cabeça, como haviam cortado a da ama.

Nas Índias, São Frumêncio, apóstolo da Abissínia, que Santo Atanásio ordenou bispo (século IV). Apelidado *Abba Salama, Pai Pacífico,* porque pregou a paz de Nosso Senhor, os etíopes festejam-no aos 26 *hamle,* ou seja, aos 20 de julho.

Em Nápoles, São Gaudioso, bispo africano. Tendo fugido da perseguição dos vândalos, acabou santamente a vida num mosteiro perto de Nápoles (século V-VI).

São Genitor e companheiros, mártires.

Em Clermont, São Namácio, bispo.

Na Irlanda, Santo Abban, abade, de raça nobre. Muito jovem, desprezava o confôrto. Desejoso de servir Jesus Cristo, o pai, embora a contragosto, aprisionou-o, para que refletisse e se compenetrasse de que tinha herdado um nome respeitável. Todavia, maior, para Abban, era o nome de Nosso Senhor, ao qual sòmente pretendia dar-se. Senão quando, durante a noite, as cordas que o prendiam, desamarraram-se por si sós, deixando-o livre. O pai, tocado, deu-lhe tôda a liberdade. Conta-se de Santo Abban, abade, que, um dia, vendo um lôbo esfaimadíssimo, penalizado, deu-lhe de comer o bezerro duma vaca.

A vaca, porém, perdida a cria, escondeu o leite e foi definhando, de tristeza. Penalizado, Abban, com alguns ossos do bezerro, que o lôbo deixara, ressuscitou-o. Santo Abban fundou três mosteiros em Connaught, um em Kerry, um em Cork, dois perto de Tipperary, um em Cashel, dois em Meath e um em Leinster.

Na ilha de Iona, a oeste da Escócia, Santo Odran, monge, o primeiro de São Columba que faleceu em Iona (563?).

Em Constantinopla, São Ciríaco, patriarca, falecido em 606.

São Didier, ou Desidério, bispo, desaparecido em 123.

Em Ferms, na Irlanda, São Colman, monge do mosteiro de Senboth, falecido em 632.

Na Etiópia, São Techa Haimanot, monge, que faleceu por volta de 710.

Na antiga diocese de Troyes, a bem-aventurada Emelina, religiosa, falecida em Boulancourt, perto de Longeville, em 1078.

Na abadia de Boulancourt, o bem-aventurado Goswin, monge cisterciense (1203?), que passa como o autor das *Vidas* das bem-aventuradas Ascelina e Emelina, parentas de São Bernardo.

Em Ferrara, na Itália, a bem-aventurada Antonina de Bréscia, dominicana, desaparecida em 1507.

* * *

28.º DIA DE OUTUBRO

SÃO SIMÃO E SÃO JUDAS (*)

Apóstolos

I.º Século

Nosso Senhor escolheu-os como auxiliares. Na lista dos doze eleitos, Simão aparece em décimo-primeiro lugar no Evangelho de São Mateus e de São Marcos.

"O primeiro (é) Simão, chamado Pedro, e André seu irmão; Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão; Filipe e Bartolomeu; Tomé e Mateus, o publicano, Tiago, filho de Alfeu, e Tadeu; Simão Cananeu, e Judas Iscariotes, que foi quem o entregou". (1)

"Escolheu, pois, onze: A Simão, a quem pôs o nome de Pedro, a Tiago, filho de Zebedeu, e a João, irmão de Tiago, aos quais pôs o nome de Boanerges, que quer dizer filhos do trovão. André, Filipe, Bartolomeu, Mateus, Tomé, Tiago, filho de Alfeu, Tadeu, Simão, o Cananeu e Judas Iscariotes, que o entregou". (2)

Em São Lucas:

---

(1) Mt., 10, 2-4.

(2) Mc., 3, 16-19.

"Quando se fêz dia, chamou os seus discípulos, e escolheu doze dentre êles, aos quais deu o nome de Apóstolos: Simão, a quem deu o sobrenome de Pedro, André, seu irmão, Tiago, João, Filipe, Bartolomeu, Mateus, Tomé, Tiago, filho de Alfeu, Simão, chamado Zelador, Judas (*irmão*) de Tiago, e Judas Iscariotes, que foi o traidor". (3)

Judas é o décimo-primeiro em Lucas, o décimo em Marcos e Mateus, que o chamam de Tadeu. Por que esta colocação? Por que não eram muito importantes no colégio? Ou por que seriam os mais jovens?

Simão, cognominado Cananeu, pregou o Evangelho no Egito, depois na Pérsia, onde foi martirizado. Nicéforo Calisto (século XIV) assegura-nos que São Simão pregou na África e na Grã-Bretanha. São Fortunato, o que foi bispo de Poitiers em fins do século VI, assevera que ambos os santos apóstolos jazem enterrados na Pérsia.

São Judas era irmão de São Tiago, o Menor, de São Simeão, bispo de Jerusalém, e de um tal José, que são chamados irmãos do Senhor. Eram todos filhos de Cleofas e de Maria, irmã de Nossa Senhora.

Além do nome de Judas, que significa *louvor, confissão*, também usa o de Tadeu, que quer dizer a mesma coisa em siríaco, e o de Lebeu, derivado do hebreu, que significa *homem de coração e de inteligência*.

— — — —

Jesus na última ceia, falava aos discípulos:

"— Não vos deixarei órfãos; voltarei a vós. Resta ainda um pouco, e depois já o mundo não me

(3) Lc., 6, 13-16.

verá. Mas ver-me-eis vós, porque eu vivo, e vós vivereis. Naquele dia vós conhecereis que eu estou em meu Pai, e vós em mim, e eu em vós. Aquêle que retém os meus mandamentos e os guarda, êsse é que me ama; e aquêle que me ama, será amado por meu Pai, e eu o amarei também, e manifestarei a êle".

São Judas então indagou:

"— Senhor, qual é a causa por que te hás de manifestar a nós, e não ao mundo?"

Jesus respondeu-lhe, dizendo:

"— Se alguém me ama, guardará a minha palavra, e meu Pai o amará, e nós viremos a êle, e faremos nêle morada. O que não me ama, não observa as minhas palavras. E a palavra que ouvistes, não é minha, mas do Pai, que me enviou".

Depois:

"— Eu vos disse estas coisas, permanecendo convosco. Mas o Consolador, o Espírito Santo, a quem o Pai enviará em meu nome, êle vos ensinará tôdas as coisas, e vos recordará tudo o que vos tenho dito". (4)

São Judas, aqui, lembra Zaqueu:

Tendo Jesus entrado em Jericó, atravessava a cidade. "Eis que um homem, chamado Zaqueu, o qual era um chefe dos publicanos, e rico, procurava conhecer de vista Jesus, mas não o podia conseguir, por causa da multidão, porque era pequeno de estatura. E, correndo adiante, subiu a um sicômoro para o ver; porque havia de passar por ali. Quando Jesus chegou àquele lugar, levantando os olhos, viu-o e disse-lhe:

(4) Jo., 14, 18-26.

"— Zaqueu, desce depressa, porque convém que eu fique hoje em tua casa".

"Êle desceu a tôda a pressa, e recebeu-o alegremente. Vendo isto, todos murmuravam, dizendo:

"— Foi hospedar-se em casa dum homem pecador".

"Entretanto, Zaqueu, de pé diante do Senhor, disse-lhe:

"— Eis, Senhor, que dou aos pobres metade dos meus bens e, naquilo em que eu tiver defraudado alguém restituir-lhe-ei no quádruplo".

"Jesus disse-lhe:

"— Hoje entrou a salvação nesta casa, porque êste também é filho de Abraão. Porque o Filho do homem veio buscar e salvar o que tinha perecido". (5)

Feliz Zaqueu! Todavia, quão infinitamente feliz Judas Tadeu! Foi o primeiro a saber a condição de hospedar, de abrigar mais completamente, mais interiormente o doce Jesus Senhor nosso! *Voltarei a vós* depois da minha ressurreição, e ficarei sempre, embora dum modo invisível — na Eucaristia e na minha Igreja!

— — — —

Depois da ascensão do Salvador e da descida do Espírito, São Judas pregou o Evangelho, especialmente na Mesopotâmia. São Jerônimo precisa que predicou na região de Edessa. São Paulino de Nola tinha-o como o apóstolo da Líbia. Eusébio de Cesaréia fala-nos de dois netos de São Judas. Perseguidos por Domiciano, escaparam, dizendo que

(5) Lc., 19, 1-100.

esperavam um rei inofensivo, que reinava no céu e só iria aparecer no fim do mundo. Eram trabalhadores, mostraram-lhe as mãos calosas e foram deixados em paz. Êstes dois netos do grande São Judas Tadeu foram honradíssimos na Igreja, e viveram até o govêrno de Trajano.

— — — —

São Pedro e São Paulo, nas suas últimas epístolas, previnem os fiéis contra a sedução de certos hereges, que se chamavam gnósticos, aquêles inflados partidários do sistema teológico e filosófico que se arrogavam um conhecimento sublime da natureza e dos atributos divinos. A segunda epístola de Pedro parece ser dirigida, assim como a primeira, aos fiéis da Ásia Menor, entre os quais se espalharam alguns homens de corrompidos costumes. Êstes homens, não só com os maus exemplos, mas também com as falsas doutrinas, tudo faziam para corromper a fé e levar os cristãos à licenciosidade. Esta segunda epístola de São Pedro é como que o seu testamento. Nela previne os fiéis contra os erros que iam grassando entre as gentes, erros que os falsos doutôres inoculavam malèficamente. São Pedro, então, escreveu aos filhos, para os exortar na prática constante da virtude. Era necessário que crescessem na prática da virtude. Os falsos doutôres negavam a segunda vinda de Nosso Senhor, e Pedro entrou a refutá-los.

São Judas escreveu aos fiéis sôbre o mesmo assunto, desmascarando os erros e os costumes daqueles falsos doutôres. Diz:

"Judas, servo de Jesus Cristo e irmão de Tiago, àqueles que são amados por Deus Pai e conservados

e chamados por Jesus Cristo. A Misericórdia, a paz e a caridade se multipliquem em vós.

"Caríssimos, desejando eu com tôda a solicitude escrever-vos acêrca da vossa comum salvação, tive necessidade de vos escrever agora, para vos exortar a combater pela fé, que foi dada aos santos uma vez por tôdas. Efetivamente, introduziram-se entre vós certos homens ímpios (dos quais está escrito há muito tempo que viriam a cair nesta condenação), os quais trocam a graça do nosso Deus em luxúria, e negam a Jesus Cristo, nosso único Dominador e Senhor.

"Ora, eu quero recordar-vos, embora já saibais tudo, que Jesus, salvando o povo da terra do Egito, destruiu depois aquêles que não creram; e os anjos, que não conservaram o seu principado, mas abandonaram o seu domicílio os reservou (*ligados*) com cadeias eternas em trevas para o juízo do grande dia. Assim como Sodoma, Gomorra, e as cidades circunvizinhas, que fornicaram com elas e se abandonaram ao prazer infame, foram postas por escarmento, sofrendo a pena do fogo eterno, da mesma maneira também êstes contaminam a sua carne, desprezam a dominação (*de Cristo*) e blasfemam da majestade.

"Quando o Arcanjo Miguel, disputando com o demônio, altercava sôbre o corpo de Moisés, não se atreveu a proferir contra êle a sentença da maldição, mas disse (*sòmente*): *Reprima-te o Senhor*".

Comentando esta passagem, diz o Padre Soares: "Respeitando no anjo mau a obra de Deus, São Miguel contentou-se com dizer: *Reprima-te o Senhor*. O Apóstolo contrapõe aqui a modéstia e moderação de São Miguel à arrogância dos hereges que não hesitavam em blasfemar de Deus e das suas coisas.

São Miguel, por disposição de Deus, queria que o sepulcro de Moisés permanecesse oculto; o demônio, porém, procurava manifestá-lo, para dar aos judeus ocasião de idolatria. O Arcanjo contentou-se com dizer ao demônio: *Reprima-te o Senhor*. A narração dêste acontecimento não se encontra em nenhum livro do Antigo Testamento. É provável que São Judas tivesse conhecimento dêle pela tradição judaica".

"Êstes, porém (6), blasfemam de tôdas as coisas que ignoram, e pervertem-se, como animais sem razão, em tôdas aquelas coisas que conhecem naturalmente.

"Ai dêles, porque andaram pelo caminho de Caim, e, por (*causa dum aviltante*) lucro, precipitaram-se no êrro de Balaão e pereceram na rebelião de Coré.

"Êles são másculos nos seus festins, banqueteando-se sem respeito, apascentando-se a si mesmos, nuvens sem água, que os ventos levam de uma parte para outra, árvores do outono, sem fruto, duas vêzes mortas, desarraigadas, ondas furiosas do mar, que arrojam as espumas da sua torpeza, estrêlas errantes, para quem está reservada uma tempestade de trevas por tôda a eternidade.

"Também Henoch, o sétimo (*patriarca*) depois de Adão, profetizou dêstes, dizendo: *Eis que vem o Senhor, entre milhares dos seus santos, a fazer o juízo contra todos, e a argüir todos os ímpios de tôdas as obras da sua impiedade, que ìmpiamente fizeram, e de tôdas as palavras injuriosas, que os pecadores ímpios tem proferido contra Deus.* (7)

---

(6) Continua a Epístola.

(7) Esta citação é tirada do livro de Henoch, apócrifo.

"Êles são uns murmuradores queixosos, que andam segundo as suas paixões, e a sua bôca profere coisas soberbas, as quais mostram admiração pelas pessoas segundo convém ao seu próprio interêsse.

"Mas vós, caríssimos, lembrai-vos das palavras preditas pelos Apóstolos de Nosso Senhor Jesus Cristo, os quais vos diziam que nos últimos tempos virão impostores, que andarão segundo as suas paixões, cheias de impiedade. Êstes são os que provocam divisões, homens sensuais que não tem o espírito (*de Deus*). Vós, porém, caríssimos, edificando-vos a vós mesmos sôbre o fundamento da vossa santíssima fé, orando no Espírito Santo, conservai-vos no amor de Deus, esperando a misericórdia de Nosso Senhor Jesus Cristo para (*alcançar*) a vida eterna.

"Repreendei os que estão já como que julgados, e salvai os outros, arrebatando-os do fogo. (8) Dos mais, tende compaixão com temor (*de serdes contaminados*), aborrecendo até a túnica que está contaminada (*com a corrupção*) da carne.

"Aquêle que é poderoso para vos conservar sem pecado e para vos apresentar imaculados e cheios de alegria diante da sua glória, na vinda de Nosso Senhor Jesus Cristo, ao Deus único, Salvador nosso, por Jesus Cristo Nosso Senhor, seja dada glória e magnificência, império e poder, antes de todos os séculos, e agora e por todos os séculos dos séculos. Amém".

Em grego, esta conclusão vem assim redigida:

"Àquele que pode conservar-vos sem pecado e fazer-vos comparecer diante da sua glória puros e imaculados e num arroubo de alegria, a Deus nosso

(8) Ou seja, do perigo em que se encontram.

Salvador, que é o único sábio. Glória e magnificência, e fôrça e poder, agora e em todos os séculos. Amém!" (9)

— — — —

De acôrdo com êste texto, a conclusão referir-se-ia inteiramente a Jesus Cristo, o que muito bem pode ser verdade. O principal objetivo dos gnósticos era rebaixar Nosso Senhor. São Judas, assim como os outros apóstolos, insiste, pois, em demonstrar que Jesus Cristo é nosso Deus, nosso Mestre, nosso Salvador, e que só a êle pertencem o poder e a glória em todos os séculos. Só êle conserva encadeados no inferno os anjos rebeldes, para julgá-los no último dia. Demonstra que foi êle quem castigou Sodoma e Gomorra, para dar à terra uma imagem do fogo eterno, bem como foi êle que, salvando Israel do Egito, fêz perecer os incrédulos, êle, a quem São Miguel, o príncipe dos anjos, invoca contra Satanás. É dêle que falaram, é a êle que prestaram testemunho todos os homens inspirados de Deus, desde Henoch, antes do dilúvio, até os apóstolos. Finalmente, tudo se resume em Nosso Senhor Jesus Cristo.

* * *

(9) Epist. Jud.

SÃO FARO (*)

Bispo

São Faro, bispo de Meaux, era filho de Agnérico e irmão de Walberto, que foi bispo daquela cidade antes dêle, de Burgondofara, ou Fara, e de Chagnoaldo, bispo de Laon.

Muito querido na côrte do rei Teodeberto, foi escolhido para padrinho do futuro Clotário II, o qual, feito rei seguiu à risca os conselhos do Santo.

Com a espôsa, São Faro levou vida edificantíssima. Resolvendo dedicar-se inteiramente a Deus, de acôrdo com a mulher, separaram-se. Ela foi para um mosteiro e êle recebeu a tonsura.

Morto o irmão Walberto, sucedeu-o no episcopado, surpreendendo o povo com a virtude e os milagres que operou. Tendo fundado em Meaux um mosteiro em honra da Santa Cruz, nêle, quando faleceu, foi enterrado. A casa, então, passou a chamar-se de São Faro.

Foi durante o longo episcopado dêste santo bispo que prosperaram as fundações da sua diocese. Erigidas por São Colombano, que fôra grande amigo de seu pai, e pelos discípulos daquele decantado Santo, alçaram-se grandemente, tanto espiritual como materialmente.

São Faro faleceu por volta do ano de 670, e a sua vida foi escrita por Hildegário, também bispo de

Meaux, mais ou menos em 870, mas nunca a editaram no todo.

Conta-se que, quando os saxões se revoltaram contra Clotário II, o rei Bertoaldo enviou àquele soberano uma embaixada, com a seguinte mensagem, que foi transmitida irônicamente:

— Vejo que tu não tens nem a fôrça, nem a esperança de te sublevares contra o meu poder. Assim, quero usar de doçura, e te peço que venhas servir-me de guia nesta terra que não conheço!

Clotário, rubro de cólera, no mais terrível furor, quis, na hora, massacrar os que lhe falavam tão despudoradamente, mas Faro soube contê-lo, e os embaixadores foram poupados. Todavia, viram-se metidos na prisão. À noite, o santo bispo foi procurá-los, exortando-os a abraçar o cristianismo, para que, batizados, pudessem salvar a vida, e, ao mesmo tempo, escapar à morte eterna. Ouviram-lhe os conselhos.

No dia seguinte, quando Clotário decidia da sorte daqueles enviados de Bertoaldo, São Faro apareceu-lhe, dizendo-lhe que os prisioneiros não eram mais dos saxões e, tendo sido batizados por um fiel, vestiam agora os brancos trajos dos neófitos.

Clotário e os conselheiros ficaram admirados do acontecido, e os presos, cumulados de presentes, ganharam a liberdade.

O grande gesto de São Faro foi cantado pelas mulheres da cidade, numa canção que falava da sua clemência e na qual o honravam por ter, debaixo do incógnito, salvo os embaixadores de Bertoaldo.

* * *

SANTO ANGILRANO (*)

Bispo

Santo Angilrano foi consagrado bispo de Metz no dia 25 de setembro de 768, um domingo. No sábado, 24 de setembro, falecera o rei Pepino, o Breve, que fôra escolhido rei dos francos em 751.

Angilrano foi o sucessor de Crodegando, e, em 774, encontrava-se com Carlos Magno, quando da dedicação da igreja de Lauresheim. O soberano, que havia perdido, recentemente, o seu capelão, o abade de São Dionísio, Fulrad, sentiu tal atração pelo novo prelado que assentou tê-lo ao seu lado. Escreveu então, ao papa, e conseguiu uma dispensa de residência e da autoridade arquiepiscopal.

Santo Angilrano, desde então, passou a ser um dos primeiros homens do império. Diz-se que o que mais atraía Carlos Magno era a cultura literária do santo bispo. Amigo de todos os que se davam às letras, na côrte, a todos conquistou pelas virtudes e pelo saber. Alcuíno celebrou-o nos versos.

Em 791, Angilrano acompanhou o imperador na expedição contra os avars. Foi nessa campanha que faleceu, sendo transportado para São Nabor, onde, solenemente, sepultaram-lhe o venerado corpo.

No mesmo dia em que se celebra a festa dos santos apóstolos Simão, o Cananeu, e de Tadeu também chamado Judas, em Roma comemora-se as santas mártires Anastácia, a Velha, virgem, e Cirilo. Anastácia, durante a perseguição de Valeriano, sob o prefeito Probo, foi carregada de cadeias, esbofeteada, atormentada pelo fogo e vergastada; como permanecesse firme na fé de Nosso Senhor Jesus Cristo, teve ainda os seios cortados, as unhas arrancadas, os dentes quebrados, as mãos e os pés cortados; afinal, foi decapitada, indo-se para o Espôso adornada com os suplícios que experimentou. Cirilo, que a pedido seu, dera-lhe de beber, recebeu, como recompensa, a gloriosa palma do martírio.

Em Roma ainda, Santa Cirila, virgem, filha de Santa Trifônia: foi estrangulada em defesa da fé sob o imperador Cláudio. Segundo uma longa e fabulosa *Paixão,* a de Policrônio, Santa Cirila era filha de Décio e recebeu o batismo com a mãe Trifônia (18 de outubro), pouco depois da morte do pai. O imperador Cláudio induziu-a a sacrificar, juntamente com quarenta e seis soldados recentemente convertidos. Cirila recusou-se. Procurou então Cláudio obrigá-la ao casamento, consoante as ordens do pai. Cristã, disse ela, não se casaria, porque não havia de ter outro espôso que não Nosso Senhor. O imperador, num acesso de cólera, ordenou que a estrangulassem, e o corpo, que atirassem com êle aos cães. Todavia, um padre, chamado Justino, reverentemente enterrou-a ao lado da mãe.

Perto de Como, São Fidélis, mártir, sob o imperador Maximiano.

Festa de São Ferrúcio, mártir.

Santo Honorato, bispo, falecido depois de 397.

Em Cesaréia da Capadócia, São Firmiliano, bispo, marcante personalidade do episcopado oriental. Feito bispo em 230, faleceu em 268.

Em Antioquia, São Malquião, sacerdote, homem deveras eloqüente, um dos mestres do ensinamento sofístico e de incomparável pureza. Ensina-nos São Jerônimo no *De viris inlustribus*: "Malquião, sacerdote eloqüentíssimo, da Igreja de Antioquia, ensinou a retórica naquela cidade com o maior sucesso. Discutiu, diante dos secretários que tomavam notas, contra Paulo de Samosate, bispo de Antioquia, que havia lançado as idéias de Artemon". Graças a formação filosófica de Malquião, a sua dialética era instantânea e precisa. Solene, afirmava, convicto, a unidade substancial do Deus-Homem.

Em Thiers, Auvergne, São Genésio, mártir.

Em Antioquia da Síria, os santos mártires Esmaragdo, Mariana e Arcelado.

Na Palestina, perto de Jericó, João, o Cosibita (de Khoziba ou Chousiva, perto de Jericó, no caminho que demanda a Jerusalém). Filho de pais tebanos (Egito), buscou os Lugares Santos, para adorar a cruz. Durante o sono, uma noite, ouviu uma voz: "Os que não estão em comunhão com a Igreja católica são indignos de adorar a cruz". Monofisita, ou seja, admitindo em Nosso Senhor Jesus Cristo uma só natureza, ligou-se absolutamente à Igreja e buscou Cosiba. Ali faleceu em 535. Desde 515, mais ou menos, fôra bispo de Cesaréia da Palestina, tendo formado muitos monges antes de morrer. Todavia, pouco antes de 535, deixara a dignidade para viver na solidão.

Em Éfeso, Santo Abraão, arcebispo.

Na Normandia, São Sálvio, monge.

Em Iona, São Dorbeneu, abade, desaparecido em 715.

No mosteiro de São Sabas, perto de Jerusalém, Santo Estêvão, o Sabaita, poeta, taumaturgo, falecido em 807, ou pouco depois.

Em Lião, São Remi, arcebispo. Aproveitando-se do alto conceito em que o tinham o imperador Lotário e os reis da Provença, Carlos, o Jovem, e Lotário II, tratou de reencaminhar à Igreja de Lião e aos mosteiros que dependiam da sua jurisdição os bens usurpados pelos sarracenos e por homens da terra, maus senhores ávidos de riquezas fàcilmente adquiridas. Faleceu em 875.

Na abadia de Stavelot-Malmedy, na diocese de Liège, os santos abades Sigolino e Goderino, no século VII; Anglino e Alberico, no século VIII; e Odilon, que faleceu em 945.

Na Inglaterra, Santo Edsio ou Edsígio, arcebispo de Cantorbéry, desaparecido em 1050.

Em Siena, o bem-aventurado João Chisi, ermitão de Santo Agostinho. Muito tentado pelo demônio da carne, livrou-se a rolar sôbre um tapête de urtigas. Faleceu muito santamente em 1363.

Em Bolonha, o bem-aventurado Estêvão Cioni, cônego regular, que faleceu, ao que se supõe, em 1433.

Em Sulmone, nos Abruzos, o bem-aventurado Antônio, franciscano, que praticou, especialmente, a humildade (século XV).

Perto de Nagasaki, no Japão, os bem-aventurados Tomás Terai Cafioye, Mâncio Cheirayemon, Miguel Tayemon Chivochi, João Chozamburo, Pedro Confioye e Lourenço Fachizo, mártires, em 1630.

Em Fou-Tcheon, capital do Fou-Kien, na China, os bem-aventurados mártires dominicanos Pedro Mártir Sanz, bispo, em 1747; Francisco Serrano, bispo eleito, Joaquim Royo, João Alcober e Francisco Diaz, padres, em 1748.

Em Tonkin, o bem-aventurado João Dat, sacerdote indígena, mártir, em 1798.

* * *

29.º DIA DE OUTUBRO

SÃO NARCISO (*)

Bispo

Bispo de Jerusalém, São Narciso ocupou a sede por volta de 195, quando devia estar perto dos cem anos: era costume de Jerusalém escolher candidatos bastante idosos, daí a brevidade dos episcopados.

Conta-se dêle que, duma feita, tendo faltado óleo para as lâmpadas da igreja, justamente na Páscoa, quando os fiéis tomavam literalmente o templo, ordenou aos diáconos que lhe trouxessem água. Tendo-a benzido, mandou que a utilizassem nas lâmpadas. Quando a verteram, transformara-se em óleo.

Homem de grande santidade, refere-se ainda que, certa vez, três devassos da cidade, porque o santo bispo os repreendia severamente, lançaram-lhe terrível calúnia. E fizeram mais, temeràriamente: confirmaram por falsos juramentos o que afiançavam. Assim, um declarou que desejava morrer queimado, caso fôsse mentira o que asseverava; outro, que a lepra o cobrisse; quanto ao terceiro, atraía para si a cegueira, se dizia alguma inverdade.

O povo, que, por um instante sequer, acreditara na afirmação, porque conhecia donde vinha a acusa-

ção, ficou totalmente do lado de São Narciso, mas o santo bispo, que de longa data vinha desejando levar vida de solitário, aproveitou-se daquela oportunidade, deixou a cidade, indo-se para lugar ignorado. E eis que os caluniadores, pouco depois, eram castigados com as próprias temeridades: o primeiro morreu queimado, quando do incêndio da casa em que vivia; o segundo, duma hora para outra, viu-se coberto duma só chaga, feiíssima, da cabeça aos pés; e o último, diante daqueles sucessos, tanto chorou, de terror, que acabou ficando cego para todo o sempre.

Tempos mais tarde, São Narciso apareceu por Jerusalém, sendo recebido triunfalmente. E retomou o cargo. Idoso, incapaz já de continuar as atividades que encetara, pouco depois deixava as funções episcopais.

Desconhecemos o ano em que faleceu o santo bispo de Jerusalém. Morreu em idade muito avançada. Santo Epifânio quer que tenha sido em 222, ou um pouco antes.

* * *

SANTA ERMELINDA (*)

Virgem

(Século VI?)

A história que conhecemos de Santa Ermelinda é calcada na tradição popular, de mistura, talvez, a algum documento de pouco valor histórico.

Ligada, diz-se, à família dos Pepinos, menina, já conhecia o saltério. Mocinha, cortou os cabelos e, contra a vontade dos pais, ricos, muito ricos, que desejavam vê-la casada, votou-se a Nosso Senhor e à vida de pobreza. Deixou, então, um dia, a casa paterna, e pôs-se à procura dum lugar onde pudesse dedicar-se só a Deus.

Andando de localidade a localidade, fixou-se em Beauvechain, perto de Jodoigne, na arquidiocese de Malines. Ora, ali, viviam dois jovens libertinos. Vendo-a, ambos, ao mesmo tempo, conceberam-lhe uma paixão avassaladora. Um dêles, corrompendo o pároco provisório da igreja em que Ermelinda ia todos os dias orar, concertou com o péssimo homem o rapto da jovem.

Na noite, porém, em que ficara estabelecido que se agiria contra ela, apareceu-lhe um anjo, dizendo incisivamente:

— Retira-te, retira-te...

Tôda trêmula, Ermelinda, sem saber o que pensar, deixou a igreja apressadamente, e, levada pelo Espírito Santo, chegou a um lugar afastado do centro. Ali, de novo, apareceu-lhe o anjo, indicando-lhe o sítio em que devia permanecer para sempre — Meldert, perto de Tirlemont.

De fato, levando vida austera e de grande meditação, em Meldert, Ermelinda passou todos os dias que ainda lhe restaram na terra, falecendo em fins do século VI, ao que se presume, com quarenta e oito anos mais ou menos. Erigida uma capela em sua honra, em Meldert nasceu-lhe o culto, culto que ainda hoje permanece vivo, bem vivo.

* * *

BEM-AVENTURADA PAULA MONTALDI (*)

Clarissa

Paula nasceu, em 1443, em Montaldi, perto de Volta, no ducado de Mântua. Filha dos nobres Montaldi, Paula, desde a mais baixa idade, mostrou-se duma piedade fora do comum. Chamavam-na, por isso, a *Santinha*.

Quando entrou nos quinze anos, deixou a vasta casa dos pais, o luxo, o confôrto e a riqueza para, indo a Mântua, consagrar-se a Deus, com a intenção de tomar o hábito de Santa Clara.

Mântua, naquela época, 1458, possuía três conventos da ordem da filha de São Francisco de Assis, sendo a mais antiga a que Inês de Assis, irmã de Clara, fundara em 1238, havia, portanto, duzentos e vinte anos. Outro, era o fundado pelo marquês de Mântua, João Francisco de Gonzaga, e a espôsa, a bem-aventurada Paula Malatesta, onde se seguia a primeira regra de Santa Clara. Num terceiro, que foi o que Paula Montaldi escolheu, também fundado por aquêles marqueses, onde se observava a regra que Urbano IV havia mitigado, foi bater a jovem.

Admitida, dando-se de corpo e alma a Deus, tudo fazendo para se alçar à maior das duras exigências da regra, levava avante longas vigílias, disciplinava-

se, jejuava constantemente, e dormia, pouquíssimo, sôbre a fria dureza do chão.

Longas e longas horas, passava-as Paula em oração, abismada em Deus. Logo, foi favorecida com grandes luzes interiores. Considerava-se, porém, como a mais imperfeita religiosa, a última alma do convento, mas a reputação de santidade que grangeou foi enorme, o que a torturava. Grande massa ia procurá-la no convento, em busca de conselhos. A maioria, contudo, a cura para os males que carregava. E ela, porque Deus assim o queria, curava os que lhe solicitavam a cura para esta ou aquela enfermidade.

O demônio pôs-se, então, a perseguí-la, assaltando-a com furor, mas Paula Montaldi conseguiu vencer o pai da maldade.

Cansada, velha de setenta e um anos, tendo passado cinqüenta e seis a serviço de Deus, faleceu a 18 de agôsto de 1514. O corpo da bem-aventurada filha dos Montaldi, miraculosamente conservado, por mais de dois séculos foi cuidadosamente guardado no convento das clarissas de Mântua. Em 1782, quando o imperador José II decretou a supressão dos mosteiros das clarissas, o corpo de Paula foi enviado para Volta, onde o povo o colocou num relicário, sob o altar de Nossa Senhora.

No mesmo dia, os santos Maximiliano, mártir, e Valentim, confessor.

Em Sidônia, na Fenícia, São Zenóbio, sacerdote: no rigor da última perseguição, quando exortava os outros ao martírio, foi julgado digno de mor-

rer por Nosso Senhor (século IV). Padre da Igreja de Sidon e médico de fama, morreu corajosamente em defesa da fé católica. Segundo Eusébio, São Zenóbio morreu em Antioquia e não em Sidônia.

Em Lucânia, os santos mártires Jacinto, Quinto, Feliciano e Lúcio.

Em Bérgamo, Santa Eusébia, virgem e mártir.

Em Autun, São João, bispo e confessor.

Em Cassíopo, na ilha de Corfu, São Donato, bispo, que o bem-aventurado papa Gregório menciona.

Em Vienne, Gália, o bem-aventurado Teodoro, abade, cuja forma Teodário, no caso, é preferível (*Vida de São Teodário*, de Adon, arcebispo de Vienne).

Em Luni, perto de Sarzana, na Itália, São Basílio, bispo, padroeiro da catedral de Luni: desde quando, porém, não o sabemos, porque, antigamente, o templo era dedicado à Virgem Maria.

Em Metz, São Terêncio, bispo, falecido em 500, provàvelmente.

Demais, São Majoriano, monge, em Auvergne.

São Bond, ermitão em Sens, ou Boldo, que faleceu em 620.

Santa Kennera, virgem, que viveu em Galloway, no sul da Escócia, ou Santa Cainner, mesmo Kirkinner.

Na Irlanda, São Colman mac Duach, bispo, que viveu no século VII. Notem-se que há vários santos irlandeses com êste nome: Colman.

Santo Engaldo, discípulo de São Salvo ou Sálvio (século VII?).

Em Constantinopla, Sant'Ana, viúva, e monja debaixo do nome de Eufemiano. Casada, teve dois

filhos. Mortos o marido e os filhos, buscou a vida religiosa, entrando num mosteiro da Ásia Menor. Crê-se que faleceu em Bisâncio. Fala-se de um mau monge que tentou matá-la, mas não o conseguiu, porque Deus a protegia.

Em Caiazzo, Itália, Santo Estêvão, bispo, morto em 1023, ao que parece.

Na Inglaterra, Santo Edelnodos (Ethelnoth), apelidado o Bom, bispo de Cantorbéry, falecido em 1038.

No priorado de Tallcires, os santos Germano, Rufo, Ísmio, Ismidão e Joire, beneditinos (século XI).

Na abadia de Formbach, na Baixa Baviera, os santos abades Berengário e Wirnto (século XII).

Em Rostov, na Rússia, Santo Abraão, abade (século XII?), que viveu depois do cisma de 1054.

Em Gubbio, na Úmbria, o bem-aventurado Pedro, ermitão de Santo Agostinho.

Em Florença, a bem-aventurada Lúcia Bartolini Rucellai, terciária dominicana, falecida em 1520, fundadora do mosteiro dominicano de Santa Catarina de Siena para as terciárias, de Florença. Lúcia foi extremamente mortificada. Conta-se que seu mosteiro parecia, às vêzes, tomado pelas chamas, quando ela orava com fervor mais intenso. Quando foi assaltada pela doença que havia de levá-la para Deus, o corpo exalava, contìnuamente, um agradabilíssimo perfume. Morta, foi venerada como bem-aventurada imediatamente.

* * *

30.º DIA DE OUTUBRO

SÃO MARCELO (*)

Centurião — Mártir

I

"Aos 5 das calendas de agôsto (1), sob o consulado de Fausto e de Galo, Marcelo, centurião, tendo comparecido diante do governador Astásio Fortunato, êste lhe perguntou:

"— É verdade que julgas bom, contra a disciplina, tirar o cinturão e arrojar por terra a espada e a cepa de vinho?"

"São Marcelo respondeu:

"— Sim, a 12 das calendas de agôsto (2), quando celebraste a festa do teu imperador, eu já havia declarado em alta voz que era cristão e que não o poderia mais servir como oficial. Não sirvo senão a Jesus Cristo, o Filho de Deus Todo-poderoso".

"Fortunato replicou:

"— Causaste um escândalo. Não posso abafar o sucedido. Sou obrigado a encaminhar-te aos nossos senhores Augustos e Césares. Tu serás, pois, enviado ao tribunal de meu senhor Agricolano".

---

(1) 28 de julho.

(2) 21 de julho.

II

"Manílio (*sic*) Fortunato, ao seu querido Agricolano, saudações. Quando celebramos o dia tão bem-aventurado e tão jubiloso para todo o universo do próprio nascimento de nossos Augustos e Césares, eu te informo, Senhor Aurélio Agricolano, que Marcelo, centurião ordinário, prêsa de não sei que loucura, despojou-se espontâneamente do seu boldrié e achou bom arrojar diante das tropas de nossos senhores a espada e a cepa que trazia. Vi-me, então, na necessidade de enviar o caso à tua jurisdição, e de te conduzir o inculpado".

III

"Sob o consulado de Fausto e de Galo, aos 3 das calendas de novembro (3), em Tingi (4), Marcelo, centurião, foi introduzido diante do juiz. Leitura foi feita das peças pelo escrivão: "O governador Fortunato conferiu a tua jurisdição a Marcelo aqui presente. Eis a carta escrita a êste respeito e a qual vai ser lida, se tu o ordenares".

"Agricolano pronunciou:

"— Que seja lida".

Depois da leitura, Agricolano perguntou ao acusado:

"— Disseste o que foi consignado na ata?"

"— Eu o disse".

"— Cada uma destas palavras?"

"— Sim".

---

(3) 30 de outubro.

(4) Tanger.

"— Tu servias como centurião ordinário?"

"— Sim".

"— Que loucura furiosa te possuiu, para repudiares teus juramentos e seguires estas aberrações?"

"— Não há loucura no temor de Deus".

"— Tu te despojastes das armas?"

"— Sim. Não convém a um cristão aplicar-se nos serviços do século. Êle serve o Cristo Senhor".

"Agricolano concluiu:

"— O caso de Marcelo é o dos que sanciona a disciplina. Ouvimos que Marcelo, que servia na qualidade de centurião ordinário, pùblicamente repudiou, e em têrmos infamantes, o juramento militar, e que, ademais, como consta da ata do governador, valeu-se de palavras furiosas; fica, pois, decidido que será castigado pela espada".

"Quando o levavam para o suplício, o mesmo Marcelo disse:

"— Agricolano, Deus te abençoe!"

"Era bem assim que Marcelo, o mártir glorioso, devia deixar o mundo". (5)

— — — —

Resumo do martirológio:

"Em Tanger, na Mauritânia, a *paixão* de São Marcelo, centurião, pai dos santos mártires Cláudio, Lupércio e Vitório: teve a cabeça cortada e assim consumiu o martírio sob Agricolano, lugar-tenente do prefeito do pretório, em 298".

* * *

(5) Segundo Gaiffier.

SÃO GERMANO (*)

Bispo

São Germano, bispo de Cápua, segundo o *Liber pontificalis*, foi enviado pelo papa Hormisdas, em 519, com outros legados, ao imperador Justino I, que reinava em Bizâncio desde 518. Ao lado daquele imperador, foram tratados assuntos referentes à reconciliação das Igrejas grega e romana, abaladas com o cisma do patriarca Acácio. Tudo, naqueles dias, terminou felizmente.

São Gregório, nos *Diálogos*, escreveu:

"Noutros tempos, Servando, diácono e abade dêste mosteiro (*de São Sebastião, longe trinta milhas do Monte Cassino*), que fôra construído tempos atrás pelo patrício Libério, ia contìnuamente visitar a Bento. Freqüentava o seu mosteiro, porque era homem ao corrente das celestes doutrinas, e ambos trocavam palavras de vida como ainda não podiam gozar dos suaves alimentos da pátria celeste, pelo menos sentia-os pelas aspirações.

"Quando soava a hora do repouso, o venerável Bento retirava-se para a parte alta da tôrre, e o diácono Servando para a parte baixa. A parte baixa comunicava-se fàcilmente com a parte alta por meio duma escada. Diante da tôrre, havia um alojamento maior para os discípulos dos dois abades.

"O homem de Deus, Bento, enquanto os irmãos ainda dormiam, estava de pé para as vigílias, ultrapassada a hora da oração noturna, debruçado à janela, a rogar a Deus Todo-poderoso. De repente, olhando para o mais alto da noite, viu uma luz nascer, descer e espalhar tôdas as trevas noturnas. Brilhava com tal esplendor que superava o dia, tendo surgido nas trevas. Uma coisa maravilhosíssima ocorreu nesta visão: como êle mesmo contou, o universo inteiro, como que reunido num único raio de sol, foi-lhe dado ver.

"O venerável Padre, tendo os olhos fixos no maior esplendor daquela luminosidade esplendíssima, viu a alma de Germano, bispo de Cápua, numa esfera de fogo, ser levada pelos anjos ao céu. Então, por tal milagre, quis juntar uma testemunha, Servando, o diácono: por duas ou três vêzes, chamou-o pelo nome, muito alto. Admirado pelo grito extraordinário dum tal homem, subiu, olhou, e viu ainda um pouco da luminosidade. Como ficara estuporado com o milagre, o homem de Deus contou-lhe pormenorizadamente o que se passara.

"Imediatamente, ao Cassino, Bento enviou o digno Teoprobo, para que, de lá expedissem alguém, naquela noite mesma, para Cápua, em busca de notícias do bispo Germano, e logo retornasse. Assim foi feito: o enviado foi e encontrou o reverendíssimo Germano já morto, e, depois de investigar minuciosamente, soube que o desenlace ocorrera justamente na hora em que o homem de Deus o vira ascender".

São Germano faleceu em 540.

* * *

BEM-AVENTURADO ÂNGELO D'ACRI (*)

Capuchinho

Ângelo, aquêle que devia ser, no decorrer do século XVIII, o infatigável apóstolo do sul da Itália, santo homem de Deus, nasceu no dia 19 de outubro de 1669, em Acri, na Calábria, no reino de Nápoles. Filho duma família de pobres, mas honestos operários, entrou para a ordem dos capuchinhos, e durante quase quarenta anos trabalhou nas missões. O zêlo incomum trazia-o sempre atento. Os sermões que pregava atraíam multidões e nunca deixavam de operar uma impressionante conversão.

Recebeu uma graça particular para conduzir os infiéis à fé, e previu os males que a infortunada filosofia do século que o conheceu faria à religião. Por causa disto, costumava derramar lágrimas abundantes. Quando pregava, fazia-o de modo simples, peça tôda ela própria para o homem do povo, direta, incisiva.

Conta-se que a primeira vez que pregou, era a sua primeira quaresma, foi um desastre. Preparara-se longamente, estudara, planejara — e foi um fracasso. Triste, afligido, sòzinho na cela, rogou a Nosso Senhor que lhe viesse em socorro. Que desejava o

doce Jesus daquele servo? Ouviu, então, estas palavras:

— Nada temas, eu te concederei o dom da predicação. Teus trabalhos jamais serão inúteis.

Assustado, ousou perguntar, todo trêmulo:

— Quem és tu, que me falas?

A cela tôda, sacudindo-se, como se fôra ruir fragorosamente, encheu-se da voz que lhe falara. Disse:

— Eu sou Aquêle que sou. Para o futuro tu pregarás num estilo simples e despojado, a fim de que todos possam compreender as tuas palavras.

Dito isto, só o silêncio, um silêncio pesado, restou. E Ângelo, entontecido, desfaleceu. Quando tornou a si, compreendia perfeitamente o que Deus desejava que fizesse. Queimou, então, todos os sermões que, trabalhosamente, tinha preparado, e, desde aquêle dia, jamais consultou outras fontes que não a Bíblia, e nunca deixou o crucifixo.

Ângelo foi guardião do convento de Acri. Mais tarde, foi feito provincial. Em 1729, quando contava sessenta anos de idade, ia, com um companheiro, o Irmão André, a Castrovillari. Chovera muito, e as águas do Esaro haviam subido desmesuradamente. Todavia, era necessário atravessar a corrente, coisa que, na sêca, era feita normalmente, pelo vau.

André, temeroso, olhava as águas, rápidas, que corriam, marulhando, e não tinha ânimo de se aventurar.

— Não tenhas mêdo! disse-lhe Ângelo, sorrindo. Para diante! Tem confiança em Deus!

Assim encorajado, o outro ensaiou uns passos, meio titubeante, depois, mais confiante, avançou em busca da outra margem, certo de que o bom amigo,

sorridente, estava atrás, acompanhando-lhe os movimentos.

Qual não foi a surprêsa do Irmão André quando, a meio caminho, percebeu que o grande pregador, já em terra firme, à sua frente, exortava-o a continuar sem receio, gritando-lhe:

— Coragem, coragem! Tu aqui estarás num instante!

André ganhou a margem que buscara a custo. E sem jamais compreender como Ângelo, que vinha atrás, pudera chegar bem antes, pasmava.

Tal prodígio, como asseguram, não foi o único na vida do bem-aventurado Ângelo D'Acri, que, muitas vêzes, em curto tempo, venceu, incrìvelmente, longas distâncias, para confessar um moribundo, confortar um doente ou chegar pontualmente para pregar em longínquas vilazinhas e aldeias sem nome.

Vida tôda ela feita de grandes, frutuosos trabalhos apostólicos, tôda ela cheia de milagres, o maior dêles lhe dizia respeito muito diretamente: cego numa etapa da existência, recuperava a vista para celebrar a missa ou recitar o ofício.

Aos 30 de outubro de 1739, com setenta anos, entregou a alma, belíssima alma, nas mãos do Criador, a murmurar, contritamente, os nomes sem par de Jesus e de Maria.

Leão XII, a 28 de dezembro de 1825, beatificou-o.

No mesmo dia, na Sardenha, a morte de São Ponciano, papa e mártir: relegado nesta ilha com o padre Hipólito, pelo imperador Alexandre, foi ma-

lhado a bastão, assim consumindo o martírio. O corpo foi transportado a Roma pelo bem-aventurado papa Fabiano e inumado no cemitério de Calisto. A festa é celebrada a 19 de novembro.

Em Egéia, na Cilícia, os santos mártires Zenóbio, bispo, e Zenóbia, sua irmã, sob o imperador Diocleciano e o prefeito Lísias.

Em Altino, na fronteira de Venécia, São Teonesto, bispo e mártir, que foi morto pelos arianos.

Na África, a morte de duzentos e vinte mártires.

Em Alexandria, treze santos mártires, que sofreram sob o imperador Décio, com os santos Juliano, Euno e Macário (século III).

Em Cágliari, na Sardenha, São Saturnino, mártir, decapitado durante a perseguição de Diocleciano, sob o presidente Bárbaro.

Na Frígia, São Máximo, mártir, sob o mesmo Diocleciano.

Em Leão, na Espanha, os santos mártires Cláudio, Lupércio e Vitório, filhos de São Marcelo, o Centurião: durante a perseguição de Diocleciano e de Maximiano, sob o prefeito Diogeniano, tiveram a cabeça cortada. Em Leão, no tempo dos visigodos, havia um mosteiro em honra dos três filhos do valorosíssimo São Marcelo. Foi destruído em 1850. Segundo Lucas de Tuy, cronista do século XIII, a espôsa do centurião, martirizado em Tanger em 298, chamava-se Nona.

Em Paris, São Lucano, mártir.

Em Alexandria, Santa Eutrópia, mártir: visitando os prisioneiros cristãos, foi prêsa e atormen-

tada com êles tão cruelmente que morreu (I.º século).

Em Antioquia, São Serapião, bispo, conhecidíssimo pela erudição, o qual faleceu em 211 ou 212.

Em Potenza, na Lucânia, São Geraldo, bispo, falecido em 1122. Pelas virtudes, foi elevado ao episcopado. Tendo mudado água em vinho, e, depois de morto, curado, à beira do túmulo, vários doentes e libertado muitos prisioneiros, o papa Calisto II, informado dos sucessos, teria canonizado, "de viva voz", o santo bispo.

Em Toul, Santo Alchas, bispo (século V).

Em Autun, São Pigmênio, bispo.

Em Issoudun, na diocese de Bourges, os santos Talássio e Baio, mártires.

Em Tours, o bem-aventurado Herbern, monge e bispo. Monge, abade de Marmoutier, depois bispo de Tours, em 890, faleceu entre 912 e 916. Sofreu sob os normandos.

Em São Mihiel, o bem-aventurado Nantero, abade, falecido depois de 1051, muitíssimo estimado pelo duque da Lorena.

Bem-aventurado Bernardo de la Tour, cartuxo.

Bem-aventurado Liberato de Lauro, franciscano de Brunforte.

Em Cividale de Friul, a bem-aventurada Benvinda Bojani, terciária dominicana. Conta-se que nossa bem-aventurada fôra precedida por seis irmãs. O pai, pois, ansiava por um menino. Quando lhe anunciaram uma sétima filha, esquecido de tudo, gritou: "É benvinda!" Nascida aos 4 de maio de 1255, faleceu em 1292, com trinta e oito anos.

Em Marienweder, na Prússia, a bem-aventurada Dorotéia, viúva e reclusa, nascida em Montau em 1347 e falecida em 1394.

Em Winchester, na Inglaterra, o bem-aventurado João Slade, mártir. Nascido no condado de Dorset, foi supliciado (enforcado, depois despedaçado) em Winchester, em 1583.

* * *

31.º DIA DE OUTUBRO

A BEATA BENVINDA BOJANO

Virgem da Ordem Terceira de São Domingos.

Benvinda nasceu no Friul, nos meados do século décimo-terceiro. Sua família era das mais ilustres do país. Era muito criança ainda e já não sentia a menor atração pelos jogos e outros brinquedos próprios da infância; seu maior prazer era isolar-se num canto do jardim paterno, de onde avistava uma igreja construída no cume de uma alta montanha, e dedicada à Santa Virgem. Lá, oculta a todos os olhares, passava horas inteiras rezando e fazendo prostrações e genuflexões, de acôrdo com ritual piedoso daquele tempo. Ao chegar a uma idade mais adiantada, como só aspirasse à mortificação, cobriu o corpo com um cilício e rodeou a cintura com uma corda, que acabou por penetrar-lhe na carne, sendo impossível arrancá-la sem o auxílio de um cirurgião. Receando ser descoberta, Benvinda rezou com fervor, pedindo socorro aos céus, e obteve que a corda caisse a seus pés sem que lhe fôsse necessário recorrer à ajuda de pessoa alguma.

Essa fiel serva de Deus mais tarde abraçou a regra da Ordem Terceira de São Domingos, e pro-

curou imitar o gênero de vida adotado pelo santo Patriarca, de que se tornara filha. Suprimiu o vinho e a carne, habituou-se a passar freqüentemente noites inteiras em oração, sobretudo nas vésperas dos grandes dias santos. Dormia no chão e uma pedra lhe servia de travesseiro. Três vêzes por noite, disciplinava-se duramente; mas foi obrigada a renunciar em parte a essa prática de mortificação em obediência ao seu confessor. Tão austero tipo de vida não tardou em exaurir as fôrças de Benvinda e fê-la cair doente. Sobrevieram-lhe úlceras tão dolorosas, que ninguém podia movê-la, mesmo ligeiramente, sem causar-lhe cruéis sofrimentos. Depois de ter passado cinco anos nesse estado, fêz voto de ir a Bolonha visitar as relíquias de São Domingos e pedir a recuperação da sua saúde. Levaram-na até àquela cidade; mal chegou ao túmulo do santo sentiu-se sùbitamente curada.

De regresso ao seu país, Benvinda retornou à sua antiga maneira de viver, que as doenças tinham interrompido. Desejava, com os santos rigores a que submetia seu corpo, subordinar inteiramente a carne ao espírito. Consumida pelos jejuns, pelas vigílias e por um longo esgotamento, essa santa criatura, que só suspirava pelo céu, e que desejava ardentemente reunir-se a Jesus Cristo, viu-se às portas da morte numa idade ainda pouco avançada. Recebeu com terna devoção os últimos sacramentos e entregou o espírito ao Criador com os sentimentos de alegria naturais a uma alma inteiramente desprendida das coisas terrenas. Sua morte ocorreu no dia 19 de outubro de 1272. A alta idéia que os fiéis tinham de sua santidade fêz com que a considerasse como uma

nova protetora que por êles velasse no céu. Seu corpo foi transportado para a Igreja dos Dominicanos e, segundo dizem, operou vários milagres. O culto prestado à bem-aventurada Benvinda foi aprovado pelo Papa Clemente XII, no dia 6 de fevereiro de 1765. (1)

* * *

(1) **Godescard,** 29 oct.

SANTO AFONSO RODRÍGUEZ

Jesuíta, Porteiro de Colégio

Afonso Rodríguez exerceu a princípio a profissão de mercador de tecidos na cidade de Segóvia, onde nasceu no dia 25 de julho de 1531. Deus, porém, que o chamava a uma vida mais perfeita, permitiu-lhe padecer uma série de provações, destinadas a desapegá-lo completamente do mundo. Sofreu alguns prejuízos consideráveis no negócio, depois que a morte lhe levou a espôsa e uma filha, às quais amava ternamente. Contudo, restava-lhe um filho, poderoso consôlo para tão aflito coração; mas êste morreu pouco tempo depois de sua mãe e de sua irmã. Afonso, adorando a mão de Deus que o feria, desde então se dedicou totalmente às obras de mortificação cristã, e entregou-se à prática de grandes austeridades. Assim passou três anos, consultando Deus e suplicando-lhe que lhe desse a conhecer a sua vontade. Foi então que se decidiu pela Companhia de Jesus, na qual entrou no ano de 1509, e pronunciou os votos finais em 5 de abril de 1585. Seus superiores confiaram-lhe o cargo de porteiro do colégio de Maiorca, humilde função que o santo religioso desempenhou até o fim de sua vida, durante numerosos anos. Foi nesse pôsto, aparentemente tão insignificante, que se elevou à mais alta

santidade, conservando a idéia de Deus contìnuamente presente no seu espírito, vivendo em permanente mortificação, obedecendo com humildade perfeita aos seus superiores, e dando provas de uma ilimitada caridade, de uma complacência e uma mansuetude inalteráveis, fôsse em relação a seus irmãos, fôsse em relação aos alunos e aos estrangeiros que freqüentavam o colégio. Várias vêzes, viram-no arrebatado em êxtase enquanto orava, mas os dons de Deus não lhe enchiam de vaidade o coração. Afonso Rodríguez considerava-se o maior dos pecadores e os favores que recebia do Senhor só serviam para incutir nêle sentimentos da mais profunda humildade.

Êsse santo religioso morreu no dia 31 de outubro de 1617, com a idade de oitenta e seis anos, e foi considerado objeto de uma veneração tôda especial, tanto por parte do povo do lugar, como por parte de seus irmãos. No ano de 1627, o Papa Urbano VIII começou a informar-se sôbre as suas virtudes. Foi beatificado por Leão XII, em 20 de setembro de 1828, e canonizado por Pio IX.

* * *

SÃO VOLFANGO

Bispo de Ratisbona

São Volfango nasceu na Suábia, de pais modestos. Depois de ter brilhantemente iniciado seus estudos no Mosteiro de Reichenau, transferiu-se para Wurtzburg em companhia de Henrique, irmão de Pappon, bispo da cidade, e que mandara vir da Itália um professor muito competente chamado Estêvão. Pouco tempo depois, isto é, em 956, o rei Oton I entregou ao arcebispado de Tréveris a Henrique, de quem era parente, e o novo prelado levou consigo o seu amigo. Pretendia cumulá-lo de bens e honrarias e outorgar-lhe a maior autoridade na diocese, abaixo da sua; mas Volfango não aceitou outro pôsto a não ser o magistério; e exercia-o gratuitamente, recusando até mesmo as retribuições oferecidas, e mantendo à sua custa os alunos pobres. Não se preocupava menos com os costumes de seus discípulos do que com a sua instrução; e abstinha-se de carne, jejuava, fazia vigílias e rezava muito, e nunca usava roupas luxuosas. Recusou as abadias, cuja direção o Arcebispo Henrique quis confiar-lhe, e apenas aceitou o cargo de decano em alguns cano-

nicatos, cargo êsse que restringiu ao estudo e à vida comum.

Tendo o Arcebispo Henrique falecido em 964, Volfango resolveu retirar-se para o seu país, a fim de abandonar completamente o mundo, aspiração que alimentava havia muito tempo. Mas São Brunon, irmão do Imperador, e Arcebispo de Colônia, mandou-o chamar e ofereceu-lhe vantagens de tôda espécie, até mesmo o episcopado. Volfango a tudo recusou persistentemente; contudo, permaneceu algum tempo ao lado do príncipe; êste declarou muitas vêzes que jamais vira virtude igual à do santo religioso. Finalmente Brunon permitiu-lhe obedecer à sua inclinação; Volfango regressou à Suábia, onde foi festivamente recebido por seus parentes, que o consideravam a glória da família e lhe proporcionaram tôdas as comodidades temporais; deixou-os, porém, para recolher-se ao Mosteiro de Einsidlen, no fundo de uma floresta sombria, e abraçou a vida monástica sob a direção do abade Gregório, inglês de nascimento, que tudo abandonara para servir a Deus.

A reputação de Volfango não tardou a atrair-lhe discípulos, que vinham dos mosteiros vizinhos ouvir seus ensinamentos; e, quando Santo Udalrico veio, como de costume visitar os monges de Einsidlen, de tal maneira apreciou as qualidades de Volfango que se afeiçoou especialmente a êle, e algum tempo depois, malgrado a sua resistência, o ordenou sacerdote. Um dia, estando Volfango em oração, Santo Otmar, ao qual se recomendava com freqüência, apareceu-lhe e disse-lhe: "Saireis pobre desta pro-

víncia, e noutra, para a qual sereis exilado pela causa de Deus, vos caberá um opulento arcebispado. Se cumprirdes vosso dever, transcorridos vinte e dois anos entrareis na vida eterna, e deixareis esta vida num lugar onde a minha memória é venerada."

Encorajado por essa visão e impelido pelo zêlo em prol da conversão dos infiéis, Volfango deixou o mosteiro com a permissão do abade, e foi para a Panônia doutrinar os húngaros. Mas Pilgrim, ou Peregrino, Bispo de Passou, vendo que o religioso não obtinha frutos naquela missão, dela o desligou, e reteve-o alguns dias ao seu lado. Durante êsse espaço de tempo teve ensejo de inteirar-se dos méritos de Volfango: dizia aos seus confidentes: "Oh! quão feliz será a igreja a que couber tal bispo! Quero conseguir para êle o arcebispado de Ratisbona." Responderam-lhe: "Como poderá um homem pobre e desconhecido obter essa dignidade de preferência a tantas pessoas ilustres e apreciadas pelo Imperador?" Observou o Bispo: "Os juízos de Deus são muito diferentes dos juízos dos homens. Falarei com o margrave, em quem o Imperador deposita grande confiança, e pedir-lhe-ei que, sem ligar a intrigas, tendo em vista apenas a recompensa eterna, proceda de maneira a ser aquêle cargo preenchido por um homem digno, seja qual fôr a sua condição. O Imperador Oton II ouviu os conselhos do margrave e deu ordens para que elegessem Volfango bispo de Ratisbona, e em seguida para levá-lo, por bem ou por mal, a Francfort, onde deveria passar as festas do Natal.

Os emissários do Imperador ainda encontraram Volfango junto ao Bispo de Passou; mas êle só

cuidava de partir e retornar à sua terra natal. Inteirado das ordens do Imperador, compreendeu que tudo aquilo era obra do Bispo. Foi com os emissários a Ratisbona, onde o clero e o povo, num acôrdo unânime, o elegeram canônicamente e o enviaram à côrte com uma delegação. Tendo chegado à presença do Imperador, Volfango prosternou-se a seus pés, protestando sua indignidade; o príncipe, porém, malgrado a resistência do religioso, investiu-o no arcebispado, entregando-lhe o cajado pastoral. Volfango retornou a Ratisbona, onde foi entronizado pelo clero e pelo povo, e sagrado pelo Metropolitano Frederico, arcebispo de Saltzburgo, acompanhado por seus sufragantes. Isso aconteceu em 972, ano que precedeu a morte de Santo Udalrico. São Volfango conservou no episcopado o hábito e o gênero de vida monásticos.

Restabeleceu na sua diocese a observância regular dos cônegos, dos monges e das religiosas. Observando, até mesmo em Ratisbona, o relaxamento dos monges de Santo Emeran, dizia muitas vêzes: "Se tivéssemos monges, nada mais nos faltaria." E como lhe replicassem que havia monges, até mesmo em demasia, respondeu entre lágrimas: "Para que serve a santidade do hábito sem as obras? Os monges de bons costumes assemelham-se aos anjos bons, os relaxados aos maus." Os desregramentos derivavam do fato de, havia muito tempo, serem também os bispos de Ratisbona abades de Santo Emeran: apropriavam-se das rendas do mosteiro e os monges eram obrigados a prover à sua própria subsistência. Para remediar a essa situação, São Volfango mandou vir de São Maximino de Tréveris um santo monge cha-

mado Ransold, que, tal como êle, fôra capelão do Arcebispo, e designou-o para abade de Santo Emeran.

Alguns membros do conselho do bispado não acharam justo que êle subtraísse aos sucessores uma renda usufruída pelos predecessores. Respondeu-lhes, porém: "Não quero sobrecarregar-me além das minhas fôrças; basta-me desempenhar as funções de bispo, e prefiro não exercer também as de abade: longe de dissipar os bens de Santo Emeran, quero restituí-los aos fins a que se destinam." E o abade Ramsold restabeleceu a observância naquele mosteiro, podendo dispor não apenas dos recursos com que prover fartamente à subsistência dos monges, como também atender à hospitalidade e às esmolas. São Volfango igualmente restabeleceu a exata observância das regras entre as religiosas e as cônegas.

Muitas vêzes pregava ao povo, que o ouvia com grande interêsse. Sua palavra era singela e clara, mas enérgica e convincente; penetrava no fundo dos corações e fazia correr rios de lágrimas. Quando visitava a diocese, advertia cuidadosamente os curas sôbre os deveres do seu estado, recomendando-lhes, entre outras coisas, preservar a pureza, sem imaginarem, como alguns faziam, que a santa comunhão os purificasse de seus pecados, caso não fôsse precedida pela penitência. Tendo sabido que, na falta de vinho, alguns curas celebravam a missa com água pura ou outra bebida qualquer, repreendeu-os severamente e, para que a irregularidade não pudesse ser justificada, forneceu-lhes vinho da sua própria dispensa para que o usassem no Santo Sacrifício.

Desejando o Imperador Oton consolidar o catolicismo na Boêmia, resolveu estabelecer um bispado

numa região da mesma província então subordinada à diocese de Ratisbona; e, nessa intenção, enviou emissários a São Volfango, pedindo-lhe que aceitasse terras na Boêmia para compensar a redução da sua diocese. São Volfango reuniu o conselho, que se opunha ao pedido do Imperador; mas foi diferente o parecer do santo homem e fêz questão de não perder tão preciosa oportunidade para fortalecer a igreja nascente. Não sòmente consentiu na troca, mas êle próprio redigiu as cartas. Não mencionam qual era o bispado em questão: é certo, porém, que não se tratava do de Praga, constituído em 969, quatro anos depois de ter sido São Volfango eleito bispo.

Enfim, estando a caminho da Baviera oriental, foi acometido pela febre; e, ao chegar a um lugar obrigado a interromper a viagem, e pediu que o levassem à capela de Santo Otmar. Sentindo-se um pouco melhor, confessou-se, depois recebeu o viático, e permaneceu estendido no chão. Os oficiais da igreja e os da câmara queriam mandar embora todos os presentes, exceto a família; mas Volfango lhes disse: "Abri as portas e deixai entrar todos os que quiserem; diante da morte só devemos envergonhar-nos de nossas más ações. Jesus Cristo, que nada devia à morte, não se envergonhou de morrer despido na cruz. Que cada um veja na minha morte aquilo que deve temer e evitar na sua. Que Deus se compadeça de mim, miserável pecador, que vou enfrentar a morte, e de todos os que a considerarem com temor e humildade!" Depois de assim falar, fechou os olhos e morreu em paz no último dia de outubro, no ano de 994. Foi transportado para Ratisbona e se-

pultado em Santo-Emeran por Santo Hartvico, Arcebispo de Saltzburgo; operaram-se no seu túmulo tantos milagres quantos êle operara em vida. A Igreja honra sua memória no dia da sua morte. Sua vida foi narrada por um escritor com quem convivera ìntimamente. (1)

* * *

(1) **Act. Bened., sect. V.**

SÃO FOILLAN (*)

Abade

São Foillan, abade de Fosses, era irmão de São Fursy e de Santo Ultano. Irlandês, depois de ter pregado na terra natal, Fursy buscou a Inglaterra, onde fundou uma abadia. De lá, passou para a Gália, tendo deixado com Foillan os monges que formara.

Mais tarde, depois que o rei pagão de Mércia, Penda, invadiu a abadia e a pilhou, Foillan, levando com os monges aquilo que podia, fugiu durante a noite. Após grandes canseiras e penosas caminhadas, abrigou-se na abadia de Fosses.

São Foillan morreu numa cabana perdida no mais espêsso duma floresta, cabana de malfeitores, os quais o acolheram, durante uma viagem, mais a três monges. Todos foram trucidados covardemente. O santo abade, quando viu que se achegavam da cama em que descansava, para o matar, exclamou, porque havia percebido a falsa hospitalidade:

— *Deo gratias!*

Como os bandidos foram vender bem longe dali o produto do crime que haviam cometido, sòmente depois de setenta e sete dias foi que se deu a descoberta dos corpos, a 16 de janeiro, justamente o dia

que assinalava o aniversário da morte do irmão Fursy, falecido alguns anos atrás, entre 641 e 652.

O santo abade de Fosses morreu em 655. Como foi assassinado friamente, há os que lhe dão o título de mártir. Vem dos mais recuados tempos essa denominação de mártir a todos aquêles que sofreram morte violenta, daí o título que alguns acrescentam ao de abade.

* * *

BEM-AVENTURADO TOMÁS DE FLORENÇA (*)

Franciscano

Tomás de Bellacio era natural de Lunari, perto de Florença. Moço, embora educado cristãmente pela mãe, mulher de grande piedade, deixou-se levar pelo caminho do pecado. Teve, assim, agitada adolescência.

Um dia, debaixo de feia acusação, falsa acusação, porém, vinda dum rico homem, turbado pela ingratidão daquele que favorecera em perversas ações, caiu em si, e enveredou pelo bom caminho.

Tendo solicitado a admissão entre os Irmãos Menores da Observância, em 1388 iniciava-se na nova vida na pequenina ermida de Fiesole, perto de Florença.

Trazendo sempre diante dos olhos a vida passada, malbaratada, praticou Tomás de Bellacio as mais austeras penitências. Havia de enterrar a juventude pecaminosa, e, pois, mais e mais se mortificava. Vestindo-se paupèrrimamente, desprezando-se sempre e sempre, purificando constantemente a consciência, adornou-se com as mais belas, admiráveis virtudes. Destarte, querido de Deus, alcandorou-se em sublimes contemplações.

Tomás apreciava grandemente a solidão, principalmente quando nas matas próximas. Constantemente, desaparecida por três ou quatro dias, e, por vêzes, foi visto no mais alto galho da mais elevada árvore — para estar mais próximo do céu. Ali, constataram-no vários irmãos, jazia aureolado de estranha, suave luminosidade.

Mestre de noviços, levou com sabedoria o encargo. Falecido em 1447, em Rieti, teve o culto aprovado pelo papa Clemente XIV.

No mesmo dia, Santo Erc, bispo.

Na Inglaterra, Santa Begu, monja (século VII).

Em Colônia, Santa Notburga, virgem.

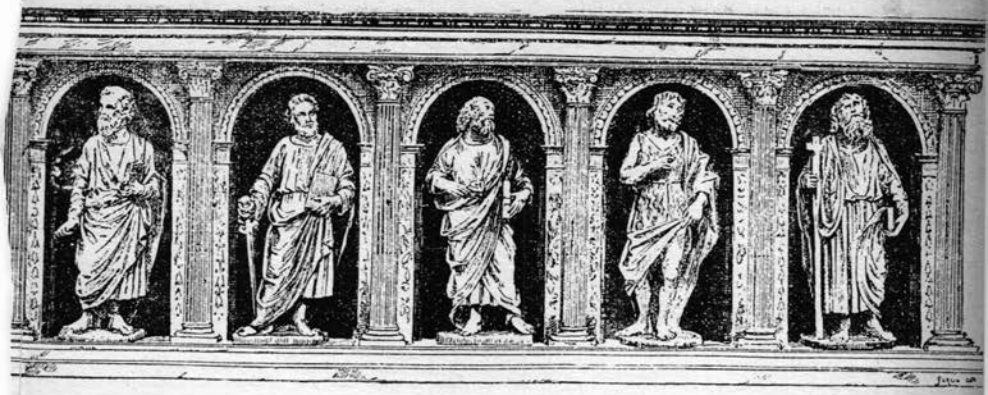
Demais, Santo Arnaldo, mártir, em 906, ao que se supõe.

Em Cahors, o bem-aventurado Cristóvão, franciscano, que se juntou aos primeiros companheiros de São Francisco. Em 1226, à morte do *Pobrezinho de Assis*, Cristóvão achava-se no convento de Martel, perdido em êxtase, quando viu o Santo, que lhe disse: "Meu filho, percorre tua província, e vai dizer aos meus irmãos que já cessei de combater o combate da vida, e que já deixei êste mundo pela pátria celeste". Depois de ter passado tôda a vida a propagar na França a ordem dos Menores, já centenário, faleceu em Cahors aos 31 de outubro de 1272. Enviado à França, pelo próprio Francisco, em 1216, ali também deixou de combater o combate da vida. No capítulo provincial de Arles, conheceu Santo Antônio de Pádua. Pio X aprovou-lhe o culto.

Vigília da festa de todos os santos. — Em Roma, festa de São Nemésio, diácono, e de sua filha, Santa Lucila, virgem, que perseverou na fé de Jesus Cristo, sem que conseguissem abalá-la; foram ambos decapitados por ordem do Imperador Valeriano, no dia 25 de agôsto. Os corpos, que o Papa Santo Estêvão mandara sepultar, e aos quais São Xisto dera no mesmo dia honrosa sepultura na Via Apiana, foram depois trasladados por Gregório V para a Igreja de Santa Maria, a Nova, juntamente com os santos Sinfrório, Olímpio, tribuno, Exupéria, sua mulher, e o filho de ambos, Teódulo que, tendo-se convertido pelo zêlo de Sinfrônio, e recebido o batismo das mãos de Santo Estêvão, obtiveram a coroa do martírio. No decorrer dos séculos, tendo Gregório XII encontrado nesse lugar as relíquias dos santos, mandou colocá-las honrosamente, no dia 8 de dezembro, sob o altar da mesma igreja. — Os santos Ampliato, Urbano e Narciso, de que fala São Paulo na sua Epístola aos Romanos e que foram trucidados pelos judeus e pelos gentios por ódio ao Evangelho de Jesus Cristo. — Na capital do Vermandois, São Quintino, cidadão romano, da categoria dos senadores, que sofreu o martírio sob o Imperador Maximiano. Cinqüenta e cinco anos depois, pela revelação de um anjo, seu corpo foi encontrado incorrupto. — Em Constantinopla, Santo Estaques, que foi ordenado primeiro bispo dessa cidade por Santo André, apóstolo. — Em Milão, Santo Antonino, bispo e confessor.

* * *

Novembro



1.º DIA DE NOVEMBRO

TODOS OS SANTOS E FINADOS

Que bela festa! É como se Todos os Santos e Finados fôra uma só festa. Dum lado, a Igreja militante, sôbre a terra, roga à Igreja triunfante do céu, e doutro lado, roga pela Igreja sofredora e paciente do purgatório. E as três Igrejas são uma única Igreja.

A caridade, mais forte do que a morte, uniu-as do céu à terra, e da terra ao purgatório. E é pelo mesmo sacrifício que nós agradecemos a Deus a glória com a qual cumula os santos do céu, e imploramos a misericórdia para os santos do purgatório, santos ainda não perfeitos.

Tal sacrifício é Jesus mesmo, que santifica uns e outros, de quem esperamos a graça de nos santificar a nós mesmos. Assim, todos se reúnem em vós, ó Jesus! Somos felizes!

Eu vos saúdo, ó bem-aventurados amigos de meu Deus, santos de todos os séculos e de todos os lugares do mundo! Regozijamo-nos, e muito, de tão inumerável multidão de santos. Regozijamo-nos da benevolência de Deus, que vos tem no purgatório, misericordioso, e na glória, os que tem no céu: unimo-nos a vós para louvá-lo e bendizê-lo por todo o sempre. Uni-vos vós a nós também: assim podereis obter-nos da misericórdia de Deus a graça de vos imitar. Sabeis, pela experiência, o que somos nós, os homens: fracos, miseráveis, levados ao mal, cercados de perigos por todos os lados. E qual é nosso maior perigo? Ah, nosso maior perigo somos nós mesmos! Rezai, pois, pedi por nós, bons e santos irmãos, a fim de que, logo, sejamos como sois; a fim de que, como vós sejamos doces e humildes de coração; a fim de que, como vós, nos conheçamos a nós mesmos; rezai, pedi para que saibamos carregar nossa cruz; para que sigamos o divino Mestre, até que, afinal, todos a vós nos reunamos, para amá-lo e bendizê-lo de todo o coração e para todo o sempre.

Considerai, ó almas, a grande, imensa procissão de santos que avança através dos séculos, da terra ao céu, que iremos engrossar, se Deus quiser.

O primeiro, aquêle que rompe à frente, é o primeiro homem que foi morto sôbre a terra — Abel. Abel, que Nosso Senhor mesmo canonizou, dando-lhe o nome de justo, no Evangelho. Foi Abel, a um só tempo, pastor, sacerdote e mártir.

Pastor de ovelhas, oferece-as, como sacerdote, em sacrifício a Deus. Êle, que imolava, foi imolado como mártir, por Caim, seu irmão. Embora morto, fala ainda pelo sangue. Símbolo de Jesus Cristo, é como o porta-cruz da grande procissão. E, do mesmo

modo como se faz na procissão de domingo de Ramos, entrará na Igreja do céu, quando Jesus Cristo, o sacerdote por excelência, abrir de par em par as portas pela cruz, a sua cruz, e, pelo sangue, o seu sangue. Símbolo de Jesus Cristo, pelo sacrifício e pela morte, êle o é ainda pelo caráter de ressurreição. Porque Eva nos ensina que Deus lhe deu Seth para ser substituto, o vigário de Abel, como sacerdote e pontífice da primeira sociedade.

Depois de Abel, o primeiro justo, vem-lhe no encalço pai e mãe, nossos primeiros pais. Porque, logo que compreenderam a voz de Deus, Adão e Eva deixaram de ter duro o coração. Esperança, desde então, dos Filhos da mulher, que devia esmagar a cabeça da serpente, fizeram penitência das faltas e obtiveram o perdão. O Espírito Santo diz-nos, êle mesmo, na Escritura, que a Sabedoria, que é Jesus Cristo, que atende duma extremidade à outra com poder e a tudo com doçura dispõe, tira do pecado aquêle que foi criado pelo pai do mundo e lhe dá a virtude de dominar tôdas as coisas.

Tais palavras, tiradas do livro da Sabedoria, são uma como canonização. Ainda hoje, as tradições orientais falam da longa penitência do primeiro homem.

Na ilha de Ceilão há uma alta montanha com o nome de Pico de Adão, onde se pretende que o primeiro homem chorou amargamente a falta através dos séculos. Uma tradição particular dos judeus quer que o velho Adão esteja sepultado em Jerusalém, no lugar mesmo onde o novo Adão reparou o mal das gentes. Afinal, no segundo século da era cristã, um espírito excessivo sustentou que Adão foi condenado, por tôda a Igreja pelo êrro que cometera.

A santa Escritura mesma, canonizou um dos nossos primeiros ancestrais que vivia ainda: Henoc, pai de Matusalém. O livro do Gênesis diz-nos: "Henoc caminhou com Deus".

O apóstolo São Judas dizia dos ímpios que blasfemavam contra o Evangelho: "Henoc, o sétimo depois de Adão, dêle profetizou, quando disse: Eis que vem o Senhor com os santos para exercer o julgamento de todos os homens, e tomar dentre êles todos os ímpios, ímpios de tôdas as impiedades e de tôdas as palavras duras que tais ímpios pecadores contra Êle proferiram".

São Paulo, o Doutor dos Gentios, disse, na Epístola aos hebreus: "Pelo mérito da fé, Henoc foi elevado, para que não visse a morte; não mais foi visto, porque Deus o transportou alhures". Presume-se que para o paraíso, para um lugar de delícias, cheio dos frutos da árvore da vida, dos quais se alimenta.

Crê-se, geralmente, que no fim dos séculos, no fim do mundo cristão, Henoc virá como representante do mundo primitivo, com Elias, representante do mundo judaico, prestando testemunho do Cristo contra o inimigo capital.

Outro santo, do qual todos descendemos, aparece na procissão, na grande procissão: Noé, profeta e pregador do mundo antigo, pai e pontífice do mundo novo, que nos salvou do dilúvio por meio da arca, símbolo da Igreja católica. Foi canonizado. Vêmo-lo no Gênesis, no livro da Sabedoria, no Eclesiástico, em São Pedro nas duas epístolas e em São Paulo na epístola aos hebreus.

São Pedro chama-o, na segunda epístola, o *oitavo pregador da justiça*, o que dá a entender que

os outros oito ancestrais nossos, antes do dilúvio, pregaram também a justiça e a penitência.

Ao sair da arca, o segundo pai do gênero humano, como sacerdote e pontífice, a Deus ofereceu um sacrifício — e Deus teve-o por agradável, dando a palavra de não mais amaldiçoar a terra e os homens, que deviam multiplicar-se.

Deus abençoou Noé e os três filhos: abençoou-os, e, nêles, todo o gênero humano, e, nêles, nós mesmos. Não só nos abençoou, quando os ancestrais abençoou, senão que fêz conosco uma aliança, como com quem quer que eleve pela graça até Êle. E. pelo penhor da aliança e da bênção, dá-nos o arco-íris com as doces nuanças.

Há coisa mais consoladora ainda. Os contemporâneos de Noé perderam a vida do corpo no dilúvio: não encontraram, porém, a vida, a salvação da alma? São Pedro diz: "Com efeito, é melhor sofrer se Deus assim quiser, fazendo bem, que fazendo mal, porque também Cristo morreu uma vez pelos nossos pecados, êle, justo, pelos injustos, para nos oferecer a Deus, sendo efetivamente morto segundo a carne, mas vivificado pelo Espírito. No qual êle também foi pregar aos espíritos que estavam no cárcere, espíritos que outrora foram incrédulos, quando nos dias de Noé a paciência de Deus estava esperando a sua conversão, enquanto se fabricava a arca".

Os mais doutos e os mais célebres intérpretes entendem, de comum acôrdo, que os contemporâneos de Noé não acreditavam nas predições do dilúvio, estribados na paciência de Deus: quando, então, viram a realização das predições, o mar transbordando numa fúria incontida e as chuvas caindo em torrentes, creram e arrependeram-se.

O dilúvio destruiu-lhes os corpos, mas salvou-lhes as almas. Estavam todos detidos nas prisões do purgatório, quando Jesus Cristo, morto na carne sôbre a cruz, apareceu, no espírito — ou na alma — pregando-lhes, anunciando-lhes a boa-nova: era-lhes o Salvador. Findavam-se-lhes as penas, e, então, com os santos patriarcas, acompanhá-lo-iam na entrada triunfante no céu.

Ah! Quem não louvará a grande, imensa bondade de Deus, todo Êle votado à salvação das almas, para isto se servindo das mais terríveis calamidades, que lhe vêm da justiça? Quem não votará a tão bom Pai a mais irrestrita confiança, vendo que os mesmos lhe haviam por tão longo tempo abusado da paciência, não se convertendo senão na última hora, não lhe imploraram em vão a misericórdia?

Atrás de Noé e dos santos do primeiro mundo, vemos, na grande procissão, Abraão, Isaac, Jacó, Melquisedec, Jó, José, e os demais patriarcas; Moisés, Aarão, Josué, Eleazar, Gedeão, Samuel, Davi, Isaías, Daniel, os outros profetas, os Macabeus e todos os anciãos justos dos quais fala São Paulo aos hebreus, "que, pela fé, conquistaram reinos, consumaram os deveres da justiça e da virtude, receberam o prometido das promessas, fecharam a fauce dos leões, detiveram a violência do fogo, evitaram o fio das espadas, curaram-se de doenças, encheram-se de coragem e de fôrça nos combates, pondo em fuga exércitos estrangeiros; mulheres houve, até, que recuperaram ressuscitados, os mortos; uns foram torturados, não querendo o resgate, para alcançarem melhor ressurreição; outros sofreram ludíbrios e açoites, e, além disso, cadeias e prisões; foram tentados, foram passados a fio de espada, andaram errantes,

cobertos de peles de ovelhas e de cabras, necessitados, angustiados, aflitos; êles, de quem o mundo não era digno, tiveram de andar errando pelos desertos, pelos montes, pelas covas e pelas cavernas da terra.

"E todos êsses, louvados por Deus, com o testemunho prestado à sua fé, não receberam imediatamente o objeto da promessa, tendo Deus disposto alguma coisa melhor para nós, a fim de que êles, sem nós, não obtivessem a perfeição da felicidade.

"Por isso nós também, cercados por tão grande nuvem de testemunhas, deixando todo o pêso que nos detém e o pecado que nos envolve, corramos com paciência na carreira que nos é proposta, pondo os olhos no autor e consumador da fé, Jesus, o qual, tendo-lhe sido proposto gôzo, sofreu na cruz, não fazendo caso da ignomínia, e está sentado à direita do trono de Deus.

"Em verdade não vos aproximastes do monte palpável e do fogo ardente, do turbilhão, da obscuridade, da tempestade, do som da trombeta e daquela voz tão retumbante, que os que ouviram suplicaram não se lhes falasse mais.

"Vós, porém, aproximastes-vos do monte de Sião e da cidade do Deus vivo, da Jerusalém celeste e da multidão de muitos milhares de anjos, da igreja dos primogênitos, que estão inscritos no céu, e de Deus, juiz de todos, e dos espíritos dos justos perfeitos, e de Jesus, mediador da nova aliança, e da aspersão daquele sangue que fala melhor que o de Abel".

Nestas palavras do Apóstolo vemos o conjunto da procissão, incluindo os anjos que vêm atrás. A primeira parte espera que Jesus lhes abra a porta do céu, e, além, num angélico cortejo, as criancinhas,

as criancinhas que por Êle morreram em Belém e nos arredores. Em seguida, lá está a santa Mãe. Ei-la, lindíssima, com os apóstolos, os mártires, as virgens, e a inumerável multidão de santos de todos os clãs, línguas, sexos, estados, de todos os séculos, de todos os países.

Não nos esqueçamos de saudar, na imensa procissão, os santos do país, de nosso tempo, de nossa família, porque não há família cristã que não tenha santos canonizados antecipadamente por Nosso Senhor. Não disse Êle aos apóstolos: "Deixai vir a mim as criancinhas, porque delas é o reino do céu? E então? Qual a família que não tem um pequenino morto, morto na graça do batismo? Lá estão todos no céu. Perguntaram os apóstolos a Nosso Senhor: "Mestre, quem será grande no reino dos céus?" Jesus, puxando para si uma criancinha, abraçou-a terna, comovidamente, e respondeu: "Em verdade, em verdade vos digo, que se não vos converterdes nem vos fizerdes como esta criança, não entrareis no reino dos céus. Aquêle que se humilhar e se fizer pequeno como uma criança, êsse será grande no reino celeste". Honremos, pois, êsses pequenos santos de nossas famílias, êsses grandes do eterno reino. Invoquemo-los mesmo, a fim de que nos obtenham a permissão de participar da grande, imensa, procissão. E que, saídos da terra, entremos no céu, na glória de Deus. Assim seja.

* * *

SÃO CESÁRIO E SÃO JULIÃO (*)

Mártires

A legenda de São Cesário foi, por muito tempo, uma das mais populares. Conta que havia, em Terracina, na Campanha, um sacerdote, chamado Firmino. Firmino persuadira os compatriotas inculcando-lhes que a única coisa capaz de salvar a República era atirar um cidadão, ricamente vestido, ao mar, todos os anos, a 1.º de janeiro.

Cesário, diácono, chegava, vindo da África, a Terracina. Um dia, encontrou um homem finamente trajado, jovem e belo, que o impressionou. Perguntou-lhe quem era. E o jovem respondeu que se chamava Luciano e se preparava para morrer. Morrer! Morrer por que?

Luciano contou-lhe o que se assentara. E Cesário, cada vez mais admirado, depois entristecido, porque o diabo levava inocentes à morte, deixou o pobre e se foi para a casa dum cristão, onde estava hospedado. Ali, entrou a rogar a Deus, para que esclarecesse os homens, de modo que pudessem fazer distinção entre o sensato e o insensato.

A 1.º de janeiro, todo o povo de Terracina reuniu-se no templo de Apolo, onde Luciano já se encontrava e em breve iria imolar um porco. No meio da multidão, calmo, mas trazendo no rosto um ar de

preccupação e de tristeza, Cesário aguardava os acontecimentos.

Quando chegou a hora suprema, em que Luciano montou a cavalo e se dirigiu a uma elevação sôbre o mar, o futuro santo e mártir rogou ao jovem que não se prestasse a uma tão grande puerilidade. Em vão. O moço, ricamente vestido, como se fôra surdo à voz da razão, atirou-se ao mar e pereceu. Cesário, então, gritou:

— Malfadada República e malfadados príncipes, que se comprazem com os sofrimentos e se banham de sangue!

Firmino ouviu o que todos ouviram. E, imediatamente, enviou dois homens para deter o *louco*.

Enquanto isto, o corpo do jovem Luciano era retirado das águas. Logo, depois de queimado, iriam as cinzas repousar no templo do ídolo.

Luxúrio, o primeiro cidadão de Terracina, fêz com que Cesário fôsse encaminhado a Leôncio, cônsul da Campanha. Embora estivesse, havia já três dias, sem qualquer alimento, já firmemente, erectamente.

Diante de Leôncio, Cesário respondeu com rapidez a tôdas as perguntas. Levado ao templo de Apolo, para sacrificar ou sofrer, ali, com curta, mas fervente oração, fêz com que o ídolo, desabando do pedestal em que se assentava, caísse por terra e amassasse o sacerdote Firmino.

Aquilo, sem sombra de dúvida, era magia. E, como mágico, foi condenado, diante de tôda a população da cidade.

São Cesário permaneceu na prisão, aguardando o fim, durante um ano e um mês. Passado êste tempo, arrancaram-no do calabouço. E nu, sòmente coberto com a longa cabeleira, que crescera abun-

dantemente, postaram-no diante de Leôncio, que tinha os olhos desmesuradamente abertos. Que sucedera ao frio cônsul doutrora? Via, e via muito bem, no rosto do condenado, rosto castigado e enrugado, mas sereno e triste, um intenso clarão. Então, para assombro de tôda a gente, converteu-se. E, falando mansamente, rogou, suplicou o batismo.

São Cesário mesmo batizou-o. E, dum padre chamado Juliano, recebeu a comunhão, falecendo logo em seguida, sùbitamente.

Luxúrio saiu do estupor em que caira, e entrou a dar ordens enérgicas para que prendessem Cesário e Julião. Agarrados, foram metidos dentro dum grande saco e atirados às águas do mar. Pouco depois, Luxúrio, consoante predição de São Cesário, era picado por uma serpente e morria miseràvelmente, enquanto os dois mártires, recolhidos por um piedoso cristão, eram sepultados carinhosamente.

* * *

SÃO MATURINO (*)

Confessor

Històricamente, êste santo confessor é quase desconhecido. A lenda é tão cheia de contradições, que nos levam para longe da realidade. Segundo nos conta, Maturino nasceu em Larchant, na diocese de Sens, de pais nobres, mas pagãos. Êle se chamava Marino e ela Eufêmia. O pai, encarregado pelo imperador Maximiano, de massacrar os cristãos, fizera-o plenamente. Depois de ter sido instruído na fé católica pelo bispo Policarpo, Maturino, com grande empenho, converteu os dois entes que mais amava, levando-os ao batismo, bem como a todos os familiares.

Aos vinte anos, era padre, e, um dia, quando a filha do imperador Maximiano, vendo-se tomada do demônio, pôs-se a gritar que só Maturino, de Larchant, poderia salvá-la, eis que recebeu a visita de enviados do imperador e a ordem de ir ter com a filha, para lhe trazer a paz. Se não, era a morte.

O santo confessor recebeu os mensageiros com tôda a cortezia, dizendo-lhes que os acompanharia de muito boa vontade. E, ao chegar em Roma, foi recebido triunfalmente.

Dando à filha de Maximiano a beber dum óleo que benzera, a jovem, quase no mesmo instante, vomitando o demônio, curou-se. O imperador quis, então, cumulá-lo de presentes, mas Maturino, delicadamente, declinou da bondade. Afinal, diante das instâncias, aceitou aquilo que, em seguida, distribuiu aos pobres.

Tendo passado três anos em Roma, a visitar os túmulos dos mártires, ali, santamente, a 1.º de novembro, faleceu.

Sepultado muito solene, muito dignamente, no dia seguinte constataram que o corpo jazia fora da tumba. Compreenderam, assim, que o Santo desejava repousar na terra em que nascera e para Larchant lhe transportaram os restos, a uma ordem de Maximiano.

No mesmo dia, na Pérsia, os santos mártires João, bispo, e Tiago, sacerdote, sob o rei Sapor II, em 344. João *Bar Mariam*, ou seja, Filho de Maria, bispo de Arbela, na Adiabena, província da Pérsia foi um dos primeiros mártires da perseguição de Sapor II. Sucessor de Seria, em 316, a piedade, a devoção pela Virgem Maria valeu-lhe aquêle *Bar Mariam*. Prêso pela fé, juntamente com Tiago, apelidado o Zelote, ficaram detidos na fortaleza de Bdigar, donde sairam para subir para Deus. Decapitados, foram honrados como santos logo após o suplício.

Em Dijon, cidade fortificada, São Benigno, sacerdote, que foi enviado pelo bem-aventurado Policarpo para pregar o Evangelho na Gália: sob o

imperador Marco Aurélio e por ordem do juiz Terêncio, foi submetido a inúmeros e crudelíssimos suplícios; afinal, com uma pancada de barra de ferro na nuca, tendo sido trespassado por uma lança, rendeu o espírito.

Em Damasco, o martírio dos santos Cesário, Dácio e cinco companheiros, Saba, Sabiniano, Agripa, Adriano e Tomé. Cesário é o mártir que vimos neste mesmo dia? Dácio é o que se festeja a 20 de novembro? Os cinco companheiros são fictícios? Eis três perguntas que ficam sem resposta, uma vez que, excluindo Cesário e Dácio, os demais ainda não foram identificados.

Santa Maria, escrava: acusada de ser cristã, depois de ter sido, por êste motivo, sob o imperador Adriano, cruelmente flagelada, estendida sôbre o cavalete, rasgada com as unhas de ferro, dignamente cumpriu o martírio.

Em Tarso, na Cilícia, as santas Cirênia e Juliana, mártires, sob o imperador Maximiano: muitos pensam na corrupção dos nomes dos dois grandes mártires dêste dia: Cesário e Juliano (?).

Na cidade de Auvergne, na Gália, Santo Austremônio, que foi o primeiro bispo daquela cidade, tendo falecido em 300.

Em Paris, São Marcelo, bispo, um dos mais célebres de todos quantos já governaram a sé da capital francesa (fim do século IV). Nascido, possìvelmente, em Paris, numa família de condições modestas, menino quieto, obediente, virtuoso e inteligente, foi ordenado leitor. Subdiácono muito jovem, Marcelo passou a assistente do bispo Prudêncio. Bispo querido, contemporâneo de Gregório de Tours, lemos no *À Glória dos Confessores*: "Marcelo, bispo

de Paris, que outrora, como se lê na sua Vida, expulsou daquela cidade gigantesca serpente, repousa agora num subúrbio da mesma cidade. O padre Ragnimcdo, que agora é bispo dêste município, foi ao seu túmulo, quando sofria duma febre, deitou-se nêle, depois de ter passado todo o dia no jejum e na oração, e dormiu até a noite. Pouco depois, levantou-se da tumba perfeitamente curado".

Em Bayeux, na Gália, São Vigor, bispo, nos tempos de Childeberto, rei dos francos. Nascido antes de 511, faleceu antes de 528.

Em Angers, também na Gália, o bem-aventurado Licínio, bispo, homem venerável pela santidade (Ver 13 de fevereiro).

Em Tívoli, São Severino, monge (século VI?).

Na Espanha, os santos Atanásio e Teodoro, discípulos de São Tiago. A "tumba de São Tiago" de Iria-Compostela parece ter comportado, primitivamente, duas ou três sepulturas anônimas: seriam discípulos enterrados perto do Apóstolo?

São Melanto, do qual nada se sabe.

São Ludre, neófito, e o pai São Leocádio, fundador da primeira igreja de Bourges.

Na Gasconha, São Severo, mártir.

Em Berry, a deposição do padre Romulo (São Romulo).

Em Pavia, São Profuturo, bispo, falecido em 402, possìvelmente.

São Lautein, abade.

Na Espanha, São Donato, abade, desaparecido entre 571 e 578.

Em Gand, São Florberto, entre 650 e 660.

Santo Espínulo, no século VII.

São Genésio, bispo de Lião, falecido em 678.

Em Barco de Ávila, na Espanha, São Pedro (século XI?).

Na Suíça, o bem-aventurado Bertoldo, abade, falecido em 1197.

Em Espoleto, na Itália, o bem-aventurado Simão de Collazone, franciscano, desaparecido em 1250.

Ainda na Itália, em Borgo San Sepolcro, o bem-aventurado Raniero, irmão leigo franciscano, falecido em 1304.

Em Arima, no Japão, o bem-aventurado Paulo Navarro e três companheiros, mártires, em 1622.

Em Tonkin, os bem-aventurados mártires dominicanos Francisco Egídio de Federich e Mateus Afonso Leziniana, sacerdotes, mortos em 1745; Jacinto Castaneda e Vicente Liem da Paz, sacerdotes, mortos em 1773; Jerônimo Hermosilla, vigário apostólico do Tonkin oriental, Valentino Berrio-Ochoa, vigário apostólico do Tonkin central, Pedro Almato, sacerdote, e José Khang, servidor indígena, mortos em 1861.

* * *

TODOS OS SANTOS (*)

(*Apêndice*)

Do século IV em diante, as Igrejas do Oriente celebravam uma festa comum a todos os mártires da terra. Santo Efrém compôs, para esta circunstância, um hino em que se via que em Edessa aquela festa estava fixada no dia 13 de maio.

Na Síria, era celebrada na sexta-feira depois da Páscoa.

Numa homilia sôbre os mártires, o grande São João Crisóstomo a ela se refere colocada no primeiro domingo depois de Pentecostes.

A festa dos Mártires de Tôda a Terra, com o correr dos tempos, transformou-se na de Todos os Santos. Instituída em honra da Bem-aventurada Mãe de Deus, a Virgem Maria, e dos santos mártires, pelo papa Bonifácio IV, o pontífice Gregório IV mais tarde, decretou que a festa, já celebrada de diferentes maneiras por diversas Igrejas, seria levada a efeito, com solenidade, em honra de todos os santos, perpètuamente.

A missa de Todos os Santos foi composta acidentalmente, mas é bela: o *Introito* de Santa Ágata, o *Gradual* de São Ciríaco, o *Ofertório* adaptado do

de São Miguel alia-se à *Alleluia* e à *Comunhão* tirada dos textos evangélicos. O *Evangelho* é o das Beatitudes.

Quanto à colocação da festa a 1.º de novembro, pensa-se que, como em tôdas as religiões as solenidades eram marcadas pelo ritmo das estações, que o cristianismo não tenha escapado a esta regra. Entre os celtas, o 1.º de novembro era dia de grandes solenidades. Foi a festa de Todos os Santos instituída para cristianizar as cerimônias tão queridas dos anglo-saxões e dos francos? Roma celebrava-a aos 13 de maio e sòmente a adotou a 1.º de novembro depois que sofreu galicanas influências.

Ràpidamente, a festa tornou-se popular, mais ainda quando completada com a comemoração dos fiéis defuntos, que veremos no dia seguinte, 2 de novembro.

* * *

2.º *DIA DE NOVEMBRO*

COMEMORAÇÃO DOS FIÉIS DEFUNTOS

Ontem vimos que a Igreja triunfante do céu, a Igreja militante da terra e a Igreja sofredora do purgatório, paciente, nada mais são que uma só e mesma Igreja; que a caridade, mais forte que a morte, as uniu do céu à terra, e da terra ao purgatório. São como as três partes duma só e mesma procissão de santos, procissão que avança da terra ao céu.

As almas do purgatório participarão daquela procissão um dia. Sim, porque ainda não têm, bem brancas, as vestimentas de festa, a roupa nupcial ainda guarda nódoas, aquelas nódoas que sòmente o sofrimento alimpa.

Vimos, então, como os contemporâneos de Noé, aquêles que não fizeram penitência senão no momento do dilúvio, foram encerrados em prisões subterrâneas, até que Jesus Cristo lhes aparecesse, anunciando-lhes a libertação, quando de sua descida aos infernos.

Como os fiéis da Igreja triunfante, os fiéis da Igreja militante e os fiéis da Igreja sofredora e paciente, são membros dum mesmo corpo — que é Jesus Cristo — e tanto uns como outros participam,

interessam-se, condoem-se da glória, dos perigos, dos sofrimentos duns e doutros, tal qual os membros do corpo humano. Vejamos um exemplo: o pé está em perigo de saúde ou sofre dores: todos os membros do corpo jazem em comoção. Os olhos olham-no, as mãos protegem-no, a voz chama por socorro, para afastar o mal ou o perigo. Uma vez afastado o mal, regozijam-se todos os membros do corpo.

É o que acontece com o corpo vivo da Igreja universal. E vemos os heróis da Igreja militante, os ilustres Macabeus, assistidos pelos anjos de Deus e pelos santos de Deus, especialmente pelo grande sacerdote Onias e pelo profeta Jeremias, rogar e oferecer sacrifícios por êsses irmãos que estavam mortos pela causa de Deus, mas culpados desta ou daquela falta.

No dia seguinte, depois duma vitória, Judas Macabeu e os seus surgiram para retirar os mortos e depositá-los no sepulcro dos antepassados, e encontraram sôbre as túnicas dos que estavam mortos coisas que haviam sido consagradas aos ídolos de Jamnia, que a lei proibia aos judeus tocar. Foi, pois, manifesto a todos que era por isso que haviam sido mortos. E todos louvaram o justo julgamento do Eterno, que descobre o que está escondido, e suplicaram-lhe que fôsse esquecido o pecado cometido.

Judas exortou o povo a que se preservasse do pecado, tendo diante dos olhos o que viera pelo pecado dos que haviam sucumbido. E, depois de ter feito uma coleta, enviou a Jerusalém duas mil dracmas de prata, para que fôsse oferecido um sacrifício pelo pecado dos mortos, agindo muito bem, pensando que estava na ressurreição. Porque se não tivesse esperança de que os que vinham de sucumbir

ressuscitassem um dia, seria supérfluo e tolo rogar pelos mortos.

Judas, porém, considerava que uma grande misericórdia estava reservada aos que estão adormecidos na piedade. Santo e piedoso pensamento! Foi por isso que ofereceu um sacrifício de expiação pelos defuntos, para que fôssem livres dos pecados.

Tais são as palavras e reflexões da Escritura santa, segundo o texto grego, e as mesmas, mais ou menos, no latino.

Nosso Senhor mesmo adverte, bastante claramente, que há um purgatório, quando nos recomenda em São Mateus e São Lucas: "Conciliai-vos com vossos inimigos (a lei de Deus e a consciência) enquanto estais em caminho para irdes ao príncipe, não seja que êste inimigo vos entregue ao juiz, o juiz ao executor, e que sejais metido numa prisão. Em verdade vos digo, dela não saireis, enquanto não pagardes o último óbolo".

Segundo essas palavras, está bem claro que há uma prisão de Deus, onde se é arrojado por dívidas para com sua justiça, e donde não se sai — senão quando tudo estiver pago.

Nosso Senhor, em São Mateus, disse-nos ainda: "Todo pecado e blasfêmia será perdoado aos homens, porém, a blasfêmia contra o Espírito Santo não será perdoada, nem neste século nem no futuro". Onde se vê que os outros pecados podem ser perdoados neste século e no futuro, como o livro dos Macabeus diz expressamente dos pecados daqueles que estavam mortos pela causa de Deus.

Do mesmo modo, no sacrifício da missa, a santa Igreja de Deus lembra os santos que com Êle reinam no céu, a fim de lhes agradecer pela glória e nos

recomendar à sua intercessão. Doutro lado, suplica a Deus que se lembre dos servidores e servidoras que nos precederam no outro mundo com a chancela da fé, dignando-se conceder-lhes a estadia no refrigério, na luz e na paz.

A crença do purgatório e a oração pelos mortos acham-se em todos os doutôres da Igreja, bem como nos atos dos mártires, notadamente nos atos de São Perpétuo, escritos por êle mesmo.

Todos os santos rogaram pelos mortos. Santo Odilon, abade de Cluny, no século XI, tinha um zêlo particular pelo que dizia respeito ao refrigério das almas do purgatório. Foi movido pela compaixão, pensando no sofrimento das almas do purgatório que, adiantando-se à Igreja, ordenou se rogasse pelas almas, tendo destinado para isso um dia especial. Eis como Santo Odilon animou tal instituição, começando pelas terras que lhes estavam afetas ao sacerdócio.

Um peregrino do território de Rodèz, vindo de Jerusalém, foi obrigado, por uma tempestade, a desembarcar numa ilha das costas da Sicília. Foi, então, visitar um santo ermitão, que lhe perguntou se conhecia o mosteiro de Cluny e o abade Odilon.

"— Sim, respondeu ao santo ermitão, o peregrino, eu o conheço".

E, por sua vez, intrigado com a pergunta, inquiriu:

"— Por que desejas saber?"

E o ermitão respondeu:

"— É que, próximo do mosteiro, há um lugar que vomita fogo, onde os demônios atormentam, em determinado tempo, a alma dos pecadores".

E, olhando as lonjuras, continuou:

"— Penso que, com esmolas e orações, poderemos livrar essas almas dos tormentos. As esmolas e as orações espantam os espíritos malignos, principalmente as esmolas e as orações de Odilon e seus religiosos".

E pediu:

"— Quando por lá passares, de volta a teu país, rogo-te, em nome de Deus, que exortes o abade e os monges de Cluny, para que redobrem as orações e as esmolas. Só assim, nós, aqui na terra, conseguiremos livrar as pobres almas atormentadas".

O peregrino, ao voltar, desobrigou-se da missão que lhe confiara o santo ermitão.

Desde então, surgiu, ordenado por Santo Odilon, a comemoração, em todos os mosteiros de Cluny, do dia dos mortos, todos os dias dois de novembro. Ordenava que, como a Igreja lembra numa festa todos os santos, assim se lembrasse também, num dia especial, e êsse seria o dia seguinte ao dos santos, dos fiéis finados.

Segundo a ordem, que se desse pão aos pobres, e vinho. O deão e o despenseiro estavam, assim autorizados. E, após as segundas vésperas de Todos os Santos, soassem todos os sinos, seguindo-se a cerimônia. Missas, então, eram celebradas pelos finados fiéis. Daí o uso de soarem os sinos pelos mortos.

Quanto ao purgatório, nada de certo se sabe. Eis, porém, o que se lê nas revelações de Santa Francisca de Roma, revelações que a Igreja autoriza a crer, sem, entretanto, a elas nos obrigar.

Numa visão, a santa foi conduzida do inferno ao purgatório, que, igualmente, está dividido em três zonas ou esferas, uma sôbre a outra.

Ao entrar, Santa Francisca leu esta inscrição:

Aqui é o Purgatório, lugar de esperança, onde se faz um intervalo".

A zona inferior é tôda de fogo claro, diferente do do inferno, que é negro e tenebroso. Êste do purgatório tem chamas grandes, muito grandes e vermelhas. E as almas, ali, são iluminadas, interiormente, pela graça. Porque conhecem a verdade, assim como a determinação do tempo.

Aquêles que têm pecado grave são enviados a êste fogo pelos anjos, e aí ficam conforme a qualidade dos pecados que cometeram.

A santa dizia que, por cada pecado mortal não expiado, naquele fogo ficaria a alma por sete anos.

Embora nessa zona ou esfera inferior as chamas do fogo envolvam tôdas as almas, atormentam, todavia, umas mais que as outras, segundo sejam mais graves ou mais leves os pecados.

Fora dêsse lugar do purgatório, à esquerda, ficam os demônios que fizeram com que aquelas almas cometessem os pecados que agora expiam. Censuram-nas, mas não lhes infligem quaisquer outros tormentos.

Pobres almas! Fá-las sofrer mais, muito mais, a visão dêsses demônios do que o próprio fogo que as envolve. E, com tal sofrimento, gritam e choram, sem que, neste mundo, consiga alguém fazer uma idéia. Fazem-no, contudo, humildemente, porque sabem que o merecem, que a justiça divina está com a

razão. São gritos como que afetuosos, e que lhes trazem certa consolação. Não que sejam afastadas do fogo. Não, a misericórdia de Deus, tocada por aquela resignação das almas sofredoras, lança-lhes um olhar favorável, olhar que lhes alivia o sofrimento e lhes deixa entrever a glória da bem-aventurança, para onde passarão.

Santa Francisca de Roma viu um anjo glorioso conduzir àquele lugar a alma que lhe havia sido confiada, à guarda, e esperar do lado de fora, à direita. É que os sufrágios e as boas obras que os parentes, os amigos, ou quem quer que seja, lhes fazem especialmente por intenção da alma, movidos pela caridade, são apresentados, pelos anjos da guarda, à divina majestade. E os anjos, comunicando às almas o que por elas fazemos nós, aliviam-nas, alegram e confortam. Os sufrágios e as boas obras que fazem os amigos, por caridade, especialmente pelos amigos do purgatório, aproveita principalmente a quem os faz, por causa da caridade. E ganham as almas e ganhamos nós.

As orações, os sufrágios e as esmolas feitos caridosamente pelas almas que já estão na glória, e que já não necessitam, revertem às almas ainda necessitadas, aproveitando a nós também.

E os sufrágios que se fazem às almas que jazem no inferno? Não os aproveita nem uma nem outra — nem as do inferno, nem as do purgatório, mas ùnicamente a quem os faz.

A zona ou região média do purgatório está dividida em três partes: a primeira, cheia duma neve excessivamente fria; a segunda, de pez fundido, misturado a azeite em ebulição; a terceira, de certos

metais fundidos, como ouro e prata, transparentes. Trinta e oito anjos aí recebem as almas que não cometeram pecados tão graves que mereçam a região inferior. Recebem-nas e transportam-nas dum lugar a outro com grande caridade: não lhes são os anjos da guarda, mas outros que, para tal, foram obrigados pela divina misericórdia.

Santa Francisca nada disse, ou não a autorizou a dizê-lo o superior, sôbre a mais elevada região do purgatório.

Nos céus, os anjos fiéis têm sua hierarquia: três ordens e nove coros. As almas santas, que sobem da terra, ficam nos coros e nas ordens que Deus lhes indica, segundo os méritos. É uma festa para tôda a milícia celeste, mais particularmente para o côro onde a alma santa deverá regozijar-se eternamente em Deus.

O que Santa Francisca viu na bondade de Deus a deixou profundamente impressionada, sem que pudesse falar da alegria que lhe ia no coração. Freqüentemente, nos dias de festa, sobretudo depois da comunhão, quando meditava sôbre o mistério do dia, o espírito, arrebatado ao céu, via o mesmo mistério celebrado pelos anjos e pelos santos.

Tôdas as visões que tinha, submetia-as Santa Francisca de Roma à mãe, a Santa Igreja. E pela mesma mãe, a Igreja, foi Francisca canonizada, sem que nada de repreensível se achasse nas visões que tivera.

Nós, pois, vos saudamos, ó almas santas que vos purificais nas chamas do purgatório. Comparti-

lhamos as vossas dores, os sofrimentos, principalmente daquela dor imensa e torturante de não poderdes ver a Deus.

Ai de nós! Sem dúvida que há entre vós parentes nossos e amigos: sofrerão, talvez, por nossa culpa. Quem dirá que não lhes demos, nesta ou naquela ocasião, motivos de pecar? Falta-lhes pouco tempo para que se tornem inteiramente puras. Que nos acontecerá, a nós que tão pouco velamos por nós mesmos? Almas santas e sofredoras, que Deus nos livre de vos esquecer jamais! Todos os dias, à missa e às orações, lembrar-nos-emos de vós tôdas. Lembrai-vos, pois, também de nós. Lembrai-vos, principalmente, quando estiverdes no céu. Como lá vos desejamos ver! Como no céu desejamos ver-nos convosco! Assim seja.

* * *

SÃO MARCIANO (*)

Ermitão

Marciano nasceu numa das mais ricas famílias da cidade de Ciro. Embora tudo tivesse, nome e riqueza, quando moço deixou a casa dos pais e se fêz para o deserto, onde construiu pequenina cela, tão pequena que sòmente a êle abrigava, e ali varava os dias a recitar os Salmos e a ler as Escrituras.

Algum tempo depois, dois discípulos juntaram-se ao Santo: Agapito e Eusébio, os quais ergueram nova cela e ficaram a seguir o método de vida do mestre.

Uma noite, Eusébio viu que o rosto de Marciano jazia todo envolto numa brilhante luminosidade. Ciente da grande santidade do mestre, entrou a venerá-lo. Conta-se que, certa vez, o mesmo Eusébio, indo consultar o Santo sôbre um ponto que desejava esclarecer, viu um feio dragão trepado no teto da cela do ermitão, a observá-lo, como esperando melhor ocasião para pegá-lo e devorá-lo. Aterrorizado, deixou escapar agudo grito.

Marciano, que plàcidamente orava, saiu da cela e deu com o discípulo a tremer, pálido e boquiaberto. Seguindo-lhe o olhar, descobriu o dragão. Sem se comover, fêz o sinal da cruz. E tendo soprado no monstro um grande sôpro, fê-lo desabar donde estava, aos pedaços.

Desde aquêle prodígio, São Marciano operou os mais belos milagres, embora tudo fizesse para ocultar aquêle poder que Deus lhe dera.

Certa vez, um homem da redondeza, cuja filha era prêsa do demônio, ordenou a um criado que, tomando uma garrafinha contendo óleo, fôsse, disfarçadamente, colocá-la junto à porta da cela do homem de Deus. O criado assim fêz. Agindo com a maior cautela, em horas mortas, estava a cumprir o mandado do patrão quando, sem que o esperasse, sem que ouvisse qualquer rumor, viu que a porta se abria, vagarosamente, e a voz do Santo, muito calma, baixinho, pedia-lhe que se fôsse, imediatamente. Naquele instante, constatou depois o confiante pai, a jovem possuída do demônio curava-se milagrosamente.

A fama de São Marciano corria por tôda a parte. Por mais que fizesse para permanecer na sombra, não o conseguia. Por volta de 381, recebeu a visita de alguns bispos, que foram vê-lo acompanhados de altas personalidades. Assentaram-se, para ouvi-lo, mas Marciano, insensível, permanecia calado e imóvel. Longo tempo, assim, passou, até que um dos bispos, rompendo o pesado silêncio que caíra sôbre tudo e todos, rogou-lhe que não os privasse, a êles, que haviam vindo de tão longe da palavra que lhes poderia ser de grande bem.

São Marciano, suspirando fundamente, correu os olhos pela assistência, depois falou:

— O Deus do universo fala-nos continuadamente. Instrue-nos pelas Santas Escrituras, ensina-nos quais os nossos deveres e o que, para nós, é-nos do maior interêsse; espanta-nos com as suas ameaças; encoraja-nos com as suas promessas. E nós? Que

aproveitamos nós? Assim, como Marciano poderia ser-lhes útil pela palavra, êle que, como todos, não se serve dêsses favores de Deus e não colhe os frutos que devia colhêr?

Doutra feita, um ermitão que vivia por perto, foi visitá-lo. Marciano, então, ofereceu-lhe de comer. Disse o ermitão, que se chamava Avito:

— Jamais comi antes do cair da tarde.

Marciano, docemente, respondeu-lhe:

— Nós estimamos o jejum, mais do que o alimento. Todavia, sabemos que a caridade é muito mais agradável a Deus do que o jejum, porque Êle nô-la ordena, enquanto que o jejum depende de nós: ora, não resta dúvida de que muito mais devemos estimar os mandados de Deus do que as nossas austeridades.

São Marciano era mestre de grandes lições. Um dia, uma das irmãs foi procurá-lo, com o filho, homem feito já. Marciano não quis recebê-la. Mas consentiu que o sobrinho lhe falasse. Alípio, assim se chamava o filho da irmã do santo ermitão, apareceu-lhe com grandes cestos de víveres, suplicando ao tio que os aceitasse.

— Por quantos mosteiros, perguntou São Marciano, tu passaste, antes de aqui chegares, e lá deixaste alguma coisa?

O sobrinho respondeu que passara por vários dêles, mas não portara em nenhum e, pois, nada lhes deixara.

O Santo disse-lhe:

— Nada posso aceitar, porque foi por causa do nosso parentesco e não para agradar a Deus que te fizeste tão generoso.

Mais tarde, êste Alípio erguer-lhe-ia uma capela em Ciro.

Os dois discípulos de São Marciano, Agapito e Eusébio, viveram sempre ao lado do mestre. Agapito, futuramente, tornou-se bispo de Apaméia. Quanto a Eusébio, êsse foi superior dos novos discípulos formados pelo santo ermitão, que os instalara um tanto afastados de sua cela, a fim de levarem vida mais estritamente eremítica.

São Marciano faleceu por volta do ano de 381, pouco depois da visita dos bispos e comitiva.

* * *

BEM-AVENTURADA MARGARIDA DE LORENA (*)

Duquesa de Alençon

Clarissa

Margarida, chamada de Lorena, era avó de Henrique IV, filha do conde de Vaudemont e de Iolanda de Anjou, neta de Renato, rei da Sicília e duque de Anjou e da Lorena.

Nascida no ano de 1463, foi grande leitora das *Vidas dos Padres do Deserto*. Aos dez anos, pregando a quatro amiguinhas, com elas, em seguida, escondeu-se nos bosques que rodeavam o castelo, decidida a levar vida de solitária. Procuradas por grande número de servos, foram encontradas ao cair da noite e levadas ao avô.

Casada, em 1488, com Renato, duque de Alençon, um dos mais eminentes homens da côrte francesa, Margarida logo se viu entristecida com a situação material do ducado, grande sofredor durante a guerra dos Cem Anos. Tendo conquistado o marido, dêle obteve tudo aquilo que desejava. E o ducado em péssimas condições, foi, a pouco e pouco, saindo do lamentável estado em que jazia, tendo os habitantes, mesmo os que se espalhavam por

longínquas terras, recebido o seu quinhão material e espiritual.

O duque faleceu a 1.º de novembro de 1492, depois de quatro anos de casado, tão-sòmente. Viúva aos trinta, com três filhos em tenra idade, Margarida lutou por conservá-los a seu lado, uma vez que um concluio desejava vetar-lhe a tutela. Junto de Carlos VIII, afinal, conseguiu ganho de causa. Mãe enérgica e doce ao mesmo tempo, soube educá-los belamente. Às duas meninas, ensinou-lhes a arte de costurar e tudo aquilo que se relacionava, naqueles tempos, com a boa educação feminina. Ao filho, fê-lo ler muito, transmitindo-lhe o bom gôsto, de modo que de tudo aquilo que era medíocre conseguiu afastá-lo.

O jovem casou-se com Margarida de Angouleme, irmã de Francisco I. Uma das filhas, Francisca, desposou, em segundas núpcias, Carlos de Bourbon. Desta união nasceu o rei Antônio de Navarra, que foi pai de Henrique IV. A outra Ana, casou-se com um príncipe italiano, o marquês de Montferrat, cuja família devia oferecer à Igreja o grande São Luís de Gonzaga.

Margarida de Alençon, de tempos em tempos, retirava-se para o meio das clarissas, tôda no desejo de expiar os pecados, porque se dizia "pobre verme da terra, miserável pecadora". Trazendo sempre um crucifixo, todos os dias meditava a Paixão, tudo fazendo para "tornar-se melhor".

Depois da maioridade do filho, pôde abandonar o govêrno e seguir os desejos que tinha de solidão. Retirada no castelo de Essai, que se tornou um como austero mosteiro, ali passava a noite a orar, de cilício bem apertado, jejuando e flagelando-se.

Em 1519, tomou o hábito das clarissas, e, no ano seguinte, pronunciou os votos. Mais tarde, escolhida para ser abadêssa, declinou da eleição. Encarregada da distribuição das esmolas do convento, tôdas as vêzes que lançava mão do que quer que seja para dar a um pobre, ia pedir permissão para o fazer.

Tendo recebido ordem de instaurar a regra das clarissas entre as irmãs de Santa Isabel, em Mortagne, ali quiseram fazê-la abadêssa. Respondeu:

— Já governei muito. Quero morrer como súdita.

Aos cinqüenta e oito anos, em 1521, faleceu docemente. Com o culto reconhecido em 1921, a bem-aventurada Margarida de Alençon é invocada nos partos difíceis e para inspirar bons sentimentos aos governantes.

* * *

COMEMORAÇÃO DOS FIÉIS DEFUNTOS

(*Apêndice*)

Orar pelos mortos foi costume dos cristãos desde as origens do catolicismo. A crença do purgatório e a eficácia da oração para apressar a purificação das almas daqueles que haviam deixado a terra, levavam os piedosos a rogar a Deus pelos defuntos.

Foi Santo Odilon, abade de Cluny, que decidiu que, quando se celebrasse por tôda a terra a festa de Todos os Santos, igualmente se celebrasse, nos mosteiros afetos a Cluny, a comemoração de todos os fiéis defuntos. O costume clunisiano propagou-se lentamente, até que no século XIII, principiou a ser mais ou menos geral. Até a reforma do breviário romano, por São Pio X, o ofício dos mortos estava aliado ao ofício da oitava de Todos os Santos.

Depois do ano de 1913, passou a ter um ofício especial, ofício que, começando com as vésperas dos mortos, que seguiam as de Todos os Santos, a 1.º de novembro, terminava após a nona.

O dia da Comemoração dos Fiéis Defuntos começa com a leitura da seguinte fórmula:

"Neste dia, a Comemoração de Todos os Fiéis Defuntos, que a Igreja, nossa boa Mãe, depois de se ter aplicado a render dignos louvores a todos os filhos que já gozam da felicidade do céu, apressa-se

em auxiliar, com instantes orações endereçadas a Nosso Senhor Jesus Cristo, seu Senhor e Espôso, a todos os filhos que ainda gemem no purgatório, a fim de que, quanto mais cedo, possam juntar-se aos habitantes do céu".

Rezar pelos mortos, principalmente para os que, indo-se desta terra, não deixaram pais, filhos, nem amigos que lhes supliquem pelas almas, é ato verdadeiramente piedoso e digno dos mais altos louvores.

No mesmo dia, em Albi, Santa Marciana, virgem.

Em Rodez, São Naamas, diácono.

Em Lens, São Vulgano, ermitão. Nascido na Inglaterra, foi educado pelo bispo de Cantorbéry. Taumaturgo, foi amigo de São Colombano.

Na Bretanha, Santo Hermino, monge (século VII).

Também na Bretanha, São Maoc, discípulo de São Sansão (século VI).

Ainda na Bretanha, Santo Efflam, ermitão (século VII).

Em Forli, na Itália, o bem-aventurado Tiago Ungarelli, franciscano, falecido em 1517. Nascido em Pádua, foi bom pregador, tendo fundado uma confraria de Jesus.

Na Inglaterra, o bem-aventurado João Bodey, mártir, em 1538.

A festa de São Vitorino, bispo de Petávia que, após ter composto várias obras, como afirma São Jerônimo, recebeu a coroa de mártir, quando da perseguição de Diocleciano.

Em Trieste, São Justo, que, durante a mesma perseguição, completou o martírio, sob o imperador Manácio.

Em Sebaste, os santos Cartério, Estiríaco, Tobias, Eudócio, Agápio e companheiros martirizados no govêrno do imperador Licínio.

Na Pérsia, os santos mártires Acindino, Pegásio, Aftônio, Elpidíforo e Anempodisto, com vários outros.

Na África, a festa dos santos Públio, Vítor, Hermes e Pápias, mártires.

Em Tarso, na Cilícia, Santa Eustóquia, virgem e mártir, que, depois de ter sido cruelmente atormentada, sob Juliano, o Apóstata, rendeu o espírito, rogando a Deus.

Na Laodicéia, Síria, São Teódoto, bispo, não sòmente possante orador, como também ornado de boas obras e de virtudes.

Em Vienne, São Jorge, bispo.

No mosteiro de Agauno, na Gália, Santo Ambrósio, abade.

* * *

3.º DIA DE NOVEMBRO

SÃO MALAQUIAS

Arcebispo de Armagh, na Irlanda

Segundo uma *Vida*, escrita por São Bernardo, São Malaquias, que quer dizer *Anjo do Senhor*, veio ao mundo no ano de 1094, na cidade de Armagh, na Irlanda.

Nascido num país bárbaro, nunca viu nada de mais civilizado. Os pais eram da primeira nobreza e os mais poderosos de tôda a província. A mãe, virtuosíssima, antes de mais nada, fê-lo conhecedor da lei de Deus e deu-lhe a conhecer da ciência secular.

O menino tinha aptidão por uma e outra. Aprendeu as primeiras letras na escola, e a piedade no lar. E os progressos que fazia enchiam de contentamento mestre e mãe. Era um menino doce, modesto e dócil, fazendo-se amar por todos os que com êle privavam.

Aproveitando as lições e os exemplos da mãe, foi Malaquias crescendo em prudência e santidade. Era criança em anos, mas velho em atitudes. Nada dizia ou fazia em que se notasse puerilidade. Admi-

rado, respeitado por tôda a gente, não era mais que humildade e obediência.

Instruído por uma unção interior, em breve ultrapassou os condiscípulos na literatura e os mestres na virtude. Aplicava-se, principalmente, às coisas que diziam respeito ao divino, procurando o isolamento, comendo muito pouco, velando muito para meditar sôbre a lei e orando contìnuamente.

Como os estudos não lhe permitissem freqüentar a igreja, e não desejasse parecer afetado, Malaquias elevava as mãos e o coração aos céus em todos os lugares onde não pudesse ser visto, porque, havia muito, evitava a glória, que lhe parecia vã e era o veneno das virtudes tôdas.

Perto da cidade onde estudava, havia um povoado onde o mestre costumava ir. O jovem estudante que o acompanhava, parava, de tempo em tempo, e, ocultando-se nesta ou naquela moita do caminho, elevava as mãos e o coração aos céus, fazia uma curta prece ou dizia uma rápida jaculatória.

O jovem crescia, e nêle não diminuía, em nada, a pureza da alma e a simplicidade do coração. Era, e sempre foi, a própria inocência.

Do homem, tinha o discernimento; via a diferença entre o espírito de que se sentia animado, e o espírito do mundo, que nada mais é que corrupção e trevas. Compreendia que era o espírito de Deus que o fazia sóbrio, piedoso e casto, fazendo-o amar a verdade e a justiça.

Considerando que levava tal tesouro num fragilíssimo vaso, encontrou os meios mais seguros de não perder nada, nada da essência celeste.

Perto da igreja de Armagh havia um santo varão enclausurado numa cela, onde passava os dias e as

noites a jejuar, rezar, castigar o corpo. Lá foi Malaquias buscar uma regra de vida com aquêle que se enterrava vivo no túmulo da cela.

Quando a notícia de que se retiraria do século se espalhou pela cidade, uns se afligiram de ver um jovem tão amável e delicado condenar-se a uma vida tão dura, enquanto que outros acreditavam que naquilo não perseveraria. Outros, ainda, o acusaram de temeridade: querer tentar o que lhe era superior às fôrças.

Malaquias, todavia, nada fazia sem prudência. Aprendera do profeta que é bom ao homem levar o jugo desde a juventude.

Sentado aos pés de Imar — tal era o nome do piedoso solitário — Malaquias conheceu a obediência, o silêncio, a mortificação, ou aquilo que desejava conhecer. Até então, esta vida, neste mundo, parecia admirável, mas não imitável.

O exemplo do jovem Malaquias levou muitos outros a imitá-lo.

Celso, arcebispo de Armagh, aconselhado por Imar, tomou Malaquias como diácono. E em tôdas as funções que lhe cabiam, punha o maior dos zelos. Ao que mais se afeiçoou foi ao sepultamento dos pobres, tanto por humildade como por humanidade.

A irmã, que olhava aquêle ministério como indigno do nascimento que tinha, contìnuamente reprovava-o, dizendo-lhe:

— Insensato, deixa que os mortos enterrem os mortos.

E o irmão:

— Pobre que és! Conheces as palavras da frase divina, mas ignoras-lhes a virtude.

Malaquias continuou, com zêlo infatigável, o ministério que se lhe impusera.

Aos vinte e cinco anos, foi ordenado padre, sem que o pudesse impedir. O arcebispo nomeou-o mesmo seu vigário, para pregar ao povo a palavra de Deus e extirpar o abuso que horrìvelmente ia desfigurando a igreja da Irlanda.

Malaquias desincumbiu-se da nova missão. E não se sabia qual seria maior, se o zêlo ou o sucesso. Os vícios foram corrigidos, os bárbaros costumes destruídos, as superstições banidas. Por tôda a parte, via-se reviver a pureza dos costumes com a fé. Estabeleceu em tôdas as igrejas as sanções apostólicas, os decretos dos santos Padres, principalmente os costumes da santa Igreja romana. Desde então, cantavam-se as horas canônicas, como por todo o universo se fazia, porque, anteriormente, depois da invasão dos dinamarqueses, tal não se dava na cidade episcopal. Por êle, teria estabelecido os cantos desde havia muito.

Finalmente, restabeleceu a salutar prática da confissão, o sacramento da confirmação, a regra nos casamentos, tudo, enfim, que se ignorava ou se negligenciava.

Como o zêlo pela reforma dos costumes e da disciplina era enorme, bem como grandemente circunspecto, receava introduzir coisas que pudessem não ser conformes com o rito da Igreja universal. Para instruir-se perfeitamente, resolveu, com aprovação e bênção do bispo e do diretor espiritual, ir ao encontro de Malc, bispo de Lesmor-en-Moumonie, um dos reinos da Irlanda.

Malc vivera longo tempo na Inglaterra, no mosteiro de Winchester. Era idoso, bem idoso, e célebre

não só pela sapiência e virtude, como, e mais, pelos milagres. Malaquias permaneceu ao lado do ancião por muitos anos.

No entanto, uma revolução eclodiu no reino de Moumonia: o rei Cormac, deposto pelo irmão, refugiava-se na residência do bispo Malc.

Malc apressou-se a recebê-lo com as devidas honras, mas o rei declarou que melhor seria, assim achava, ser tratado como um dos pobres irmãos que acompanhavam o bispo, levar, como êles, uma vida pobre, na paz esperando a vontade de Deus, melhor que reconquistar o reino pela fôrça.

— Para que verter sangue, uma gôta sequer? exclamava. Uma gôta que seja não poderá, no futuro, quando aqui já não estiver mais, e sim onde Deus o quiser, falar, incriminar-me, depor contra mim?

Maravilhado com tais palavras e tão santas disposições, o bispo designou para o rei, segundo desejava, uma pobre casa, onde viver.

Malaquias, êsse indicou-o o bispo ao rei como diretor espiritual. E o pio rei passou a viver como ermitão: de alimento só pão com sal e água.

Tanto se afeiçoou àquela vida austera, e tão humilde se fêz, que a Providência lhe facilitou os meios de recuperar o trono. E tão afeito a ela estava, que não se resolvia, sendo preciso o bispo e Malaquias, dos quais recebia ordens como se foram oráculos, induzi-lo a agarrar as rédeas do govêrno.

O rei Cormac, então na prosperidade, conservou por São Malaquias a mesma santa e terna amizade da adversidade. Honrava-o como se lhe fôra pai, dêle recebendo, àvidamente, todo e qualquer conselho.

Durante a estadia de Malaquias em Lesmor, sua irmã veio a falecer. Malaquias jurara que jamais havia de vê-la, em virtude da vida sobremodo mundana que levava: viu-a, porém, depois de morta.

Certa noite, durante o sono, parecia-lhe ter ouvido uma voz que lhe dizia que a irmã aguardava no cemitério, com dor, que lhe dessem alimento espiritual, do qual se via privada havia trinta dias.

Ao despertar, pensou Malaquias naquelas palavras — e viu que fazia precisamente trinta dias que cessara de rezar pelo repouso da alma da irmã. Como não odiasse na irmã senão o pecado, voltou, comovido, a orar por ela. Dizia, ou fazia dizer, todos os dias, por intenção daquela alma, a santa missa. Não foi em vão. Pouco tempo depois, viu a irmã à porta da igreja, mas sem poder entrar, tôda vestida de negro. Uma segunda vez, tôda de cinzento, dentro da igreja, sem que pudesse, entretanto, aproximar-se do altar. Finalmente, viu-a em meio à multidão dos que se vestiam totalmente de branco, dum branco muito branco, tôda ela alvura. É o que São Bernardo nos conta de São Malaquias. Sem dúvida, ouviu-o da própria bôca do santo.

Entrementes, o bispo Celso e o solitário Imar não mais podiam suportar a ausência de Malaquias. Requisitaram-no, então, para Armagh. Deus reservava-lhe uma obra pela glória de seu nome. A famosa abadia de Bangor jazia, havia longo tempo, em estado deplorável. Fôra fundada por São Congall, lá pelos idos de 555 e, dizia-se, lá se tinham já reunido três mil monges duma vez, saídos de numerosas colônias.

São Colombano, religioso daquela casa, levou a regra à França e à Itália. Os piratas dinamarqueses destruíram os edifícios que formavam o conjunto de

Bangor e massacraram novecentos monges num dia. O lugar pertencia a um homem muito rico, que, inspirado por Deus, o deu a São Malaquias, bem como os bens: tal homem era seu tio.

Por ordem do bem-aventurado Imar, Malaquias reergueu o monastério. E, novamente, era a escola do saber e da piedade, que o santo geriu por algum tempo, sendo, então, pela conduta, a regra viva da comunidade.

As austeridades da comunidade não lhe satisfizeram o fervor. Tudo, então, fizera para aumentá-las, particularmente. E, à reputação de santidade que ia adquirindo, juntavam-se milagrosas curas. "Sua vida, diz São Bernardo, foi, todavia, o maior de seus milagres".

Pouco tempo depois, foi elevado ao bispado da cidade de Connerth, onde a sede parecia estar abandonada por uma longa vacância. Malaquias resistiu, mas, afinal, as ordens de Imar e do metropolitano o levaram a submeter-se. Estava, então, com trinta anos quando foi sagrado bispo.

Logo que se pôs a trabalhar, reconheceu que se havia comprometido a conduzir animais antes que homens, porque nada vira de semelhante nos lugares mais bárbaros: a liberdade dos costumes era inenarrável, a brutalidade inexcedível, a aversão pela lei e pela disciplina enorme e os vícios mais vergonhosos transbordavam horrorosamente de tudo e por tudo. Eram cristãos só de nome — pagãos de fato. E não conheciam dízimos, nem primícias, casamentos legítimos, confissões; não havia a quem pedir penitência, nem quem a desse: padres, êsses eram em número risível. E que teriam feito, se em maior número? Os poucos não tinham quase nada a fazer entre os secula-

res. Não viam fruto algum que lhes viesse daquele embrutecido meio. Nada queriam com a igreja, nem a voz do pregador encontraria eco em tais corações. Nem mesmo a suavidade dos cânticos enterneceria aquêles corações.

Que faria o atleta do Senhor? Malaquias, suspirando, pensava: "Fugir? Fugir vergonhosamente ou combater, pregar, gritar a verdade, embrenhar-se no perigo?" Era pastor, e como tal, estava pronto a dar até a vida pela salvação do rebanho que lhe fôra confiado. Ficaria, fixaria residência no meio daqueles terríveis lôbos esfaimados e tudo faria, sem demora, para transformá-los em doces ovelhas inofensivas.

Malaquias passou a instruir, a pregar nas praças públicas, a repreender coletiva ou particularmente, a pedir, a rogar, chorando, para cada qual: que se compenetrassem da Verdade, de Deus. Todo êle, contrito, era humildade e resignação — e esperança, esperança no Todo-poderoso.

O Santo passava as noites em oração. Se ninguém comparecia à missa, percorria as ruas, procurando reunir os que pudesse e levá-los para Deus, que estava à espera. E, com o mesmo ardor e o mesmo zêlo, corria os campos, os povoados, acompanhado por êste ou aquêle fiel discípulo que não o deixava nunca. Lá ia êle, a distribuir o pão da vida, mesmo nos mais ingratos. Lá ia êle, sempre a pé, como a pé iam os apóstolos, com grande doçura, com inalterável firmeza, suportando a afronta dos maus, dos duros, dos que êle queria tornar bons e mansos de coração.

A perseverança, afinal, triunfou no meio daquele povo tão rebelde. Eis que os rudes, a pouco e pouco,

vão-se abrandando, ouvindo a voz do pastor incansável, tornando-se susceptíveis de correção, de disciplina.

As leis bárbaras foram abolidas e supridas pelas leis romanas, os costumes da Igreja foram substituir os costumes contrários, igrejas foram erigidas e padres ordenados para nelas servir. O povo começou a confessar-se, a freqüentar os ofícios divinos: casamentos legítimos tomaram o lugar do concubinato. Tudo ia às mil maravilhas, tudo mudava para melhor.

A Irlanda, então, obedecia a quatro ou cinco pequenos reis, de costumes grandemente diversos. O que reinava na parte setentrional da ilha precipitou-se, alguns anos depois, sôbre a diocese de São Malaquias, e arruinou a cidade, agora episcopal por excelência.

O Santo, enxotado, retirou-se com cento e vinte religiosos para as terras de Cormac, o mesmo rei com o qual privara em Lesmor. E o piedoso príncipe, relembrando os maus tempos, a amizade que então nascera, ofereceu a Malaquias tôda a assistência de que o via necessitado. Doou-lhe uma herdade, considerável quantia em dinheiro, com o que ergueria um mosteiro onde tivessem alojamento todos os religiosos que fugiram da sanha do mau rei, mosteiro em que teve oportunidade, por diversas vêzes, de fazer retiro, como se ainda fôsse discípulo do bom Malaquias.

Entretanto, Celso, arcebispo de Armagh, caía doente, gravemente. Vendo que o fim estava próximo, declarou, por uma espécie de testamento, que Malaquias lhe seria o sucessor, Malaquias, que havia ordenado como diácono, sacerdote e bispo, dizendo que não conhecia nem sabia de pessoa mais digna que pudesse ficar à testa do clero da Irlanda. Re-

comendava-o a todos, pela autoridade de São Patrício, notadamente aos dois reis de Moumonie e ao senhor do país.

São Patrício, apóstolo da Irlanda, era grandemente venerado, e não sòmente o clero, mas os reis e príncipes haviam de obedecer, por isso, ao sucessor que êle, Celso, queria na sede metropolitana de Armagh. O mêdo de Celso era que Malaquias não pudesse ocupar-lhe o lugar, uma vez que, naqueles idos, se estabelecera o péssimo costume de pertencer a sede a determinada dinastia; daí, autoridades eclesiásticas negligentes ou incompetentes.

Celso afligia-se, no fim da vida, querendo impor Malaquias, porque desejava na sede alguém que fôsse de bem e verdadeiramente crente. Tinha confiança que o santo poderia extirpar a perniciosa sucessão, tanto era amado por todos e, principalmente, porque sabia que o Senhor estava com êle.

A esperança do velho arcebispo não foi enganada. Logo após a morte, Malaquias ocupou-lhe o lugar; não, contudo, fàcilmente: certo Maurício, da família que se sentia dona da sede, nesta se manteve, à fôrça, por quase cinco anos. E foi um tirano ao invés de bispo.

Por outro lado, todo homem de bem incitava São Malaquias a que se estabelecesse em Armagh, segundo o desejo de Celso. E o Santo, aproveitando a ocasião, dizia que era por demais fraco para abolir um abuso tão inveterado e fazer frente a tão poderosa família.

Dizia, contristado, porque pensava no pior.

— Então o usurpador sairá de lá assim, sem derramamento de sangue? Ademais, estou ligado a outra igreja . . .

Entre os que lhe solicitavam mais ardorosamente a ida para Armagh, estavam dois bispos, os bem-aventurados Malc de Lesmor e Gilberto de Limerick, que foi o primeiro legado do Papa na Irlanda.

Há já três anos que Maurício usufruía da usurpação, quando os dois prelados, não podendo ver por mais tempo a igreja de Armagh tão desonrada, reuniram os bispos e os grandes do país. E, todos juntos, numa grande comissão, foram procurar Malaquias no mosteiro em que então vivia e professava — o de Ibrac — para obrigá-lo a aceitar o arcebispado de Armagh, caso não o fizesse voluntàriamente.

Malaquias não cedeu senão sob ameaça de excomunhão, dizendo que, se tudo o levasse à morte, acalentava a esperança de sofrer o martírio.

E acrescentou:

— Imponho, porém, humildemente, uma condição, se tudo correr como desejais: quero a permissão, quando a paz fôr restabelecida, de retornar à minha vida de agora, à minha bem-amada pobreza.

A condição foi aceita, e Malaquias começou a exercer as funções de arcebispo em tôda a província. Não as exerceu, todavia, na cidade de Armagh, onde não queria entrar, temendo uma sedição.

Maurício morreu dois anos depois, sem reconhecer a posição do santo, nomeando um parente, Nigel, para que lhe sucedesse. E o que aconteceu foi que o rei Cormac e os bispos da província, impuseram Malaquias, sendo, enfim, reconhecido como o único metropolitano, o legítimo, da Irlanda. Corria, então, o ano de 1133 e São Malaquias completava trinta e oito anos de idade.

É o que conta, na *Vida de São Malaquias*, o grande São Bernardo.

São Malaquias tinha ainda o que sofrer, muito que fazer, durante três anos, mas a paciência de que era dotado e os milagres que Deus operou por seu ministério, acabaram por triunfar, sobrepondo-se a todos os obstáculos. Assim, quando a peste arrasou com a diocese de Armagh, Malaquias afastou-a com o poder da oração.

Quando livrou a igreja da opressão, restabeleceu a boa ordem e a disciplina. Pensando ùnicamente em demitir-se, sagrou, para que o substituísse, um virtuoso eclesiástico chamado Gelásio, e foi para a antiga sede, a qual, depois de muito tempo, se uniu à de Down. Acreditando que era para a glória de Deus, dividiu-as. E sagrou um bispo para governar a igreja de Connor, para si reservando a diocese de Down, que era a menor e a mais pobre. Logo depois, estabeleceu uma comunidade de cônegos regulares, aos quais se reunia para estar ocupado com a oração e a meditação, quando, porém, lho permitiam os deveres outros que tinha.

Outras comunidades de grande utilidade fundou-as São Malaquias, tanto para a diocese que governava como para outras, espalhadas pela Irlanda. E ninguém lhe perguntava o porque daquilo que fazia, com que autoridade se abalançava a isto ou a aquilo, uma vez que todos o tinham como apóstolo, e como tal o reverenciavam.

São Malaquias, todavia, pensava no que fazia, pesava-o e repesava. E tudo o que fazia, fazia-o para o bem. Então, resolveu, para que o Papa tudo confirmasse, realizar uma viagem a Roma, pensando, ainda, em conseguir o *pallium* para a sede de Armagh e para outra metropolitana, possìvelmente a de Tuam.

A execução dêsse projeto, já delineada pelo arcebispo Celso, que lhe foi predecessor, não tivera a aprovação do Papa. A sede de Armagh estava, depois de muito tempo, privada ainda do pálio, dado o abuso e a negligência daqueles que se haviam amparado noutras regras.

Corria o ano de 1139, quando São Malaquias, com pesar de todos, deixou a Irlanda. Ia-se-lhes a salvaguarda contra todos os males.

Em York, passou o santo algum tempo em companhia dum sacerdote chamado Sicar. Estando em França, visitou a abadia de Clairvaux, onde se uniu, fortemente, em amizade estreita e sem par, a São Bernardo. Edificou-se de tão grandes exemplos de virtudes, dos quais foi testemunha, que se pudesse, se fôra livre, ali ficaria para o resto da vida.

Pesaroso por deixar a companhia do grande São Bernardo, continuou a rota, em busca da Itália, da Cidade Eterna. Quando chegou no Piemonte, restituiu a saúde a um menino que estava às portas da morte.

Em Roma, foi recebido de maneira tão favorável pelo papa Inocêncio, que se arriscou a rogar a graça de poder morrer em Clairvaux, junto a São Bernardo.

O papa Inocêncio, porém, julgava-o mais necessário à Irlanda, e denegou-lhe o pedido.

Um mês inteiro passou São Malaquias em Roma, visitando os santos lugares. Durante êsse tempo, dêle o Papa se informou, cuidadosamente, e dos que o acompanhavam, relativamente ao país, aos costumes da nação, ao estado das igrejas e das grandes e miraculosas coisas que Deus havia feito por meio de seu ministério.

Pouco antes de partir, deu-lhe o Papa seus poderes, fazendo-o seu legado para tôda a Irlanda. Malaquias, solicitou, em seguida, a confirmação da nova metrópole, da qual o Papa lhe deu, também, a bula. Quanto ao *pallium*, disse ao Santo:

— Há que observar a cerimônia: quando chegardes à Irlanda, tratai de convocar um concílio geral, e, em comum acôrdo, solicitareis o pálio, que não vos será recusado.

O Papa, muito sereno e solene, tirando a mitra da cabeça, colocou-a na de Malaquias. Em seguida, deu-lhe, igualmente, a estola e o manípulo, dos quais se servia ao altar, e, tendo-o saudado com o beijo da paz, concedeu-lhe a bênção.

Pelo caminho, de regresso, Malaquias ficou ainda por uns tempos em Clairvaux, pesarosíssimo por não poder ali viver para sempre. Ali ficaram, porém, quatro dos discípulos que o acompanhavam, para estudar o instituto daquela casa. Aprovados, foram recebidos na profissão, e o santo bispo, já na Irlanda, enviou outros, que foram igualmente recebidos, e tão bem instruídos que, dois anos depois, em 1141, São Bernardo os reenviou, com alguns dos seus, para fundar, na diocese de Armagh, a abadia de Mellifont. Logo em seguida, outras cinco surgiram.

Ao chegar à Irlanda, Malaquias foi recebido com tanta alegria, as manifestações de júbilo eram tantas e tais, que chegou a pensar em nunca mais partir, de tanta pena do povo. Principiou, então, a exercer a legação, presidindo muitos concílios em diversos lugares, para restabelecer as velhas tradições abolidas pela negligência dos bispos do passado e elaborar novos regulamentos.

Tudo aquilo que São Malaquias ordenava era recebido com imensa satisfação, como se fôra caído do céu. E, para que não se esquecesse do que estabelecia os mais ardorosos faziam-no por escrito, para que não os traísse, com o passar do tempo, a memória. E mais: as palavras do Santo apoiavam-se na virtude e nos milagres. Tudo era edificante em São Malaquias: positivo, sem austeridade, alegre, sem dissipação, tranqüilo, sem ser ocioso, nem negligente no que quer que fôsse, embora dissimulasse muita coisa conforme a ocasião.

Malaquias não possuía nada seu, e nada lhe era consignado da renda episcopal. Quase todos os dias, visitava a diocese e as igrejas, sempre a pé, mesmo sendo legado. Hospedava-se, sempre que podia, num dos mosteiros que havia estabelecido e nêle observava o que todos observavam, sem nenhuma distinção.

É São Bernardo quem nos cita êstes particulares da vida do santo prelado, do amigo. Transmite-nos também, em detalhes, grande número de milagres, de profecias, de revelações, de punição de ímpios, de curas e de miraculosas conversões, mas reconhece que Malaquias se rejubilava com aquilo que era imitável, mais do que com o que era admirável.

Eis um fato que São Carlos Borromeu tinha o costume de referir aos seus padres. Um homem, nobre, vivia nas vizinhanças do mosteiro de Bangor: a espôsa, doente, gravemente enfêrma, piorava a olhos vistos. São Malaquias foi chamado para lhe dar a extrema-unção. Ao chegar, a doente recebeu-o com alegria, tanta a confiança que nêle todos depositavam. O bispo apressou-se em lhe fazer as santas unções,

quando todos os assistentes julgavam que seria melhor esperar pela manhã porque era pela tardinha.

Malaquias deixou-se persuadir pelos avisos, deu à doente a bênção, e saiu com aquêles que o acompanhavam. Dentro em pouco, porém, todos, na casa, se puseram a gritar e chorar: a enfêrma falecera. Ao retornar, o Santo encontrou-a morta. Consternado no mais profundo da alma, recriminou-se pesadamente, a repetir pesarosamente:

— Morreu sem a graça do sacramento, morreu sem a graça do sacramento . . .

E, num arroubo, erguendo as mãos para o céu, exclamou:

— Senhor, agi como insensato! Pequei! Eu pequei, não ela!

E, dizendo estas palavras, dirigiu-se a todos, a dizer que jamais seria consolado nem teria mais repouso na vida. Pôs-se, então, a chorar, a soluçar e gemer — e assim foi noite a dentro, e, com êle, os fiéis discípulos que sempre o acompanhavam.

Deus apiedou-se daquele tão doce servo: ao amanhecer, diante de todos, surpresos, a mulher mexeu-se no esquife, moveu os braços, abriu os olhos, como se viesse dum sono. E, dando com os olhos em Malaquias, sorriu-lhe, saudou-o devotamente, inclinando a cabeça.

O pesar converteu-se, instantaneamente, em alegria sem par.

Malaquias, rendendo graças sem fim ao Criador, administrou-lhe a extrema-unção, certo de que tal sacramento retira os pecados e contribui mesmo para a cura de doenças. Com efeito, aquela mulher recuperou a saúde e passou o resto da vida a fazer penitência.

São Malaquias desejava — o tempo passava — o *pallium*, para honrar a sede e não faltar a nenhuma cerimônia da Igreja. Não lho prometera o papa Inocêncio? Afligia-se, entretanto, o santo, uma vez que já se fôra para Deus o bom Papa. Por que não insistira quando ainda em vida?

Sabendo, porém, que o papa Eugênio se dirigia à França, resolveu aproveitar a ocasião, não duvidando que lhe seria favorável, como novato da querida casa de Clairvaux. Reuniu o concílio, e, antes de ter tratado, durante três dias, das coisas que se lhe apresentavam, no quarto declarou a resolução que tomara, quanto ao pálio. Os bispos aprovaram-na, contanto que outro o exigisse. Dizendo-lhes que êle mesmo desejava ir, que a viagem não era lá tão longa, não ousaram opor-se-lhe à idéia.

E Malaquias foi. Na Inglaterra, soube que o rei Estêvão estava descontente com o papa Eugênio, que acreditava lhe fôsse desfavorável. Quando o arcebispo chegou a Clairvaux, São Bernardo recebeu-o, e correu abraçá-lo, com uma agilidade que fazia pasmar, tal a debilidade que lhe era peculiar. O Papa, entretanto, estava já em Roma ou quase a chegar.

Assim, o arcebispo foi obrigado a ficar naquela santa comunidade, à espera dos que o acompanhavam, retidos que ficaram na Inglaterra, a fim de então, preparar-se para a viagem a Roma.

Quatro ou cinco dias depois, ei-los chegados. E, logo depois de ter Malaquias celebrado a missa conventual de São Lucas, sentiu-se febril e adoentado, caindo de cama. Tôda a comunidade se apressou em servi-lo, dando-lhe todo o alívio possível. Malaquias, no entanto, dizia:

— Vossos cuidados são inúteis. Eu é que desejo fazer por vós todos o que quiserdes.

Sabia que o fim estava próximo, que morreria naquele ano. E o dia que desejava, havia muito, era o dos Finados, porque tinha grande confiança no socorro que os mortos recebem dos vivos naquele dia. Já anteriormente dissera que, se sucedesse morrer em viagem, gostaria de morrer ali, em Clairvaux, na bem-amada Clairvaux.

E pediu o óleo santo. Como a comunidade se preparasse para, solenemente, aplicar-lho, não a querendo incomodar, desceu do quarto que então ocupava, andando desembaraçadamente, e lá em baixo recebeu a extrema-unção e o viático, retornando, depois, para o aposento.

O aspecto era bom, em nada mudara, e ninguém podia crer que estivesse tão perto do fim. Mudou, porém, na noite de Todos os Santos. Via-se que era chegada a hora extrema, e tôda a comunidade jazia perto dêle.

Malaquias olhou todos:

— Desejava imensamente, disse, comer o Cordeiro-Pascal nesta casa: rendo graças a Deus, à bondade divina, não ter sido o meu desejo frustrado.

Consolando-os ternamente, acrescentou:

— Tivestes cuidado de mim. Eu jamais me esquecerei disto — se me fôr permitido. Não, não duvido, porque creio em Deus, e tudo é possível para quem crê. Amo a Deus, amo-vos também, e o amor não cessa jamais.

Deixou, por um pouco, de falar. Depois, olhando o céu, continuou:

— Meu Deus, olhai por todos daqui, e por todos aquêles que, por minha palavra e ministério, a vosso serviço se consagram.

Afinal, impondo as mãos em cada qual e abençoando-os a todos, ordenou-lhes se fôssem para um repouso, uma vez que a hora ainda não era chegada. Foram, mas pouco depois, voltaram. E tôda a comunidade, presente a salmodiar, velava aquela alma prestes a iniciar a viagem de retôrno à pátria eterna. Com os olhos fixos no moribundo que repousava, não o viram morrer, tão calmamente dormia, sossegado nos seus cinqüenta anos, naquela noite de Todos os Santos para a festa dos mortos.

São Bernardo fêz-lhe a oração fúnebre naquele dia mesmo. Pouco tempo depois, escrevia-lhe a vida, à instância do abade Congan e de tôda a comunidade dos cistercienses que Malaquias governou na Irlanda.

O motivo do Santo, ao escrever a vida de São Malaquias, foi o de conservar a memória de tão grande exemplo de virtude, nos tempos em que os santos eram tão raros, particularmente entre os bispos. (1)

* * *

(1) São Bernardo, Vita S. Malach. et sermo in S. Malach.

SANTO HUMBERTO (*)

Bispo

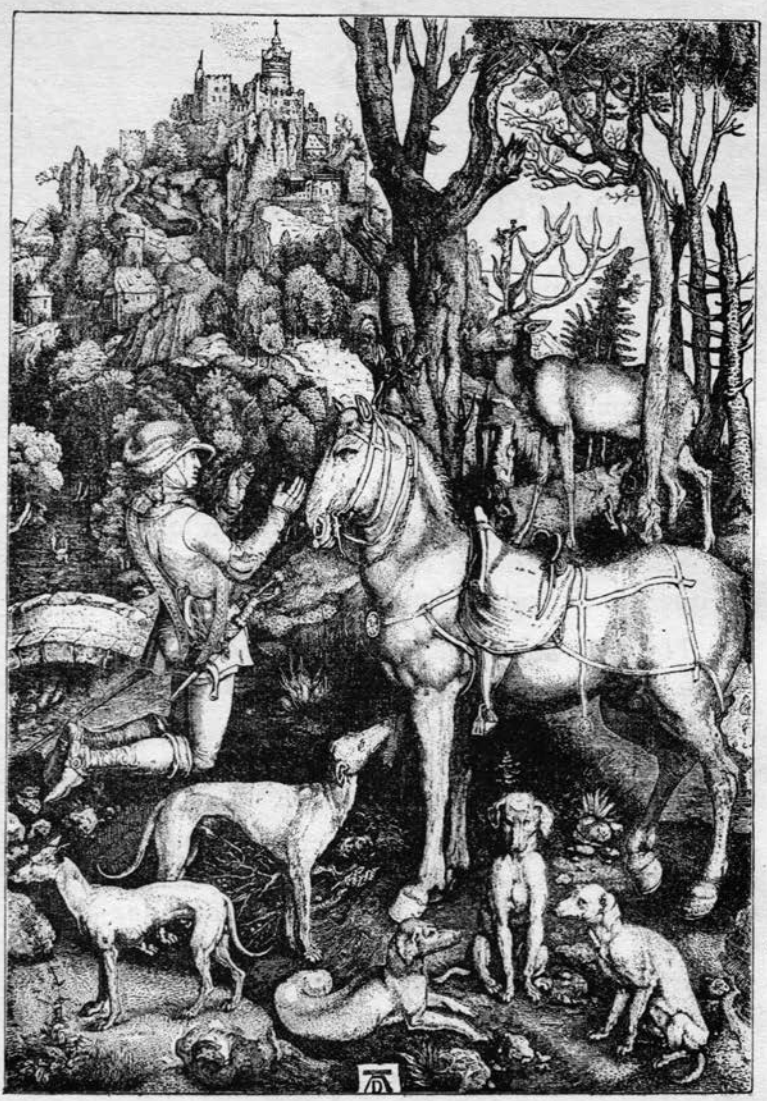
Bispo de Tongres, de Maestricht e de Liège, Santo Humberto foi o mais enérgico batalhador na conversão da Bélgica oriental.

Tendo sido eleito em 705, governou, muito prudente e sàbiamente, até 727, ano em que faleceu. Caridoso, penitente e doce, não se dando repouso, era querido de todos e muitíssimo procurado.

No fim da vida, quando da dedicação duma igreja em Brabante, pregou sôbre a morte:

"Fazei penitência, está a chegar, vem próximo o dia do julgamento. A morte está próxima, não tarda a vir, como diz a Escritura. Sim, dêste sono todos seremos prêsa. Se alguém se sente culpado, em falta, caído no pecado, ainda há tempo de recorrer a salutares medicinas. Ide, enquanto uma porta jaz aberta, para que a alma não morra com o corpo. Quem fêz malfeitos, que se arrependa de todo o coração. E vós, irmãos, pesai e repesai o que tendes feito. Doravante, ponde tôda a vossa atenção naquilo que ides fazer. Quanto a mim, pobre pecador, a vós vos falo, mas é por mim que temo".

Depois:



Santo Humberto (gravura de Alberto Dürer, século XVI).

"Eis que meu juiz ali está e vai dizer-me: "Onde estão os que tu instruíste, aquêles a quem pregaste? Onde estão? Eu te constituí para estares à frente de meu rebanho. Presta conta de tua gestão: que exigiste, que fizeste, como trabalhaste?". E eu, miserável, que responderei eu, inútil servidor, quando Êle me aparecer em tôda a sua majestade, glorioso, com os santos anjos e arcanjos, os tronos e as dominações? O juiz sereno virá exigir o que lhe é devido e propiciar aquilo que prometeu. Então, se consegui algum bem de vós, direi: "Aquêles, aquêles guardaram os teus mandamentos e os teus preceitos, a tua lei, graças ao meu ensinamento, e não os esqueceram".

A 30 de maio, daquele 727, falecia.

Santo Humberto foi um dos santos mais populares da Bélgica.

No mesmo dia, na diocese de Carcassona, antes de Tolosa, São Papul, bispo e mártir, cuja legenda, destituída de valor histórico, conta que era filho do prefeito de Antioquia e seguiu São Pedro a Roma; quando o Príncipe dos Apóstolos enviou São Saturnino a Tolosa, deu-lhe Papul como auxiliar nos trabalhos que devia empreender naquelas terras. Papul governou a diocese de Tolosa, enquanto Saturnino pregava na Espanha. Decapitado, Papul aparece entre os santos que, tomando nas mãos a cabeça separada do corpo, põe-se a caminhar para um determinado lugar. São Papul, chegado a uma fonte, nela deixou a cabeça.

Na Tebaida, Egito, Santo Elias, solitário (século IV?).

Em Salermo, São Valentiniano, bispo (século V?). Êste santo, honrado como bispo daquela cidade, não aparece em nenhum documento.

Na Síria, Santo Acepsimas, monge, no século V. Encerrado na cela, não queria ver ninguém. Uma vez por semana, levavam-lhe lentilhas. Deixando a cela à noite, ia beber água, às ocultas, numa fonte que havia perto. Quando faltavam cinqüenta dias para morrer (segundo predição do próprio Santo) consentiu que fôssem vê-lo. O bispo, então, ordenou-o sacerdote. Com efeito, faleceu no dia que dissera deixaria o mundo dos homens.

Em Tarazona, na Espanha, São Gaudioso, bispo, no século VI. Discípulo de São Vitoriano, abade do mosteiro de São Martinho de Asan, combateu os arianos.

Na Bretanha, São Guenael, abade, no século VI. Segundo uma *Vita,* São Guenael foi o sucessor de São Guenoleu.

Na diocese do Mans, São Bomer, ermitão, que foi ordenado padre pelo bispo do Mans, Santo Inocêncio. Enviado por êste prelado para trabalhar entre os habitantes de Braye, evangelizou a região, operou muitos milagres e recebeu o rei Childeberto.

Na região do Elba inferior, São Mariano, missionário e mártir. Diácono, foi morto por pagãos, antes de 780.

Na Alsácia, Santo Acherico e São Guilherme, monges (século X?).

Nos Abruzos, Santo Amigo, beneditino, falecido em 1045. Nascido perto de Camerino, nas Marcas, de pais nobres, ingressou num mosteiro, onde

viveu por algum tempo. Feito padre secular, retornou ao mundo para ajudar os seus espiritualmente.

No Brabante do Norte, Santa Odrada, virgem. Piedosa e casta, esta santa virgem muito sofreu com a madrasta, até o dia em que o pai, então indiferente, pôs-se a protegê-la, diante dum prodigioso acontecimento: Odrada queria assistir à dedicação duma igreja em Milghem, cidade bastante afastada do lugar em que vivia. Como ir à cerimônia? Respondeu-lhe a madrasta, escarninha, que montasse o cavalo que vivia sôlto nos campos. O tal cavalo era um animal indomável, que ninguém jamais conseguira chegar perto, selvagem e matreiro. Odrada, cheia de confiança em Deus, procurou-o, selou, montou e partiu, como se fôra no mais manso dos pangarés, deixando a todos estupefatos. Daí a invocarem contra doenças de animais. Invocam-na também para obtenção de chuvas favoráveis à lavoura e para por fim às tempestades destruidoras.

Na Itália, São Berardo, bispo.

Perto de Fischingen, na Suíça, Santa Ida, dita "condêssa de Toggenburgo", reclusa, que, pensa-se, tenha sido espôsa do duque Henrique de Toggenburgo, ou uma Ida de Nellenburgo, casada com o conde Eberaldo de Nullenburgo. Esta última, teria levado vida edificante, como a outra também o levou, ao lado do espôso; mais tarde, fêz-se reclusa, com o assentimento do marido. Ida de Toggenburgo, segundo uma versão maravilhosa, quis, um dia, olhar o anel nupcial de encontro ao sol, para ver aos raios daquele astro, que efeito teria a belíssima pedra. Tirou-o, então, do dedo, mas um corvo, num vôo rápido, tomou-o no bico e se embrenhou na floresta. Ten-

do-o deixado, um caçador encontrou-o. Pô-lo no dedo. O conde, vendo-o com o caçador, jovem e belo, acreditou num adultério. Matou-o, e à espôsa, atirou-a num precipício. Anos mais tarde, o mal avisado conde encontrou a espôsa, que não morrera: vivia numa caverna, alimentando-se de frutos silvestres; ali, levava a vida a orar ao Senhor. Convidada a voltar ao castelo, recusou-se, indo para o mosteiro de Fischingen.

Em Cudot, Santa Alpais, virgem, falecida em 1211, de grande prestígio. Uma comissão nomeada pelo arcebispo de Sens constatou que o único alimento que tomava, duma fase da vida até a morte, era tão-sòmente a santa eucaristia.

Em Rímini, na Itália, o bem-aventurado Simão de Sant'Arcângelo, converso dominicano, falecido em 1329.

Em Son-Tay, Tonkin, o bem-aventurado Pedro Francisco Nero, sacerdote e mártir, morto em 1860 e beatificado aos 2 de maio de 1909.

São Quarto, discípulo dos apóstolos.

Na Capadócia, os santos mártires Germano, Teófilo, Cesário e Vidal, que pela fé sacrificaram a vida, durante a perseguição movida nos tempos de Décio.

Em Saragoça, um número incontável de santos mártires, que, sob Daciano, sofreram morte gloriosa por Jesus Cristo.

Em Viterbo, os santos mártires Valentim sacerdote, e Hilário, diácono, que, durante a perseguição de Maximiniano, foram, pela fé em Jesus Cristo, precipitados no Tibre com uma grande pedra

amarrada ao pescoço, sendo, todavia, dali retirados por um anjo, miraculosamente. Tiveram a cabeça cortada e receberam a coroa dos mártires.

Na Inglaterra, Santa Vinfrida, virgem e mártir.

Em Vienne, São Dono, bispo e confessor.

Falecimento de São Pirmino, bispo de Meaux.

Em Roma, Santa Sílvia, mãe de São Gregório, papa.

* * *

4.º DIA DE NOVEMBRO

SÃO CARLOS BORROMEU

Cardeal, Arcebispo de Milão

Um príncipe passava por Milão: para homenageá-lo, celebraram-se divertimentos públicos. De repente, uma notícia sinistra se espalhou cèleremente: manifestara-se a peste em dois lugares da cidade.

O príncipe, imediatamente, e com precipitação retirou-se, seguido do governador e de grande parte da nobreza e dos magistrados.

Ficaram na cidade apenas o povo e os pobres, com um pequeno número de magistrados e alguns bons padres ou religiosos, num terror e desolação inenarráveis.

O santo arcebispo Carlos fôra administrar os últimos sacramentos a um bispo da província. Quando regressou, tôda a gente se lhe reuniu ao redor, a gritar, consternada, e a chorar:

— Misericórdia, Senhor, misericórdia! A peste aqui ficará por seis meses!

Carlos foi o salvador do povo. Secundado por padres e religiosos, que animava à caridade, proveu as necessidades corporais e espirituais dos doentes, visitando-os e administrando-lhes, êle mesmo, os sacramentos. Para alimentá-los ou vesti-los, vendia tudo aquilo que tinha, até a cama, resignando-se a

dormir sôbre tábuas. E jejuando e orando, sofrendo pela saúde de todos, procurou afastar a ira de Deus. Orava e jejuava, sem cessar.

Nascido duma ilustre família, sobrinho do papa Pio IV, cardeal e arcebispo, empregou tôda a superioridade para melhor servir a Igreja, secundar os sábios regulamentos do santo concílio de Trento, que vinha de concluir-se por seu desvêlo, reprimir as heresias, reformar os costumes do clero e do povo, reanimar o fervor nos claustros, renovar, numa palavra, a face da terra.

Por si mesmo, viveria com mais austeridade que um trapista. Muitos anos antes de sua morte, que se deu em 1584, propôs a si mesmo uma lei: jejuar todos os dias, passar a pão e água, excetuando os domingos e dias de festas, nos quais comia um pouco dêste ou daquele legume, ou fruta. Contìnuamente fazia uso do cilício, dormia muito pouco, passando em orações as vigílias das grandes festas.

Quem quer que rogasse a São Carlos lhe traçasse as regras a seguir, para progredir na virtude, dava-lhe o santo, invariàvelmente, esta resposta:

— Aquêle que deseja progredir no serviço de Deus, deve começar cada dia da vida com um novo ardor, ater-se na presença de Deus o mais possível e tudo fazer para que as ações que praticar sejam para a glória do Senhor.

E o que São Carlos Borromeu dizia, cumpria-o. Quanto a nós, façamos o que nos diz.

De resto, o que São Carlos fêz durante a peste de Milão, fê-lo durante tôda a vida, nada aspirando, senão à glória de Deus e à salvação do próximo. Na diocese tôda, vêem-se monumentos vários que lhe exaltam a caridade.

Em Milão, fundou um convento de capuchinhos, onde a filha de João Batista Borromeu, seu tio, professou e morreu com reputação de santidade. Um mosteiro das Ursulinas, para instrução de órfãs, um hospital para pobres, onde eram recebidos todos os que estavam necessitados, outro para convalescentes, etc.

Os oblatos tiveram a direção dos colégios e seminários diocesanos. Quanto ao colégio que fundou em Pavia, entregou-o São Carlos à direção dos cleros regulares de Somasque.

Além do govêrno-geral da província e da diocese, ocupava-se ainda com a direção particular das almas. Gostava imensamente de assistir aos moribundos. Ao ter conhecimento de que, isso em 1583, o duque de Sabóia adoecera em Vercelli, e os médicos estavam desesperançados, para lá partiu, chegando ainda com tempo para o encontrar vivo.

O duque, ao pressentir o santo arcebispo no quarto, exclamou:

— Estou curado!

São Carlos administrou-lhe a comunhão, no dia seguinte, e ordenou orações para que se restabelecesse. O duque viveu persuadido de que, depois de Deus, devia a cura aos méritos do santo. Quando, afinal, veio a falecer, deixou ordenado lhe acendessem uma lâmpada de prata no túmulo, em sinal de agradecimento por aquêle benefício.

Ia São Carlos, de quando em quando, fazer retiros em Camaldules e noutros lugares solitários. Apreciava, especialmente, fazê-lo em Monte-Varalli, na diocese de Novara, nas fronteiras da Suíça. Ali, os mistérios da paixão eram representados nas diferentes capelas. Em 1584, reuniu-se com seu con-

fessor, para preparar-se para a morte, que, dizia, já estava próxima. E passou, então, a redobrar as austeridades.

Nesse último retiro, parecia mais embevecido em Deus do que nunca, livre de tôdas as coisas terrenas, bem longe de tudo o que formigava cá embaixo. A abundância de lágrimas, tanto chorava, obrigava-o a interromper, constantemente, a celebração da santa missa. Passava a maior parte do tempo na capela chamada *Súplica do Jardim*, e naquela *Do Sepulcro*. Dir-se-ia um morto, tão engolfado vivia no Salvador, para reconhecer a si mesmo.

Aos 24 de outubro, têrça-feira, foi tomado por uma grande febre. Aos 29, tendo terminado o retiro, partiu para Arona. A febre aumentava, e o que era pior, era contínua. No dia dos Mortos, foi levado para Milão, em liteira. A doença que o acometera foi julgada gravíssima. Havia momentos de melhora, mas, em breve, o recrudescimento da febre anunciou-se por sintomas tão incômodos, que os médicos que a êle assistiam perderam tôda a esperança que, havia bem pouco, ainda nutriam de o salvar.

Carlos, que não interrompera os exercícios de devoção, recebeu o julgamento dos médicos com uma serenidade sobrenatural, com uma tranqüilidade difícil de se acreditar, e pediu os sacramentos da Igreja, sacramentos que recebeu com o maior fervor e unção.

De tarde, principiava docemente a noite de 4 de novembro, morria, pronunciando estas palavras:

— *Ecce venio* — Eis que eu venho.

Por testamento, deixou para a catedral uma baixela, a biblioteca para o cabido, os manuscritos para o bispo de Vercelli, instituindo o hospital geral, seu herdeiro. Quanto aos funerais, deixou ordens

Doutôres italianos discutindo um ponto de Teologia (segundo miniatura da **Vida de Santa Catarina de Sena**).

explícitas para que se fizessem com a maior simplicidade. Escolhera como sepultura um recanto existente perto do côro, e não queria outra inscrição senão aquela que ainda hoje se lê numa pequena placa de mármore, que diz assim:

> "Carlos, cardeal com o título de São Praxédes, arcebispo de Milão, que implora o socorro das orações do clero, do povo e dos devotos em geral, escolheu esta tumba, quando em vida".

E fêz-se esta adição:

> "Viveu 46 anos, um mês e um dia, governou esta igreja por 24 anos, 8 meses, 24 dias, tendo falecido aos 4 de novembro de 1584".

Operaram-se muitas curas milagrosas pela intercessão do servidor de Deus e pela virtude de suas relíquias. Em 1601, o cardeal Baronius, confessor de Clemente VIII, enviou ao clero de Milão uma ordem do santo Papa, pela qual substituía a missa do Santo pela de Requiem, que Carlos mesmo autorizara para todos os anos, quando do aniversário de sua morte.

Nove anos depois, o venerável arcebispo foi solenemente canonizado pelo Papa Paulo V. As relíquias, encerradas num relicário preciosíssimo, presentemente se encontram numa capela subterrânea, magnífica, construída sob a cúpula da grande igreja. O altar é de prata maciça, e a maior parte da abóbada está revestida de placas do mesmo metal. Acesas,

permanecem, noite e dia, numerosas lâmpadas de ouro e prata. E inúmeras dádivas de príncipes, riquíssimas, de cardeais e de bispos, vêem-se por tôda a capela.

Em 1697, foi-lhe erguida, na terra natal, em bronze, uma estátua com vinte metros de altura. Dessa maneira, honrou-se na terra aquêle que, por Jesus Cristo, a terra desprezou.

E não é tudo. Resta-nos ainda conhecê-lo como Doutor da Igreja, e digno, como tal, de suceder a Santo Ambrósio.

O concílio ecumênico de Trento resumiu tôda a doutrina e a disciplina da Igreja de Deus para remediar os êrros e vícios da humanidade contemporânea. São Carlos, aplicou o grande remédio, primeiramente a tôdas as dioceses da metrópole nos concílios provinciais, depois a tôdas as partes da diocese particular de Milão nos sínodos — enfim, a tôdas as classes de pessoas e de coisas em disposições especiais.

A edição mais completa de suas obras é a de Saxius, Milão, 1747, cinco volumes *in-folio*. A biblioteca ambrosiana conserva mais de trinta e um volumes de suas cartas. As obras impressas, comumente intituladas *Atos da Igreja de Milão*, dividem-se em oito partes: 1.ª Concílios Provinciais, 2.ª Sínodos Diocesanos, 3.ª Editos Diversos, Disposições e Decretos, 4.ª Instruções Diversas, 5.ª Instituições e Regulamentos de Diversos Gêneros, 6.ª Tabelas Diversas, 7.ª Cartas Pastorais e outros trabalhos concernentes à piedosa instituição do clero e do povo, e, finalmente, 8.ª Fórmulas Diversas.

Essas oito partes descritas apresentam uma aplicação gradual do concílio de Trento à conduta da

província eclesiástica, da diocese, da casa episcopal, do cabido canônico, do seminário, dos conventos, das paróquias, dos pregadores, dos confessores, das congregações de ensino e de caridade, das confrarias, das peregrinações, compreendendo até o govêrno das sacristias.

A cátedra apostólica, em que o concílio de Trento está como que encarnado, fêz bem em examinar os futuros bispos, e êstes os futuros cooperadores, sôbre a teologia prática e administrativa de São Carlos, que Deus deu nestes últimos tempos, para ser modêlo e árbitro. Em todos os países católicos o vigário de Cristo está presente pelo núncio ou por quem o represente: tudo aquilo que se pode desejar é que seja sempre uma presença real, e não simplesmente uma figura ou um nome. Deus, por sua vez, opera: espalha seu espírito, como por uma nova criação e renova a face da terra. Por acompanhamento mesmo de abalos e incertezas políticas, tôdas as populações cristãs talvez mesmo outras, experimentam misteriosa aspiração por Roma, aspiração que se comunica aos sacerdotes e bispos. Daí essas missões tão novas entre o povo, êsses concílios e êsses sínodos tão novos entre o clero.

Os atos dos seis concílios provinciais podem ser vistos como um curso de concílio provincial. Concílio convocado, formado pela autoridade legítima para tratar dos casos eclesiásticos, onde os bispos decidem: concílio provincial, onde os bispos duma só província são a autoridade que julga acêrca de direito ordinário.

Quanto à instituição, a importância e utilidade destas assembléias, eis como São Carlos explicava, em 1565, com os bispos do primeiro concílio, aquêles que assistiram ao de Trento: "É por um soberano

bem de Deus para conosco, reverendíssimos Sacerdotes, que o concílio ecumênico de Trento, começado depois de trinta anos, mas sempre interrompido, terminou de maneira maravilhosa do último ano. Neste concílio, foi excelentemente regulamentado tudo aquilo que diz respeito à exposição da verdadeira fé e à restauração da disciplina eclesiástica. E, sem contestação, foi por uma inspiração divina, ó Sacerdotes, que decretastes o restabelecimento dos concílios provinciais, dos quais, não há dúvida nenhuma, a república cristã colheu frutos muito abundantes de salvação. A natureza e a razão mesma conduzem-nos a procurar os conselhos dos outros na deliberação dos grandes assuntos: seja porque a deliberação é mais previdente se a nosso julgamento se juntar o parecer de muitos, seja porque, próximo daqueles que desejamos consultar, a consulta será tão mais autorizada e importante, e um grande número de pessoas estará concorde.

"Daquela instituição na Igreja, Nosso Senhor Jesus Cristo é o autor, os mestres os apóstolos, porque dêle é esta promessa certa: *onde dois ou três estiverem reunidos em meu nome, lá estarei eu com êles.* E também: *Se dois dentre vós concordarem sôbre a terra com uma coisa qualquer e a demandarem, assim será feito por meu Pai.*

"Quanto aos apóstolos, ainda que pelo ensinamento do Espírito Santo, receberam um abundante conhecimento de tôdas as coisas. Entretanto, quando se dava qualquer coisa de grave, principalmente em público, tinham o costume de usar esta maneira de consultar. E para guardá-las, ordenaram, por lei, aos bispos, que promovessem concílios duas vêzes por ano. Em seguida, estabeleceram sanções e pro-

mulgaram decretos inumeráveis, e para os soberanos pontífices e concílios, tanto ecumênicos como provinciais, a obrigação de deter ou de repetir, segundo a exigência dos tempos, êste costume dos concílios. O que tão santos personagens observaram e transmitiram à posteridade para a salvação da Igreja, no que se refere à duração dos concílios provinciais, praza a Deus que, conosco, se perpetue piedosa e constantemente, porque é difícil dizer como a intromissão dêsse costume introduziu tantas calamidades na república cristã".

Encontram-se ainda nos atos de São Carlos os meios para que os bispos se reúnam em nome de Jesus e assim contem com sua presença especial na assembléia. O santo arcebispo convoca os irmãos, para obedecer o soberano Pastor que o recomenda em nome da Igreja, e para aplicar os regulamentos que o mesmo soberano pastor inspirou à infalível assembléia de Trento, e submete as aplicações dêsses regulamentos ao mesmo pastor na pessoa de seu vigário. Lê-se mais de uma vez êste decreto nos atos: "Tudo aquilo que neste concílio provincial fôr decretado ou feito, tanto em geral como em particular, nós o submeteremos sempre com humildade e obediência que devemos, para ser emendado e corrigido, ao julgamento e autoridade da Cátedra Apostólica, mãe e mestra de tôdas as igrejas. (Qua debemus humilitate et obedientia, sancta sedis apostolicae, omnium ecclesiarum matris et magistrae, judicio atque auctoritati, omnia et singula quaecunque in hac provinciali synodo sancita, decreta, actaque sunt, semper emendada et corrigenda subjicimus).

Há mais: não sòmente submetem os decretos dos concílios à correção da Santa Sé, mas ainda recebem

com respeito e submissão a um simples bispo que vem, da parte do Papa, visitar a cidade episcopal e a diocese, para examinar aquilo que deve ser mudado de mal para bem e de bem para ótimo. E Carlos, cardeal e arcebispo, publica as disposições do visitante apostólico para satisfazer, diz êle, o dever de obediência. (Memini ut satisfaciamus debito obedientiae officio).

Tal é o exemplo que nos dá o santo pontífice. Disse o Senhor aos pontífices da lei antiga: *Sêde santos, porque eu sou santo.*

O concílio de Trento ordena aos bispos realizar todo ano o sínodo nas dioceses. O sínodo é uma assembléia onde o bispo delibera e faz consultas sôbre assuntos eclesiásticos da diocese, com os sacerdotes, mas só êle decide. São Carlos realizou-o quase todos os anos; só não o fazia quando de todo impossibilitado. Nos onze que têm as atas impressas aplicou à diocese que governava os regulamentos gerais do concílio provincial, com observações que lhe fizeram ou que êle mesmo fêz nas visitas pastorais.

Na terceira parte de seus escritos, a dos regulamentos diversos, fala da vigilância que os pastôres devem exercer em face dos heréticos, dos seus emissários e dos maus livros, dos quais proporá um índex ou catálogo.

Na quarta parte, instruções diversas, discorre sôbre as excelências que devem ser mais conhecidas do clero, instruindo pregadores, instruções que, espalhadas pelos seminários, iriam de encontro a pregadores jovens e velhos, evitando que cometessem faltas. São instruções sôbre a administração de todos os sacramentos, que, entre as mãos dos jovens sacerdotes e de outros, livrá-los-iam de incertezas e in-

quietações de consciência. Os dois livros sôbre a criação e administração das igrejas, onde aborda os mesmos detalhes abordados por Moisés, quando discorre sôbre a construção do tabernáculo e da arca da aliança, da confecção das vestimentas do sumo-sacerdote, dos óleos odoríferos que devem servir à consagração, como e porque devem ser envolvidas e levadas as diferentes partes e móveis do santuário, quando numa mudança, bem como duma multidão de particularidades minuciosamente descritas, que São Paulo, na Epístola aos Hebreus, nos assegura cheias de mistérios: exemplo de Moisés, de São Paulo e de São Carlos, que nos leva a ver, com outros olhos, a igreja, e tudo aquilo que lhe diz respeito.

Na quinta parte, instituições e regulamentos de diversos tipos, há, primeiramente, o regulamento da casa ou família episcopal. Em seguida, instituições para os oblatos de Santo Ambrósio, congregação de padres para dirigir seminários e colégios. Constituição ou regras da companhia e escolas da Doutrina cristã para tôda a província de Milão. Regulamentos para diferentes confrarias, enfim, regulamento do seminário.

Na sexta parte, tabelas diversas, fala dos arcebispos de Milão, das festas, vigílias e jejuns prescritos na diocese, das censuras e das questões reservadas, com as leis respectivas. Afinal, tabela dos decretos, cartas arquiepiscopais e bulas pontifícias, ordenadas para os concílios provinciais e os sínodos diocesanos, promulgadas em certas épocas do ano.

Na sétima parte, cartas pastorais, a primeira discorre sôbre o estabelecimento da oração da noite, em comum, em cada família. Em seguida, muitas outras sôbre o advento, a septuagêsima, a quaresma,

o jubileu, o tempo de peste. Há uma delas que fala sôbre a aspersão da água benta e bênção das casas. Além disso, os concílios da província recomendam mais duma vez para que os sinos soem à alevação, na santa missa, a fim de que os fiéis que se encontram em casa ou no campo possam unir-se mais estreitamente ao adorável sacrifício.

A sétima parte consta ainda dum livrinho de exortação, que incentiva o povo da cidade e da diocese de Milão a viver cristãmente, seja qual fôr o estado.

Na oitava e última parte, fórmulas diversas, vem matéria sôbre tudo aquilo que se possa apresentar na administração eclesiástica. Salienta-se, principalmente, a fórmula de cartas com as quais se envia ao Papa o resultado do concílio provincial, vazada nestes têrmos: "Realizamos o Sínodo provincial de Milão, como de costume, depois da ordenação do concílio de Trento. Os decretos que elaboramos, damo-los ao reverendo (nome do designado), nosso procurador, para levá-los a Vossa Santidade. À vossa autoridade e julgamento nos submetemos, e aos decretos, com a obediência e humildade que podemos e devemos. O procurador, que estêve presente às diferentes ações do Sínodo, beijará, primeiramente, em nosso nome, os pés de Vossa Santidade muito humildemente, e em seguida, expor-vos-á, de viva voz, tudo aquilo que se fêz para a salutar administração desta província, compensando-a de muitas graças, pelo que rogamos a Vossa Santidade, com a mais viva instância, haver por bem. Que Deus conserve por longos anos sã e salva a sua Igreja.

(*Formula litterarum, quibus concilium provinciale mittitur ad Pontificem*: Synodum provincialem

ex concilii tridentini praescripto Mediolani de more habuimos. Decreta porro quae in eo confecimus, reverendo N, procuratori nostro ad Santitatem tuam dedimus; cujus auctoritati et judicio illa emendanda nos subjecimus, qua maxima possumus et debemus humilitate atque obedientia. Is vero, qui hujus synodi nostrae actionibus praesens adfuit, primum nostro nomine Sanctitatis tuae pedes quam humillime osculatus, cum caetera omnia coram uberius exponet tum pro salutari hujus provinciae cura, nostris etiam verbis ab ea consequemur, nos precibus summis obsecramus Sanctitatem tuam. Quam Deus Eccleciae suae incolumem conservet diu).

* * *

SÃO VIDAL E SANTO AGRÍCOLA (*)

Mártires

Primeiros Séculos

O resumo do martirológio romano, neste dia, diz:

"Em Bolonha, os santos Vidal e Agrícola, mártires. Vidal, sendo servidor de Agrícola, foi-lhe colega no martírio. Os perseguidores empregaram contra êle tôda a sorte de torturas, de maneira que não havia parte alguma do corpo que não fôsse carne viva. Sofrendo com resignação, não cessava de orar a Deus, a quem entregou a alma. Agrícola morreu na cruz, pregado com uma infinidade de cravos. Santo Ambrósio diz que, estando presente à translação dos corpos, pôs sob o altar os cravos e os lenhos da cruz com o sangue do santo mártir (primeiros séculos)".

Quando o tirano Eugênio corria tomar Milão, em 393, Santo Ambrósio deixou a cidade e buscou Bolonha. Em Bolonha, foi-lhe dada a honra, pelo bispo daquela cidade, de presidir a translação dos corpos dos santos mártires Vidal e Agrícola, recentemente descobertos.

Santo Ambrósio, depois da cerimônia, estêve em Faenza, onde foi convidado a dedicar a igreja

que uma piedosa mulher, chamada Juliana, construira em honra de São Lourenço. Naquela oportunidade, durante a cerimônia, discursou, referindo-se aos dois mártires de Bolonha:

"Êste mártir chamava-se Agrícola. Vidal, que foi seu escravo, foi também seu companheiro de martírio, e com êle partilhou da mesma sorte. O escravo precedeu o senhor para lhe preparar o lugar, o senhor o seguiu, assegurado pela fidelidade do escravo de, prestamente, encontrar-lhe aquêle lugar. Não lhes podemos separar os louvores: o martírio do escravo é o fruto da educação do senhor, um dá instruções, outro as cumpre. Nada lhes deve ser retirado. Como se poderia diminuir aquêle a quem o Cristo aquinhoou? Aquêle, servindo um homem, descobriu como ser agradável ao Cristo; êste merece um duplo louvor como catequista do outro e como mártir. Rivalizaram-se nos méritos e mereceram, assim, serem iguais: o senhor enviou o escravo ao martírio; o escravo, ao martírio, chamou o senhor.

"A condição social não é, pois, impedimento para que sejamos recomendáveis. Não é a dignidade da família, mas a fé, que dá o mérito: "Escravos ou libertos, todos somos um só em Jesus Cristo". "Cada um receberá do Senhor a paga do bem que tiver feito, quer seja escravo, quer livre". A servidão não é obstáculo, a liberdade não é ajuda. Constate-se que a condição não tem importância para a santidade: "Fôste chamado, sendo servo? Não te dê isso cuidado: ainda que possas tornar-te livre, escolhe antes servir. Em verdade, o servo que foi chamado ao Senhor, é um liberto do Senhor; igualmente, o que foi chamado, sendo livre, é um servo de Cristo".

"São Vidal, levado pelos perseguidores a renegar Cristo, tanto mais confessava o Senhor Jesus Cristo. Levaram-no a todo gênero de suplícios, tanto que teve o corpo tão cheio de feridas que mal se lhe podia ver uma parte intata. E êle rogava ao Senhor: "Jesus Cristo, meu Salvador e meu Deus, eu te peço, recebe meu espírito. Desejo receber a coroa que teu santo anjo me entremostrou". Terminada aquela oração, rendeu o espírito.

"Santo Agrícola era de caráter tão doce que até os inimigos o amavam. Foi por esta razão que lhe iam diferindo o suplício; êstes sinais de respeito por parte dos perseguidores, porém, eram-lhe mais cruéis que a ferocidade, porque o privavam do martírio.

"Afinal, não mais contemporizaram, crucificaram-no, o que mostra as intenções dos perseguidores: não era a lealdade que os guiava, mas a hipocrisia, a perfídia. Queriam, pelo suplício do escravo, atemorizar o senhor, mas Jesus Cristo transformou aquela tática em graça: o senhor imitou o martírio do escravo.

"Os próprios nomes que tinham predestinavam-nos ao martírio, pareciam designar-lhe o suplício. Um chamava-se Vidal, como se pelo desprêzo desta vida, quisesse adquirir a verdadeira vida eterna. O outro chamava-se Agrícola, o que semeou bons grãos da graça espiritual e os regou com a efusão do sangue.

"Foram sepultados no cemitério dos judeus, em meio às suas tumbas. Os judeus ambicionavam partilhar da sepultura dos servidores, de quem haviam renegado o Senhor. Igualmente, Balaão dizia outrora: "Que eu morra da morte dos justos". Entretanto, enquanto viveu, jamais participou das ações

daqueles com os quais desejava morrer. Os judeus honravam mortos aquêles que perseguiram quando vivos. É aqui que vamos encontrar os seus despojos, como se colhe uma rosa em meio aos espinhos.

"Estávamos rodeados de judeus, enquanto levávamos as relíquias. O povo cristão lá estava aplaudindo e rejubilando-se. Quando os judeus viram os mártires, disseram: "As flôres apareceram sôbre a terra". Os cristãos responderam: "O tempo de abater as árvores chegou. Aquêle que semeou, agora recebe a recompensa". Os judeus que ouviam a voz dos cristãos que se alegravam, disseram entre si: "A voz da tempestade fêz-se ouvir sôbre a terra". É por isso que o que se lê é bem verdade: "Um dia transmite esta mensagem ao outro dia, e uma noite comunica-a a outra noite". O dia ao dia: o cristão ao cristão; a noite à noite: o judeu ao judeu. Os judeus mostravam, assim, que, se conheciam os mártires, não conheciam o Verbo, quer dizer, não o conheciam como o único bem e a única verdade: "Porque, não conhecendo a justiça de Deus, e procurando estabelecer a sua própria, não se sujeitaram à justiça de Deus".

Fora de Santo Ambrósio, nada de substancial se conhece sôbre os santos mártires Vidal e Agrícola.

* * *

SANTA PERPÉTUA (*)

Espôsa de São Pedro

I.º Século

Os três evangelhos sinóticos contam como Nosso Senhor Jesus curou a sogra de São Pedro, que estava de cama com febre. São Mateus diz que, "tendo chegado Jesus à casa de Pedro, viu que a sogra dêle estava de cama com febre; e tomou-a pela mão, e a febre a deixou, e ela se levantou e se pôs a servi-los (Mt. 8, 14-15). São Marcos refere-se à sogra de São Pedro, bem como São Lucas, quase que nos mesmos têrmos (Mc. 1, 29-30; Lc. 4, 38-39). Por estas passagens é que ficamos sabendo que o Príncipe dos Apóstolos foi casado.

Desde o século II, vem-se excogitando sôbre a mulher de Pedro (Escritos pseudo-clementinos), escrevendo-se a respeito do seu martírio em Roma, para onde fôra seguindo o espôso.

Eusébio de Cesaréia conta que São Pedro, vendo a mulher que sempre amara ser conduzida ao suplício, experimentou grande alegria, porque a via firme no Senhor. E a encorajava e consolava, carinhosamente chamando-a pelo nome.

Eusébio (*Hist. Eccles.*) e Clemente de Alexandria (*Stromates*), que escreveram sôbre a espôsa de São Pedro, ignoram-lhe o nome. Assim é que teve os seguintes, através dos tempos — Héleca, Concórdia, Perpétua, que é o nome que figura nos martirológios: "Santa Perpétua, mulher de São Pedro", exceção feita ao romano, onde não o encontramos.

No mesmo dia, no mosteiro de Cerfroid, perto de Meaux, São Félix de Valois, fundador da Ordem da Santíssima Trindade para a redenção dos cativos. A festa de São Félix é celebrada no dia 20 dêste mês, como foi decretado pelo papa Inocêncio XI. Ver êste dia.

Em Tréveris, Santa Modesta, virgem, falecida depois de 659. Amiga de Santa Gertrudes de Nivelles, foi a primeira abadêssa de Santa Maria de Oeren, mosteiro fundado por São Modoaldo, bispo de Tréveris, que faleceu em 640.

Em Alba Real, na Panônia, o bem-aventurado Emerico, confessor, que foi filho de Santo Estêvão, rei dos húngaros. Foi Santo Estêvão que estabeleceu o catolicismo no seu reino.

São Floro, do qual nada se sabe, a não ser a legenda que se encontra num breviário de Clermont: Floro seguiu São Pedro a Roma. Enviado para evangelizar a Narbona, fixou a sede dos trabalhos em Lodeve. Depois duma visão, partiu com dois companheiros, Gemardo e Justo, em busca de *Indiciacum*, onde o Santo construiu uma igreja e morreu. É padroeiro dos monges de São Floro. Numa bula, em que confirma os bens da ordem de Cluny, Gre-

gório V cita: "No condado de Auvergne... a cela em que repousa São Floro. *Indiciacum* tornou-se o Priorado de São Floro, dependente de Cluny.

Na Geórgia, São João Zedazneli e companheiros, monges (século VI). Treze monges sírios foram pedir a bênção de São Simeão Estilita, o Jovem, para depois partirem para a Geórgia. O chefe era João. Os demais foram: Chio, Antônio de Martkofi, José, arquimandrita, Estêvão, Zeno, Tadeu, Pirro, Miguel, Isidoro, Elias, diácono, Jessé e Habib.

Na região de Maestricht, São Perpétuo, bispo, falecido, supõe-se, em 610.

Em Winchester, São Birnstan, bispo, desaparecido em 933.

São Gregório, abade de Burtscheid, que faleceu em 999.

Em Angers, São Girardo, monge beneditino, falecido em 1123, célebre pelas virtudes e pelos milagres.

Em Pádua, na Itália, a bem-aventurada Helena, clarissa, que, pensa-se, tenha sido dirigida por Santo Antônio de Pádua, entre 1228 e 1230. Faleceu em 1230 (?), 1242 (?).

No mosteiro de Ochsenhausen, o bem-aventurado Henrique, prior (século XIII). Beneditino austero, modêlo de observância, conta-se dêle que, sendo muito amigo de festas, foi chamado à vida religiosa quando, com os companheiros, participava dum baile. Tomado pela graça de Deus, abandonou a tudo e a todos, ingressando no mosteiro de Ochsenhausen.

Em Valle, na Ístria, o bem-aventurado Juliano Cesarelli, franciscano (século XIV), cuja vida permanece na sombra.

Em Nantes, a bem-aventurada Francisca de Amboise, duquesa da Bretanha e carmelita, falecida em 1485. Filha do visconde de Thouars e de Maria de Rieux, nasceu aos 9 de maio de 1427. Rica herdeira, casou-se com Pedro, filho de João V. Com a morte do marido, ocorrida em 1457, deixou o século pela vida de religiosa, falecendo em Nossa Senhora des-Couets (*Vida da Ilustríssima Francisca de Amboise, fundadora das religiosas carmelitas da Bretanha*).

Os santos Filólogo e Pátrobas, discípulos de São Paulo.

Em Autun, São Próculo, bispo e mártir.

No Vexin, São Claro, sacerdote e mártir.

Em Éfeso, São Porfírio, martirizado sob o imperador Aureliano.

Em Mira na Lícia, os santos mártires Nicandro, bispo, e Hermas, sacerdote, sob o presidente Libânio.

Festa de São Piério, sacerdote de Alexandria, homem letradíssimo nas santas Escrituras, e de vida pura. Inteiramente desembaracado de tudo aquilo que o pudesse desviar do estudo da filosofia cristã, instruía perfeitamente o povo, nos tempos em que Teonas governava a igreja de Alexandria, sob Caro e Diocleciano, publicando diversas obras. Retirando-se para Roma, quando cessou a perseguição, ali passou o resto da vida, morrendo em paz.

Em Rodez, Santo Amâncio, bispo, ilustre durante a vida pela santidade e pelos milagres.

Na Bitínia, São Joanício, abade.

* * *

5.º DIA DE NOVEMBRO

SÃO ZACARIAS E SANTA ISABEL

Pais de São João Batista

Nos tempos em que o cetro estava fora de Judá, e que, malgrado Judá, passara às mãos dum idumeu, por conseguinte nos tempos em que, segundo a profecia de Jacó, o Messias, Cristo, devia vir, havia um homem chamado Zacarias e sua espôsa, Isabel.

Era no tempo de Herodes, rei da Judéia. Eram, os dois, Zacarias e Isabel, justos diante de Deus. Êle, sacerdote, da turma de Abias, a espôsa da descendência de Arão. "E caminhavam irrepreensìvelmente em todos os mandamentos e preceitos do Senhor. Não tinham filhos, porque Isabel era estéril, e ambos se achavam em idade bastante avançada.

"Ora, sucedeu que, exercendo Zacarias diante de Deus as funções de sacerdote na ordem de sua turma, segundo o costume do sacerdócio, tocou-lhe, por sorte, entrar no templo do Senhor a oferecer o incenso. Tôda a multidão do povo estava fazendo oração da parte de fora, à hora do incenso.

"A Zacarias, então, apareceu um anjo do Senhor: jazia de pé ao lado direito do altar do incenso.

Zacarias, ao vê-lo, ficou perturbado, e o temor o assaltou. Mas o anjo disse-lhe:

"— Não temas, Zacarias, porque foi ouvida a tua oração. E tua mulher Isabel te dará um filho, ao qual porás o nome de João. Será para ti motivo de gôzo e de alegria, e muitos se alegrarão no seu nascimento, porque êle será grande diante do Senhor. Não beberá vinho nem outra bebida inebriante. E será cheio do Espírito Santo desde o ventre de sua mãe. Converterá muitos dos filhos de Israel ao Senhor seu Deus. E irá adiante dêle com o espírito e a fortaleza de Elias, a fim de reconduzir os corações dos pais para os filhos, e os rebeldes à prudência dos justos, para preparar ao Senhor um povo bem disposto.

"Zacarias disse ao anjo:

"— Como conhecerei isso? Porque sou velho, e minha mulher está avançada em anos.

"Respondendo o anjo, disse-lhe:

"— Eu sou Gabriel, que assiste diante de Deus. E fui enviado para te falar e te dar esta boa nova. Eis que ficarás mudo, e não poderás falar até o dia em que estas coisas sucederem, visto que não acreditaste nas minhas palavras, que se hão de cumprir a seu tempo.

"Entretanto, o povo estava esperando Zacarias, e admirava-se de ver que êle se demorava tanto tempo no templo.

"Quando saiu, não lhes podia falar, e compreenderam que tinha tido, no templo, alguma visão, o que lhes dava a entender por acenos. E ficou mudo.

"Aconteceu que, depois de terem acabado os dias do seu ministério, retirou-se para sua casa.

Alguns dias depois, Isabel, sua mulher, concebeu, e durante cinco meses estêve escondida, dizendo: *Isto é uma graça que me fêz o Senhor nos dias em que me olhou para tirar o meu opróbrio de entre os homens*". (1)

Tudo faz crer que será uma criança extraordinária. Os pais, um e outro, são descendentes de famílias ilustres. Os próprios nomes parecem indicar qualquer coisa de divino: Zacarias, *memória do Eterno;* Isabel, *Deus do juramento.* Como Abraão e Sara, ambos são de avançada idade. Isabel, como a mãe de Isaac e Samuel, é estéril. O pai é sacerdote duma das vinte e quatro classes ou famílias sacerdotais, nas quais Davi havia repartido todos os descendentes de Arão, a fim de que servissem no templo. O que mais os releva é que são justos, ambos os dois, não sòmente diante dos homens, mas, e o que é mais importante, diante de Deus, fiéis, marido e mulher, na observância dos mandamentos, dos preceitos todos. É dentro mesmo dum templo que se lhes anuncia o filho, no santuário, ao pé do altar, onde o incenso se eleva diante do Santo dos santos. E quem o anuncia? Um anjo — um arcanjo, aquêle que tem o nome de Gabriel, que quer dizer *fôrça de Deus.* Êle, Gabriel, o que é enviado para anunciar grandes coisas. E a criança chamar-se-á João, o *cheio de graça,* aquêle que será grande diante de Deus, do Eterno, cheio do Espírito Santo desde o ventre de sua mãe, antes mesmo do nascimento. E João será aquêle que há de converter muitos dos filhos de Israel ao Senhor seu Deus, reconduzindo

(1) Lc. 1, 5-25.

os corações dos pais para os filhos, preparando para o Senhor um povo bem disposto. O pai, que por um instante duvida, não do poder de Deus, mas da missão divina, do personagem que lhe fala, acaba por ficar surdo e mudo — até que tudo fôsse cumprido. É um sinal, um sinal para excitar a atenção do povo fiel e preparar-lhe o espírito para as coisas maravilhosas que hão de vir. E, saindo da esterilidade, a mãe se enche de alegria e de pudor. Uma alegria nova, um grande milagre revelarão sua felicidade.

Êsse milagre é o prodígio que o Eterno havia anunciado por Isaías à casa de Davi: *O Senhor vos dará êste sinal: Eis que a Virgem concebeu e dará à luz um filho, e o chamará Emanuel* (2), ou *Deus conosco.*

"Naqueles dias, levantando-se Maria, foi com pressa às montanhas, a uma cidade de Judá". Crê-se que Hebron, cidade sacerdotal daquela tribo. Lá estavam as tumbas dos patriarcas. Era lá que Abraão, Isaac e Jacó tantas vêzes haviam recebido de Deus a afirmativa de que, num dos daquela raça, seriam benditas tôdas as nações da terra.

"Entrou em casa de Zacarias, e saudou Isabel. Aconteceu que, apenas Isabel ouviu a saudação de Maria, o menino saltou no seu ventre, e Isabel ficou cheia do Espírito Santo. E exclamou em voz alta, e disse: *Bendita és tu entre as mulheres, e bendito é o fruto do teu ventre. Donde a mim esta dita, que a mãe do meu Senhor venha ter comigo? Porque, logo que a voz da tua saudação chegou aos meus ouvidos, o menino saltou de alegria no meu ventre. Bem-aventurada a que acreditou, porque se hão de*

(2) Is. 7.

cumprir as coisas que da parte do Senhor foram ditas". (3)

Depois do anjo Gabriel, enviado de Deus, ali está Santa Isabel, ou, antes, o Espírito Santo que a inspira, que nos ensina a louvar, a bendizer a Maria. E as coisas mesmas a louvam ainda mais. À sua voz, à saudação da paz, João é santificado, pula de alegria no ventre da mãe, e Santa Isabel, cheia do Espírito Santo, em Maria reconhece a mãe do Senhor. Sem dúvida, é Jesus que, oculto nas puríssimas entranhas de Maria, opera tôdas essas maravilhas: opera-se à voz de Maria. Ah! Quem nos dera pudéssemos, unidos, então, ao anjo e à Santa Isabel, com êles dizer: "Nós vos saudamos, ó Maria! Nós vos saudamos, felicitamos, bendizemos, amamos! Saudamo-vos, ó cheia de graça, a vós que enchestes de vossa plenitude aquêles que tiveram a felicidade de vos ouvir! O Senhor é convosco, o Senhor em vós está! Vós sois bendita por tôdas as mulheres, querida por tôdas as mães, exaltada por tôdas as nações! E bendito, amado, louvado, adorado como jamais é o fruto do vosso ventre, Jesus, vosso Deus e o nosso, vosso Salvador e o nosso, vosso amor e o nosso amor! Ó Maria, Mãe Misericordiosa, Mãe nossa — que a doce voz de vossa saudação e de vossa paz ecoe sempre e sempre nos ouvidos de nossos corações, para que sejamos santificados, estremecidos da mais pura alegria e cheios do Espírito Santo!

"Completou-se para Isabel o tempo de dar à luz, e deu à luz um filho. Os seus vizinhos e parentes ouviram dizer que o Senhor tinha assinalado com ela a sua misericórdia, e congratulavam-se com ela.

(3) Lc. 1, 33-45.

Santa Isabel recebe a visita da SSma. Virgem (de um afrêsco de Sodoma, séc. XVI).

Aconteceu que, ao oitavo dia, foram circuncidar o menino, e chamavam a êle Zacarias, do nome de seu pai. Porém, interveio a mãe, dizendo: *De nenhuma sorte, mas será chamado João.* Disseram-lhe: *Ninguém há na tua geração que tenha êsse nome.* E perguntavam, por acenos, ao pai do menino como queria que se chamasse. Êle, pedindo uma tabuinha, escreveu assim: *Chamar-se-á João.* Todos ficaram admirados. E logo se lhe abriu a bôca, desprendeu-se-lhe a língua, e falava, bendizendo a Deus.

"O temor apoderou-se de todos os vizinhos. E divulgaram-se tôdas estas maravilhas por tôdas as montanhas da Judéia. E todos os que as ouviram, ponderavam-nas no coração, dizendo: *Quem virá a ser êste menino?* Porque a mão do Senhor era com êle". (4)

Zacarias, o pai, depois de tão longo tempo de mudez, dá vazão à alma num cântico admirável, cântico em que celebra o reino do Cristo, que chegava e que ia manifestar-se, bem como a parte que o filho teria na grande obra.

"Zacarias, o pai, foi cheio do Espírito Santo e profetizou, dizendo:

"Bendito seja o Senhor, Deus de Israel,
porque visitou e resgatou o seu povo,
e suscitou uma fôrça para nos salvar,
na casa de Davi,
conforme anunciou pela bôca dos santos,
dos profetas, desde os tempos antigos,
que nos livraria de nossos inimigos,
e das mãos de todos os que nos odeiam;

(4) Lc. 1, 57-66.

para exercer a sua misericórdia a favor de nossos pais,
e lembrar-se da sua santa aliança,
segundo o juramento que fêz a nosso pai Abraão,
de nos conceder que,
livres das mãos dos nossos inimigos,
o sirvamos sem temor,
andando diante dêle com santidade e justiça,
durante todos os dias da nossa vida.
E tu, menino, serás chamado o profeta do altíssimo,
porque irás adiante da face do Senhor,
a preparar os seus caminhos;
para dar ao seu povo o conhecimento da salvação,
para remissão dos seus pecados,
pelas entranhas da misericórdia do nosso Deus,
graças à qual nos visitou do alto o Sol nascente,
para alumiar os que jazem nas trevas e na sombra da morte;
para dirigir os nossos pés no caminho da paz". (5)

Êste cântico, aplicado como deve ser, ao Cristo e seu precursor, é fácil de entender. Quanto ao *Sol nascente que nos visitou do alto,* é um dos nomes de Jesus Cristo, dado por um profeta, há muitos séculos atrás: *Um homem virá, e seu nome é Sol Nascente*: (6) "Ecce vir, Oriens nomen ejus". Tal profeta é Zacarias, e Zacarias, pai de São João Batista, repetiu e explicou o oráculo.

(5) Lc. 1, 67-79.
(6) Zach. VI, 12.

Jesus Cristo, Nosso Senhor, é o verdadeiro Sol Nascente, aquêle que esparge em todos a luz do verdadeiro sol da justiça, como dizia Malaquias. (7)

Eis porque era uma criança maravilhosa. E porque era maravilhosa, "crescia e se fortificava no espírito, habitava nos desertos até o dia da manifestação a Israel".

Como os caminhos de Deus são diferentes dos caminhos dos homens! Uma criança nasceu, predisseram-no os profetas. Será o precursor do Cristo. Os pais são dois santos, elevados à ordem dos profetas. Entretanto, o filho retira-se, vai para o deserto, e no deserto, leva vida austera, mais austera que a de Elias, que a de Eliseu.

E há mais: êle que havia sentido sôbre a terra o Verbo encarnado ainda no seio da mãe, ao qual o pai havia predito, para quem deveria preparar o caminho, não se arrancou do deserto para ir vê-lo entre os homens. E não o conhecia, tanto que o Espírito Santo, em forma de pomba, sôbre o Cristo pousou. Era o sinal. *Aquêle, sôbre quem vires descer e repousar o Espírito, êsse é o que batiza no Espírito Santo.* (8) É no silêncio do retiro que Deus se comunica com aquêles que chama. E fá-los homens poderosos, poderosos de palavra e poderosos de obras. Na solidão estêve Moisés por quarenta anos. Na solidão estêve João Batista por trinta.

* * *

(7) Mal. IV, 2.
(8) Io. 1, 33.

SANTA BERTILA (*)

Abadêssa

Santa Bertila, nascida na região de Soissons, uma das dirigidas de Santo Ouen, bispo de Ruão, foi a primeira abadêssa de Chelles.

Bem jovem, já vivia sob a regra de São Colombano, no mosteiro de Jouarre, perto de Meaux, que se alevantara entre 658 e 660. Debaixo da abadêssa Teodechilda, Bertila foi uma das melhores monjas da fundação.

Quando a rainha Batilda assentou que organizaria um mosteiro em Chelles, recorreu a Jouarre, e Bertila foi encarregada de presidir os trabalhos da nova casa. Ali, mais tarde, a própria soberana passou o resto da vida, submissa à doce abadêssa. Santa Batilda faleceu em 680, e Bertila trinta e três anos depois, isto é, em 713.

Um dia, quando Santa Bertila ainda vivia no mosteiro de Jouarre, conta-se que uma irmã, depois de lhe falar com ira, faleceu. A Santa tremeu. Que aconteceria àquela alma que assim se fôra, tôda em cólera contra ela? Achegou-se, depois de muita mortificação, ao lado do cadáver, e pousou, delicadamente sôbre o peito da morta, uma das mãos, e rogou a Nosso Senhor que não a deixasse ir antes dum perdão formal.

No mesmo instante, a irmã abriu os olhos e enfitou a companheira. Perguntou:

— Por que me fizeste voltar do caminho tão brilhante que se me estendia pela frente? Que fizeste, irmã?

Bertila, humildemente, rogou-lhe que não se fôsse sem que a perdoasse; que se esquecesse do acontecido entre ambas.

— Que Deus te dê indulgência, disse então a irmã. Não guardei qualquer rancor de ti. Pelo contrário, amo-te muito, e quero convidar-te para que peças a Deus por mim. Agora, deixa-me partir em paz, não me retardes mais, porque o brilhante caminho está perto. Sem tua permissão, não o ganharei.

Santa Bertila respondeu:

— Vai, então. Vai na paz de Nosso Senhor e roga por mim, doce e amável irmã.

A outra fechou os olhos e deixou de viver.

* * *

BEM-AVENTURADO MARTINHO (*)

Dominicano

Martinho nasceu em Lima, capital do Peru, aos 9 de dezembro de 1579. Era filho de João, nobre cavaleiro da ordem de Alcântara, e de Ana Velasques, mulata livre, que aquêle cavaleiro seduzira. "Nascido de pai desconhecido", como reza a certidão de batismo do bem-aventurado Martinho, o pai, no entanto, ao morrer, reconheceu, em testamento, o filho natural.

Humilde e sossegado, menino ainda, principiou a trabalhar, porque Ana, abandonada pelo sedutor, lutava com dificuldade. Moço, buscou o convento de Nossa Senhora do Rosário de Lima, e, aos 2 de junho de 1603, fazia solene profissão com os três votos.

Durante tôda a vida, Martinho foi enfermeiro na quieta casa de Deus. Duma ternura sem igual para com os animais, vivia preocupado com a sorte dos pobres sem dono. Um dia, o irmão leigo que se incumbia dos afazeres da cozinha, matou um cão, velho e sarnento, atirando-o a um monturo mais ou menos afastado do convento, e lá deixou o imprestável incômodo. Martinho, de nó na garganta, com lágrimas nos olhos, às escondidas, procurou o fétido cão sarnento e, todo compaixão, ressuscitou-o.

Um peru da comunidade, certa vez, quebrou o pé. Martinho correu cuidar da ave. Ligou o ferimento muito bem ligado e pôs o galináceo num lugar de pouco movimento. Na manhã seguinte, à mesma hora que tivera o pé tratado, no dia anterior, o peru procurou o santo homem, para novo tratamento, e assim agiu, até que se curou completamente.

Bom para todos os animais, apaziguava cães com gatos e gatos com ratos. Repreendia docemente os perseguidores, fazendo-lhes ver que todos eram irmãos e, pois, deviam viver na maior concórdia.

Quando podia, negociava com os que tinham aves prêsas, engaioladas. Adquirindo-as, soltava-as nos campos ou nos bosques. Era de ver, então, o largo sorriso de satisfação que lhe iluminava o rosto, ao atirá-las para o azul do céu, para a liberdade que Deus lhes dera.

Se os cuidados que tinha com os irracionais era grande, que dizer dos que dispensava aos homens? A solicitude para com os irmãos era vivíssima. Para os pobres tudo fazia. Se pudesse socorrê-los nas necessidades, socorria-os, e, se não pudesse, recorria ao jejum, para que Deus dêles cuidasse sem demora. Dom Pedro Fernandes de Bobadilha, conde de Chincon, e vice-rei, e o governador João de Figueroa, estimavam-no muito, tendo-o em alto aprêço. Tanto o vice-rei como o governador, davam-lhe, todos os meses, cada um, cem *peças*, para as esmolas. E o bem-aventurado Martinho sabia, como ninguém, distribuí-las pela capital cheia de indigentes.

As noites, passava-as a orar, aplicando-se três disciplinas. As feridas, tratava-as com algo picante. Trazia sempre dois rosários; um, como se fôra preciosíssimo colar, em tôrno do pescoço; outro, pendia-

lhe do cinto, fazendo passar as contas pelos dedos que podia rezar sem prejuízo daquilo que no momento estava a fazer.

Prudente, ponderado, vivo, inteligente, altas personalidades de Lima viviam a visitá-lo, em busca de conselhos, consultando-o proveitosamente.

Sexagenário, Martinho faleceu a 3 de novembro de 1639. O papa Gregório XVI proclamou-o bem-aventurado em 1837. Um irmão do convento escreveu-lhe a vida. A mãe, velhinha, surda, voltou a ouvir, quando o filho lhe lia, muito alto, a obra que escrevera sôbre o bom e santo mulato de Nossa Senhora do Rosário de Lima.

* * *

BEM-AVENTURADO GOMIDAS KEUMURDJIAN (*)

Mártir

Gomidas era o terceiro filho de Mardiros Keumurdjian, comerciante armênio que, quando duma peregrinação a Jerusalém, foi ordenado padre, tornando-se, pela atividade, piedade e inteligência, um dos mais notáveis integrantes do clero armênio de Constantinopla.

Gomidas nasceu em 1656 e, desde menino, outra coisa não desejou senão seguir as pegadas do pai. Aos vinte anos, casou-se com uma jovem chamada Huru, descendente duma família de Cesaréia da Capadócia.

Ordenado em 1685, em Constantinopla, pelo arcebispo de Tokat, Guiraros, Gomidas logo passaria para o catolicismo, sem que, todavia, rompesse com os compatriotas. Pouco depois, em vista de certos movimentos político-religiosos, achou prudente afastar-se da cidade, por uns tempos. Assim, como o pai o fizera, empreendeu a peregrinação de Jerusalém.

Em 1702, um novo patriarca armênio principiou a perseguir os católicos. Chamava-se Avedik, e desejava o juramento monofisita dos sacerdotes e dos fiéis. Gomidas, de volta da Terra Santa, escon-

deu-se, mas, donde estava, trabalhava sem tréguas a favor da unidade da Igreja e dos ortodoxos que sofriam pela fé católica. Procurado acirradamente, não foi, contudo, descoberto.

Com a queda de Avedik, resultada da própria confusão política e religiosa que assoberbava Constantinopla, o bem-aventurado filho de Mardiros deixou o esconderijo em que se enfurnara. No entanto, fizera-o preocupado, porque sentia que aquela paz reinaria por muito pouco tempo.

Com a ascenção ao poder do vizir Ali Pachá, adversário dos franceses e do catolicismo, houve grande reviravolta na situação: Avedik, levado para a França, viu-se prêso na Bastilha, donde sòmente saiu depois da adesão aos católicos. Como represália, Ali Pachá prendeu vários adeptos do catolicismo, e Gomidas, em tempo, conseguiu, novamente, esconder-se.

Em fins de 1707, quando tudo parecia sereno achou que podia tornar da sombra. E reapareceu. Entretanto, vigiavam-lhe os passos.

Ora, Hovhannes, o novo patriarca, reabriu a perseguição inaugurada por Avedik. Gomidas prêso, foi levado diante do vizir. Ali Pachá estudou o caso e o enviou ao juiz Gálata. Gomidas, como adepto da religião romana (êste era o argumento dos aprisionadores do bem-aventurado), desobedecia o sultão.

Depois dalgumas perguntas, Gomidas tornou ao vizir. Ali Pachá abriu-lhe uma única porta, por onde poderia ganhar a liberdade — voltar-se para o Islão. Enquanto uma das irmãs instava com Gomidas para que assim o fizesse, entristecendo-o sobremodo, Deus enviou-lhe uma grande alegria: a própria espôsa, a forte Huru, rogou-lhe, com lágrimas nos olhos, que

jamais apostatasse. Calmo e inabalável, o santo homem fixou o caminho a percorrer. E percorreu-o, ao caminho, alegremente, chegando todo inteiro ao fim — ao suplício. Ajoelhou-se. Principiou o *Credo*. E, quando o terminou, o carrasco, com uma cimitarra, cortou-lhe a cabeça. Era no dia 5 de novembro do ano de 1707.

Para evitar distúrbios, o embaixador francês ordenou que os restos do valente homem fôssem levados para a França. Em breve, os primeiros milagres ocorridos à tumba de Gomidas, chamaram a atenção dos cristãos armênios e gregos e, mais tarde, de Roma. O processo de beatificação, iniciado aos 12 de fevereiro de 1772, sob Clemente XIV, terminou a 23 de junho de 1929, quando Pio XI proclamou Gomidas bem-aventurado.

No mesmo dia em que a Igreja festeja São Zacarias e Santa Isabel, pais do bem-aventurado Precursor de Nosso Senhor Jesus Cristo, São João Batista, celebra também os santos mártires Félix, sacerdote, e Eugênio, monge, mortos em Terracina, na Campânia. Eusébio, que sepultara os santos mártires Julião e Cesário e que levara à fé de Jesus Cristo muitos pagãos, aos quais o santo sacerdote Félix conferia o batismo, foi prêso juntamente com êste último. Conduzidos diante do juiz, que não pôde vencê-los, foram arrojados a uma escura masmorra, porque se recusaram sacrificar aos ídolos; dali sairam, à noite, para serem decapitados.

Em Emessa, na Fenícia, os santos mártires Galacião, e Episteme, sua espôsa: durante a perse-

guição de Décio, foram rasgados a chicote; em seguida, cortaram-lhes as mãos, os pés e a língua; afinal, pela decapitação, consumiram o martírio, assim recebendo a gloriosa palma dos mártires. Resumo duma longa narrativa referente aos dois santos mártires em questão: Vivia na cidade de Émeso um rico casal, Clitófon e Gleucipa, que não tinha filhos. Gleucipa, que desejava muitíssimo uma criança, recebeu, um dia, um pobre monge fugido da perseguição que se movia aos cristãos. Quando, a uma pergunta do religioso, disse-lhe não ter filhos, o monge, que se chamava Onofre, garantiu-lhe que o teria, se se convertesse. Gleucipa, secretamente, recebeu o batismo. Pouco depois, punha o espôso ao par do sucesso, e, oito dias após o batismo, concebia. Galacião, ou seja, *Branco como o leite*, foi o filho que o céu lhes enviou. Moço, casou-se com Epistema, mas viveram na continência. No auge da perseguição, Galacião foi prêso, e, quando Epistema o soube, correu juntar-se a êle. Conta-se que Epistema, quando diante da multidão, teve as vestes rasgadas e era desnudada, rogou a Deus que lhe velasse pela pureza: no mesmo instante, todos ficaram cegos; reconhecendo o poder de Nosso Senhor, isto lhes valeu, depois, a volta da visão.

Em Cesaréia da Palestina, os santos mártires Donino, Teótimo, Filóteo, Silvano e companheiros, sob o imperador Maximino, em 307, vítimas da ira do prefeito Urbano. Donino, alto, belo, admirado de todos, jovem piedoso e puro de alma, médico grandemente acatado, sofreu o suplício do fogo. Os demais, induzidos a lutar com famosos gladiadores, mortos, foram atirados às feras, para serem devorados.

Em Milão, São Magno, bispo e confessor, que faleceu pouco antes de 550.

Em Bréscia, São Dominador, bispo (século VI?).

Em Tréveris, São Fibício, que, de abade, tornou-se bispo daquela cidade (século VI).

Em Orléans, na Gália, São Ledo, padre e confessor, falecido por volta de 875.

Demais, São Donino, bispo de Grenoble, falecido depois do ano de 381.

No Monte Cassino, na Itália, os santos Paulino e Agostinho, beneditinos (século VI). Discípulos de São Bento, encontraram-se-lhe os corpos em 1103, quando o abade Oderísio, consagrava-se igreja de Santo Estêvão de Terracina, aos 5 de novembro. Um possuído do demônio, lá apareceu, a gritar: "Paulino e Agostinho, discípulos de Bento, com seus dois companheiros, expulsai-me!" Conta-se que o demônio saiu debaixo de sangue.

Em Limousin, São Gonçalo, ermitão, que é invocado para a proteção dos animais domésticos.

Perto de Dusseldorf, na Renânia, em Gerresheim, o bem-aventurado Geric, fundador do mosteiro daquela localidade.

Em Languedoc, São Geraldo, bispo, falecido em 1123.

Em Nagasaki, o bem-aventurado Caio, apelidado o Coreano, mártir. Desde menino, sentiu a mais viva atração pela vida contemplativa. Com efeito, adolescente, foi viver numa caverna, como austero ermitão. Prêso pela fé que professava, levado ao Japão, ali foi supliciado com um companheiro, o japonês Tiago Caichi (1624).

* * *

6.º *DIA DE NOVEMBRO*

SÃO LEONARDO

Ermitão de Limosino

E muitos outros santos da França

Era pelos fins do século V. Os francos vinham de entrar nas Gálias, e iam dar-lhe o nome de Francos. O rei Clóvis voltava vitorioso da batalha de Tolbiac, onde jurara fazer-se cristão. Passando por Toul, ali encontrou o santo sacerdote Vedast ou Vaast, e o levou consigo para que fôsse instruído na longa caminhada. Em Reims, encontrou-se com São Remi. E pelo santo, com muitos outros francos, foi batizado. Entre os batizados estava Leonardo.

Os habitantes de Verdun haviam-se revoltado, e Clóvis cercou a cidade. Estava a ponto de capturá-la, quando lhe mandaram um santo padre chamado Euspício, em lugar de São Firmino, o bispo, que, fazia pouco, falecera. Euspício era igualmente recomendado pela idade avançada e pelas virtudes. Prosternou-se diante de Clóvis, que lhe ordenou, respeitosamente, se levantasse e expusesse o que o trouxera.

Euspício, calmamente, suplicou a Clóvis perdão para os habitantes de Verdun, em nome de Deus, para alcançar, sôbre si mesmo, a mais gloriosa das vitórias, maior que tôdas as outras.

O aspecto e as palavras do santo ancião desarmaram o rei, que concordou, então, com uma anistia geral.

Imediatamente, a pedido de Euspício, que trazia o rei pela mão, as portas da cidade se abriram, e o clero avançou em procissão para receber o monarca. Debaixo de grande aclamação do povo, entrou o franco na cidade.

Clóvis, encantado com a sabedoria e virtude do velho Euspício, quis fazê-lo bispo de Verdun, mas o santo homem excusou-se, alegando a avançada idade, levando o soberano a escolher São Viton ou São Vannes, um dos sobrinhos. Havia ainda dois outros: Loup, que depois foi bispo de Troyes, segundo do nome, e Maximino, que lhe era a consolação e o arrimo da velhice.

O rei suplicou que Euspício e Maximino o seguissem até Orléans, onde lhes daria a terra de Mici para ali erguerem um mosteiro. E eis o ato: "Clóvis, rei dos francos, homem ilustre. Nós vos doamos, venerável ancião Euspício, a vós e a Maximino, vosso sobrinho, a terra de Mici e tudo aquilo que pertence a nosso fisco entre os dois ribeiros, com o carvalhal, a cascata e os dois moinhos, tudo isento de impôsto e de portagem, tanto abaixo como acima do Loire e do Loiret, a fim de que vós e os que vos hão de suceder imploreis a divina misericórdia para nossa conservação, para nossas espôsas queri-

das e nossos filhos. E vós, santo bispo Eusébio (1), cuidai da velhice de Euspício, protegei Maximino. Defendei-os, e os bens que lhes pertencem, de tôda injúria, na extensão tôda de vossa diocese, porque se não deve causar dano às pessoas que o rei honra pela afeição. Vós todos, bispos da religião católica, agi da mesma forma. Vós, pois, Euspício, e vós, Maximino, deixai de vos terdes em conta de estrangeiros entre os francos. Habitai como vossa pátria as terras que vos doamos em nome da santa, indivisível, igual e consubstancial Trindade. Assim seja, porque eu, Clóvis, o quis. Eu, Eusébio, confirmei".

O sobrinho, São Maximino, vulgarmente São Mesmin, sucedeu-lhe, no ano 510, no govêrno do mosteiro.

A reputação de santidade, que então se espalhava por tôda a parte, atraiu-lhe um grande número de discípulos. Entre os que chegaram à perfeição evangélica, estão muitos santos honrados na Igreja, tais como Santo Avito, nascido em Orléans, e abade de Mici, depois de São Maximino; São Calais, nascido em Auvergne, que viera a Mici com Santo Avito e fôra fundar um mosteiro no Maine, às margens do ribeiro de Anille. Muitos anos depois, o mosteiro chamar-se-ia de São Calais, bem como a cidade que ao seu redor nascera; São Lifard, antes magistrado de Orléans, depois anacoreta e, em seguida, fundador e abade do mosteiro de Meun-sur-Loire; São Launomar, vulgarmente São Laumer, nascido perto de Chartres: passou os primeiros anos da vida como pastor, a serviço do pai. Estudando e dando-se à prática das virtudes cristãs, chegou a cônego, mais

(1) Era o bispo de Orléans.

tarde trocando aquêle estado pelo de eremita, tendo fundado o mosteiro de Corbion.

Quanto a Leonardo, companheiro de Clóvis, converteu-se ao cristianismo por influência de São Remi, apóstolo dos francos. Vivendo ainda no século, e freqüentando a côrte, era grandemente caridoso para com os cativos e prisioneiros de guerra, trabalhando com afinco, cheio dum zêlo infatigável, para lhes proporcionar todo o alívio de que necessitavam, sobretudo esforçando-se para livrá-los dos vícios. Para muitos dêles, conseguiu mesmo a liberdade.

Tais obras de caridade lhe aumentaram a fé. E, um dia, resolveu abandonar o mundo, retirar-se da côrte, para seguir mais de perto as lições e os exemplos de São Remi. Nessa altura, pregava o Evangelho aos companheiros de armas. Acreditando, porém, que pudesse ser trazido à côrte, e desejando renunciar inteiramente a si mesmo, secretamente retirou-se ao mosteiro de Mici, a duas léguas de Orléans, sob a direção de São Maximino. Encontrou, então, em Mici, um modêlo e um êmulo de virtude em São Lié, nascido em Berry, e que, mais tarde, levou vida de anacoreta numa floresta da Bauce.

São Leonardo, que suspirava igualmente por uma solidão mais perfeita, deixou, por sua vez, Mici, ali pelo ano de 520.

Passando por Berry, converteu inumeráveis idólatras. Chegando a Limosino, fixou-se numa floresta, longe de Limoges quatro léguas, construindo seu oratório num lugar chamado Noblac. Ervas e frutas eram-lhe tôda a alimentação. E foi, durante algum tempo, desconhecido dos homens, sendo-lhe apenas Deus testemunha da austeridade da penitência que se impunha.

O zêlo levou-o a instruir as gentes da vizinhança; muitos dos que o ouviam foram tocados singularmente pelas pregações que lhes fazia: e alguns se sentiram mesmo animados a imitá-lo naquele gênero de vida. E foram à procura do santo, ao deserto em que vivia: nasceu o mosteiro, depois célebre, de São Leonardo de Noblac.

O rei Teodeberto d'Austrásia, em reconhecimento de que a rainha, num parto muito laborioso, obtivera pelas orações do santo, um feliz desfêcho doou ao mosteiro uma parte considerável da floresta onde Leonardo e os discípulos viviam.

A primeira caridade de São Leonardo pelos cativos não fêz mais que aumentar com a perfeita conversão. Mais de um prisioneiro se viu livre das prisões pelas orações do santo. O rei concedeu-lhe mesmo, por um especial privilégio, libertar quem achasse que tal merecia. Daí São Leonardo, que morreu aos 6 de novembro de 559, ser invocado, particularmente, em favor dos prisioneiros e das parturientes.

Lá pelo ano de 502, o rei Clóvis veio a conhecer outro santo, nas cercânias de Poitiers. Em fins do século V e no princípio do VI, os visigodos arianos que ocupavam a Gália meridional perseguiam os bispos e os fiéis católicos, suspeitos de desejar o o govêrno mais humano dos francos, senhores da Gália setentrional que, desde então, dêles tomara o nome de França. No ano de 502, tendo sido curado duma febre, por São Severino, abade de Agaune, disse Clóvis aos francos:

— Não posso ver sem dor êsses arianos ocupar uma parte das Gálias. Vamos à vingança, com a

ajuda de Deus. Tratemos de trazer o país ao nosso poder.

Todos os francos aplaudiram o rei, e a guerra foi preparada.

São Remi, tendo conhecimento da resolução, acreditou que devia dar conselhos ao rei, paternais avisos, escrevendo-lhe, então, nestes têrmos: "Até nós chegou o ruído de que organizais uma segunda expedição militar. Não é novidade que sejais tal como foram vossos ancestrais. Deveis, porém, tudo fazer para que não vos desvieis da lei do Senhor, porque é pelo fim que se julga a ação. Escolhei conselheiros cuja sabedoria dê novo brilho a vossa glória. Honrai vossos bispos, e recorrei, em tudo, aos conselhos que vos poderão dar. Se com êles estiverdes em bom entendimento, vosso reino será mais feliz e mais forte. Aliviai o povo, consolai os aflitos, protegei as viúvas e cuidai dos órfãos. Fazei tudo para que mais vos amem e mais crédito tenhais. Sêde reto na distribuição da justiça. Dos pobres e dos estrangeiros, nada deveis receber. Que vosso palácio esteja aberto para todos, e que ninguém, por vossa causa, tenha que abrigar a tristeza no coração. Empregai no resgate dos cativos os bens de vosso domínio paternal. Tornai possível aos estrangeiros que, na vossa presença, não se sintam estrangeiros. Numa palavra, se quiserdes reinar com glória, mostrai-vos agradável com os jovens, mas não trateis de negócios senão com os velhos".

Para mais atrair as bênçãos do céu sôbre a emprêsa, Clóvis erigiu em Paris uma grande igreja em honra de São Pedro e de São Paulo, sôbre o sepulcro de Santa Genoveva, morta pouco antes. E publicou uma ordem, na qual proibia aos soldados

saquear os lugares santos, insultar ou fazer mal às virgens consagradas a Deus, bem como às viúvas, aos clérigos, às crianças ou a quem quer que pertencesse às igrejas.

Clóvis marchou rumo a Poitiers, onde Alarico, rei dos visigodos arianos, o aguardava. E, entrando na Touraine, submissa aos visigodos, quis mostrar seu respeito por São Martinho, procurando-lhe a proteção. Fêz, então, publicar uma proclamação pelo exército, proibindo, sob penas rigorosíssimas, que nada se levasse dali, senão água e forragem, em tôda a extensão da província. E um soldado, tendo encontrado feno, arrebatou-o, à fôrça, dum camponês, dizendo que nada mais era do que forragem. Como empregara a fôrça, o rei, imediatamente, o condenou à morte, dizendo:

— Como conseguir a vitória se ofendemos São Martinho?

Logo em seguida enviou emissários à tumba do santo, com ricos presentes, procurando obter, por sua intercessão, qualquer presságio da vitória. E os emissários, uma vez no templo, entoaram, respeitosa e humildemente: "Eis o Deus que me revestiu de fôrça, que fêz o meu caminho imaculado, que tornou os meus pés velozes como os dos veados, o Deus que me adestrou as mãos para a peleja e os braços para retesar o arco de bronze. Deste-me teu escudo salvador e a tua direita me susteve. Perseguia os inimigos e alcançava-os. Revestiste-me de fôrça para o combate e abateste de baixo de mim os meus adversários. Em fuga puseste os meus inimigos". (2)

(2) Ps. 17, 33-41.

Depois dos presentes e das orações ao pé da tumba do santo bispo, voltaram diligentemente, e transmitiram ao rei felizes prognósticos. E Clóvis, cheio de confiança, avançou pelas margens de Viena.

Esta ribeira, que separa a Touraine do Poitou, era consideràvelmente engrossada pelas chuvas, e era de desesperar o encontro dum vau. Clóvis, segundo o relato de Gregório de Tours, passou a noite em oração, e, de manhã, uma corça de grandeza extraordinária, atravessou a corrente, diante de todo o exército, que lhe saiu no encalço, pelo vau que assim se lhes mostrava.

Clóvis também fêz com que se respeitassem os bens da igreja de Poitiers, honrando Santo Hilário. Dêle esperava a proteção contra uma nação ariana, com muita confiança, já que êste santo bispo havia sempre sido o açoite e o inimigo irreconciliável dessa heresia.

A esperança do rei não foi desfeita: uma luminosidade resplandecente, que parecia desprender-se da igreja de Santo Hilário, proporcionou-lhe novo presságio de vitória. Entretanto, Alarico, sentindo-se seguro, não deixava Poitiers. E Clóvis, para atraí-lo ao combate, ordenou se causassem danos ao país. Tal estratagema, que não tardou a dar resultado, deu-lhe ocasião de honrar a virtude dum santo abade daquelas plagas.

Havia nas vizinhanças de Poitiers um mosteiro governado por São Maixent, originário de Agde, que ali vivia recluso. Seus monges, vendo aproximar-se uma tropa de soldados francos, fizeram-no deixar a cela, para que, como se fôra um escudo, uma barreira, se opusesse ao furor dos que se avizinhavam.

O santo avançou ousadamente, bradando aos soldados que poupassem o mosteiro.

Como resposta, um soldado desembainhou e levantou a espada, para ferir o santo homem. Mas, no mesmo instante, sentiu que o braço não se podia mover. Aturdido, desmontou apressadamente e se atirou aos pés do que ia ferir. Ao invés de vingar-se, a todos falou o santo brandamente. Aos que o queriam matar reergueu a fé.

Clóvis, ouvindo o relato dêsse milagre, rendeu grandes honras ao santo abade, acabando por lhe doar as terras de Milon.

Alarico, finalmente, deixou Poitiers, onde adoecera, e, avançando pelas planícies de Vouillé, apresentou batalha ao inimigo que o procurava. O encontro deu-se com vigor, mas a partida não era igual, já que os francos não conheciam outra coisa senão a guerra, e os visigodos jaziam inertes, num longo repouso, na Gália meridional. (3) Rezaram e fugiram, segundo seu costume", diz Gregório de Tours.

A derrota foi completa, porque Clóvis, percebendo o rei Alarico, para êle correu e o matou. Clóvis, porém, expusera-se temeràriamente: dois gôdos, de improviso, apareceram-lhe dos dois lados, e o rei franco ficou devendo a vida à solidez da armadura e à coragem, vigor e velocidade do fiel cavalo.

São Maxêncio, vulgarmente São Maixent, nasceu na cidade de Agde, recebendo, no batismo, o nome de Adjutor. Os pais confiaram-no aos cuidados do santo abade Severo, que não negligenciou em

(3) Cassiod., l. III, Epist. I.

lhe inspirar grandes sentimentos de piedade. O mestre jamais perdera o discípulo de vista, repetindo-lhe, sempre e sempre, que sôbre a terra tudo era armadilha e tentação.

— Devemos velar contìnuamente, dizia-lhe, por nós mesmos. O demônio não cessa de nos assaltar, e é impossível evitar-lhe as surprêsas se não nos mantivermos bem atentos e não implorarmos a ajuda de Deus.

Adjutor aproveitou as lições de Severo, e soube preservar a alma das manchas do pecado. E o brilho da santidade não tardou a se espalhar, dêle se falando, por tôda a parte, com grande respeito.

O que dêle se falava, trazia-o apreensivo, temeroso da glória vã, que lhe sabia a veneno. Então, para evitar o perigo, do qual se acreditava ameaçado, fugiu, retirou-se para um lugar desconhecido. Ao cabo de dois anos, entretanto, descobriram-lhe a nova morada, e trouxeram-no de volta à pátria. Pouco tempo, todavia, ali permaneceu. Novamente receoso da estima dos homens, empreendeu nova fuga.

Dessa vez, foi parar em Poitou, trocou o nome de Adjutor pelo de Maxêncio, e ficou sob a superioridade dum santo abade chamado Agapito. E os religiosos do mosteiro, admiravam a humildade, a mortificação, a caridade daquele santo. Tantas e tais eram as virtudes que o adornaram, que os demais, tempos depois, o escolheram como superior.

Nos exercícios de piedade, Maxêncio parecia possuído do espírito que animava Davi na composição dos salmos, como contava nas instruções o zêlo e a caridade de João Batista. Duro consigo mesmo,

severo, em tudo deixava entrever que ùnicamente buscava o alimento que não perece.

A exemplo de Agapito, procurou, no possível, livrar-se do cargo, para se abandonar às doçuras da solidão da cela retirada. E lá vivia, esquecido de tudo e de todos, só para Deus. São Maxêncio morreu no ano 515.

Na vida de São Leonardo e de outros santos da época, pode entrever-se com que espécie de predileção a Providência abençoa o país que chamamos França. Vêem-se ali implantadas duas raças, renomadas pela bravura e lealdade — os gauleses e os francos. Contra os gauleses, os romanos lutaram, não pela vitória, mas pela existência mesma; a submissão lhes sujeitava o universo. Os francos, o nome só já é a primeira e mais honorável das qualidades sociais. As duas raças, identificando-se prontamente na unidade da fé católica, dir-se-ia o coração e o braço da Igreja de Deus. Assim, depois de quatorze séculos, admiramos o mesmo prodígio: os francos, sempre francos católicos, e a França sempre francamente devotada a Deus e à Igreja. Católicos de França, sejamos sempre reconhecidos desta graça, e dignos sempre sejamos.

* * *

BEM-AVENTURADA CRISTINA DE STOMMELN (*)

Virgem

Cristina Bruso nasceu em Stommeln, aldeia que fica entre Colônia e Neuss, em 1240.

Aos dez anos, Nosso Senhor apareceu-lhe pela primeira vez. Com treze, retirou-se a uma beguinaria. Em 1267, tendo recebido a visita dum jovem dominicano, Pedro de Gotland, sueco, fêz-se sua grande amiga. Quando Pedro faleceu, em 1289, Cristina, numa visão, ficou sabendo que aquela tão pura amizade havia de continuar no céu, onde viveriam lado a lado para todo o sempre.

Cristina de Stommeln recebeu os estigmas no decorrer da semana santa no ano de 1269. Nosso Senhor, a Virgem Mãe e os anjos, então, passaram a visitá-la seguidamente. Os demônios, porém, no intervalo das visitas, em grandes bandos, torturavam-na de modo inenarrável, extravagantemente.

Em 1288, pouco menos de um ano antes da morte do dominicano Pedro de Gotland, aquelas provas terríveis cessaram por completo, e Cristina pôde viver em paz. Venerada pelo povo e pelo clero, faleceu aos 6 de novembro de 1312, com setenta e dois anos de idade.

À beira do túmulo da bem-aventurada Cristina de Stommeln, inúmeros milagres foram operados por Deus, dentre êles se salientando o da cura de Thierry, conde de Cleves.

O papa São Pio X aprovou o culto da beata Cristina em 1908.

No mesmo dia, em Barcelona, na Espanha, São Severo, bispo e mártir: pela fé católica, teve a cabeça atravessada por longo cravo, assim recebendo a coroa do martírio.

Na África, São Félix, mártir: tendo confessado Jesus Cristo, e vendo o suplício diferido, como nos assegura Santo Agostinho na explicação dum salmo que pregou ao povo no dia de sua festa, foi, no dia seguinte, encontrado sem vida na prisão. São Félix morreu em Tinissa, ou Tuniza, agora La Calle. Era cidade da Numídia proconsular, e ficava perto de Hipona.

Em Teópolis (Antioquia da Síria), dez santos mártires sacrificados pelos sarracenos em 638. Eram êles: Calínico, o chefe, Himério, Teodoro, Estêvão, Pedro, Paulo, outro Teodoro e dois João; o nome do décimo é desconhecido; pensa, porém, que se chamava Ilustre.

Na Frígia, Santo Ático, mártir.

Perto de Bergues, São Vinoco, abade, célebre pelas virtudes e milagres. Faleceu, provàvelmente, em 715.

Em Fondi, no Lácio, São Félix, monge (século VI).

Em Valença, Santa Gala, virgem. Esta Santa, que recusou casar-se, tomou o véu das virgens. Cumpriu inúmeros milagres: pôs os bárbaros em fuga, quando duma invasão, ordenando que uma montanha avançasse contra êles. Tendo predito que morreria num determinado dia (dum ano que se desconhece), assim aconteceu.

Em Llantwit Maior, em Glamorgan, Santo Illtud, abade (século VI).

Em Chinon, na Turena, São Loêncio (Lupêncio, Lupâncio ou Loâncio), ermitão.

Na ilha de Chipre, São Demetriano, bispo de Chitroi, falecido em 915 (?).

Em Apt, Santo Estêvão, bispo, desaparecido em 1046. Nascido em Agda, entrou para a clericatura muito cedo. Estudioso, aproveitou uma viagem que fêz a Palestina para aprender o grego, língua que falava perfeitamente. Eleito bispo em 1010, foi ótimo administrador. Restaurou a catedral e levantou várias igrejas. Tendo feito segunda peregrinação à Terra Santa, faleceu em Apt anos depois.

Na diocese de Limoges, Santo Israel e São Teodoro, cônegos regulares. O primeiro faleceu em 1014 e o segundo em 1070.

* * *

7.º DIA DE NOVEMBRO

SÃO VILIBRODO

Bispo de Utrecht, Apóstolo da Frísia

Os inglêses, vindos da Germânia, e convertidos à fé católica pelos missionários do papa Gregório, encheram-se de zêlo e puseram-se a converter os povos dos quais se originaram, a começar pelos frisões, que eram os mais próximos.

Santo Egberto, nobre inglês, que se retirara para a Irlanda, e abraçara a vida monástica, em 686, resolveu ir à Frísia, mas, à última hora, abandonou o projeto, pondo-se a trabalhar ativa e ùtilmente na reunião dos irlandeses cismáticos.

Wilgberto, um dos companheiros de Egberto, que vivia desde muito na Irlanda, levou vida de anacoreta numa grande perfeição, embarcou para a Frísia, e durante dois anos pregou o Evangelho àquela nação e ao rei Radbod. Percebendo que fruto algum lhe vinha do imenso trabalho, tornou à Irlanda, para, em silêncio, servir a Deus e aproveitar, pelo menos aos seus, o exemplo.

Santo Tgberto, vendo que o companheiro nada conseguira da Frísia, experimentou enviar para lá homens zelosos e virtuosos. E escolheu doze, dos

quais o principal era São Vilibrodo, inglês, nascido na Nortúmbria, em 658. O pai chamava-se Wilgis e era extremamente piedoso, tendo deixado o século e abraçado o estado monástico, fazendo-se ermitão mais tarde. Na velhice, tendo fundado uma pequena comunidade entre o oceano e Humber, passou a dirigi-la. Honrado entre os santos, no mosteiro de Epternach, na diocese de Tréveris, é nomeado no calendário inglês. Alcuíno, amigo de Carlos Magno, deu-nos sua vida, bem como a do filho Vilibrodo.

Vilibrodo ainda não completara sete anos e já o pai o enviava ao convento de Ripon, onde ficou sob a direção de São Wilfrido e abraçou a vida monástica. Assim, aos vinte anos, com o consentimento do abade de Ripon, conseguiu permissão para ir à Irlanda: queria aperfeiçoar-se ao pé de Santo Egberto. Era padre, e estava com trinta anos, quando foi enviado à Frísia por aquêle santo, que viveu até o ano 729 e morreu com 90 anos, aos 24 de abril, dia em que a Igreja lhe honra a memória.

Chegados que foram à Frísia os doze missionários, em 690, foram òtimamente recebidos por Pepino, duque dos francos e presidente do palácio, cognominado de Héristal, que ganhara de Radbod as graças e uma parte da Frísia, parte que ficava entre o Reno e o Mosa. Foi por isso que os enviou, aos doze, para ali pregar, dando-lhes a proteção de que necessitavam, concordando que chamassem à fé quem quer que fôsse: pouco depois, um grande número de idólatras era convertido.

Com o tempo, os missionários escolheram Swidberto, um dentre êles, para ser ordenado bispo. E, na Inglaterra, por São Wilfrido, então arcebispo de York, foi elevado àquela dignidade.

Ao retornar, na Germânia estêve o novo prelado entre os povos das vizinhanças de Colônia, e a muita gente converteu.

Pouco tempo depois, todavia, aquêles convertidos se viram obrigados a dispersar-se, pela pressão saxônica, e São Swidberto foi ter com Pepino, que lhe deu, para retiro, uma ilha no Reno, onde, então, o bispo ergueu um convento, a que chamou Verden, e depois Keiserswert, que quer dizer Ilha do Imperador.

São Swidberto morreu no ano de 713; a Igreja honra-lhe a memória no dia 1.º de março.

São Vilibrodo, com os demais missionários inglêses, trabalhava com sucesso na conversão dos frisões, sob a benéfica sombra de Pepino. Lá pelo ano 692, por Pepino mesmo, foi o santo enviado a Roma, para receber do papa Sérgio a bênção apostólica e trazer santas relíquias.

Ao regressar, continuou pregando aos frisões, submetidos aos francos, e, pouco mais tarde, tornou a Roma com presentes e cartas de Pepino, que rogava ao Papa lhe ordenasse Vilibrodo bispo de seu povo.

O papa Sérgio consagrou-o arcebispo dos frisões, na igreja de Santa Cecília, no dia mesmo da festa desta santa, aos 22 de novembro de 696. E, dando ao novo arcebispo o *pallium*, deu-lhe também novo nome, o de Clemente, em lugar daquele Vilibrodo bárbaro, nome pelo qual, todavia, é mais conhecido até hoje. Enviado pelo Papa ao seio do seu povo, não ficou o santo mais do que quatorze dias em Roma. De Pepino, recebeu o lugar onde, então estabeleceu a sede episcopal, na cidade hoje denominada Utrecht. São Vilibrodo ali erigiu uma

igreja, a igreja de São Salvador, que passou a ser o centro do episcopado.

Como convertera grande número de fiéis, de tôdas as partes, durante cinqüenta anos de pregação, acabou fundando muitos conventos, erigindo várias igrejas e fêz com que se ordenassem novos bispos.

Um dia, resolveu pregar o Evangelho na parte da Frísia que vivia sob o govêrno de Radbod, e o príncipe recebeu-o com muitas honras. Dali, passou São Vilibrodo à Dinamarca, cujo povo, muito feroz, era comandado por Ongende, mais cruel que a mais cruel das feras.

Ongende recebeu-o com certa complacência, mas por pouco entre os dinamarqueses estêve o santo, vendo que fruto algum poderia esperar daquele país. Contentou-se, então, com a boa vontade de trinta jovens, reuniu-os e retornou à França. E, pensando nos acidentes que pudessem surgir de tão longa viagem, instruiu-os e batizou-os em caminho.

Nos confins da Dinamarca e da Frísia, há uma ilha, na embocadura do Elba, que agora tem o nome do seu deus Fosite. Os pagãos veneram-na e não ousam tocar em animal algum que ali vive; nem falar sequer falam de tirar água duma fonte que irriga aquelas terras. Ora, aconteceu que São Vilibrodo, atirado por uma tempestade, ali foi ter e passou alguns dias, à espera de tempo favorável para reiniciar a viagem.

Três homens, batizou-os na fonte, e pediu que lhe matassem qualquer caça para a alimentação. E os pagãos ficaram na expectativa: ao comer daquela carne, se o santo homem não morresse sùbitamente, de ficar louco furioso não escaparia. Nada disso, porém, sucedeu. Maravilhados, fizeram chegar a

Radbod o acontecido. O príncipe, querendo vingar os deuses, fêz lançar a sorte três vêzes por dia, durante três dias, segundo velha superstição dos germanos, sôbre o santo bispo e os companheiros. Como a sorte lhe foi desfavorável, livrando o santo do martírio, limitou-se a recriminá-lo, dizendo-lhe que só fizera por lhe menosprezar a religião. E o santo bispo retornou a Pepino, sendo recebido alegremente.

São Vilibrodo continuou a pregar na Frísia submetida aos francos. Contam-se dêle muitos milagres. Na ilha de Valcheren, na Zelândia, como quisesse destruir um ídolo, recebeu do guarda um golde de espada na cabeça, mas nada lhe sucedeu. Os que o acompanhavam, desejosos de punir aquêle atentado, foram contidos pelo santo, que livrou o guarda das mãos dos que se exaltaram com aquela maldade: conta-se que, três dias depois, o guarda do ídolo morria miseràvelmente.

A reputação de São Vilibrodo atraiu à Frísia a São Vulfran, para trabalhar na mesma obra. Nascera em Maurillac, atualmente Milly, em Gatinais, da qual o pai era senhor, e doou as terras ao mosteiro de Fontenelle, em 685. Foi eleito arcebispo de Sens, depois da morte de Lambert, em 690, passando a governar aquela igreja por algum tempo. Recebeu, então a inspiração que o levou a Frísia, para pregar.

Antes, porém, passou Vulfran por Rouen, para encontrar-se com Santo Ansberto, que, tendo sido abade de Fontenelle, era ainda como o pai daquela comunidade.

Com São Vulfran, de Rouen, foram alguns monges ajudá-lo a pregar na Frísia. Embarcados, entraram pelo Sena e ganharam o oceano. Como estavam perto da costa de Morins, hoje de Flanders, e chegara

a hora de oferecer o santo sacrifício, deitaram-se as âncoras e imobilizaram o barco. O santo bispo, celebrando a missa, aproximou-se do diácono, que lhe estendia a pátena. O diácono era Vaudon, monge de Fontenelle, depois abade. Prosternado, eis que, de repente, escapando-lhe das mãos, foi o objeto cair ao mar.

São Vulfran, imediatamente, pôs-se de joelhos, e após ter orado, por algum tempo, pediu ao diácono que enfiasse as mãos na água, justamente no lugar onde a pátena havia caído. E a pátena, do fundo do mar, veio direito às mãos de Vaudon. Todos os assistentes, maravilhados, louvando a Deus, com unção assistiram à continuação da santa missa rezada pelo grande santo.

A pátena foi conservada em Fontenelle, bem como o cálice e o altar que serviram àquela missa.

Chegando a Frísia, São Vulfran iniciou a pregação, e passou a converter muita gente. Batizou, entre outros, o filho de Radbod. Era costume, entre aquêles pagãos, fazer morrer, em honra dos deuses, aquêle sôbre o qual caísse a sorte. Como levassem à morte um jovem chamado Ovon, São Vulfran pediu ao príncipe que lhe desse a vida daquele que ia morrer. E estava prestes a obtê-la, quando os pagãos se opuseram, dizendo:

— Se teu Cristo puder livrá-lo da morte, Ovon será teu pelo resto da vida.

O santo aceitou a condição. E Ovon foi levado à fôrca, onde ficou pendendo da corda por duas horas, enquanto São Vulfran, ajoelhado, fervorosamente orava a Deus por aquela vida. A corda, rompendo-se, deixou cair o corpo do infeliz. Por ordem

Os dançarinos de São Güido conduzidos em peregrinação à igreja de São Vilibrodo, em Epternacht, perto de Luxemburgo (segundo desenho de Brenghel, séc. XVI).

do santo, Ovon, então desfalecido, ergueu-se, cheio de disposição e saúde.

O supliciado, mais tarde, contou que, enquanto jazia pendurado, sentiu um sono insuportável e tinha a impressão de que o sustinham pela cintura. Batizado, foi monge em Fontenelle, deixando no mosteiro muitos títulos e muitos livros que escreveu. (1)

São Vulfran livrou muitos mais da morte. Um dia, a sorte caiu sôbre dois meninos, filhos duma pobre viúva, um com sete, outro com cinco anos. Iam ser lançados ao mar, porque várias eram as maneiras de imolar as pobres vítimas.

Foram, pois, os dois irmãos lançados ao mar, quando da maré alta. O mais velho, lutando por si e pelo irmãozinho, que se lhe agarrara ao pescoço, debatia-se terrìvelmente e tudo fazia para ganhar a praia, mas tudo era em vão.

O príncipe e os pagãos todos, do alto duma grande rocha, assistiam, impassíveis, à horrível cena que se desenrolava nas águas do oceano.

São Vulfran, quando soube da tragédia, correu a pedir ao príncipe aquelas pobres vidas. E o príncipe disse:

— Terá o teu Cristo poder para conservar a vida àqueles dois? Se tiver, serão teus.

São Vulfran caiu de joelhos e pôs-se a orar com o maior fervor. E o que se viu foi maravilhoso: o mar, agitado, foi-se acalmando, e a maré, que era alta, baixou repentinamente, deixando na praia os dois pobrezinhos prestes a morrer.

A mãe, desolada, debulhada em lágrimas, recebeu os dois das mãos do santo, já batizados. E uma

(1) Act. SS. mart., Act. Bened., t. III, pag. 347.

grande multidão se converteu.

Durante a vida, São Vilibrodo batizou Pepino, filho de Carlos Martelo e pai de Carlos Magno, e predisse aos discípulos a futura grandeza do menino.

O santo morreu em 738 e foi enterrado em Epternach, onde milagres não cessaram de suceder, relatados por Alcuin, que os cita a muitos.

* * *

SÃO BALDINO (*)

Bispo

Bispo de Tours, temos sôbre São Baldino algumas linhas deixadas por São Gregório de Tours. Diz êle: "Baldino, de referendário do rei Clotário, foi ordenado bispo. Tinha filhos. Dado a fazer esmolas, distribuiu aos pobres o ouro que seu predecessor havia deixado, mais de vinte mil *sous*. No seu tempo, foi construído outro burgo de Neuillé. Foi ali que instituiu a *mensa canonica*. Governou cinco anos e dez meses, morreu e foi enterrado na basílica de São Martinho".

Bom administrador, passando da alta magistratura para o episcopado, São Baldino foi um dos organizadores da França cristã. Casto, piedoso, caridoso, teve a serena coragem, como vimos, de distribuir à pobreza todo o tesouro amealhado pelo predecessor, porque achava que as riquezas da Igreja sòmente assim cumpririam o seu verdadeiro destino: amenizar as agruras dos filhos que gemem na terra.

* * *

SÃO LÁZARO (*)

Estilita

Lázaro, no século, chamava-se Leão. Nascido perto de Magnésia do Meandro, em 968, com seis anos os pais o confiaram a piedoso sacerdote, para o estudo das primeiras letras, e, aos doze, a um tio, Elias, monge do mosteiro dos Kalathon, para a formação eclesiástica.

À medida que Lázaro crescia, também lhe crescia na alma o desejo que não conseguiria conter — o de visitar a Terra Santa. Um dia, depois de muito pensar, todo na ânsia de realizar aquêle sonho, fugiu, correu para a terra que o chamava, mas o tio, alertado a tempo, foi detê-lo não muito longe do mosteiro. De volta, Lázaro ficou sob severa vigilância durante dois anos. Passado êste tempo, Elias fê-lo ingressar noutra fundação, onde deveria, com um notário, aprender a sua arte.

Sempre e sempre perseguido pela idéia de buscar a terra que Nosso Senhor santificara, feito homem, idéia que não lhe dava tréguas nem de dia, nem de noite, entrou a estudar, a traçar um plano de fuga com todos os pormenores, para que, desta vez, não lhe acontecesse como da primeira. Sòmente três anos depois surgiu a oportunidade esperada: deixou o mosteiro, seguindo o plano, mas também não teve

sucesso. Dez meses mais tarde, contudo, escapou definitivamente.

Quando chegou perto de Atália, recebeu o hábito religioso num mosteiro. Em seguida, retirou-se a uma caverna: para mortificar o desejo sem par de alcançar a Terra Santa, deixou-se ficar na gruta por sete anos; só então demandou a Jerusalém sonhada.

São Lázaro viveu no mosteiro de São Sabas até o dia em que as hordas sarracenas chegaram. Obrigado a fugir, passou para Laudicéia do Líbano, depois para perto de Antioquia, onde visitou o mosteiro de São Simeão, o Jovem. Tendo caminhado para Éfeso, antes de chegar a cidade, encontrou dois monges que viviam ao lado dum oratório dedicado a Santa Marina. Ali, fixou-se. E, construindo uma coluna, nela subiu, para imitar Simeão Estilita.

São Lázaro viu-se célebre num abrir e fechar de olhos. De tôda a parte, multidões vinham vê-lo. Discípulos surgiram, e uma comunidade nasceu. Por sete anos, ilustrou o lugar.

Depois que aquêle sítio se tornou caminho obrigatório de caravanas sem fim, o novo Estilita deixou-o. Como ouvira falar dum monge, dum Pafúncio muito santo, que vivera numa gruta do Galision, e a santificara através dos tempos, procurou novo cenário. O metropolita de Éfeso, porém, mal chegara Lázaro ao monte, ordenou-lhe que tornasse a Santa Marina. Obediente, o Santo voltou.

Mais tarde, numa coluna descoberta, curtindo o frio, sofrendo com o calor, passando fome e sêde, sereno debaixo das tempestades, tomaria, do Galision, o nome, e o ilustraria pela santa vida.

São Lázaro, o Galisiota, viveu em quatro colunas. Do alto da última, dirigia os que se puseram sob

sua regra, aquela regra que mandava evitar, sempre que possível, o contacto com pessoas estranhas à comunidade; que pedia, para os que a seguiam, que tivessem sempre os olhos baixados para o chão; que ordenava que, tôdas as manhãs, a Deus se oferecesse a alma e, à tarde, se fizesse completo exame crítico das ações do dia.

A um discípulo que, cansado, subira até o pináculo da coluna, e lá, suspirando, dissera ser difícil a escalada, São Lázaro respondeu:

— Sim, é difícil, e duro, e laborioso o caminho que leva à vida eterna!

Desde aquêle dia, o discípulo procurou não mais se impacientar. Se lhe era rude a subida, quão terrível deveria ser a estada lá no alto, debaixo de sol, de chuva, da frialdade da noite? Por quantos anos lá vivia o mestre?

Debaixo de severíssimo regime, São Lázaro, com oitenta e seis anos, deixou a coluna para sempre. Não suportando as feias tempestades de novembro, sucumbiu num domingo, em 1054, depois de quarenta e um anos de permanência no Galision.

No mesmo dia, em Perusa, Santo Herculano, bispo e mártir.

Perto de Schwelm, na Germânia, a morte de Santo Engelberto, bispo de Colônia: quando ia para Soest, onde devia consagrar uma igreja, foi prêso e massacrado por sicários; assim, sofreu glorioso martírio pela defesa da liberdade eclesiástica e a manutenção da obediência devida à Igreja romana (1225).

Santo Amaranto, mártir, que acabou de modo feliz com as lutas pela fé, em Albi, onde o corpo jaz enterrado, enquanto a alma goza da glória eterna.

Em Alexandria, Santo Áquilas, bispo, notável pela erudição, imensa fé, santidade de vida e pureza de costumes.

Em Metz, na Gália, São Rufo, bispo e confessor (século IV).

Em Estrasburgo, São Florêncio, bispo. São Florêncio foi o sétimo bispo de Estrasburgo, sucessor de Arbogasto.

Em Pádua, a comemoração de São Prodócimo, primeiro bispo daquela cidade, que, tendo sido ordenado pelo apóstolo São Pedro, dêle recebeu, ao mesmo tempo, a missão de ir pregar a palavra de Deus naquele lugar, onde, depois de ter brilhado pelas grandes virtudes de que era possuidor, e por prodígios, terminou a vida em paz.

Em Melitina, na Armênia, os santos mártires Hierão, Nicandro, Hesíquio e trinta outros, que foram coroados durante a perseguição de Diocleciano, sob o governador Lísias (século III?).

Em Anfípolis, na Macedônia, os santos mártires Auto, Táurio e Tessalônica.

Em Ancira, o martírio dos santos Melásipo, Antônio e Carina, sob Juliano, o Apóstata (século IV?).

No Mans, São Romano, "sacerdote excelente, sobrinho de São Juliano, diz-se, ministro da santa Igreja romana e, segundo alguns, irmão de Santa Júlia".

Em Ósimo, Piceno, São Leopardo, bispo.

No País de Gales, São Congar, confessor (século VI).

Em Valença, antigamente diocese de São Paulo dos Três Castelos, São Restituto, bispo.

Em Auvergne, Santo Amandino.

Em Senlis, Santo Agmer, bispo (século VII).

Santa Gebetrudes, abadêssa (fim do século VII).

Na Bretanha, São Trêmor, mártir (século VII).

Ainda na Bretanha, São Blinliveto, bispo de Vannes (século X).

No Oriente, Santo Ernesto, abade de Zwiefalten, falecido em 1147.

Perto de Bolonha, na Itália, Santa Lúcia de Estifonte, virgem camaldulense (século XII?).

Em Pofi, diocese de Veroli, o bem-aventurado Antônio Baldinucci, jesuíta, desaparecido em 1717.

* * *

8.º DIA DE NOVEMBRO

SANTO WILLEHADE

Primeiro bispo de Bremen

Outro apóstolo da Germânia foi Santo Willehade. Nasceu na Inglaterra, em Northumbres, muito piedoso desde a infância. A humildade, o amor à oração, a austeridade de sua vida levaram-no ao sacerdócio. Soube, então, que os frisões e os saxões, até então incrédulos e pagãos, começavam a abandonar os ídolos e ensaiavam na fé católica. Sentindo uma grande alegria, e ao mesmo tempo um grande desejo, resolveu ir pregar àqueles povos.

Foi, então, procurar o rei Alcreto, e expôs-lhe, com muitas lágrimas, a vocação que tinha e o desejo de pregar aos frisões e saxões.

O rei, convocando os bispos e outros servidores de Deus, conseguiu que o desejo de Willehade fôsse satisfeito, e lá se foi êle para a Frísia, em 770, fixando-se no mesmo lugar em que São Bonifácio havia sofrido o martírio. Foi recebido com grandes manifestações de júbilo pelos novos cristãos, entre os quais ficou por muito tempo. Os nobres, satisfeitos, encarregaram-no da instrução dos filhos, e Willehade trouxe para a fé católica muitos dos que ainda jaziam no êrro.

Passando o rio Lawers, foi pregar aos frisões pagãos o culto do Deus verdadeiro e a fragilidade dos ídolos. Uns procuram matá-lo, porque ímpio, ousando falar contra seus deuses. Outros, mais razoáveis, diziam:

— Êste homem não é culpado de crime algum. Nada sabemos da religião que nos veio pregar, nem mesmo do Deus que nomeia e diz ser o verdadeiro. Tiremos a sorte e veremos se deve morrer ou ir em paz.

A sorte foi lançada, sendo de tal modo conduzida por Deus, que a Willehade foi favorável, sendo-lhe concedido ir com vida.

De lá, chegou a Drenthe, onde converteu e batizou um grande número de pagãos. A religião começava a progredir, tanto que os discípulos do santo começaram a erguer templos.

Os infiéis, diante disso, irritaram-se, e procuraram a todos exterminar. Assaltaram Willehade a bastonadas, e um dêles, procurando decepar-lhe a cabeça, armado de espada que estava, desceu a arma sem que mal algum ao santo causasse, apenas cortando-lhe a correiazinha dum relicário que trazia pendente do pescoço.

Os bárbaros, surpreendidos com aquela maravilha, deixaram-no, e aos companheiros, em paz, não mais procurando fazer-lhes mal.

Carlos Magno, ouvindo falar de Willehade, fê-lo vir à sua presença, recebendo-o com grandes mostras de admiração. E, reconhecendo-lhe a doutrina e as virtudes, enviou-o a Saxônia, ao cantão chamado Vigmode, para lá do Wéser, onde estavam os bispados de Werden e de Bremen. Queria Carlos Magno que, sob sua proteção, fundasse igrejas e trabalhasse na instrução da gente.

Willehade desincumbiu-se tão bem da tarefa que lhe fôra dada que, no segundo ano de trabalhos — era, então, no ano 780 — os saxões e os frisões da vizinhança se convertiam ao cristianismo.

Em 782, os saxões, revoltados pelas sugestões de Witikindo, começaram a perseguir aquêles que se fizeram cristãos, principalmente os padres que trabalhavam na instrução do povo.

Santo Willehade, salvando-se por mar, passou à Frísia, mas os saxões voltaram o furor contra seus discípulos, e mataram o padre Folcard e o conde Emming, no cantão conhecido pelo nome de Léri. Noutra parte, tiveram o mesmo destino Benjamim e Atreban. Gervásio, com os companheiros, morria em Bremen.

Santo Willehade, vendo que no momento era impossível pregar o Evangelho na Saxônia, passou a Itália e foi a Roma orar sôbre a tumba de São Pedro, e recomendar a Deus sua igreja desolada, a fim de que não fôsse inteiramente destruída.

Do papa Adriano, recebeu tôdas as consolações. Voltando a França, retirou-se ao mosteiro de Epternach, na diocese de Tréveris, aquela que São Vilibrodo havia fundado.

No mosteiro, encontrou os discípulos que a perseguição havia dispersado, e a todos consolou, exortando-os à constância.

Dois anos passou o santo em solidão, no mosteiro de Epternach, ocupando-se em transcrever livros, que os bispos, seus sucessores, guardaram com veneração, entre outras as epístolas de São Paulo. (1)

Entretanto, Carlos Magno, tendo vencido os saxões, e tendo Witikindo, o principal chefe, rece-

(1) Act. Bened. sec. III pars. II.

bido o batismo, Santo Willehade deixou o retiro de Epternach, indo ao encontro do imperador em Eresburgo, pedindo-lhe autorização para recomeçar a pregação do Evangelho na Saxônia.

Carlos Magno ordenou-lhe retornasse ao país de Vigmode, onde havia trabalhado, e do qual já era bispo, embora não fôsse mais que padre. E, para assegurar a subsistência dos que com êle iam, como colaboradores, ordenou se lhes entregasse um pequeno mosteiro de França, o Justino.

Recomeçou, pois, Willehade a pregar a fé pùblimente, a reerguer as igrejas que haviam sido destruídas e a destacar pessoas para êste e aquêle lugar, com o objetivo de instruir e guiar o povo.

Ouvira também Carlos Magno coisas a respeito de São Ludgero, então chegado da Itália. E, estando com o santo, encarregou-o da instrução dos frisões que viviam em cinco cantões, a oriente do rio de Lebec.

São Ludgero, de passagem, estêve numa ilha entre a Frísia e a Dinamarca, onde se adorava o deus Fosite. Destruiu os templos e ergueu uma igreja. E, tendo convertido os habitantes, batizou-os na fonte onde São Vilibrodo havia batizado três homens e os pagãos, que, por superstição, não ousavam tirar, nem sequer tocar na água.

Depois da conversão de Witikindo, surgiram novos bispados na Saxônia, Minden e Werden. O primeiro bispo de Minden foi Herimberto, com a igreja submissa à metrópole de Colônia. Werden, além do Wéser, a oriente, sujeita à Maiença, tendo como primeiro bispo São Suidberto, que alguns confundem com o companheiro de São Vilibrodo, morto desde 713. Tais bispados surgiram em 785.

Carlos Magno enviou, então, ao papa Adriano a feliz notícia da conversão dos saxões, a fim de que ordenasse orações de ação de graça, litanias ou procissões, com o que o Papa concordou jubilosamente. Com a notícia, pedia também Carlos Magno a penitência para os saxões então convertidos. E o Papa respondeu: "Nossos predecessores decidiram que os que viveram na apostasia devem fazer uma longa penitência, que, todavia, se julga mais pela contrição do coração que pelo tempo. Está, pois, com os bispos regrá-las, segundo a queda voluntária ou forçada do convertido. Os penitentes devem fazer a confissão de fé e prometer, sob juramento, observar a penitência e submeter-se às ordens dos bispos".

Em 787, Carlos Magno, estando de volta a Worms, da terceira viagem a Roma, e encontrando a Saxônia tranqüila, resolveu criar novos bispos. Fundou, então, em Westfália a igreja de Osnabruck, da qual o primeiro bispo foi Viho, discípulo de São Bonifácio, ordenado no ano 788. Para lá foi também Santo Willehade, que já ostentava o título de bispo, porque governava, havia sete anos, uma grande extensão do país. Foi sagrado aos 13 de julho do mesmo ano de 787.

Tinha êle por diocese diversos países, compreendendo a Frísia oriental e uma parte da Saxônia, sendo Bremen a sede, capital da província de Vigmode, para lá do Wéser.

No ano seguinte, 788, vigésimo-primeiro de seu reinado, Carlos Magno deu àquela igreja um diploma vazado nestes têrmos: "Em nome de Nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo, Carlos, por vontade da Providência divina, rei. Se, por auxílio do Deus dos exércitos, conseguimos a vitória nas guerras, é n'Êle,

não em nós, que nos glorificamos, e é d'Êle, não de nós, que esperamos, neste mundo, a paz e a prosperidade e, no outro, a recompensa eterna. Saibam, pois, todos os fiéis do Cristo que os saxões, rebeldes aos nossos ancestrais pela obstinação da perfídia, e por tão longo tempo rebeldes a Deus e a nós, até que os tivéssemos vencido pela fôrça do Senhor e não pela nossa, e que, por sua misericórdia, nós os trouxemos à graça do batismo, levamo-los à antiga liberdade, desobrigando-os de todos os tributos que nos devem; e por amor daquele que nos deu a vitória, os declaramos devotamente tributários e súditos. Como se recusaram, até o presente, em levar o jugo de nosso poder, agora que foram vencidos pelas armas e pela fé, ficam obrigados a pagar, a Nosso Senhor Jesus Cristo e a seus sacerdotes, o dízimo de todos os seus animais, frutas e culturas.

"Em conseqüência, terão o país reduzido em províncias, conforme antiga usança romana, e o quinhoeiro, entre os bispos; ofertamos, em ação de graças ao Cristo e a São Pedro, a parte setentrional, que é abundante em peixes e própria também para a nutrição do gado, onde ergueremos uma igreja e uma cátedra episcopal, no lugar chamado Bremen. Submeter-se-ão a esta diocese dez cantões, dos quais mudaremos os nomes e as divisões antigas, reduzindo-os a duas províncias, chamadas Vigmode e Lorgoe.

"Para a construção desta igreja, teremos os dízimos de tôda a província. E, por ordem do soberano Pontífice e Papa universal Adriano, e o conselho de Lul, bispo de Maiença, e de todos os pontífices que estiverem presentes, concederemos, diante de Deus e dos santos, a igreja de Bremen a Willeha-

de, homem de santa vida, que será consagrado bispo, e há de estabelecer a igreja dentro de ordem canônica e monástica".

Em seguida, vem a descrição detalhada dos limites. E Carlos Magno termina com estas palavras: "Assim, pela proteção do Senhor, a autoridade desta doação e circunscrição fique inabalável nos tempos, nossos e que hão de vir. Subscrito de próprio punho e selada com a impressão de nosso anel".

É com esta humildade e êste reconhecimento para com Deus, com tal devotamento para com a Igreja, que fala e age o conquistador Carlos Magno.

Por outro ato de 28 de setembro do mesmo ano, nomeou um senhor Trutman, conde da Saxônia, para dar exata justiça aos povos das duas províncias.

Santo Willehade, após a sagração, sentiu-se animado de novo ardor pela salvação das almas e pela própria santificação. Desde a juventude, observara grande abstinência, não bebendo vinho nem o que pudesse inebriar. Não comia carne, não bebia leite, nem comia peixe. No entanto, no fim da vida, o papa Adriano ordenou-lhe que se alimentasse de peixes, em virtude das freqüentes enfermidades. Às missas que dizia, habitualmente, todos os dias, chorava copiosamente. E a leitura dos livros santos e a meditação da lei do Senhor eram-lhe as delícias. Todos os dias costumava recitar o Saltério inteiro e, freqüentemente, muitas vêzes por dia. E o que pregava, confirmava-o com exemplos. A cátedra que erigia, pô-la sob a invocação de São Pedro. As muitas enfermidades que o acometiam não o privavam de percorrer a vasta diocese, para confirmar o povo na fé.

Foi durante uma dessas visitas que fazia que caiu doente e morreu num povoado da Frísia, chamado Plexem. O corpo levaram-no a Bremen, sendo, então, sepultado na catedral. Cumpriu por trinta e cinco anos as funções de missionário, e foi bispo durante dois anos, três meses e vinte e seis dias.

Muitos milagres se operaram depois de sua morte. Santo Anschaire, seu terceiro sucessor e primeiro arcebispo de Hamburgo, escreveu-lhe a vida, bem como a descrição dos principais milagres operados depois que se foi dêste século, e dos quais foi testemunha ocular.

A Igreja honra a memória de Santo Willehade aos 8 de novembro, dia em que faleceu.

* * *

SÃO GODOFREDO

Bispo de Amiens

São Godofredo, abade de Nogent-sous-Couci, e depois bispo de Amiens, mostrou no convento de São Quentin os sentimentos de piedade que o fizeram um dos mais santos abades e um dos maiores bispos de seu tempo. Como os pais haviam encomendado seu nascimento às orações daquela comunidade tão piedosa, levaram-no ao monte São Quentin para que ali recebesse o batismo. Aos cinco anos, ingressou no mosteiro.

O pai, Frodon, abraçou a vida monástica no convento de Nogent, e um dos irmãos, Odon, retirou-se ao monte de São Quentin, onde se distinguiu por grande austeridade e por tão exata observância do silêncio, que, durante a quaresma, não proferia uma única palavra, a não ser quando se confessava.

Godofredo revelava mais virtude ainda, considerando-se a tenra idade. O amor pela pobreza e o recolhimento levaram-no a ser procurador da comunidade. A prudência de Godofredo fazia as vêzes da experiência. Amava a poupança e não era avarento. Por sua aplicação, pôs em ordem, em pouco tempo, os negócios do convento, que jaziam em mau estado, pagou dívidas, sendo, então, agradável aos religiosos e aos seculares.

Fazendo-se, em 1095, abade de Nogent-sous-Couci, pela resignação do predecessor, logo floriu a piedade. Era um mosteiro fundado recentemente no lugar onde havia uma velha igreja da Virgem, muito freqüentada por fiéis. Os monges eram poucos e não eram metódicos. E Godofredo não encontrou em Nogent mais que seis religiosos com dois meninos criados entre êles.

Em pouco tempo, o mosteiro floresceu e recebeu excelentes almas. Aplicando-se mesmo à direção dos seculares, sem negligenciar a dos religiosos, Godofredo conduziu a uma grande perfeição, piedosas damas que lhe haviam demonstrado confiança.

Em 1103, foi eleito bispo de Amiens. E foi necessária violência para que aceitasse a eleição. Entrou descalço na cidade. Quando chegou à igreja de São Firmino, dirigiu, ao povo que estava presente, um discurso fortemente patético. Achava-se-lhe no palácio a casa dum verdadeiro discípulo de Jesus Cristo. Todos os dias, lavava os pés de treze pobres, e servia-os à mesa. Opunha-se com zêlo inflexível às usurpações dos grandes, obstinadamente presos às desordens. Atacava com vigor os abusos que reinavam no clero; depois de ter experimentado grandes dificuldades, restabeleceu a reforma no mosteiro de São Valeri.

Celebrando os santos mistérios do Natal, em presença de Roberto, conde de Artois, que tinha a côrte em Saint-Omer, não quis receber oferendas dos príncipes, porque o seu exterior era assaz mundano. Então, muitos deixaram a igreja e retornaram mais simplesmente vestidos, porque não queriam ficar privados da bênção do santo bispo.

Em 1112, o santo bispo de Amiens, de acôrdo com os habitantes, estabeleceu gratuitamente uma comuna ou burguesia na cidade episcopal. O govêrno dessa comuna, composto de vinte e quatro almocatéis, sob a presidência dum administrador, foi instalada sem qualquer perturbação em meio à alegria popular. A cidade de Amiens estava repartida entre quatro pessoas: o bispo, o vidama, o castelão ou proprietário abastado e, finalmente, o conde, que era Engebran de Boves, pai de Tomás de Marle, homem muito maldoso.

O vidama deu sua aprovação à comuna mediante certas condições, mas o castelão e o conde não lhe deram ouvidos — daí a guerra entre êles e os burgueses. Com o concurso do rei Luís, o Gordo, e com a mediação do bispo, os burgueses obtiveram, a pêso de dinheiro, a aprovação real dos regulamentos municipais. Nessa guerra, Tomás de Marle atacou ferozmente a comuna de Amiens, enquanto a de Laon, a apoiava francamente.

A desolação tomou conta de Godofredo. Os crimes, dos quais fôra causa, abateram-no tanto, que decidiu deixar o episcopado, para se retirar a Chartreuse de Grenoble com os santos capuchos solitários, cuja reputação já se espalhara por tôda a França.

Guigues, o prior, com grande alegria recebeu o santo bispo, e designou-lhe uma cela. E Godofredo, na solidão, sonhava sòmente com reunir as doçuras da contemplação aos rigores da penitência.

Sabendo que Cônon, legado da Santa Sé, ia abrir o concílio de Beauvais, enviou-lhe carta, na qual dizia renunciar ao bispado.

Reunido o concílio, os cidadãos de Amiens enviaram-lhe deputados com o fito de se queixarem do

abandono em que se viam, privados que estavam do bispo. E novo prelado exigiram.

Radulfo, arcebispo de Reims, disse:

— Como ousais agir desta maneira? Que autoridade tendes? Não fôstes vós, com vossa indocilidade, que afugentastes da sede um homem ornado de tôdas as virtudes? Desejais, porventura, sòmente aquêles que vos sejam favoráveis aos interêsses e prazeres?

Os deputados ouviam calados. E o arcebispo continuou:

— Ide, pois. Trazei-o de volta e que permaneça entre vós, porque, por Nosso Senhor Jesus Cristo, outro bispo não tereis enquanto Godofredo viver.

Ao mesmo tempo, chegaram enviados de Godofredo, trazendo a carta da renúncia, onde declarava que declinava daquele bispado e exortava os diocesanos a buscar outro pastor, assegurando-lhes que jamais voltaria, incapaz que se sentia de desincumbir-se das funções episcopais.

À leitura daquela carta tão humilde, os bispos do concílio não conseguiram conter as lágrimas: um homem tão capaz, virtuoso e talhado para as funções a dizer-se inoperante! E resolveram deixar a questão para ser tratada no concílio que se daria em Soissons, pela Epifania do ano seguinte, 1115.

Naquele concílio, ficou resolvido que se enviassem dois deputados em nome do rei, com cartas do concílio, que ordenassem ao santo homem voltar para ocupar o pôsto.

Godofredo, ao ler as cartas, caiu de joelhos aos pés dos monges, com os quais vivia, e, chorando, implorou-lhes não permitissem que dêles se afastasse.

Os cartuxos, comovidos, choraram com êle, procurando consolá-lo:

— Que poderemos nós contra uma ordem do rei? Que fazer diante da autoridade real e episcopal?

E Godofredo, tendo ficado mais algum tempo com os cartuxos de Grenoble, da festa de São Nicolau até a quaresma, partiu.

Antes de ir a Amiens, passou por Reims, onde o legado Cônon estava num novo concílio. O arcebispo Radulfo apresentou-o aos prelados reunidos. E Godofredo causava dó, tão macerado estava, castigado e fraco, que mal se sustinha em pé.

O legado, que presidia o concílio, repreendeu-o enèrgicamente por ter deixado a sede de Amiens, ordenando-lhe retornasse imediatamente.

Godofredo obedeceu com a maior humildade, e partiu. Em Amiens, foi recebido estrondosamente, em meio a uma alegria jamais vista.

Pouco tempo depois, quando, para uma consulta ao arcebispo, viajava para Reims, veio a falecer. Era o dia 8 de novembro daquele mesmo ano de 1115, dia em que a Igreja lhe honra a memória.

* * *

BEM-AVENTURADO GREGÓRIO (*)

Abade

Gregório foi o terceiro abade do mosteiro de Einsiedeln, no cantão de Schwyz, na Suíça, sucessor de Thietland. Eleito em 964, governou até 996, ano em que faleceu.

Nascido na Inglaterra, diz a legenda que era filho de rei, um peregrino de Roma. Deixando os pais, a espôsa e a pátria, para viver vida mais perfeita, chegou à Suíça em 949, muito jovem ainda, em tempos do fundador de Einsiedeln, Eberardo ou Evrardo.

Sob o bem-aventurado, o mosteiro desenvolveu-se extraordinàriamente. Amigo do imperador e dos grandes da côrte, tudo lhe era facilitado. Falecido a 8 de novembro, foi venerado como santo, mas sem data especial de comemoração.

* * *

BEM-AVENTURADOS JOSÉ NGHI, PAULO NGAN, MARTINHO THINH, MARTINHO THO E JOÃO BATISTA COU (*)

Mártires

Em 1840, a uma denúncia de traidores, o governador de Nam-Dinh, Tonkin, Trinh-Quang-Khanh, reuniu, no dia 30 de maio, mil homens e três elefantes de guerra para dar caça a três sacerdotes católicos, expedição aparatosa, que principiou a movimentar-se às 3 horas e meia da madrugada e teve fim alguns dias depois.

Foram presos três sacerdotes e dois leigos, êstes culpados de esconder aquêles em suas casas. Os padres eram José Nghi, Paulo Ngan e Martinho Thinh, e os leigos Martinho Tho e João Batista Cou.

Convidados a apostatar, recusaram a obedecer a ordem do governador. Foram, então, expostos ao sol, a 3 de julho.

No dia 6, como persistissem, receberam, cada um, cinqüenta chibatadas. Aos dois leigos, quiseram constrangê-los a caminhar, irreverentemente, sôbre uma cruz, mas não conseguiram levá-los a tal fim. Como punição, foram obrigados a lamber as chagas

dos três amigos padres — o que fizeram com imensa alegria.

De novo expostos ao sol, inclemente naquela estação, viveram ainda longos meses de atroz prisão. Por duas vêzes, porém, tiveram a suprema consolação de receber a santa comunhão.

Afinal, a 8 de novembro de 1840, foram conduzidos ao derradeiro suplício.

O papa Leão XIII beatificou-os a 27 de maio de 1900, sessenta anos depois da morte gloriosa.

No mesmo dia, em Roma, na Via Lavicana, a três milhas da cidade, a morte dos santos Cláudio, Nicóstrato, Sinforiano, Castório e Simplício, mártires: postos, primeiramente, na prisão, foram, depois, cruelmente, rasgados com as unhas de ferro; como permanecessem firmes e fiéis à fé de Nosso Senhor, Diocleciano ordenou que fôssem precipitados ao rio, em 306.

Na mesma Via Lavicana, a festa dos santos ditos *Quatro Coroados*, os irmãos Severo, Severiano, Carpóforo e Vitorino: chicoteados, sob o mesmo imperador, com cordas providas, nas extremidades, de bolas de chumbo, e tão cruelmente, que morreram sob os golpes, os nomes, que Deus quis se revelassem depois de muito tempo, uniram-se aos dos cinco vistos acima, com os quais são festejados, sob o nome de os *Quatro Coroados*.

Em Roma ainda, São Deúsdedit I, papa, cujo mérito foi tão grande que, ao beijar um leproso, curou-o. Romano, foi papa de outubro de 615 a 8 de novembro de 618.

Perto de Verdun, na Gália, São Mauro, bispo e confessor (século IV ou V).

Em Tours, também na Gália, São Claro, sacerdote, do qual Paulino compôs o epitáfio.

Em Constantinopla, Santa Matrona (século V). Nascida em Perga, na Panfília, casou-se com um certo Domiciano, do qual teve uma filha, que se chamou Teódota. Mudando-se, com o espôso, para Constantinopla, visitava assìduamente as igrejas e fazia largas esmolas. Viveu, como religiosa, em conventos, até a morte, tendo-se separado do marido, que a perseguiu por Constantinopla, Éfeso, Beirute, Jerusalém e Síria, inùtilmente.

No País de Gales, São Tisílio, monge (século VI?).

Em Tréveris, Santo Wiomad, bispo, falecido em 791.

Em Constantinopla, Santa Eufrosina, a Jovem, virgem (século X?). Chamam-na a Jovem para distinguí-la de Eufrosina de Alexandria (século V).

Em São Vítor de Marselha, o bem-aventurado Hugo de Glazinis, beneditino, desaparecido em 1250.

* * *

9.º *DIA DE NOVEMBRO*

SÃO TEODORO

Jovem Soldado e Mártir

Um jovem de ilustre família, chamado Teodoro, originário do Oriente, foi convocado a uma legião que tinha seu quartel de inverno em Amaséia, metrópole do Ponto. Era pouco depois de Galerius e Maximino terem publicado os editos para continuar a perseguição de Diocleciano.

O jovem, bem longe de dissimular a fé de que estava possuído, levava-a como que escrita e estampada no rosto. Foi, então, apresentado ao tribuno da legião e, em seguida, ao governador da província. Perguntaram-lhe:

— Por que não adoras aos deuses? Não são ordens do imperador?

O jovem, destemidamente, respondeu:

— Sou soldado de Jesus Cristo. Nosso Senhor Jesus Cristo é meu rei. Não conheço outro Deus, muito menos deuses. Meu Deus é Jesus Cristo, Filho único de Deus. Os deuses, que vós quereis que eu adore, não são deuses, são demônios. E quem a êles tributa honras divinas, jaz no êrro. Eis aí qual é a minha fé — aquela religião pela qual estou pronto para tudo sofrer. Se minhas palavras vos chocam,

espancai-me, suplicai-me, queimai-me, cortai-me a língua. É justo que todos os meus membros sofram pelo Criador, porque a Êle pertencem.

Os juízes, embaraçados, surpresos com resposta tão pronta, tão destemida e tão inflamada, ainda não haviam deliberado o que fazer naquela contingência, quando um oficial, querendo escarnecer do santo, porque Teodoro se referira a um Filho de Deus, perguntou:

— Com que então, Teodoro, teu Deus tem um filho? Está êle sujeito ao amor e às paixões, como os homens?

Teodoro, muito calmamente, respondeu:

— Não, senhor. Meu Deus não está sujeito às paixões, como os homens. No entanto, tem um Filho, um Filho nascido de maneira digna dum Deus, bem acima das baixas idéias carnais, porque o Filho é a palavra da verdade, pela qual fêz tôdas as coisas. Mas, eis que vos ensino! Não vos ruborizais de adorar deuses femininos e masculinos, sem falar do resto, que não ousou dizer?

O tribuno perguntou ao jovem:

— Podemos nós conhecer êsse Filho de Deus?

Teodoro respondeu:

— Gostaria imensamente que Deus vos desse a luz necessária para tal.

— Mas, replicou outro oficial, se o conhecêssemos, como haveríamos de abandonar nosso imperador para nos darmos ao vosso Deus?

— Se vós conhecêsseis, respondeu Teodoro, sairíeis imediatamente das trevas que vos oprimem e cegam e, ao invés de terdes tão frágil confiança em vosso príncipe da terra, correríeis, como eu, ao

Deus vivo — o Rei, o Senhor eterno — e passaríeis, como eu, a combater sob seus ensinamentos.

Os juízes, depois de se consultarem, chegaram a conclusão de que deviam ter piedade do "insano".

— Deixemo-lo, disseram, deixemo-lo por uns dias. Acabará mudando de pensar e voltará os olhos para o que mais vantagens lhe trouxer.

E deixaram-no que se fôsse.

Teodoro não se perdeu em vãs deliberações, e pôs-se a rezar sem cessar, louvando o Senhor.

Entretanto, os perseguidores buscavam e rebuscavam os cristãos entre os habitantes de Amaséia, prendendo e trancafiando alguns nas prisões.

Teodoro, acompanhando-os, exortava-os a que se mantivessem firmes, inabaláveis na fé, em Jesus Cristo, o Salvador, o zêlo era-lhe interminável.

No centro da cidade havia, à beira do rio Íris, um templo dedicado a Cibele, que as lendas chamavam de a *Mãe dos deuses*. Ora, Teodoro, encontrando ocasião òtimamente favorável, durante a noite, com grandes tochas acesas, tocou fogo ao edifício, reduzindo-o a um montão de cinzas. E, com o incêndio, lá se foi o ídolo.

É o que São Gregório de Nissa (1) chama de grande generosidade louvável, embora o concílio particular de Elvira censurasse ações dêste genero.

Teodoro, reto e amigo da verdade, não se encobertou. Vangloriava-se mesmo, pùblicamente, do fato, sendo, então, denunciado. E, ao tribunal do governador compareceu com tal segurança e aprumo que, dir-se-ia, lá fôra para julgar, não para ser julgado.

---

(1) Greg. Nyss. — In Theod.

Respondendo ao que lhe perguntaram, isto é, ao feito que se lhe imputava, respondeu, ratificando-o.

Perguntou-lhe o juiz:

— Por que, ao invés de adorares a deusa, a queimaste?

— Porque, respondeu o jovem soldado, quis pôr a deusa a prova. E consegui provar que tôda a virtude que possuía era de pedra como a própria matéria.

O juiz, encolerizado, fêz com que o açoitassem, ameaçando-o com maiores e mais dolorosos castigos, com torturas inomináveis, caso não obedecesse às ordens do imperador.

— Nada, respondeu o moço cheio da mais viva fé, nada me fará mudar de pensamento. Os suplícios, por mais terríveis que sejam, não me levarão a desobedecer a Deus, a quem pertenço, para obedecer aos homens, dos quais não sou propriedade. Os bens do céu valem os suplícios, as penas, os martírios todos.

O governador, ao vê-lo insensível às ameaças, tratou de seduzi-lo com promessas magníficas, acenando-lhe com honrarias, dignidade, o pontificado mesmo.

Teodoro, desassombradamente, riu-se das promessas tôdas. E, sentindo que muito próximo vinha o fim de tudo, principiou a fazer o sinal da cruz sôbre todo o corpo, para que, quando estivesse no fogo, ou esquartejado e picado, não cessasse de se proclamar de Jesus Cristo até o último suspiro.

O juiz, reconhecendo que o jovem que julgava era de convicção inquebrantável, renunciou à doçura e fêz com que o estendessem no cavalete, orde-

nando lhe rasgassem as costas com as unhas de ferro.

Os carrascos cumpriram o mandado. E com tanta crueldade o fizeram, que os ossos das costas do valoroso jovem ficaram à mostra.

Teodoro estava tão firme que, dir-se-ia, era a outro, não a êle, que se torturava tão cruelmente. Ao juiz não disse uma palavra, mas cantou, com firmeza, o salmo que diz: *Eu bendirei o Senhor por todo o sempre, e sempre o louvor que merece estará em minha bôca. No Senhor se glorie a minha alma: ouçam-no os humildes e alegrem-se. Engrandecerei comigo o Senhor, e o seu nome, à uma, exaltêmo-lo.* (2)

O juiz, todo cheio de uma rara paciência, esperou que Teodoro terminasse. Então, disse:

— Ó miserável, que tu és, não te envergonhas de depositar tamanha confiança nesse homem que chamas o Cristo e que te faz morrer como um desgraçado? Não te envergonhas de te expor, inconsideradamente, por êle, aos tormentos e aos suplícios?

Teodoro respondeu imediatamente:

— Isto a que chamas vergonha, senhor, é para mim e para os que invocam o nome de Jesus Cristo nada mais do que glória e alegria, uma grande glória, uma grande alegria.

Dali, depois dos tormentos, foi o moço atirado à prisão, onde Deus lhe deu a conhecer das maravilhas de seu poder, porque, segundo diz São Gregório de Nissa, Teodoro ouviu, durante a noite, como duma multidão incomensurável, melodias sem par,

(2) Ps. 33, 2 e seg.

jamais ouvidas, e uma doce claridade enorme, como se provinda de mil e uma lâmpadas.

O carcereiro, surprêso com o duplo prodígio, entrou no cárcere e nada mais viu senão o prisioneiro que descansava ao lado dos companheiros de sorte.

No dia seguinte, o juiz ordenou que o trouxessem à sua presença, para novas provas, a fim de dobrá-lo, mas Teodoro era invencível. E assim, exasperado, condenou-o o juiz a ser queimado vivo — o que se realizou imediatamente. Corria o ano 306 da graça de Nosso Senhor Jesus Cristo.

* * *

A DEDICAÇÃO DA BASÍLICA DO SANTO SALVADOR DE LATRÃO (*)

A antiga família dos Laterani, desde o I.º século, possuía esplendoroso palácio na vertente do Célio, situado fora dos muros de Roma. Nero confiscou-o, tomando-o de Plauto Laterano, ao qual acusou de ter conspirado contra o seu govêrno.

Sétimo Severo, no ano 197, restituiu-o a um amigo, da mesma velha família dos Laterani, Tito Sexto Laterano, mas em parte. Tito, perto, construiu grande caserna, para os cavaleiros chamados de elite — os *esquites singulares*. Com a elevação do muro de Aureliano, o Latrão entrou na cidade. Ora, Constantino, depois da vitória do Ponto Mílvio, suprimiu aquêles cavaleiros de elite, e a caserna, livre, deu-a aos cristãos, juntamente com as construções vizinhas, que pertenciam ao fisco.

Com a doação de Latrão aos cristãos, começou a criação de basílicas, que deviam prestar-se para as grandes assembléias convocadas para a celebração das festas de Nosso Senhor ou dos santos.

Segundo o costume, antigo costume, a basílica foi designada com o nome do fundador — Constantino — mas o nome de Latrão continuou a ser empregado correntemente. Mais tarde, apareceu o vocá-

bulo religioso de São Salvador, que foi mais ou menos suplantado pelo de São João de Latrão.

Desconhecem-se o ano e o dia em que a basílica foi dedicada.

Do palácio pontifical, que abrigou os papas do século IV ao século XIV, não resta quase nada. O atual palácio é obra do arquiteto Fontana.

* * *

SANTO URSINO (*)

Bispo

Santo Ursino foi o primeiro bispo de Bourges. São Gregório de Tours, no *À Glória dos Confessores*, escreveu:

"A cidade de Bourges recebeu a palavra da salvação da bôca de Santo Ursino, que, depois de ter sido ordenado bispo, constituiu e governou a primeira Igreja de Bourges. Ao morrer, foi enterrado no campo, junto com outros corpos que ali jaziam".

Naquele campo, plantou-se extenso parreiral, de modo que tudo acabou no esquecimento. Conta-se que, quando Santo Augusto era abade de São Sinforiano de Bourges, teve um estranho sonho, em que Santo Ursino lhe apareceu e disse:

— Cava a terra e procura meu corpo, porque eu sou Ursino, o primeiro bispo desta cidade.

Santo Augusto respondeu:

— Onde cavar, onde procurar a tua sepultura, se ignoro o lugar em que tu fôste deposto?

Santo Ursino, silenciosamente, tomou-o pela mão e conduziu-o ao local em que o haviam enterrado, e disse:

— Meu corpo está debaixo desta parreira.

O santo abade acordou e, imediatamente, foi referir o sonho ao bispo, o qual não ligou a mínima importância à narrativa.

Um dia, São Germano, tendo deixado Paris, passou, de viagem, por Bourges, onde pernoitou. Ali, teve o mesmo sonho. A Santo Augusto, São Germano contou a visão, e, como o seu sonho concordava inteiramente com o do abade, ambos, de noite, acompanhados dum clérigo, buscaram a vinha e o lugar indicado por Santo Ursino. Cavaram a terra, e encontraram um sarcófago. Abrindo-o, deparou-se-lhes um corpo intacto.

Santo Ursino foi, então, transportado para a basílica de São Sinforiano, a qual, logo mais, tomou-lhe o nome.

A vida do primeiro bispo de Bourges é lendária. Teria assistido ao Lavapés, à Paixão, não deixando os Apóstolos durante os quarenta dias que seguiram a Ressurreição. Assistiu à Ascensão e ao Pentecostes. Depois, acompanhou Santo Estêvão até o seu martírio, recolhendo-lhe os restos. Enterrou-os, e foi expor todos os sucessos a São Pedro. Tendo ficado ao lado do Príncipe dos Apóstolos, acompanhou-o, mais tarde, a Roma. Ali, assistiu a sua crucifixão.

O papa São Clemente enviou-o à Gália. Indo para Bourges, Santo Ursino converteu e batizou grande número de pagãos, morrendo bastante idoso e em grande paz.

No mesmo dia, São Benigno, bispo de Armagh, que foi formado pelo grande apóstolo São Patrício, tendo falecido em 467.

Em Milão, Santo Aurélio, bispo, desaparecido em 475.

Em Verdun, São Vame, bispo (princípios do século VI).

São Jorge, bispo de Lodeve.

Em Constantinopla, Santa Tomásia de Lesbos, espôsa (século X).

Em Signa, perto de Florença, a bem-aventurada Joana, solitária, falecida em 1307.

Em Bolonha, na Itália, o bem-aventurado Luís Morbiolo, penitente. Nascido em 1433, faleceu em 1485. Mau marido, amante do jogo, de mulheres, desregrado, sèriamente enfêrmo, converteu-se, passando o resto da vida como penitente. Roma confirmou-lhe o culto em 1842.

Em Oxford, na Inglaterra, o bem-aventurado Jorge Napper, sacerdote, mártir, em 1610; o papa Pio XI declarou bem-aventurado em 1929.

Em Ravena, os santos Valentino, Feliciano e Vitorino, que receberam a coroa de mártir durante a cruel perseguição de Galerius.

Em Tiana, na Capadócia, o martírio de Santo Orestes, quando do imperador Diocleciano.

Em Tessalônica, falece Santo Alexandre, sob Maximiano.

Em Nápoles, Santo Agripino, bispo, por quem Deus se dignou operar milagres.

Em Constantinopla, as santas virgens Eustólia, nascida em Roma, e Sópatra, filha do imperador Maurício.

Em Beirute, Síria, a memória da imagem do Salvador, que, tendo sido crucificado pelos judeus, com tanta abundância espalhou o sangue, que as igrejas do Oriente e do Ocidente foram sumamente providas.

* * *

10.º DIA DE NOVEMBRO

SANTO ANDRÉ AVELINO

Teatino

Nascido em 1521, em Castronuovo, pequena cidade do reino de Nápoles, André manifestou a maior disposição, desde a infância, pelas virtudes. Uma fisionomia propícia expôs-lhe a castidade a grandes perigos. Triunfou, porém, pela oração, constância, e vigilância sôbre si mesmo, fugindo às más companhias.

Não desejando viver senão para Deus, abraçou o estado eclesiástico, fazendo-se, antes, doutor em direito canônico. Uma falta que cometeu, fê-lo deixar inteiramente o mundo. Certa vez, queixando-se na côrte eclesiástica, deixou escapar uma mentira, mentira sôbre um ponto que não era de grande importância. E a leitura destas palavras da Escritura: *A bôca que profere mentiras leva a morte à alma*, causou-lhe tal impressão, que renunciou, para sempre, à profissão de advogado, passando a consagrar-se ùnicamente à penitência e ao santo ministério.

Encarregado, pelo arcebispo de Nápoles, de reformar e dirigir um mosteiro de religiosas, experi-

mentou muitas contradições. Viu-se mesmo alvo do furor dos que lhe eram contrários, e, duma feita, escapou da morte, com a qual o haviam ameaçado. Sofreu tudo com a maior resignação, sem um lamento. Perderia mesmo a vida, se assim fôsse necessário, para a glória de Deus e salvação das almas.

Entrando na congregação dos teatinos, em 1556, trocou o nome de Lanceloti pelo de André. E, desejando a santa perfeição, que sentia necessária, fêz, com a permissão dos diretores, dois votos particulares: o primeiro combater sempre a própria vontade, e o segundo encaminhar-se sempre, no que lhe fôsse possível, à perfeição. Pelo resto da vida respondeu a êstes extraordinários compromissos. Suportou, sem a menor perturbação, o assassínio dum dos sobrinhos. E, não contente com impedir se perseguisse o matador, com o maior fervor solicitou-lhe o indulto.

Santo, a outros tornou santos, em particular São Lourenço Scupoli, o piedoso autor do *Combate Espiritual*. Foi amigo de São Carlos, ajudando-o, e muito, na reforma do clero.

Deus o honrou com os dons da profecia e do milagre. Aos 10 de dezembro, com 88 anos — em 1608 — esgotado pelos trabalhos e alquebrado, estava Santo André Avelino aos pés do altar para dizer a missa. E, no fim das palavras: *Introibo ad altare Dei,* caiu.

Recebeu, então, com ternura, com imensa piedade, os sacramentos, e morreu tranqüilamente.

Canonizado em 1712 por Clemente XI, a Sicília e a cidade de Nápoles, têem-no como um dos padroeiros.

* * *

SÃO JUSTO

Bispo de Rochester, um dos companheiros de Agostinho, apóstolo dos inglêses.

Nos fins do século VI, através de tôdas as mutações políticas, o papa São Gregório pretendia, invariàvelmente, a execução dum projeto que devia criar uma nova nação cristã.

Quando enviou o padre Cândido às Gálias, para administrar o patrimônio de São Pedro, ordenou-lhe empregasse a renda na compra de roupa para os pobres, e jovens escravos inglêses entre dezessete e dezoito anos. Queria colocá-los nos mosteiros da Itália, para instruí-los na religião e empregá-los, depois, no trabalho de conversão da própria nação.

Achava o santo Papa outra vantagem naquela compra.

— Lá, o ouro das Gálias vale o que vale, e lá será empregado.

Por onde se vê que se referia a uma lei do imperador Majoriano, que a moeda da França não circulava na Itália, ou, se circulava, perdia muito do valor.

São Gregório levava tão longe as atenções de caridade, que desejava se trouxesse, com os jovens escravos, um padre que os acompanhasse da França

à Itália, a fim de batizar aquêles que porventura se vissem em perigo de morte.

A chegada dos jovens inglêses a Roma determinou prontamente o santo Pontífice a empreender a conversão dos compatriotas. Escolheu para chefe dessa expedição apostólica, Agostinho, magistrado do mosteiro de Santo André de Roma, ao qual associou outros monges, cujas virtudes e sabedoria eram conhecidas.

Quando partiram de Roma, começava o ano de 596. E apenas chegaram à Provença, resolveram não ir adiante, desencorajados com o que ouviam dizer sôbre as dificuldades da viagem e do estado da nação inglêsa, incrédula e bárbara, gente de quem se contavam coisas e das quais nem mesmo a língua se conhecia. Assim, resolveram, em comum acôrdo, voltar a Roma. Ali, enviaram a Agostinho para suplicar ao Papa os não obrigasse à viagem tão perigosa, tão penosa e de tão incertos sucessos.

O Papa limitou-se a enviar-lhe uma cartinha, na qual dizia: "Gregório, servidor de Nosso Senhor Jesus Cristo, ordena que executeis com zêlo e com confiança em Deus a emprêsa que vos propôs, sem vos deixardes abater pela fadiga. Não deis ouvidos aos que são mal-intencionados. Eu mesmo, se pudesse, gostaria imensamente de trabalhar convosco nesta boa obra". (1)

Ao mesmo tempo, para facilitar-lhes o empreendimento, enviou-lhes diversas cartas de recomendação para os príncipes e bispos das Gálias. Eram cartas dirigidas a Virgílio d'Arles, Palas de Saintes, Sereno de Marselha, Pelágio de Tours, sucessor de

(1) L. VI, Epist. 51. Beda. Hist., L. I, c. XXIII.

São Gregório, Didier de Vienne, sucessor de Santo Evanço, e Siagrius d'Autun.

Com o mesmo fito, escreveu ao patrício Arigius, à rainha Brunehaut e seus dois filhos Teodeberto, rei d'Austrásia, e Teodorico, rei de Borgonha. (2) Tôdas essas cartas são do mês de julho de 596.

Nas cartas à rainha Brunehaut e aos dois filhos, diz ter conhecimento de que a nação inglêsa desejava converter-se à fé cristã, mas que os bispos da vizinhança, quer dizer, os bispos bretões, negligenciavam no secundar seus bons desejos. Já o bretão São Gildas censurava, entre outros crimes, aos compatriotas, não terem jamais querido pregar a palavra da fé à nação dos saxões e inglêses. (3)

O missionário apostólico Santo Agostinho, tendo atravessado tôda a Gália, chegou na Grã-Bretanha, às costas da província de Cant, e desembarcou na ilha de Tanet, com os companheiros, cêrca de quarenta.

Os inglêses e saxões, povos da Germânia, tinham vindo para a Bretanha havia mais ou menos um século e meio, chamados pelos bretões, para que os defendessem contra os escoceses e pictos. Como senhores, dos bretões mesmos, e da maior parte da ilha, estabeleceram ali de sete a oito reinos, que formavam uma espécie de confederação nacional, da qual um dos reis era o chefe ou suserano.

Êste chefe, o terceiro depois do estabelecimento, era então Etelberto ou Edilberto, ou ainda Alberto, rei de Cant, que se casara com Berta, filha de Cariberto, rei de Paris. Cristã e católica, a princesa franca

(2) L. VI, Epist. 52-59.
(3) Beda. L. I, c. XXII.

casara-se com a condição de conservar o livre exercício da religião, e, por isso, havia trazido consigo um bispo chamado Luidardo.

Agostinho, chegando à ilha de Tanet, enviou a Etelberto intérpretes da nação dos francos, que levara por ordem do papa São Gregório, porque os francos e os inglêses, sendo todos germânicos de origem, falavam mais ou menos a mesma língua, ao passo que Agostinho apenas o latim. Mandou dizer ao rei que viera de Roma com uma boa nova, a promessa certa duma alegria eterna e dum reino sem fim com o Deus vivo e verdadeiro.

O rei, que da rainha ouvira já falar da religião cristã, ordenou que os romanos permanecessem na ilha, onde estavam, até que decidisse o que por êles havia de fazer, ordenando, ao mesmo tempo, vissem o que lhes era necessário.

Alguns dias depois, apareceu o soberano na ilha de Tanet e pediu a Agostinho se apresentasse com os companheiros, ali, ao ar livre — porque um ancião que lhe era chegado, fizera com que acreditasse que se os recebesse num recinto fechado talvez o surpreendesse com coisas mágicas.

Os recém-chegados, porém, já vinham vindo, em procissão, trazendo por estandarte uma cruz de prata e a imagem do Salvador pintada num quadro, todos a cantar litanias para pedir a Deus saúde para o povo, para aquêle povo pelo qual ali tinham vindo.

O rei fê-los sentar-se. Começaram, então, a anunciar-lhe o Evangelho, bem como aos assistentes todos.

Disse o rei, depois de ouvir a pregação por uns instantes:

— Vossas palavras, assim como as promessas que anunciais são belíssimas. Como, porém, não passam de coisas novas e incertas, não vou aquiescer senão depois duma longa observância. Todavia, como viestes de longe e quereis pregar-nos coisas que acreditais verdadeiras e melhores para nós, bem longe de vos afligir, vamos receber-vos bem e fazer o que é necessário para a vossa subsistência. Não vos impediremos de atrair a vossa religião aos que puderdes persuadir.

Deu-lhes, pois, um alojamento na cidade de Doroverne, que era a capital. Ali entraram os missionários em procissão, como era o costume, com a cruz e a imagem do grande Deus, Nosso Senhor Jesus Cristo, e cantavam: *Nós vos rogamos, Senhor, por vossa infinita misericórdia, que desvieis vossa cólera desta cidade e de vossa casa santa, porque somos pecadores. Aleluia!* (4)

Estabelecidos que se viram na nova morada, começaram a imitar a vida apostólica da primitiva Igreja, aplicando-se contìnuamente à oração, às vigílias e aos jejuns, menosprezando todos os bens efêmeros do século.

Tudo aquilo que ensinavam, praticavam-na, não recebendo daqueles que instruiam senão o que lhes era necessário para a sustentação da vida, dispostos a tudo sofrer, mesmo a morte, pela verdade que anunciavam.

Perto da cidade, a oriente, estava uma igreja dedicada a São Martinho, do tempo em que os romanos viviam ainda na Grã-Bretanha. A rainha ali fazia suas orações, e os missionários reuniões,

(4) Beda. L. I, c. XXV.

nestes princípios, para cantar salmos, orar, celebrar missas, pregar e batizar, porque muitos inglêses abraçaram a fé, tocados que foram pela santa vida simples dos missionários e pela doçura da doutrina.

O rei mesmo, maravilhado com a pureza daqueles que lhe vieram pregar, com a beleza das promessas, confirmadas por vários milagres, acabou crendo e foi, então, batizado, já que as conversões eram em grande número e a reputação dos missionários crescia de dia para dia.

O rei santo Etelberto — porque a Igreja o conta no número dos santos — sentia-se imensamente satisfeito, mas, para a conversão dêste ou daquele, não constrangia nem um nem outro. Contentava-se com testemunhar mais amizade aos que se faziam cristãos, como se dêle fôssem companheiros do reino celeste que um dia se lhes patentearia a todos para sempre — porque aprendera, com os missionários romanos, que o serviço de Jesus Cristo deve ser voluntário.

Logo depois, receberam os missionários, na capital, um lugar conveniente para que se estabelecesse uma sede episcopal, com os bens suficientes. (5)

Contudo, Agostinho passou a França e em Arles foi ordenado bispo, para os inglêses, pelo arcebispo Virgílio. Voltando imediatamente à Inglaterra, batizou mais de dez mil inglêses, quando da festa do Natal do mesmo ano de 597. E a Roma enviava o padre Lourenço, portador das boas novas ao papa Gregório e, ao mesmo tempo, questões sôbre as quais o consultava. (6)

---

(5) Beda. L. I, c. XXVI.

(6) Beda. L. I, c. XXVII.

O santo Pontífice participou as felizes notícias ao amigo Santo Eulógio, patriarca de Alexandria, que lhe escrevia de quando em quando. A carta, que é de 598, começa assim: "Nosso filho comum, o portador da presente carta, dando-me os escritos de vossa santidade, encontrou-me doente e doente deixou-me ao partir. Uma grande brandura às minhas dores tem sido o recebimento dos escritos de vossa santidade bem-amada, que me tem alegrado, e a conversão dos heréticos de Alexandria com a união dos fiéis. Para pagar-vos na mesma moeda, dir-vos-ei que a nação dos inglêses permanecia na infidelidade, adorando paus e pedras. Para auxiliá-la, enviei-lhe um monge de meu mosteiro. Os bispos germânicos ordenaram-no bispo com minha permissão. Agora, vimos de receber a feliz nova do sucesso de seus trabalhos, porque foi milagre o que fêz, êle e os que o acompanham, que parecem próximos dos apóstolos. Na última festa do Natal, nosso irmão e coepíscopo batizou mais de dez mil inglêses. Eis os efeitos da oração".

São Gregório chamava germanos os reinos dos francos, seja porque o reino de Austrásia compreendia, com efeito, uma porção considerável da Germânia pròpriamente dita, seja porque a nação dos francos era germânica de origem.

No ano 601, o papa São Gregório enviou à Inglaterra, para aquela missão, o padre Lourenço, com muitos outros monges, entre os quais Melito, Justo, Paulino e Rufiniano, com cartas de recomendação a São Virgílio de Arles, Santo Etério de Lyon, São Didier de Vienne, Santo Arigo de Cap, aos reis Clotário, Teodorico, bem como à rainha Brunehaut; a Menas de Toulon, Sereno de Marselha,

Loup de Châlon-sur-Saone, Agilulfo de Metz, Simplício de Paris, sucessor de Faramode, Melâncio de Rouen, Licínio, de quem São Gregório não indica a sede, mas que era a do bispado de Angers, bispo muito poderoso na côrte de Clotário II.

Nas mesmas cartas onde o papa São Gregório recomendava aos bispos das Gálias os monges que enviava a Inglaterra, recomendava-lhes também se reunissem em concílios, para reprimir a incontinência do clero e as ordenações simoníacas. Renovava a mesma recomendação aos reis Teodorico, Teodeberto e Clotário, assim como à rainha Brunehaut. Eis em que têrmos agradecia àquela princesa o zêlo que mostrava pela conversão dos inglêses: "Rendemos graças a Deus todo-poderoso por ter, dentre os dons de sua bondade, ornado à vossa excelência com êsse de vosso grande amor à religião, amor que vos leva com ardor a tudo aquilo que porventura possa contribuir para a salvação das almas e a propagação da fé. Não podemos ignorar o grande auxílio que destes a nosso irmão Agostinho. Os que não vos conheciam a piedade, admiraram-se. Nós, porém, não, tantas foram as provas que vimos. A nós só resta alegrar-nos com vossa excelência. Vistes os milagres que o Salvador fêz na conversão do povo inglês, e isto deve ser para vossa excelência motivo de consolação, uma vez que pessoa alguma tem maior parte naquela obra do que vossa excelência, porque, se tal nação teve a felicidade de receber a predicação, é a vós, augusta senhora, depois de Deus, que o deve". (7)

---

(7) L. XI, Epist. 64.

O papa São Gregório não se esqueceu, sobretudo nesta ocasião, de escrever ao rei dos inglêses, Etelberto, e à rainha Berta, tão devotada espôsa. A ela, começa por agradecer a proteção que deu a Agostinho. Compara-a a Santa Helena, mãe de Constantino, de quem Deus se serviu, diz êle, para excitar os romanos à fé cristã: "como temos confiança que se servirá do zêlo de vossa glória para fazer sentir à nação inglêsa os efeitos da misericórdia". Acrescenta ainda que, piedosa e instruída que era, devia trabalhar pela conversão do marido, e que para reparar esta negligência, devia trabalhar com mais ardor ainda para confirmá-lo no zêlo da religião, para que todos se convertessem. "Vossas boas obras, diz êle, são conhecidas, não só em Roma, onde se reza com fervor por vossa conservação, mas em diversos lugares, mesmo em Constantinopla, onde a vossa reputação chegou aos ouvidos do imperador". (8)

Quanto ao rei Etelberto, que o santo papa Gregório escrevia mais corretamente Edilberto, exorta-o a fielmente conservar a graça que recebeu, de espalhar a fé entre as gentes, acabar com o culto dos ídolos, destruir-lhes os templos e estabelecer os bons costumes por meio de exortações, ternuras, exemplos — mas, principalmente, pelos exemplos próprios, propondo ao rei aquêles de Constantino. Exorta-o a seguir, em tudo, as instruções do bispo Agostinho: "uni-vos a êle, senhor augusto, uni-vos a êle estreitamente". Enfim, envia-lhe presentes, que diz serem da parte de São Pedro e insignificantes, embora magníficos. A carta, datada de 22 de junho de 601,

(8) L. XI, Epist. 29.

termina assim: "Que a graça do alto conserve são e salvo a Vossa Excelência, senhor filho.

Escrevendo a Santo Agostinho da Inglaterra, o bem-aventurado Papa escreve, nos transportes de alegria: "Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens de boa vontade, porque o grão de trigo candial morreu na terra, para que só no céu possa reinar. É por sua morte que nós vivemos, por sua fraqueza que temos fôrça. Foi por seu amor que encontramos na Bretanha irmãos que não conhecíamos, que encontramos aquêles que procurávamos sem conhecer. Quem poderá dizer da nossa alegria? Quem poderá dizer da alegria que vai, graças a Deus e ao trabalho de vossa fraternidade, no coração de todos os que, desprezando ídolos, obedecem ao coração de Deus todo-poderoso e se submetem sinceramente aos divinos preceitos? Mas, meu bom, meu bem-amado irmão, nesta grande alegria, há o que temer. Porque sei que, por vossa dileção, Deus fêz grandes milagres no seio da nação inglêsa que houve por bem eleger. Faze, pois, que nos alegremos com receio e temor, porque, por estas maravilhas exteriores, as almas dos inglêses foram levadas à graça interior, daí, por êsses prodígios, o perigo do espírito elevar-se pela presunção.

"Sabemos que, quando os discípulos diziam com alegria ao Mestre: "Senhor, ao vosso nome os demônios mesmos desaparecem". Êle respondeu: "Não vos alegreis por isso. Alegrai-vos, sim, de que vossos nomes estão escritos no céu. Os nomes de todos os eleitos lá estão escritos, e, todavia, não fazem milagres".

"Ora, os discípulos da verdade não devem alegrar-se com um bem passageiro e particular, mas

com o bem que a todos é comum, do qual se alegrarão eternamente. Enquanto Deus assim age exteriormente, por vós, deveis, meu bem-amado irmão, julgar severamente no vosso interior e bem conhecer o que sois. Se vos recordais de ter ofendido a Deus pela língua ou pelas obras, tende sempre e sempre tais faltas presentes no coração, e vêde que o dom do milagre não vos foi dado para vosso proveito e sim para aquêles que deveis procurar salvar.

"Moisés, o grande servidor de Deus, depois de tantos milagres, tendo chegado à terra prometida, foi reprovado por Deus, porque duvidava se poderia tirar água da rocha. Como não devemos temer e tremer, nós que nem sabemos se somos eleitos? Vós sabeis o que a verdade mesma diz no Evangelho: "Muitos, um dia, virão e dir-me-ão: "Senhor, profetizamos em vosso nome, expulsamos os demônios e fizemos muitos milagres. Dir-lhes-ei que jamais os conheci".

"Falo-vos assim para que vos humilheis e para que vossa humildade seja acompanhada de confiança. Porque, por mais pecador que eu seja, tenho a esperança certa de que vossos pecados serão remidos, pois fôstes escolhidos para procurar a remissão dos outros, e dar ao céu a alegria da conversão de tão grande povo". (9)

Uma segunda carta que o Papa escreveu a Santo Agostinho, era pelo estabelecimento dos bispos na Inglaterra.

"Nós vos permitimos, dizia êle, o uso do pálio, sòmente pela missa, com a condição de se estabelecer em doze bispos que vos sejam submissos, de sorte

(9) L. XI, Epist. 28.

que o bispo de Londres seja sempre, doravante, consagrado pelo próprio concílio, e receba o pálio da Santa Sé. Quanto ao bispo de York, que seja aquêle que julgardes a propósito, e que o seja com a condição de, se aquela cidade e os lugares vizinhos estão recebendo a palavra de Deus, ordenar também doze bispos e tornar-se metropolitana. Nós nos proporemos dar-lhe o pálio, sendo submisso a vossa direção. Será superior só depois de vossa morte, superior dos bispos que nomear, sem depender, em absoluto, do bispo de Londres. A categoria entre o bispo de Londres e o de York regrar-se-á segundo a ordenação, e de acôrdo agirão para o bem da religião. Além disso, os bispos ordenados por vós e pelo de York, queremos que vos sejam submissos". (10)

Além destas cartas, o Papa enviou um considerável memorial, onde respondia a onze questões que Agostinho lhe propusera. Ei-lo: "De tôda a renda da Igreja, devem fazer-se quatro partes: a primeira, para o bispo e família, por causa da hospitalidade; a segunda, para o clero; a terceira, para os pobres, e a quarta para as reparações. Quanto a vós, que sois instruído na vida monástica, não deveis viver separado de vossos clérigos, mas estabelecer na nova igreja dos inglêses a vida comum, a exemplo da Igreja nascente.

"Os clérigos que não estão nas ordens sacras e que não podem guardar a continência, devem casar-se e receber salários fora da comunidade, como está escrito da primeira Igreja, que se distribua a cada um conforme as necessidades. Mas deve velar-se pelos que vivem segundo a regra da Igreja. Que

(10) L. XI. Epist. 65.

cantem salmos e pratiquem os bons costumes. Quanto aos que vivem em comum, não há porções a fazer pela hospitalidade ou pelos pobres, mas tudo aquilo, depois de ter coberto as necessidades, deve ser empregado em obras pias.

"Na igreja dos inglêses, onde sois ainda o único bispo, convém que ordeneis sem serdes assistido por outros bispos. Quando, porém, vierem êles das Gálias, assistirão como testemunhas da ordenação. Pelos bispos que ordenardes na Inglaterra, queremos que não sejam afastados um dos outros, a fim de que nada lhes impeça reunirem-se em número de três ou quatro, para ordenar novos, como no mundo se reúnem pessoas já casadas para tomar parte em festas de casamento.

"Nós não vos atribuímos nenhuma autoridade sôbre os bispos das Gálias em prejuízo do bispo de Arles, que, depois de muito tempo, recebeu o pálio de nossos predecessores. Se, pois, êle vos chegar da Gália, deveis agir com êle para corrigirdes os bispos e excitá-los, se não fôr fervoroso. Vamos escrever-lhe para convosco agir neste sentido. Mas não tendes jurisdição sôbre os bispos da Gália, e não podeis reformá-los senão pela persuasão e o bom exemplo, porque está escrito na lei que aquêle que passa pela messe de outrem não deve usar a foice. Quanto aos bispos bretões nós vos encarregamos inteiramente o cuidado para instruir os ignorantes, fortalecer os fracos e corrigir os maus".

Depois que Melito e os companheiros partiram de Roma, estando êles ainda em viagem, São Gregório escreveu-lhes nestes têrmos: "Quando chegardes ao pé de nosso irmão Agostinho, dizei a êle que, depois de ter pensado longamente, examinado bem

a questão dos inglêses, julguei que não devia destruir os templos, mas sòmente os ídolos que nêles estão. Purifique-os com água benta, desça do altar os ídolos e lá coloque relíquias. Porque se êsses templos são bons, bem edificados, que passem do culto dos demônios ao serviço do verdadeiro Deus, a fim de que aquela nação, vendo conservados os lugares aos quais estão acostumados, nêles passem a ir mais à vontade. E como estão acostumados a sacrificar bois aos demônios, estabeleça qualquer cerimônia solene, como da consagração ou dos mártires, para o que ali estão as relíquias. Que façam barracas em volta dos templos transformados em igrejas e celebrem a festa com refeições discretas. Ao invés de imolar animais ao demônio, que os matem para os comer e render graças a Deus que lhes deu o alimento, a fim de que, deixando quaisquer manifestações sensíveis de júbilo, possam insinuar-se mais fàcilmente as alegrias interiores. Porque é impossível destituir de duros espíritos todos os costumes duma só vez: é devagar que se vai ao longe". (11)

São Gregório havia encarregado Melito e os companheiros de levar à Inglaterra geralmente tudo o que era necessário para o serviço das igrejas: vasos sagrados, tapêtes de altar, ornamentos, hábitos para bispos e clérigos, relíquias dos apóstolos e dos mártires e grande quantidade de livros. (12)

Agostinho, de sua parte, tendo estabelecido a sede episcopal na capital do reino de Cant, então chamada Doroverne, e depois Cantuária de Cantorbéry, entrou, pela proteção do rei, na possessão duma

(11) L. XI, Epist. 76.

(12) Bed. L. I, c. XXIX.

igreja que os romanos haviam erigido, dedicada a São Salvador, e fixou-a como residência para si e para os sucessores. Dêste modo, o projeto de São Gregório não foi completamente executado. Não foi o bispo de Londres, mais o de Cantorbéry, que foi o metropolitano da parte meridional da Inglaterra. Agostinho erigiu também um mosteiro perto de Cantorbéry, a oriente, onde, por sua solicitação, o rei Etelberto construiu uma igreja em honra dos apóstolos São Pedro e São Paulo, enriquecendo-a consideràvelmente.

Àquela igreja estava destinado o sepultamento de Agostinho e dos bispos de Doroverne, seus sucessores, como também dos reis de Cant. Entretanto, não foi Agostinho, mas Lourenço, seu sucessor, quem consagrou tal igreja. O primeiro abade daquele mosteiro foi o padre Pedro, que fizera a viagem de Roma com Lourenço. Mas a catedral de Santo Agostinho era uma espécie de mosteiro, pois ali vivia em comunhão com o clero, composto de monges como êle mesmo. (13)

Segundo as intenções do Papa, Santo Agostinho ordenou dois bispos: São Melito e São Justo. São Melito foi enviado a pregar na província dos saxões orientais, separada da de Cant pelo Tâmisa. Londres era a capital e o comércio que ali se dava era grande. Melito restabeleceu a religião naquele país e o rei Etelberto edificou em Londres a igreja do apóstolo São Paulo, para ser a catedral como ainda o é.

São Justo foi bispo na província de Cant, com sede na cidade de Rochester, a vinte milhas de Can-

(13) Ibid., L. I, c. XXXIII.

torbéry, para o poente. O rei Etelberto erigiu, igualmente, ali, uma igreja, a de Santo André, dotando, então, ambas as igrejas de bens, assim como a de Doroverne ou Cantorbéry. (14)

Como Santo Agostinho havia recebido do santo papa Gregório a autoridade de primaz sôbre os bispos bretões e o encargo de corrigir os abusos que porventura se dessem entre êles, aproveitou-se da influência do rei Santo Etelberto para fazê-los vir a uma conferência. Tal conferência se realizou na fronteira dos dois povos, num lugar que, nos primeiros tempos do historiador da nação inglêsa, o venerável Beda, chamava-se "Carvalho de Agostinho". Encontraram-se ali bispos e doutôres bretões. E Agostinho empregou exortações e súplicas para dêles obter três coisas: primeira, que fôssem pregar o Evangelho aos inglêses ainda idólatras; segunda, que celebrassem a Páscoa no mesmo dia em que era celebrada pelos demais católicos e, terceira, que se conformassem, na administração do batismo, à prática da Igreja universal.

Depois de longos debates, vendo que os bispos não se rendiam às exortações nem às súplicas e exprobrações, preferindo sempre as suas tradições particulares às de tôda a Igreja, disse-lhes Agostinho:

— Que Deus nos guie, que nos mostre, por sinais celestes, que tradições devemos seguir. Que se traga um doente, e aquêle que conseguir curá-lo com preces, a êsse deve seguir-se.

Aceito o alvitre, trouxeram um velho inglês cego, e os bispos, orando, nada conseguiram. Então, Agostinho, cheio de fé, ajoelhando-se, suplicou a Deus

(14) Bed., L. II, c. III.

que restituísse a vista ao cego, para que o coração de todos se aclarasse. Imediatamente, o cego recuperou a vista, e todos os assistentes reconheceram que a verdade estava com Agostinho. E os bretões, reconhecendo-lhe a razão, disseram-lhe que nada poderiam fazer por si mesmos, solicitando-lhe uma segunda assembléia, mais numerosa. Assim foi.

Santo Agostinho morreu aos 26 de maio de 605. Temendo por sua igreja nascente de Cantorbéry, se permanecesse, um momento que fôsse, sem pastor, escolheu um sucessor antes de morrer. Tal sucessor foi Lourenço, um dos primeiros companheiros de sua expedição apostólica.

O corpo de Santo Agostinho foi sepultado provisòriamente, até que se terminasse a construção da igreja de São Pedro e São Paulo, que o rei Etelberto fazia erguer fora dos muros da cidade para servir de sepulcro aos reis e arcebispos. Foi, então, enterrado na galeria do setentrião, e na tumba se inscreveu o epitáfio: "Aqui repousa o Senhor Agostinho, primeiro arcebispo de Doroverne, que, tendo sido enviado pelo bem-aventurado Gregório, Pontífice de Roma, escolhido por Deus para realizar milagres, converteu o rei Etelberto e seu povo, do culto dos ídolos à fé em Cristo, e, tendo terminado em paz os dias de seu ministério, faleceu no dia 7 das calendas de junho, no reinado do mesmo rei". (15)

Depois da morte de Santo Agostinho, o sucessor, São Lourenço, continuou a trabalhar com grande zêlo pelo desenvolvimento daquela nova igreja. Não satisfeito de procurar a salvação dos inglêses, pensava nos bretões, antigos habitantes do país, e nos

(15) Bed., L. II, c. III.

escoceses, habitantes da Hibérnia, depois chamados irlandeses. Uns e outros tinham costumes particulares, principalmente no que dizia respeito à Páscoa. Para trazê-los à prática da Igreja universal, escreveu-lhes, com os colegas, São Melito, bispo de Londres, e São Justo, bispo de Roffe ou Rochester. A carta era endereçada aos bispos e aos abades de tôda a Escócia, quer dizer, de tôda a Irlanda, e começava assim: "Quando a sede apostólica, como costuma fazer por todo o universo, nos enviou a essas regiões ocidentais para pregar às gentes pagãs, sentíamos grande respeito pelos bretões e pelos escoceses, crendo que seguiam o costume da Igreja universal. Depois de termos conhecido os bretões, julgamos que os escoceses fôssem melhores. Logo, porém, reconhecemos, pela maneira de viver do bispo Dagam, que veio a esta cidade, e do abade Colombano, que estêve na Gália, que não são diferentes dos bretões. Porque o bispo Dagam se recusou almoçar, não só conosco, mas no recinto onde almoçamos".

São Lourenço também escreveu aos bispos bretões, para convidá-los à unidade. mas a teimosia retardava o perfeito acôrdo.

São Melito, de Londres, seguiu para Roma, para tratar com o papa Bonifácio IV dos negócios da igreja da Inglaterra. O Papa reuniu um concílio aos 27 de fevereiro de 610, oitavo ano de Phocas.

São Melito teve lugar entre os bispos da Itália, e tratou do que dizia respeito à vida e à tranqüilidade dos monges. De volta à Inglaterra, levava os decretos, com cartas do papa Bonifácio ao arcebispo São Lourenço, ao clero, ao rei Santo Edelberto e a tôda a nação dos inglêses.

Tempos depois, fundou São Melito, perto de Londres, a oeste da cidade, o famoso mosteiro depois chamado Westminster, ou seja, Mosteiro do Oeste, cuja igreja consagrou em honra de São Pedro. (16)

Entretanto, a nova igreja da Inglaterra foi violentamente abalada. Morria o rei Santo Edelberto em 616, vinte e oito anos depois da missão de Santo Agostinho, tendo reinado, com glória, cinqüenta e seis anos.

A Igreja honra-lhe a memória no dia 24 de fevereiro, dia de sua morte. Foi enterrado na igreja de São Pedro e São Paulo, em Cantorbéry, assim como a rainha Berta, sua primeira espôsa. Entre o bem que fêz ao povo, publicou, com o conselho dos sábios e sob o modêlo da jurisprudência romana, um código de leis para administração da justiça. Nêle, em primeiro lugar, vinham as multas contra os que roubassem qualquer coisa à Igreja, ao bispo ou a quem quer que fôsse do clero. Tendo recebido a doutrina, queria assegurar-lhe a proteção.

O filho, Edbaldo, sucedeu-lhe no reino de Cant, mas não na suserania nacional. Era ainda pagão, desregrado, de maus costumes, a ponto de desposar a segunda espôsa do pai.

Tais desregramentos vieram acoroçoar os que ainda não se haviam convertido, por complacência do pai. Em punição de seus crimes, o novo rei foi seguidamente privado da sanidade mental e atormentado pelo demônio.

Outro, pior, veio aumentar a tempestade. Sabereth ou Saba, rei dos saxões orientais, morreu ao mesmo tempo, deixando três filhos, também pagãos.

---

(16) Beda, L. II, c. IV.

Começaram a exercer a idolatria, pùblicamente, interrompida em vida do pai, e deram plena liberdade aos súditos de servir os deuses. Como viam o bispo de Londres, São Melito, distribuir a eucaristia ao povo na igreja, no final das missas, disseram-lhe, duma feita:

— Por que não nos dá também a nós dêsse pão branco que destes a nosso pai Saba, e que ainda continuais a dar ao povo?

Respondeu-lhes o santo:

— Se quiserdes ser banhados nesta água, onde o foi vosso pai, podereis, como êle, participar dêste pão sagrado: doutra maneira é impossível.

— Não queremos, disseram, ser lavados com essa água; o que queremos é comer do pão branco.

Como o bispo, pacientemente, lhes fizesse ver que necessitavam de ser purificados, antes de participarem do pão da vida, enfureceram-se, e gritaram:

— Se não nos contentardes, e o que desejamos é tão fácil de fazer, não ficareis mais nesta província.

A ordem para que deixasse o reino, com os seus, foi imediatamente expedida.

O bispo Melito, assim tão intempestivamente expulso, passou para o reino de Cant, para consultar os bispos Lourenço e Justo sôbre o que havia de fazer. E concluíram, os três, que melhor seria voltar ao seu país, para ali servir a Deus em liberdade, do que ficar inùtilmente em meio a bárbaros que tudo faziam contra a fé.

Melito e Justo foram os primeiros a partir, e retiraram-se para a Gália, à espera dos acontecimentos.

Tempos depois, os reis que expulsaram Melito morreram, os três, numa batalha contra a nação dos Gevisses: o povo, porém, não deixou de perseverar na idolatria. (17)

Lourenço, resolvido a deixar a Inglaterra e seguir o exemplo de Melito e Justo, preparou-se, certa noite. E tendo ido orar na Igreja de São Pedro e São Paulo, em Cantorbéry, depois de ter orado por longo tempo, a chorar, acabou por adormecer. E São Pedro, em sonhos, apareceu-lhe. Com um chicote, vergastou-lhe demoradamente o corpo, ao mesmo tempo em que lhe dizia, em tom severo: "Por que abandonas o rebanho que te confiei? A que pastor deixas expostas as ovelhas que jazem em meio a lôbos esfaimados? Já te esqueceste de meu exemplo, de mim, que pelos que Cristo recomendou ao meu amor, sofri os grilhões, o chicote, a prisão e a morte, a morte de cruz?"

Quando acordou, estava com o corpo moído, todo cheio de vergões. Encorajado, Lourenço foi procurar, logo de manhã, o rei Edbaldo, e, desvestindo-se diante dêle, mostrou-lhe o corpo lanhado.

O rei, impressionado, perguntou:

— Quem teve a ousadia de deixar nesse estado um homem de tua posição.

Lourenço, cheio de fervor, ardorosamente, respondeu:

— Isto é para tua salvação. Foi o apóstolo do Cristo que me infligiu tal castigo, por querer abandonar as ovelhas que me foram confiadas.

Edbaldo, comovido, renunciou à idolatria, ao casamento incestuoso, recebeu a fé e o batismo e

(17) Beda, L. II, c. V.

procurou, tanto quanto pôde, prestigiar a Igreja. Imediatamente, ordenou fôssem em busca de Melito e Justo, enviando-os às respectivas igrejas para que as restabelecessem em tôda a liberdade.

São Justo retornou à cidade de Rochester, onde tinha sua sede. Os habitantes de Londres, porém, não quiseram receber Melito, achando melhor obedecer aos pontífices dos ídolos. E o rei Edbaldo, não tendo o mesmo poder do pai, não pôde exigir a entrada de Melito em Londres. Quanto a si mesmo, depois da conversão, continuou a servir a Deus, com o povo, e construiu, no mosteiro de São Pedro de Cantorbéry, uma igreja da Santa Virgem, que foi consagrada pelo arcebispo Melito, porque São Lourenço havia morrido em 2 de fevereiro de 619, e Melito sucedera-o. E, enquanto todos os três trabalhavam com um novo zêlo, governando e dilatando a igreja inglêsa, o papa Bonifácio I, sucessor de Deúsdedit, enviava-lhes cartas que mais e mais os encorajava. (18)

Nobre por nascimento, era-o Melito ainda mais pela elevação da alma. A podagra que o atormentava não lhe tirava nada do zêlo e do fervor.

Um dia, era a cidade de Cantorbéry prêsa de um incêndio terrível, ocasionado pela negligência, e meio humano algum havia que o extinguisse, fêz com que o levassem ao lugar em que as chamas mais ameaçadoramente se propagavam. E, pondo-se, com dificuldade, de joelhos, ficou a orar com todo o ardor. O vento, na mesma hora, mudou de direção, e a cidade foi salva.

---

(18) Beda, L. II, c. VI, VII.

Depois de ter cumprido o dever na sede, durante cinco anos, morreu em 624, aos 24 de abril.

Sucedeu-lhe São Justo, antes bispo de Roffe ou Rochester, com poderes que o papa Bonifácio lhe concedera: felicitando-o numa carta, pelos sucessos dos trabalhos apostólicos, declarava que lhe ia enviar o pálio, conferindo-lhe o poder de ordenar bispo, para facilitar a propagação do Evangelho.

A irmã de Edbaldo ou Edelbaldo, rei de Cant, casou-se com Edwin, quinto rei de Northumbre, e então, o mais poderoso dos inglêses. Esta princesa, chamada Edelburga, foi que conseguiu a conversão do marido e seus súditos, porque o rei Edwin, ao pedir-lhe a mão, recebeu como resposta:

— Não há permissão para que uma cristã se case com um pagão.

O rei prometeu-lhe plena liberdade de praticar a religião, e mesmo os que com ela viessem à côrte, declarando que êle mesmo não se recusaria a abraçar a religião cristã.

Daí a ordenação de São Paulino, pelo arcebispo São Justo. O novo bispo ordenado em 21 de janeiro de 625 acompanhou a princesa. Apenas chegara ao país de Northumbre, isto é, dos inglêses estabelecidos ao norte do rio Humbre, principiou a trabalhar para a conversão das gentes, mas, a princípio, sem sucesso.

No entanto, o papa Bonifácio, sabedor da boa disposição de Edwin, escreveu-lhe uma carta para exortá-lo a se fazer cristão, pela consideração da grandeza do verdadeiro Deus, falando-lhe da fragilidade dos ídolos e do exemplo de todos os outros príncipes, do imperador mesmo e do rei Edbaldo, seu vizinho.

Ao mesmo tempo, escrevia à rainha Edelburga. Felicitava-a pela conversão, instada que fôra pelo rei seu irmão, e exortava-a a aplicar-se fortemente para conquistar para Deus o rei seu espôso, pedindo-lhe que o pusesse a par das novas.

Com estas cartas, iam presentes enviados da parte de São Pedro, que lhe chamava o protetor, e que constavam de, para o rei, uma túnica ornada de ouro e um manto de Ancira; para a rainha, um espelho de prata e um pente de marfim enfeitado de ouro. Não teve o papa Bonifácio, contudo, a felicidade de presenciar os efeitos daquelas cartas, uma vez que, naquele mesmo ano de 625, falecera, tendo por sucessor a Honório, em 626, quando então se deu a conversão do rei de Northumbre. (19)

No dia de Páscoa, 21 de abril de 626, um celerado, enviado pelo rei dos saxões ocidentais, atacou o rei Edwin, matou dois de seus soldados e feriu-o mesmo. Na noite seguinte, a rainha, sua espôsa, deu à luz uma menina. O rei rendeu graças a seus deuses pelo nascimento da criança, mas o bispo Paulino, que estava presente, pôs-se a dar graças a Jesus Cristo, assegurando que o feliz parto da rainha fôra devido às orações que, sem cessar, elevara a Deus.

Diante do que dizia o bispo, o rei, comovido, prometeu renunciar aos ídolos para só adorar a Jesus Cristo, se lograsse vitória contra o rei que lhe procurara a morte. E, como penhor da promessa, permitiria ao santo bispo Paulino que lhe batizasse a filha.

O batizado realizou-se no dia de Pentecostes, e a princesa chamou-se Enfleda, recebendo a água purificadora mais doze componentes da família.

---

(19) Beda, l. II, c. IX, X, XI.

O rei Edwin, curado do ferimento, reuniu o exército, marchou contra o rei dos saxões orientais, venceu-o e aprisionou ou fêz matar todos aquêles que lhe haviam conjurado a morte. De volta, não quis receber o batismo tão logo. E, como prometera fazer-se cristão, não mais cultuava os ídolos. O bispo Paulino instruía-o, e o rei consultava-o sôbre o cristianismo, que conhecia de ouvir os grandes do reino, havia muito, comentar. E, sòzinho, em silêncio, passou a meditar na religião. Foi por êsse tempo que recebeu as cartas do papa Bonifácio, morto no ano anterior.

O bispo Paulino não se contentava só com exortar o rei: orava contìnuamente por êle e, crê-se que por revelação, teve conhecimento de algo que sucedera.

Edwin, quando jovem, fôra seguido por Edelfrido, seu predecessor, agora, então, refugiado no palácio doutro rei inglês, chamado Redwaldo. Êste, tendo-o recebido, deixou-se levar pelas ameaças e promessas de Edelfrido, e prometeu ajudá-lo a combater o desafeto. Edwin, advertido, certa noite, por um amigo fiel, deixou o palácio e assentou-se à porta, sôbre uma pedra, confuso sôbre o que devia fazer. Viu, então, um homem, cujo rosto e cujo porte lhe eram desconhecidos, que se lhe achegava e perguntava:

— Que fazes aí sentado, só e a estas horas?

E sem esperar pela resposta, acrescentou:

— Que darás a quem te livrar da inquietude em que te vês, persuadindo Redwaldo de nenhum mal te fazer?

Edwin, olhando o desconhecido, prontamente respondeu:

— Tudo aquilo que depender de mim.

Tornou o desconhecido:

— E se prometer o afastamento de teus inimigos e fazer-te rei, o rei mais poderoso que todos os reis inglêses que te precederam? Prometes receber os bons conselhos que te quiserem dar, úteis para tua salvação e continuidade de tua vida?

Edwin prometeu. E o desconhecido, imediatamente, pousando-lhe a mão na cabeça, disse:

— Quando tudo ficar resolvido, não te esqueças do que prometeste e não queiras faltar à promessa. Lembra-te dêste sinal.

O desconhecido, como viera, fôra-se.

Edwin sentiu-se grandemente aliviado, consolado. Logo, o mesmo amigo que lhe esclarecera a respeito do que se passava no palácio de Redwaldo, apareceu e lhe disse que agora estava em segurança, que aquêle rei, instado pela rainha, resolvera defendê-lo do que quer que fôsse. E, de fato, aniquilando Edelfrido, desfez-se dêle. Foi assim que Edwin alcançou a coroa.

O santo bispo Paulino, diante da revelação que tivera, procurou o rei, pousou-lhe a mão na cabeça e perguntou-lhe:

— Conheces êste sinal?

Edwin, tremendo, jogou-se aos pés do bispo, atônito. E o bispo, docemente, disse-lhe:

— Viste que Deus te livrou dos inimigos, dando-te o reino que desejavas. Deves agora cumprir o que prometeste, que é receber a religião do Senhor e guardar seus mandamentos.

Edwin, pedindo ao bispo tempo para conferenciar com os componentes do conselho, conseguiu-o: desejava que todos fôssem batizados juntos.

Reunido o conselho, Coiffi, o primeiro dos pontífices disse:

— Vós, Senhor é que deveis resolver sôbre essa doutrina que agora nos pregam. Por mim, com tôda a certeza, posso assegurar-vos que a religião que vimos seguindo até aqui nenhuma utilidade tem. Porque nenhum dos vossos serve nossos deuses mais retamente do que eu e, pois, posso falar de cátedra.

Um dos presentes acrescentou:

— A vida presente assemelha-se-me ao vôo dum pássaro, que entra, pelo inverno, numa sala, onde vós, ó rei, comeis bem com vossos duques e ministros, perto dum bom fogo. Êste pássaro, atravessando dum lado a outro, aquece-se e desaparece do olhar de todos. Assim é a vida humana: não sabemos o que a precede nem o que a segue. Se, pois, esta doutrina que nos pregam tem substância, é razoável que a sigamos.

O pontífice Coiffi voltou a falar, dizendo que desejava instruir-se mais exatamente com o bispo Paulino:

— Quero ouvir mais sôbre o Deus do qual prega.

E, tendo assimilado, aproveitado com o bispo, acabou por dizer:

— Vejo bem, vejo bem claro agora: aquilo que adoramos não passa de pura fantasia. Por mais que procure a verdade no nosso culto, menos a encontro. Agora não: vejo brilhar nesta doutrina que nos pregam, a vida, a salvação eterna. Sou de parecer, senhor, que devemos queimar nossos templos e altares, e tudo o que consagramos inùtilmente.

O rei, pùblicamente, declarou que renunciava à idolatria para abraçar a fé que pregavam em Jesus Cristo.

E, como perguntasse ao pontífice Coiffi quem seria o primeiro a profanar os templos e os ídolos, Coiffi respondeu:

— Eu, senhor. Quem poderia melhor do que eu dar o exemplo?

Pediu ao rei que lhe desse armas e um cavalo inteiro, contrariando assim a superstição: o pontífice não podia carregar armas nem montar cavalos, e sim éguas.

Coiffi, de espada em punho, e montando um animal fogoso, escandalizou o povo, que o julgara louco. Quando chegou ao templo, começou a profaná-lo, atirando-lhe lançadas, gritando aos que o acompanhavam tocassem fogo em tudo.

O rei foi, pois, batizado no undécimo ano de reinado, que era o ano de 627, com tôda a nobreza e uma grande quantidade de povo, de Eborac ou York, no dia de Páscoa, 12 de abril, na igreja de São Pedro, que fizera erigir, de madeira, precipitadamente.

Assim que foi batizado, o bispo Paulino persuadiu-o a levantar, no mesmo lugar, uma igreja de pedra, maior e mais imponente, igreja que não foi terminada senão depois da morte de Edwin, por Oswaldo, o sucessor.

Estabeleceu São Paulino sua sede em York, com o consentimento do rei Edwin, e continuou a pregar livremente durante os seis anos de vida que ainda restaram àquele monarca. O fervor do povo era tão grande, que São Paulino, tendo ido com o rei e a rainha a uma terra chamada Adregin, ali estêve trinta dias ocupado com a catequese e o batismo, sem

fazer outra coisa da manhã à noite. Batizava nos riachos, porque ainda não havia oratórios e batistérios no lugar — o que mostra que batizava por imersão.

O papa Honório, conhecedor da conversão de Edwin, por uma embaixada daquele príncipe, escreveu-lhe para exortá-lo na perseverança. "Vossa fé é tão ardente, disse-lhe, que resplandece ao longe. Propagada por tôda a parte, pelo mundo todo, multiplicará, sem dúvida, os frutos de vossas boas obras. Porque vós sabeis que sois verdadeiro rei, porque credes, segundo a pregação ortodoxa, que Deus é vosso rei e criador, e o servis com tôda a devoção que comporta a condição humana. Para conservar esta graça, deveis velar e orar, orar e velar, lendo, particularmente, as obras de São Gregório". Depois, mais adiante, diz: "Quanto ao que nos pedistes, referente à ordenação de vossos bispos, concordamos inteira e alegremente. Enviaremos aos dois metropolitanos, Honório e Paulino, a cada um, um pálio, a fim de que, quando Deus chamar um dos dois, o outro possa dar-lhe um sucessor, com a autoridade desta carta. O que vos concedemos, já que vossa afeição é tão grande quanto a distância que nos separa, é para em tudo favorecer vosso desejo. Que a graça do alto conserve Vossa Excelência".

A carta é de 11 de junho de 634.

São Justo, arcebispo de Cantorbéry, falecendo, cedeu o lugar a Santo Honório, que São Paulino, de York sagrou como o quinto bispo de Doroverne ou Cantorbéry, depois de Santo Agostinho.

* * *

SÃO NOÉ (*)

Antigo Testamento

Noé é uma das grandes figuras da Gênesis, um dos grandes heróis do Antigo Testamento. Era filho de Lamech. Lamech tinha cento e oitenta e dois anos, quando o gerou. Disse:

"— Êste nos consolará nos trabalhos e nas fadigas das nossas mãos, pela terra que o Senhor amaldiçoou".

Depois de ter gerado Noé, Lamech viveu quinhentos e noventa e cinco anos, tendo gerado filhos e filhas. Ao todo, viveu setecentos e setenta e sete anos.

Noé, tendo de idade quinhentos anos, gerou Sem, Cam e Jafé.

"Ora, tendo os homens começado a multiplicar-se sôbre a terra, e tendo gerado filhas, vendo os filhos de Deus que as filhas dos homens eram formosas (1), tomaram por suas mulheres as que, dentre tôdas, lhes agradaram. E Deus disse:

---

(1) Filhos de Deus, isto é, os filhos de Set. Filhas dos homens, ou seja, descendentes de Caim. Os primeiros eram dotados de caráter religioso. As segundas eram dadas às coisas da terra.

"— O meu espírito não permanecerá para sempre no homem, porque é carne. Os seus dias serão cento e vinte anos".

"Ora, naquele tempo, havia gigantes sôbre a terra, e também depois, quando depois os filhos de Deus tiveram comércio com as filhas dos homens, e elas geraram filhos, que foram homens possantes e desde há muito afamados.

"Deus vendo que era grande a malícia dos homens sôbre a terra, e que todos os pensamentos do seu coração estavam contìnuamente aplicados ao mal, arrependeu-se de ter feito o homem sôbre a terra. E, tocado de íntima dor de coração, disse:

"— Exterminarei da face da terra o homem que criei; desde o homem até os animais, desde os répteis até as aves do céu, porque me pesa de os ter feito".

"Porém Noé achou graça diante do Senhor.

"Esta é a posteridade de Noé. Noé foi um homem justo e perfeito entre os homens de seu tempo, e sempre andou com Deus. Gerou três filhos: Sem, Cam e Jafé. Ora, a terra estava corrompida diante de Deus e cheia de iniqüidade. Vendo, pois, Deus que a terra estava corrompida (porque tôda a carne (*todo o homem*) tinha corrompido o seu caminho sôbre a terra), disse a Noé:

"— O fim de todos chegou diante de mim; a terra, por suas obras, está cheia de iniqüidade, e eu os exterminarei com a terra. Faze uma arca de madeiras resinosas; farás na arca uns pequenos quartos e califetá-la-ás com betume por dentro e por fora. E hás de fazê-la do seguinte modo: o comprimento da arca será de trezentos côvados, a largura de cinqüenta côvados e a altura de trinta côvados. Farás na arca uma janela, um côvado abaixo do seu cume;

porás a porta da arca a um lado; farás nela um andar em baixo, um segundo e um terceiro andar. Eis que estou para derramar as águas do dilúvio sôbre a terra, para fazer morrer tôda a carne em que há sôpro de vida debaixo do céu; tudo o que há sôbre a terra perecerá. Mas contigo estabelecerei a minha aliança; e entrarás na arca tu e teus filhos, tua mulher e as mulheres de teus filhos contigo. De cada espécie de animais, farás entrar na arca dois, macho e femea, para que vivam contigo. Das aves, segundo a sua espécie, e das bêstas, segundo a sua espécie, de todos os répteis, segundo a sua espécie, de todos entrarão contigo dois, para que possam conservar-se. Tomarás também contigo de tôdas as coisas que se podem comer, e as levarás junto de ti (*na arca*), e servirão de alimento a ti e aos animais".

"Fêz, pois, Noé tudo o que Deus lhe tinha ordenado.

"E o Senhor disse-lhe:

"— Entra na arca tu e tôda a tua casa, porque te reconheci justo diante de mim no meio desta geração. Toma de todos os animais puros sete pares, macho e fêmea; e dos animais impuros um par, macho e fêmea. Toma também das aves do céu sete pares, macho e fêmea, para conservar a raça sôbre a face de tôda a terra, porque, daqui a sete dias, farei chover sôbre a terra, durante quarenta dias e quarenta noites, e exterminarei da superfície da terra todos os seres (*vivos*) que fiz.

"Fêz, pois, Noé tudo o que o Senhor lhe havia ordenado. Tinha seicentos anos de idade, quando as águas do dilúvio inundaram a terra. Noé entrou na arca com seus filhos, sua mulher e as mulheres de seus filhos, para se salvarem das águas do dilúvio.

Também dos animais puros e impuros, e das aves, e de tudo o que se move sôbre a terra, entraram na arca com Noé, dois a dois, macho e fêmea, conforme o Senhor tinha mandado a Noé. E, passado os sete dias, caíram sôbre a terra as águas do dilúvio. No ano seiscentos da vida de Noé, no segundo mês, aos dezessete do mês romperam-se as cataratas do céu, e caiu chuva sôbre a terra durante quarenta dias e quarenta noites. Naquele mesmo dia entrou Noé na arca com seus filhos Sem, Cam e Jafé, sua mulher e as mulheres de seus filhos, e com êles entraram todos os animais (*selváticos*), segundo a sua espécie, todos os animais (*domésticos*), segundo a sua espécie, tudo o que rasteja sôbre a terra, segundo a sua espécie, tôdas as aves, e tudo o que tem asas; (*todos êstes animais*) entraram com Noé na arca, dois a dois, de tôda a espécie, em que havia sôpro de vida. Os que entraram eram macho e fêmea de tôda a espécie, conforme Deus tinha mandado a Noé; e o Senhor aí o fechou por fora.

"Veio o dilúvio sôbre a terra durante quarenta dias, e as águas cresceram e elevaram a arca muito alto por cima da terra. Inundaram tudo com violência e cobriram tudo na superfície da terra; a arca, porém, era levada sôbre as águas. Tanto cresceram as águas que todos os mais elevados montes, que há sob todo o céu, ficaram cobertos. A água elevou-se quinze côvados acima delas. Tôda a carne que se movia sôbre a terra pereceu: as aves, os animais domesticados, as feras e todos os répteis que andam de rastos sôbre a terra, e todos os homens. Tudo o que respira e tem vida sôbre a terra, tudo morreu. Foram exterminados todos os seres (*vivos*) que havia sôbre a terra, desde o homem até as bêstas, tanto os

répteis como as aves do céu, tudo foi exterminado da terra; ficou sòmente Noé, e os que estavam com êle na arca. As águas cobriram a terra durante cento e cinqüenta dias.

"Ora, Deus lembrou-se de Noé, de todos os animais selváticos e de todos os animais domésticos, que estavam com êle na arca, e fêz soprar um vento sôbre a terra, e as águas diminuíram. Fecharam-se as fontes do abismo e as cataratas do céu, e foram retidas as chuvas (*que caíram*) do céu. As águas, agitadas duma parte para outra, retiraram-se de cima da terra e começaram a diminuir, depois de cento e cinqüenta dias. No sétimo mês, no vigésimo-sétimo dia do mês, parou a arca sôbre os montes de Ararat. Entretanto as águas iam diminuindo até o décimo mês; no décimo mês no primeiro dia do mês, apareceram os cumes dos montes.

"Ao fim de quarenta dias, abriu Noé a janela, que tinha feito na arca, e soltou um corvo, o qual ia e vinha, até que as águas secaram sôbre a terra. Mandou também uma pomba (*sete dias depois*) dêle, para ver se as águas teriam já cessado de cobrir a face da terra. E ela, não encontrando onde pousar o seu pé, tornou a vir a êle para a arca, porque (*ainda*) as águas estavam sôbre a terra; Noé estendeu a mão, e, tendo-a tomado, recolheu-a na arca. Depois de ter esperado outros sete dias, novamente deitou a pomba fora da arca, a qual voltou a êle pela tarde, trazendo no bico um ramo de oliveira com as fôlhas verdes. Entendeu, pois, Noé que as águas já não cobriam a terra. Contudo, esperou outros sete dias e mandou a pomba, que não tornou mais a êle.

"Portanto, no ano seiscentos e um (*da vida de Noé*), no primeiro mês, no primeiro dia do mês, as

águas deixavam a terra; Noé, descoberto o teto da arca, olhou e viu que a superfície da terra estava a secar-se. No segundo mês, no vigésimo-sétimo dia do mês, a terra ficou sêca.

"Então Deus falou a Noé, dizendo:

"— Sai da arca, tu e tua mulher, teus filhos e as mulheres de teus filhos contigo. Faz sair contigo todos os animais que estão contigo, de tôdas as espécies, tanto de aves como de bêstas, e de todos os répteis, que andam de rastos sôbre a terra; enchei a terra, crescei e multiplicai-vos sôbre ela".

"Saiu, pois, Noé com seus filhos, sua mulher e as mulheres de seus filhos. Também saíram da arca todos os animais selváticos e domésticos, e os répteis, que andam de rastos sôbre a terra, e tôdas as aves, segundo a sua espécie. E Noé edificou um altar ao Senhor, e, tomando de todos os animais e de tôdas as aves puras, ofereceu-as em holocausto sôbre o altar. E (*com isto*) recebeu o Senhor um suave odor, e disse em seu coração:

"— Não amaldiçoarei mais a terra por causa dos homens, porque os sentidos e os pensamentos do coração do homem são inclinados para o mal desde a sua mocidade; não tornarei, pois, a ferir todos os seres vivos como fiz. Durante todos os dias da terra, a sementeira e a messe, o frio e o calor, o verão e o inverno, a noite e o dia não mais cessarão".

"Deus abençoou Noé e seus filhos, e disse-lhes:

"— Crescei e multiplicai-vos, e enchei a terra. Temam e tremam na vossa presença todos os animais da terra, tôdas as aves do céu, tudo o que se move sôbre a terra e todos os peixes do mar: todos ficam sujeitos ao vosso poder. Tudo o que se move e vive

será vosso alimento; eu vos dou tôdas estas coisas, como (*vos dei*) os legumes verdes. Sòmente não comereis carne com sangue, porque eu vingarei o vosso sangue da mão de todos os animais (*que o derramarem*); e ao homem que matar o seu irmão, pedirei contas da vida dêste homem".

"Todo o que derramar o sangue humano, (*será castigado*) com a efusão do seu próprio sangue, porque o homem foi feito à imagem de Deus. Crescei, pois, e multiplicai-vos, espalhai-vos sôbre a terra e enchei-a".

"Disse também Deus a Noé e a seus filhos com êle:

"— Eis que vou fazer a minha aliança convosco, com a vossa posteridade, e com todos os seres viventes que estão convosco, tanto aves, como animais domésticos e selváticos, que saíram da arca. Farei a minha aliança convosco, e não tornará mais a perecer nenhuma criatura pelas águas do dilúvio, nem haverá mais para o futuro dilúvio que assole a terra".

"E Deus disse:

"— Eis o sinal de aliança, que faço convosco e com todos os animais viventes que estão convosco, por tôdas as gerações futuras: porei o meu arco nas nuvens, e êle será o sinal da aliança entre mim e a terra. Quando eu cobrir o céu de nuvens, o meu arco aparecerá nas nuvens, e me lembrarei da minha aliança convosco e com todos os seres vivos da terra, e não voltarão as águas do dilúvio a exterminar tôda a carne (*que vive*). O arco estará nas nuvens, eu o verei e me lembrarei da aliança eterna que foi feita

entre Deus e tôdas as almas viventes e tôda a carne que existe sôbre a terra".

"E Deus disse a Noé:

"— Êste será o sinal da aliança que eu constitui entre mim e tôda a carne (*que vive*) sôbre a terra".

O arco-íris, que já existia, tornou-se, desde aquêle instante, o símbolo celeste da paz, do mesmo modo que o ramo de oliveira, trazido pela pomba, que Noé soltara da janela da arca, tornou-se o símbolo terrestre.

"Ora, os filhos de Noé, que saíram da arca, eram Sem, Cam e Jafé. Cam é o pai de Canaan. Êstes são os três filhos de Noé e por êles se propagou todo o gênero humano sôbre a terra. Noé, que era agricultor, começou a cultivar a terra e plantou vinha. Tendo bebido vinho, embriagou-se e apareceu nu na sua tenda. Cam, pai de Canaan, tendo visto a nudez de seu pai, saiu fora a dizê-lo a seus dois irmãos. Porém, Sem e Jafé puseram uma capa sôbre os seus ombros, e, andando para trás, cobriram a nudez de seu pai: assim, tendo o rosto voltado, não viram a sua nudez. Quando Noé, despertando da embriaguez (2), soube o que lhe tinha feito o filho mais novo, disse:

"— Maldito seja Canaan! Êle será o servo dos servos de seus irmãos!"

"Depois, disse:

"— Bendito seja o Senhor Deus de Sem, e Canaan seja seu escravo. Dilate Deus a Jafé, e habite Jafé nas tendas de Sem, e Canaan seja seu escravo".

---

(2) Esclareça-se que Noé, embriagando-se, não pecou, uma vez que desconhecia a ação do vinho.

"Ora, Noé viveu ainda depois do dilúvio trezentos e cinqüenta anos. Todo o tempo da sua vida foi de novecentos e cinqüenta anos, e morreu" (3).

— — — —

Os cristãos viram no dilúvio um símbolo: o símbolo da Paixão de Nosso Senhor, do batismo, do cataclisma que precederá o juízo final.

A água, criadora e destruidora, mortal e fecunda, sôbre a qual vogou, serena, a arca de Noé, salvadora como a barca de Pedro, a Igreja, também foi objeto duma epopéia nos textos babilônicos, radicalmente, porém, diferente da do tema da Gênesis, porque os deuses babilônicos, se livram dos homens por capricho.

O dilúvio babilônico durou uma semana, resultado duma inundação formidanda, na região do baixo Eufrates. Só Javé, porém, tem dignidade, só a Gênesis é monoteísta e moral.

Nas catacumbas romanas, Noé foi representado desde o século II.

— — — —

Lemos, no Eclesiástico:

"Noé foi encontrado perfeito e justo,
e nos tempos da ira tornou-se a reconciliação (*dos homens*).
Por isso foram deixados uns restos (de seres vivos) sôbre a terra,
quando veio o dilúvio.

(3) Gen. 5, 29-9, 29.

Com êle foi feita uma aliança eterna,
para que não pudesse ser destruída por outro dilúvio tôda a carne." (4)

Na Epístola aos Hebreus:

"Foi pela fé que Noé, avisado por Deus de coisas que ainda não se viam, com piedoso temor foi aparelhando uma arca para salvar a sua família, pela qual (*arca*) condenou o mundo e se tornou herdeiro da justiça, que se obtém pela fé". (5)

* * *

(4) Eclo 44, 17-19.
(5) Hebr. 11, 7.

SÃO DEMÉTRIO (*)

Bispo

Demétrio foi bispo de Antioquia em 253, e o seu episcopado coincide exatamente com o reinado de Valeriano (253-260). Também Demétrio teve o mesmo fim de Valeriano: terminou os dias cativo dos persas.

Qual foi o papel de São Demétrio no exílio, desconhecemo-lo. Teve-o, decerto, bem grande, uma vez que, com a chegada dos cativos em Beth Lapat, o cristianismo, apenas conhecido superficialmente, quase que só pelo nome, desenvolveu-se extraordinàriamente, após o ano de 256, quando da primeira ocupação de Antioquia e do aprisionamento do santo bispo.

São Demétrio morreu no exílio em 260. Galiano, que não o sabia morto, como a sede jazia vaga desde o dia em que o bispo fôra levado para a Pérsia, nomeou-o para ocupá-la. Tendo-se, porém, conhecimento de que Demétrio findara no degredo, elegeu-se Paulo de Somosate para ocupar a cadeira. Paulo, todavia, herético, foi deposto por um concílio, que escolheu Domno, filho de Demétrio, para governar. Conclui-se daqui que São Demétrio era bastante idoso quando se elevou à dignidade, pois que o filho,

em 268, oito anos depois da morte do pai, era eleito para a sé.

No mesmo dia, a morte dos santos mártires Trifão e Respício, e de Santa Ninfa, virgem. Conta-se que Ninfa, pagã, possuída do demônio, pôs-se a proclamar que sòmente Trifão poderia curá-la. Com efeito, assim aconteceu, e a jovem se converteu. Presos, foram induzidos a sacrificar aos ídolos, o que não fizeram. Chicoteados, torturados, Respício, tribuno, admirado de tanta coragem, abraçou o cristianismo. Assim, foram os três, diante do templo de Júpiter, decapitados, porque permaneciam inquebrantáveis na fé.

Em Icônio, na Licaônia, as santas mulheres Trifênia e Trifosa: instruídas pelas pregações do bem-aventurado Paulo e fortalecidas pelo exemplo de Tecla, fizeram maravilhosos progressos nos caminhos da perfeição cristã (I.º século). Na Epístola aos Romanos, lemos: "Saudai Trifênia e Trifosa, que trabalham no Senhor" (Rom. 16, 12). Supõe-se que tenham sido irmãs.

Na diocese de Agde, na Gália, os santos mártires Tibério, Modesto e Florêncio, que, em tempos do imperador Diocleciano, sofreram diversos tormentos, assim terminando a vida e conquistando a palma do martírio.

Em Ravenna, São Probo, bispo, célebre pelos milagres (século III ou IV).

Em Melun, também na Gália, São Liesno, confessor, também chamado Leão (nome latino: Leonius).

Na ilha de Paros, Santa Teotista, virgem, solitária, natural de Lesbos, padroeira daquela ilha.

São Jorge, primeiro bispo da diocese do Velay.

Santa Natalena, virgem e mártir, que o povo de Pamiers chamava carinhosamente Santa Lena. Conta-se que esta Santa nasceu do rei Fredelas, de Pamiers, que, furioso por só ter filhas, ordenou que a atirassem às águas dum rio. A escrava que fôra incumbida daquela triste tarefa, apiedada, deixou-a às margens da corrente, donde uma piedosa cristã a recolheu, e, levando-a para si, criou e educou. Moça, Natalena deu-se de corpo e alma à pobreza. Fredelas, descobrindo que a jovem era a filha que, havia anos, mandara matar, fêz com que a prendessem e decapitassem. O suplício teve lugar perto duma fonte, cujas águas se tornaram miraculosas. A fonte chamou-se de Santa Natalena. Conta-se, também, que a mártir, tomando a cabeça entre as mãos, caminhou até o lugar onde mais tarde se ergueu a igreja de Nossa Senhora do Campo, que lhe guarda as relíquias.

Na Pérsia, São Narseu, bispo, e o discípulo José.

Santo Espaço, mártir, na Normandia.

Na Itália, São Baldolino, ermitão.

Em Mecklemburgo, São João, o Irlandês, bispo e mártir, em 1066.

Em Orvieto, na Úmbria, o bem-aventurado Ambrósio de Massa, franciscano, falecido em 1240.

* * *

11.º DIA DE NOVEMBRO

SÃO MARTINHO

Bispo de Tours

Santo Hilário de Poitiers veio a ser bispo em 353, justamente quando um soldado o procurava como discípulo. Era Martinho filho dum tribuno militar, ou marechal de campo, originário da Panônia, a atual Hungria. Martinho havia conseguido baixa do serviço e fôra ter com o novo bispo. Os germanos, fazendo uma irrupção nas Gálias, reuniam tropas para marchar contra ela. Havia, naquela ocasião, uma distribuição de liberalidades aos soldados. Martinho, que desde longo tempo pensava no retiro, teve a sutileza de não querer participar das recompensas, o que redundaria na continuação de prestação de serviço. Requereu, então, que sua parte fôsse dada a um outro, ao mesmo tempo que solicitava a liberdade, porque desejava servir sòmente a Deus.

Repreenderam-no, tacharam-no de medroso, porque, justamente no dia seguinte, travar-se-ia uma grande batalha. Martinho respondeu com santa intrepidez:

— Não seja por isso: ficarei e tomarei parte na luta. Irei à frente das tropas, sem armas, sem escudo, sem outra defesa que não o nome de Jesus e

o sinal da cruz. Sem temor, hei de me precipitar no meio dos esquadrões inimigos e onde mais denso se me apresentar.

Naquela mesma noite, porém, os bárbaros pediram a paz e Martinho obteve licença.

Esta bravura heróica, já a havia mostrado na prática da virtude. Um dia, em que caminhava no mais rigoroso do inverno, em que grande número de pessoas morria de frio, encontrou às portas de Amiens um pobre nu, que implorava a piedade dos passantes. Percebendo que ninguém nem sequer ao infeliz lancava um olhar, pensou que Deus a êle o destinava. Havia, porém, distribuído tudo o que possuía, não lhe restando senão as armas e a roupa que envergava. Que fazer? Rasgou o manto em duas partes: ao pobre, deu metade, na outra metade abrigando-se êle da melhor maneira possível. E tão ridículo parecia, que quem o via não podia deixar de rir e escarnecer.

Na noite seguinte, em sonhos, Martinho viu Jesus coberto com a metade do seu manto, dizendo aos anjos que o rodeavam: "Quem me cobriu, porque estava nu e com frio, não passa ainda de catecúmeno".

Martinho, impressionado com o sonho, prontamente recebeu o batismo.

Mais dois anos ficou êle no exército, vencido pelas súplicas de seu marechal de campo, com o qual vivia na mais estreita amizade, e que lhe prometera o definitivo desligamento quando terminasse seu tempo de comando.

Martinho era piedoso desde os tempos da meninice. Com a idade de dez anos, às escondidas dos pais, que eram pagãos, foi à igreja e ao padre pediu

para ser instruído. Aos doze, desejava ardentemente a solidão do deserto, e tê-lo-ia demandado, não fôra a tenra idade impedi-lo. Tinha o coração nas igrejas e mosteiros, e vivia meditando no que havia de fazer quando a idade o permitisse. Foi quando surgiu uma ordem dos imperadores para que se alistassem os jovens. E lá se foi Martinho prestar serviços na milícia. Durante o período militar, preservou-se de todos os vícios que, ordinàriamente, acompanham esta profissão, e fêz-se querido de todos os companheiros de armas por uma bondade, uma caridade, uma paciência e humildade além das fôrças humanas.

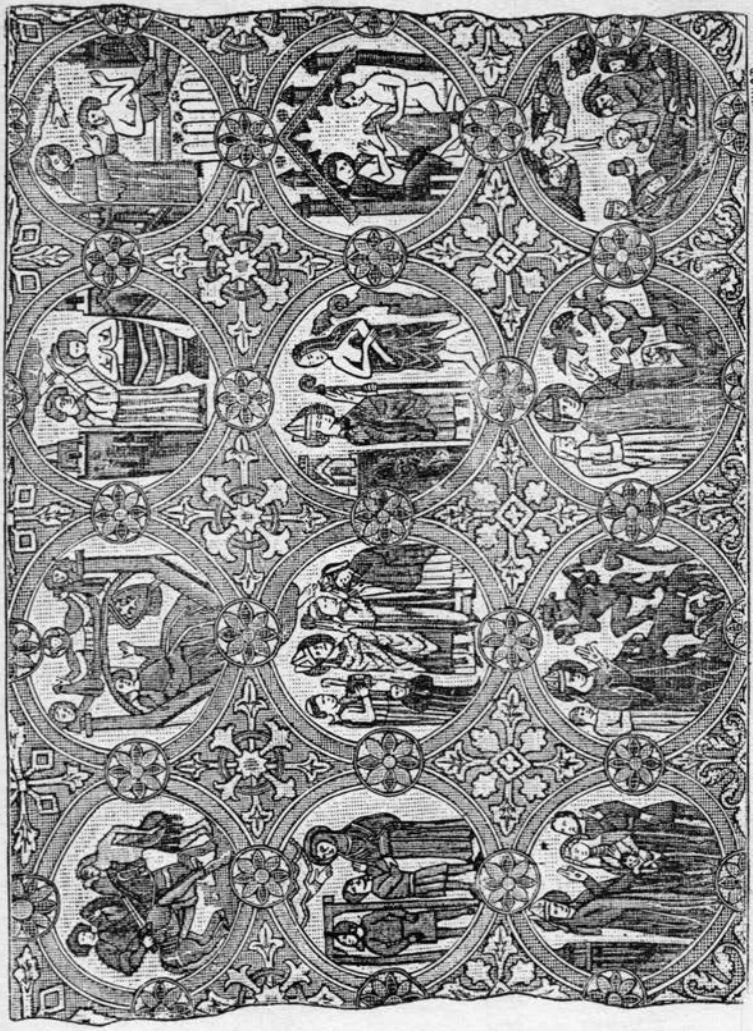
Terminada a fase do serviço militar, ei-lo em busca de Santo Hilário. O grande bispo não precisou de muito tempo nem de muita observação para se convencer de que estava diante dum discípulo de méritos extraordinários. Para que mais se aplicasse, quis ordená-lo diácono, mas o jovem Martinho, crendo-se indigno, humildemente solicitou que o ordenasse apenas exorcista.

Um dia, em sonhos, recebeu a advertência de que devia ir ao encontro dos pais, ainda pagãos, e, com o consentimento de Santo Hilário, partiu, não antes de, diante das lágrimas e das súplicas do bom bispo, prometer que voltaria. Passando os Alpes, caiu nas mãos de ladrões. Um dêles, de acha erguida, resolveu moer-lhe a cabeça, quando um segundo lhe susteve o braço, neutralizando o golpe. Martinho, as mãos atadas atrás das costas, foi puxado por um terceiro, à parte, que lhe perguntou:

— Quem és tu?

— Sou cristão, respondeu o jovem, sem demonstração alguma de receio.

— E não tens mêdo? voltou o outro a perguntar.



A lenda de São Martinho (segundo tapeçaria do séc. XIII).

— Não. Nunca me senti tão tranqüilo.

— E donde vem essa tranqüilidade, essa calma?

— De Deus, porque sei que Deus não abandona os seus seguidores nas horas amargas. Sinto-me aflito, sim, aflito, e muito, mas por vós todos, ladrões que sois e, pois, indignos da misericórdia daquele que nos criou.

E, naturalmente, enveredou-se Martinho pela pregação evangélica. E aquêle terceiro bandido, que o trouxera à parte, convertido, deixou que o jovem se fôsse. Mais tarde, abraçou a vida monástica e contava, constantemente, esta história.

Chegando à Ilíria, Martinho converteu a mãe e numerosas pessoas. O pai, contudo, continuou pagão.

Quem dominava o país eram os arianos. Martinho combateu-os corajosamente, mas foi vítima de maus tratamentos: surrado pùblicamente, foi expulso da cidade. (1)

Sofreria pela fé católica, igualmente, em Milão, onde dominava o ariano Auxêncio, mas logo substituído por Santo Ambrósio.

Martinho retornou a Poitiers em 360, quando Santo Hilário voltava de seu exílio pela fé. Reviram-se os dois amigos com uma alegria inenarrável. O bispo, que conhecia a inclinação de Martinho para a solidão, deu-lhe um terrenozinho num lugar chamado Ligugé, a duas léguas da cidade. Martinho ali erigiu um mosteiro, o qual, parece, foi o primeiro das Gálias.

Entre os que ali recebeu, estava um catecúmeno que, durante sua ausência, morreu sùbitamente, sem

(1) Sulp. Sev., Vita S. Martin.

ter recebido o batismo. Ao voltar da viagem, Martinho encontrou os monges em grande aflição e prestes a enterrar o morto. Com os olhos rasos dágua, fixou o cadáver daquele que se fôra sem batismo e, inspirado por Deus, fêz com que todos os monges deixassem a cela. E sempre a fixar o morto, orou fervorosamente por longo tempo. Não fôra em vão as súplicas que fizeram: o catecúmeno mexeu-se, suspirou, abriu os olhos. Batizado imediatamente, acabou vivendo por muitos anos.

Contava, então, o ressuscitado, que sua alma, separada do corpo, comparecera ao tribunal do soberano juiz e fôra condenada a uma prisão horrível. Em virtude das orações de Martinho, dois anjos, achegando-se-lhe, ordenaram-lhe que voltasse a animar o corpo donde viera, que assim o decidira o juiz supremo. Da mesma maneira restituiu o santo a vida ao escravo de um rico homem das vizinhanças, que se enforcara.

As Gálias estavam ainda infestadas de idólatras. Os camponeses, pùblicamente, levavam os ídolos através dos campos. Terras havia em que os cristãos eram pouquíssimos. Noutras, sequer um encontrava-se. Deus precisava de um apóstolo — e êsse apóstolo foi Martinho.

A sede de Tours, vaga em 371, desejava a São Martinho, pela virtude e pelos milagres. Como sabiam que a dificuldade de tirar o santo de seu mosteiro era grande, um dos cidadãos fingiu que tinha a mulher muito doente e, pondo-se de joelhos, persuadiu-o a acompanhá-lo. Magotes de pessoas, que se emboscavam no caminho, saíram de improviso à frente do santo e conduziram-no a Tours, onde acorria, às pressas, não só do lugar, mas também das

cidades vizinhas, uma multidão enorme de povo, para tomar parte na eleição. Todos o julgavam muitíssimo digno do episcopado, salvo um número irrisório que se opunha, mesmo de bispos. Diziam que Martinho era pessoa desprezível pela má aparência, de cabelos desgrenhados, de hábito pobre. O povo, porém, pouco ligava aos ditos, tendo-os mais como louvores.

Martinho estava aturdido com aquêle imprevisto. E quem devia ler diante de Martinho o que lhe solicitavam, não podendo varar a multidão, abriu o Saltério e leu a primeira passagem que encontrou, bem alto. Era o salmo oito: "Senhor, Senhor nosso, quão admirável é o teu nome em tôda a terra, tu que elevaste a tua majestade acima dos céus. Da bôca das crianças e meninos de peito fizeste sair louvor contra os teus adversários, para reprimir o inimigo e o defensor". Leu-o assim, ao invés de "o inimigo e o agressor". Ora, quem mais se opunha à eleição de Martinho era um bispo chamado Defensor. E todo o povo, julgando que êle estivesse marcado, segundo as palavras do Salmo, e Deus assim permitira aquela leitura para revelar sua vontade, levantou-se uma grande grita, e o partido contrário, confundido, deixou o lugar.

São Martinho continuou no episcopado a sua maneira de viver, conservando no coração a mesma humildade, a mesma pobreza de vestimentas e a mesma autoridade cristã de sempre. Vivia numa cela, pequenina, perto da igreja, mas não podendo suportar a distração das visitas que recebia, construiu um mosteiro a duas milhas da cidade, mosteiro que subsistiu até o último século, chamado de Marmoutier. Era lá, então, um deserto, rodeado, por rochas altas e escarpadas, por todos os lados, separado pelo Loire:

era um lugar, abrupto, acessível apenas por um caminho estreitíssimo, difícil de se palmilhar.

A cela que ocupava era de madeira, bem como as de alguns irmãos. A maior parte dêles alojara-se em covas que haviam cavado na rocha.

Cêrca de oitenta discípulos viveram com São Martinho, todos sem possuir o que quer que fôsse de seu. Não tinham permissão para vender nem para comprar nada, como faziam os monges de então. Os jovens escreviam, e os velhos oravam. Muito raramente, saíam das celas e, quando o faziam, era para ir ao oratório. Alimentavam-se todos juntos, depois do jejum, ou seja, pelo comêço da tardinha. Desconheciam o uso do vinho e só o ingeriam em caso de doença. Quase todos vestiam-se de peles de camelo, grosseiras, porque era crime vestir-se mais confortàvelmente. E, entre êles, havia nobres, que chegaram a bispos, pela simples razão de não haver igreja que não desejasse pastor que lhes viesse do convento de São Martinho.

Pouco depois da ordenação, Martinho foi obrigado a ir à côrte do imperador Valentiniano, que vivia, ordinàriamente, em Tréveris. Sabendo que São Martinho ia pedir-lhe o que não lhe queria dar, ordenou que o não deixassem entrar no palácio, Valentiniano era cruel e soberbo, e, além disso, a espôsa, Justina, era ariana e tudo fazia para que o marido não rendesse honras ao santo bispo.

Martinho tentou, inùtilmente, uma e duas vêzes, aproximar-se daquele príncipe de tão mau coração, aparentemente. Usou de todos os recursos e de tôdas as armas ordinárias: do cilício, da cinza, com a qual se cobria da cabeça aos pés, absteve-se de beber e

de comer. Só fazia, sem cessar, orações e orações, noite e dia.

Ao sétimo dia, apareceu-lhe um anjo, ordenando-lhe que se dirigisse ao palácio, ousadamente. E Martinho foi. As portas abriram-se-lhe, ninguém lhe impediu a passagem.

O príncipe encolerizado, quando Martinho plantou-se-lhe em frente, perguntou-lhe:

— Quem vos deixou entrar? Quem vos deixou passar?

Mas, como única resposta, incendiou-se, inopinadamente, o trono, o qual teve Valentiniano de deixar com um salto.

Reconhecendo, então, o poder divino, atirou-se para o santo e pôs-se a abraçá-lo sem fim, concordando com tudo que Martinho desejasse, sem mesmo saber quais lhes eram as pretensões. E uma audiência ao santo bispo foi concedida imediatamente, finda a qual ambos almoçaram juntos.

Quando Martinho partiu, ofereceu-lhe Valentiniano presentes inúmeros, mas o santo, delicadamente, dêles declinou, para conservar a pobreza.

Nas vizinhanças de Tours havia um lugar reverenciado pelo povo como a sepultura dum mártir. Havia mesmo, ali, erigido por um bispo que precedera a Martinho, um altar. O santo não acreditava que ali estivesse alguém que fôra morto na religião e, pois, não era merecedor, nem da reverência, nem da coroa de mártir. E, para que se aclarasse a questão, fêz com que se buscassem dados para descobrir quem ali estava enterrado. As buscas foram infrutíferas, e Martinho, para que se não ficasse em dúvida se se venerava ou não um mártir, resolveu agir. E, pondo-se de pé na tumba, orou e pediu a Deus que

Jesus Cristo, sôbre o trono, coroa São Martinho (afrêsco de Orsel, na igreja de Oullins, perto de Lião, séc. XIX).

lhe desse a conhecer a certeza. Ouviram-no, então, perguntar:

— Quem está enterrado sob meus pés?

Olhando à esquerda, Martinho viu que ao lado lhe estava uma sombra muito escura, de olhar feroz.

— Quem és? perguntou-lhe o santo. Fala!

A sombra disse:

— Fui um salteador, ladrão, morto por meus crimes, que o povo até aqui honrava erradamente. Nada tenho, absolutamente, em comum com os mártires.

Só São Martinho viu a sombra, mas os que o acompanhavam ouviram-lhe a voz. O altar foi destruído e o povo livre daquela superstição.

Freqüentemente, com perigo de vida, Martinho destruiu vários templos de ídolos e abateu um semnúmero de árvores que os pagãos adoravam como sagradas.

Um dia, destroçando um templo muito antigo, resolveu abater um pinheiro que por perto se erguia: o pontífice e pagãos outros opuseram-se. Afinal, depois de muita controvérsia, disseram êles:

— Se tens tanta confiança em teu Deus, nós mesmos abateremos esta árvore, com a condição de que tu estejas debaixo dela quando tombar.

O santo aceitou a condição que lhe impuseram. E principiou-se o corte, à vista duma incalculável multidão. Os monges, que acompanhavam São Martinho, estavam transidos. Eis senão quando o grande pinheiro oscilou, gemeu e começou a inclinar-se para o lado do santo. E, quando ia já a queda a meio caminho, Martinho, fervorosamente, fêz o sinal da cruz. Um vento, furioso, levantou-se imediatamente. E num turbilhão, desfez a trajetória da árvore, incli-

nando-se ela para os pagãos que se julgavam a seguro. A grita que se levantou foi enorme e, daquela vasta multidão tôda, não houve uma só pessoa que não desejasse tornar-se catecúmeno, pedindo, suplicando ao santo a imposição das mãos.

Doutra feita, ao destruir um templo, em Autun, um bando de pagãos atirou-se a êle, furiosamente. E um dêles, mais audacioso, puxando da espada, avançou ameaçadoramente. Martinho, despojando-se do manto, abriu-lhe o peito, para que o atacasse, mas o fascínora, milagrosamente, caiu de joelhos, espaventado, pedindo perdão ao valoroso santo. Outro, de punhal, aproximou-se, mas, quando ia desferir o golpe, verificou, sumamente surprêso, que a arma lhe desaparecera da mão ainda crispada.

Certa feita, os pagãos mesmos, a mandado de Martinho, destruíram os próprios templos, e, no lugar, ergueram igrejas ou mosteiros.

Martinho fazia milagres contìnuamente. A um escravo de Tétradius, que fôra procônsul, livrara-o do demônio. Em Tréveris, curou uma jovem paralítica, prestes a morrer, enfiando-lhe na bôca óleo bento. Em Paris, ao entrar na cidade, seguido duma grande massa de povo, beijou um leproso que era o horror de tôda a gente e, em seguida, deu-lhe a bênção. No dia seguinte, eis que o doente se vira completamente curado. Correndo, cheio duma alegria incontida, entrou na primeira igreja para render graças a Deus. Os fios que tiravam do hábito do santo, e do cilício, pendurados ao pescoço ou amarrados nos dedos, curavam as doenças mais variadas.

Arbório, prefeito de Roma, estando com a filha muito mal, com febre altíssima, curou-a aplicando-lhe sôbre o peito uma carta de São Martinho. Pau-

lino, depois ilustre pela santidade, sentia dores agudas num dos olhos, onde a catarata começava a formar-se. Martinho, com um pincel que lhe passou no ôlho que doía, livrou-o da doença. São alguns milagres que Sulpício Severo descreveu e que São Paulino cantou em versos — que ambos viveram na mesma época e privaram com o santo. Quando Sulpício escreveu a vida de São Martinho, o santo ainda vivia.

Em 383, eclodiu nas Gálias uma revolução política, em conseqüência da qual foi morto o imperador Graciano, sendo Máximo, comandante das tropas romanas na Grã-Bretanha, proclamado imperador.

Como em tôdas as revoluções dêste gênero, houve violências e grande número de pessoas maltratadas. Neste ponto, os bispos tudo fizeram para remediar o mal. Fixou-se o novo imperador em Tréveris. E Santo Ambrósio, designado por Valentiniano, o Jovem, filho de Graciano, com Máximo foi negociar a paz. São Martinho acompanhou Santo Ambrósio: ia suplicar o livramento de prisioneiros, a revogação dos decretos que baniram da pátria a vários cidadãos e a devolução de bens confiscados. E solicitou tais graças dum modo tão nobre, que antes parecia ordenar que pedir. Por várias vêzes, convidou-o o imperador a almoçar ou jantar juntos. Martinho recusava sempre, dizendo-lhe que não podia comer ao pé dum homem que havia tirado a vida a um imperador e os Estados a outro. Máximo protestava, dizendo que nada fizera voluntàriamente, que fôra, sim, constrangido pelos soldados; que o sucesso incrível que lhe dera a vitória parecia um sinal de Deus, sendo todos os inimigos mortos em combate. E o novo imperador discorria sôbre os acontecimentos

com tanta naturalidade, arrazoava tanto e tanto suplicava, que acabou vencendo a resistência do santo. Para a festa, convidou, alegremente, os mais altos dignitários da côrte, o irmão e o tio, ambos condes, e Evódio, prefeito do pretório e depois cônsul.

Martinho sentou-se ao lado do imperador, e o padre que o acompanhava, entre dois condes. Às tantas, segundo o costume da época, um oficial levantou-se e foi apresentar uma taça ao imperador. Máximo, sorrindo, suplicou ao oficial que a desse a Martinho, que era quem a merecia. E Martinho, constrangido, mas inspirado, declinou, dizendo:

— O padre que me acompanha é muito mais digno.

Foi, por tôda a mesa, uma agradável surprêsa e, por todo o palácio, não se falava noutra coisa.

E Máximo, sempre alegre, dizia:

— O que nosso Martinho fêz à mesa do imperador, um bispo não ousou fazer à mesa dum juiz.

Indulgente para com o santo, fazia-o vir constantemente à côrte, para entreter-se com êle, e o entretenimento constava, e só, sôbre a maneira como se levava a vida presente, sôbre o temor e a espera da futura, sôbre a glória dos fiéis e a bondade eterna dos santos. Nestes desabafos de intimidade cristã, Martinho não se furtava de pregar ao novo imperador.

A imperatriz, de sua parte, vivia dia e noite ocupada com escutar o santo bispo, sentada por terra, a seus pés, sem se mover, atenta e solícita. Imitando a mulher do Evangelho, mais duma vez debulhou-se em lágrimas, molhando-lhe os pés e enxugando-os com os cabelos longos. Ao espôso, suplicava que o santo se dignasse ser servido à mesa por ela. Marti-

nho sentia-se um tanto constrangido na presença da imperatriz, mas esforçava-se por vencer o acanhamento, porque sabia que era obrigado a se acomodar à necessidade do tempo e do lugar onde se achava.

Martinho precisava amoldar o espírito dum príncipe difícil de se levar. Precisava conseguir o livramento dos prisioneiros de Estado e a devolução dos bens e da liberdade dos banidos. Por isso, consentia naquelas reuniões e refeições. Ademais, estava tocado pela fé da imperatriz. Ela mesma preparava o que tinha de servir ao santo bispo. Não comia com êle de modo algum. Contentava-se com servir à mesa. Enquanto Martinho almoçava ou jantava, parcamente, digamos, a imperatriz ficava postada, de pé e imóvel, d'olhos baixos, na atitude duma modesta criada, a certa distância. Era ela quem lhe apresentava água para lavar as mãos, quem preparava os quitutes. E, quando êle terminava o pouco que comia, recolhia tudo com desvêlo, sentia-se recompensada do trabalho comendo até as migalhas do pão que o santo deixara, preferindo-as à tôda magnificência da mesa real.

Mas nem todos os bispos não eram como Martinho e Ambrósio. Chegava a Tréveris um grande número de várias partes, para obter a graça aos criminosos, a liberdade dos prisioneiros, a volta dos exilados e dos proscritos. E, à fôrça de solicitar, tais prelados começaram a torcer os objetivos que tinham em mira, caindo no aviltamento da lisonja, das baixezas e das deferências mais dignas de cortesãos que de bispos. Tôda a gente notava aquela abjeta adulação que avassalava a dignidade do sacerdócio. Sòmente, entre tantos, Martinho conservava a autori-

dade de apóstolo. São as palavras de Sulpício Severo, na Vida de São Martinho.

O principal dêstes bispos, então chamados bispos de côrte, era um espanhol, de nome Ítaco, que apresentara a Máximo uma demanda cheia de acusações contra Prisciliano e seus seguidores. Como tais heréticos mantinham em princípio e ação um desígnio que corrompia diretamente a moral e a sociedade, da qual ela é o fundamento, o poder temporal, encarregado de manter esta sociedade e esta moral, não tinha sòmente o direito, mas o dever de reprimi-los e puni-los. Não convinha, porém, que um bispo, deixando o tribunal misericordioso da Igreja, perseguisse os culpados no tribunal ensangüentado de César. Por isso, foi o bispo Ítaco censurado por quase todo o episcopado, e, enfim, deposto e excomungado pelo papa São Sirício. Ademais, Ítaco não possuía nem a gravidade nem a santidade que enobrecem os verdadeiros prelados.

Ítaco era ousado, atrevido até a imprudência, grande palrador, perdulário, dado à boa vida, e tratava de priscilianistas todos aquêles que jejuavam e se aplicavam à leitura — com os que, enfim, antipatizava.

São Martinho não cessava de repreender a conduta de Ítaco, tudo fazendo para que desistisse da demanda e da acusação. E, por outro lado, rogava a Máximo que poupasse o sangue dos culpados, dizendo-lhe que já era suficiente que os priscilianistas tivessem sido declarados heréticos pelo julgamento dos bispos, expulsando-os e privando-os da igreja.

— Isto é sem exemplo, dizia Martinho. Jamais se viu uma causa eclesiástica ser tratada e estar submissa a um tribunal secular.

Ítaco, longe de aproveitar os avisos de São Martinho, teve a ousadia de vir a público e acusar o Santo de ser, êle mesmo, herético, coisa que, como se viu, fazia com todos aquêles que via levar vida austera, vida que lhe era estranha. Máximo, porém, não deu atenção àquilo, tanto que, indo Martinho a Tréveris, foi o julgamento diferido. E ao partir, conseguiu do imperador a poupança do sangue dos acusados.

No entanto, depois da partida, os bispos partidários de Ítaco trabalharam Máximo de tal maneira, que Prisciliano foi executado. Como eram fortes na côrte, não havia quem os condenasse. Um bispo, porém, de nome Teognosto, proferiu, pùblicamente, sentença contra êles.

Os bispos partidários de Ítaco, estando reunidos em Tréveris para a eleição dum bispo, obtiveram do imperador que fôssem enviados à Espanha tribunos com soberano poder, para investigar sôbre os heréticos e, então, tirar-lhes vida e bens. Não é de duvidar que muitos católicos se viram envolvidos na investigação, porque se julgavam heréticos à vista, pela palidez do rosto, pelas vestes — e não pelo exame da fé.

Obtida a ordem, souberam que Martinho acabava de chegar de viagens que fizera, obrigado por assuntos de caridade. E se alarmaram, correram ao imperador. E ficou resolvido que lhe enviassem ao encontro oficiais que lhe impedissem a aproximação da cidade, caso não guardasse a paz com os bispos que nela estavam.

São Martinho respondeu-lhes:

— Venho com a paz de Jesus Cristo.

Chegada a noite, foi à igreja fazer as orações costumeiras; no dia seguinte, apresentou-se no palácio, sabedor já de tudo o que se assentara e passava. Ia Martinho todo embuído de que devia impedir que os tribunos partissem para a Espanha. Doía-lhe que fôssem com aquêle poder de vida e de morte, não só pelos católicos, que se alarmariam, como também pelos heréticos mesmos, aos quais desejava ver vivos.

Durante dois dias, o imperador trouxe Martinho em suspenso. É que o Santo tratava da demanda que trouxera contra o conde de Narsés e o governador Leucádio, homens que haviam irritado Máximo pela afeição a Graciano.

No entanto, os bispos, vendo que Martinho se abstinha de falar, foram ao encontro do imperador, ansiosos por saber que lhes seria feito da reputação se a obstinação de Teognosto se achasse sustentada pela autoridade de Martinho. Que seria dêles? E que se ganharia com a morte de Prisciliano, se o Santo empreendesse a vingança? Prosternados diante do imperador, debulhados em lágrimas, conjuraram-no para que usasse do poder que tinha sôbre êle.

Fôsse qual fôsse a dedicação de Máximo para tais bispos, não ousaria usar de violência contra um homem tão distinguido pela santidade. Chamou, então, a Martinho em particular e lhe disse, com muita doçura e persuasão, que os heréticos haviam sido condenados justamente, segundo a marcha normal dos tribunais públicos, antes que pelos bispos.

— Não tenho motivos para rejeitar a comunhão de Ítaco e os de seu partido, disse Máximo. Teognosto dêles só se apartou antes por ódio que por

razão. Aliás, Ítacc, por um concílio mesmo, foi declarado inocente.

São Martinho não se deixou convencer. E o imperador, diante disso, enfureceu-se. Livrando-se do Santo, providenciou que tirassem a vida daqueles que Martinho procurava livrar.

Só à noite soube o santo da resolução de Máximo. E, correndo, dirigiu-se ao palácio. Tanto falou e tanto suplicou, e com tanto jeito o fêz, que Máximo acabou concordando com ambas as coisas: suspender a ordem que dera e a contra-ordem de embarque, para a Espanha, dos tribunos.

São Martinho viveu ainda dezesseis anos e chegou à extrema velhice. Quando a morte estava próxima, sem que ninguém o suspeitasse, descobriu-o êle, dando disso ciência aos discípulos.

Sabendo que existiam dissensões entre os clérigos da igreja de Cande, longe, na sua diocese, lá foi êle, incansável, estabelecer a paz, seguido dum grande número de discípulos. Lá estando, conseguiu o que desejava, depois dalgum tempo.

Quando resolveu retornar, faltaram-lhe as fôrças. Chamou os discípulos, avisando-lhes:

— Meus caros, meu fim está próximo.

Todos, emocionados, pilhados de surprêsa, puseram-se a chorar, exclamando a uma só vez:

— Oh, pai, por que ides abandonar-nos? Os lôbos rapaces atirar-se-ão sôbre vossas ovelhas, e então?

São Martinho suspirava. E êles continuavam:

— Nós conhecemos o vosso desejo de vos reunirdes ao Senhor Jesus Cristo: mas, pai, vossa recompensa já está assegurada. Diferi-la será a mesma coisa. Ficai entre nós, pai, ficai entre nós! Vêde as nossas necessidades, considerai os perigos em que ides abandonar-nos.

São Martinho, comovido até às lágrimas, reuniu as fôrças, levantou ao céu os olhos e balbuciou:

— Ó Senhor, se eu fôr ainda necessário ao vosso povo, não me recuso a trabalhar: seja feita a vossa vontade.

Embora ardesse em febre, passou a noite deitado sôbre um cilício coberto de cinzas, orando e chorando até a madrugada. Os discípulos quiseram cobri-lo com um pouco de palha, mas o Santo recusou o oferecimento, agradecendo a solicitude.

— Meus filhos, disse-lhes, sinto-me bem ao vos dar mais um exemplo.

Tinha as mãos e os olhos erguidos para o céu, e orava, orava contìnuamente. Como os que o rodeavam lhe suplicassem se virasse para aliviar o cansaço do corpo, disse-lhes:

— Meus irmãos, deixai-me contemplar o céu, assim de costas, porque quero desprender-me da terra e voar para Deus.

De repente, vendo o demônio perto dêle, gritou, com as poucas fôrças que ainda tinha:

— Ó bêsta cruel! Que fazes aí? Nada terás de mim! Nada! Daqui, com a ajuda de Deus, irei para o seio de Abraão!

Dizendo essas palavras, expirou. E o clarão que lhe iluminava o rosto era tal, e tal era a sereni-

dade, que os assistentes se admiraram, crentes de que o bom Martinho participava já da glória.

Os habitantes de Poitiers pretendiam arrebatar-lhes as relíquias, por causa da estadia que o Santo fizera entre êles, no mosteiro de Ligugé, mas o povo de Tours antecipou-os. E a multidão que compareceu aos funerais foi incrível. A gente da cidade e do campo acorreu, bem como das cidades vizinhas de Tours. Dois mil monges se reuniram para as cerimônias, e um grande número de virgens. E todos, desconsolados, choravam pela perda, crentes, porém, da glória de Martinho, então no céu.

Ao cantar dos hinos, foi o Santo levado ao sepulcro, onde, mais tarde, se elevou uma grande igreja e o ilustre mosteiro famoso de São Martinho de Tours.

Sucedeu-lhe na governança da diocese de São Brício, um dos discípulos. Outro, São Sulpício Severo, escreveu-lhe a vida.

Outro santo, Odo, abade de Cluny, escreveu a história da translação das relíquias, quando, em 887, foram trazidas de Auxerre, onde estavam, então, por causa da invasão normanda. Santo Odo conta que grande número de milagres se deu, pelo trajeto, principalmente quando entrou em Tours. Assegura que todos os que, à passagem das relíquias, invocavam o Santo, se doentes, ficavam curados. E, mesmo sem a invocação, doentes das doenças mais variadas viram-se sãos.

Numa aldeia havia dois paralíticos que viviam das esmolas dos passantes; do estado em que jaziam procuravam tirar tôdas as vantagens. Quando sou-

beram das curas que se realizavam, mesmo sem a invocação do nome do Santo, disse um dêles:

— Amigos, que será de nós, se curados? Saiamos daqui. Nossa vida, assim, é doce e sossegada. Curados, teremos que conseguir o pão com o suor do rosto.

Mas, conta o cronista, que, por castigo, foram curados. E não só Santo Odo conta essa história dos dois paralíticos. Além dêle, a crônica de Limoges relata o mesmo prodígio.

Os habitantes do lugar onde se deu a cura dos dois paralíticos, erigiram, em honra de São Martinho, uma capela, para perpetuar o prodígio, capela simples, mas linda, chamada a Capela Branca.

* * *

SÃO MENA (*)

Mártir

São Mena era natural do Egito. Soldado, conta-se que, um dia, a côrte à qual pertencia, estacionou em Cotiéia, na Frígia, justamente quando foi promulgado o edito de perseguição (III-IV séculos). Mena, então, deixou o exército, retirando-se nas montanhas da vizinhança.

Um dia de festa, quando todo o povo estava reunido, o valoroso soldado apareceu, com o fim de confessar Nosso Senhor. Pirro era, então, o governador. São Mena foi prêso e levado à presença daquela alta autoridade.

Interrogado, disse ser cristão, e Pirro, furioso, ordenou que o metessem no cárcere. No dia seguinte, tiraram-no da prisão para segundo interrogatório. Como reafirmasse o que na véspera asseverara, foi torturado, mas todos os suplícios resultaram inúteis, não fizeram mais do que lhe aumentar a fé e a determinação de sofrer por Jesus Cristo.

Como nada o levasse a apostatar, foi decapitado, tendo sido o corpo atirado ao fogo.

São Mena tornou-se célebre pelos milagres, cuja principal característica é a sua repentina aparição

montado num fogoso cavalo. Refere-se que, certa vez, um hoteleiro matara um peregrino, para se apossar do dinheiro que trazia consigo. São Mena apareceu a cavalo e foi direito a um cêsto, onde se encontravam os pedaços do morto. O assassino, terrificado, como que pregado ao chão, confessou o crime e restituiu o que roubara. Tal era o terror do matador, que São Mena o perdoou, ressuscitando o cadáver.

Doutra feita, no deserto, um soldado, péssimo homem, raptara uma jovem e procurava violentá-la. No auge do desespêro, a pobre clamou, invocando o nome do Santo. São Mena, vindo, a tôda a brida, no seu cavalo, alçou-a para a sela. O soldado, enroscando-se numa peça dos arreios, arrastado por pedras e espinhos, foi puxado até a basílica de São Mena, mas não morreu, para que aproveitasse a lição.

A morte de São Mena pode ser situada durante a perseguição de Diocleciano.

A célebre cidade de São Mena, nos confins do deserto da Líbia, nasceu em tôrno da sepultura do nosso Santo, lugar de peregrinação que se tornou. A basílica, erguida por desejo do imperador Arcádio, foi, a pouco e pouco, aumentada e embelezada, existindo até o século XII.

No mesmo dia em que se festeja o santo bispo de Tours, Martinho, "que brilhou pelos milagres e obteve a ressurreição de três mortos", festeja-se também, em Ravenna, os santos mártires Valentim,

Feliciano e Vitorino, que receberam a coroa durante a perseguição de Diocleciano.

Na Mesopotâmia, Santo Atenodoro, mártir, que, sob o mesmo imperador Diocleciano e quando do prefeito Eléusio, foi atormentado pelo fogo, submetido a outros suplícios, depois condenado a decapitação; todavia, estando o carrasco impossibilitado de cortar-lhe a cabeça, porque caíra por terra, e não ousando ninguém tomar da espada, dormiu no Senhor, a rogar.

Em Lião, na Gália, São Verano, bispo, brilhante pela vida que levou, pela grandeza da fé e mérito das virtudes. Filho de Santo Euquério, foi bispo de Vance (fins do século V).

Em Constantinopla, São Teodoro Estudita, abade: lutou tenazmente pela fé católica contra os iconoclastas, assim se tornando célebre em tôda a Igreja católica. Faleceu em 826.

No mosteiro de Grottaferrata, São Bartolomeu, abade, companheiro de São Nilo, de quem escreveu a vida.

São Bertuíno, nascido na Inglaterra. Monge, depois bispo, fundou uma abadia em Malonne, na diocese de Liège, atualmente de Namur.

No mosteiro de Isenhagen, diocese de Hildesheim, o bem-aventurado Alrad, converso cisterciense, falecido em 1250. Cavaleiro corajoso e muito considerado, vassalo do duque de Brunswick, pediu para ser admitido como converso no mosteiro de Isenhagen. Humilde, piedoso, todo espírito de oração e

mortificação, quando faleceu todos o consideraram bem-aventurado.

Em Munique, a bem-aventurada Inês, virgem. Filha do duque da Baviera, Luís IV, e de Margarida da Holanda, nasceu em 1345. Com quatro anos, confiaram-na às clarissas, onde morreu com sete, a 11 de novembro de 1352. Em, 375, encontraram-lhe o corpo perfeitamente conservado, sem qualquer corrupção, pelo que se concluiu que era bem-aventurada.

* * *

12.º DIA DE NOVEMBRO

SÃO MARTINHO

Papa e mártir

Sabemos como Pio VI foi aborrecido pelos reis e príncipes da Europa, mesmo por bispos mais ou menos cismáticos e, enfim, perseguido e levado ao exílio pelo govêrno revolucionário da França. Sabemos também como a justiça de Deus puniu aquêles reis e príncipes, os bispos e o govêrno revolucionário.

São Pedro, o primeiro papa, foi perseguido e crucificado pelo imperador Nero. Nero desapareceu de maneira terrível, tanto que seu nome, só êle, é uma infâmia.

Os primeiros sucessores de São Pedro foram quase todos, perseguidos e mortos pelos que a Nero sucederam. E vieram a desaparecer com o império que se fragmentou numa dezena de reinos. Um dêsses reinos é o império de Bizâncio ou Baixo-Império, do qual os imperadores, e os bispos mesmos, constantemente, perseguiam sucessores de São Pedro. Como punição, os turcos de tudo se apoderaram.

O papa mais cruelmente perseguido pelos imperadores e bispos de Bizâncio, foi São Martinho,

porque êste, como devia, corajosamente condenava uma heresia daqueles imperadores e daqueles bispos.

Tôdas as grandes heresias ou arremetidas do inferno contra Nosso Senhor Jesus Cristo surgiram, ou pelo menos, foram propagadas por bispos, príncipes e imperadores de Constantinopla: o arianismo, contra o dogma da Trindade; o nestorianismo, que dizia que em Cristo se deviam distinguir duas naturezas — a humana e a divina; e outras.

O arianismo foi principalmente favorecido pelo imperador Constâncio, pelo bispo Eusébio e por Juliano, o Apóstata. O nestorianismo, de Nestório, bispo de Constantinopla, apoiado por cortesãos.

Para propagar a heresia, os bispos de Constantinopla levavam os imperadores a se fazerem papas e a se pronunciar sôbre a religião, como se viram papas reis da Inglaterra, Suécia, Dinamarca, Prússia, e os tzares da Rússia. Era para arrastar e reter o povo nas heresias e cismas.

O papa Teodoro morreu aos 13 de maio de 649. A 5 de julho, foi eleito São Martinho, que havia sido legado em Constantinopla. Era êle de Tudertum ou Todi, na Toscana, e governou a Igreja por mais de seis anos. As dificuldades eram grandes. Os cristãos da Síria, da Palestina e do Egito, submetidos à dominação maometana, viam, pesarosos, quase tôdas as igrejas destituídas de pastôres legítimos. Em Constantinopla, uma nova heresia, surgida dentre os patriarcas e sustentada pelo poder imperial, ameaçava perverter todo o Oriente, avassaladoramente. Condená-la seria lançar-se irremediàvelmente à ira dum príncipe que lei alguma conhecia senão a do seu capricho e, de política, o ardil e a violência. Seria lançar-se aos incômodos, ao exílio, à morte talvez.

A alma do novo papa devia ser grande, muito grande, para suplantar as dificuldades. Para salvar as desoladas igrejas do Oriente, devia anatematizar a heresia, estabelecer vigários apostólicos, sofrer com heroísmo e paciência as perseguições, as injúrias, o exílio. E, finalmente, terminaria a penosa, mas gloriosa carreira, com o martírio.

Imediatamente depois da ordenação, reuniu um concílio na igreja do palácio de Latrão. Com o papa, reuniram-se cento e cinco bispos. Dentre êstes, lá estava Estêvão, bispo de Dore, primeiro sufragante de Jerusalém e vigário apostólico do papa Teodoro, nesta parte do Oriente. Apresentou no concílio uma demanda, onde expunha que São Sofrônio, patriarca de Jerusalém, se opusera aos erros publicados por Ciro de Alexandria, Sérgio, Pirro e Paulo de Constantinopla, sôbre a natureza de Cristo, a qual, segundo êle, nem era verdadeiro Deus nem verdadeiro homem Nosso Senhor Jesus Cristo.

A demanda, datada de 6 de outubro, foi inserta nos autos, e o concílio, que se desenrolaria, então, em cinco sessões, confirmou a fé católica: que Jesus Cristo era verdadeiro Deus e verdadeiro homem, duas vontades, duas naturezas, duas operações — a vontade, a natureza, a operação divina. Em seguida, condenou a heresia, que confunde as duas vontades e as duas operações em uma. E condenaram os principais fautores e autores da heresia: Teodoro, bispo de Pharan, Ciro de Alexandria, Sérgio, Pirro e Paulo de Constantinopla. O papa subscreveu-o nestes têrmos: "Eu, Martinho, pela graça de Deus, bispo da santa Igreja católica e apostólica da cidade de Roma, subscrevi, como julguei dever subscrevê-la, a definição que confirma a fé ortodoxa, e a conde-

nação de Teodoro, dantes bispo de Pharan, de Ciro de Alexandria, de Sérgio de Constantinopla, de Pirro e de Paulo, seus sucessores, com os heréticos escritos que publicaram."

As atas do concílio foram, imediatamente, traduzidas do latim ao grego. E o papa enviou-as a tôdas as partes, no Ocidente e no Oriente, com uma carta encíclica a todos os fiéis, bispos, sacerdotes, diáconos, abades, monges, e a tôda a Igreja católica, pondo-os ao par do êrro, e instruindo-os no que deviam ser instruídos.

Como os bispos da África enviaram à Santa Sé a confissão de fé, onde aprovavam a doutrina das duas vontades e das duas operações, São Martinho respondeu-lhes e enviou-lhes por Teodoro e Leôncio, monges de Saint-Laure, as atas do concílio de Latrão, com a carta circular, aprovando-os e exortando-os. Essa carta, onde respira um profundo sentimento da união da Igreja e da coragem necessária para confessar a fé ortodoxa, é escrita, quase que tôda, com palavras das santas Escrituras.

Uma boa parte da Itália estava ocupada, então, pelos lombardos. Outra, compreendendo Roma e Ravenna, vivia ainda sob a dominação grega, que se enfraquecia a pouco e pouco, mas constantemente. Como os francos não estavam sujeitos aos gregos, mas eram poderosos para se darem ao respeito, o papa São Martinho escreveu ao rei Clóvis II e a São Sigeberto, bispo gaulês, para auxiliá-lo no combate à heresia. Que enviassem, mesmo, uma embaixada a Constantinopla. Santo Elói e santo Ouen, desde então elevados ao episcopado, para lá foram voluntàriamente, mas foram retidos nas Gálias.

O papa São Martinho, que fôra núncio em Constantinopla e era conhecedor, melhor do que ninguém, do estado dos homens e das coisas, sabia, e também melhor do que ninguém, que só restava crer e esperar. Mas, via-se pelas cartas e por tôda a sua conduta, que um sentimento o dominava sôbre todos os outros: a fé em Deus e o sentimento do dever. Enviou, pois, as atas do concílio ao imperador, uma carta grandemente respeitosa, mas sem qualquer adulação bizantina.

Como os magos ofereceram a Cristo, Deus Homem, misteriosos presentes, assim os bispos ofereceram ao imperador, que reina por Cristo e a Êle aspira, preciosos dons, tais como soem fazer aos pontífices: o ouro duma confissão sincera e firme, o incenso duma teologia pura, a mirra duma doutrina que conserva o bem e repele o mal. Eis o que é para os reis uma coroa de glória. Porque a glória do império é o conhecimento da verdade.

Ao mesmo tempo, para salvar as igrejas desoladas da Síria, da Palestina e do Egito, o papa São Martinho, em virtude do poder que o Senhor lhe dera por São Pedro, nomeou João bispo de Filadélfia, a antiga Rabat-Ammon, capital dos amonitas, seu vigário para todo o Oriente, com ordem de dotar incessantemente as igrejas católicas de bispos, sacerdotes e diáconos; de receber os heréticos desejosos de conversão, recebendo-a por escrito, restabelecendo-os nas ordens que então pertenciam, uma vez que impedimento algum canônico houvesse mais.

São Martinho escreveu a cada bispo em particular, para os prelados exortar, fazendo com que se unissem a João de Filadélfia. E tudo correu mara-

vilhosamente, salvando-se da ruína total as igrejas do Oriente. E isso merece religiosa atenção.

O pontífice cristão da cidade de Rômulo dera ordens a seu lugar-tenente, o pontífice da cidade dos amonitas, assistido pelo pontífice dos moabitas, de estabelecer em seu nome prelados e sacerdotes do verdadeiro Deus nas regiões de Misrain, Chanaan, Amon, Moab, Madian, Edom, Emath, Aram e Assur. Nas velhas conquistas de Alexandre, de Ciro, de Nabucodonosor, de Sesóstris, certamente, eis um fato capital da história humana. Além disso, os fatos nos mostram de que maneira a jurisdição sacerdotal se comunicara, segundo os tempos, e qual era sua fôrça única.

Em virtude da prioridade, os pontífices romanos instituíram imediatamente os patriarcas, e, ao mesmo tempo, conferiram-lhes o poder de confirmar os sufragantes, disciplina que o concílio de Nicéia reconheceu expressamente e consagrou pelos cânones. Todavia, quando maus eventos vinham agitar ordem tão sábia; quando se davam dissensões; quando uma igreja patriarcal se achava privada de pastôres, e motivos graves não permitiam fazer cessar prontamente sua viuvez, era do dever, como da prerrogativa da Santa Sé, reapoderar-se dos direitos que não havia perdido, e exercer, por si mesmo, para o bem das igrejas, a autoridade que, nos tempos ordinários, confiava aos delegados.

Foi assim que o papa São Martinho ordenou a seu vigário, o bispo de Filadélfia, a antiga Rabat-Ammon, para instituir bispos nos patriarcados de Antioquia e de Jerusalém.

"Apressai-vos, disse êle, em corrigir aquilo que necessita ser corrigido e em estabelecer em tôdas as

cidades dependentes das sedes de Jerusalém e de Anticquia bispos, sacerdotes e diáconos. Nós vô-lo ordenamos pela autoridade apostólica que Deus nos conferiu por Pedro, o príncipe dos apóstolos.

Nota-se, sem dúvida, que o Papa não se apoiava em lei alguma, em nenhuma concessão eclesiástica. Tão eminente autoridade vinha ùnicamente da superioridade de São Pedro, do dom outorgado por Deus ao príncipe dos apóstolos. E, conseqüentemente, aos sucessores — a Igreja tôda, enfim.

O concílio de Latrão ainda não terminara e o papa São Martinho já se via exposto às ciladas e aos punhais dos gregos. Desde o comêço, o imperador Constante enviara-lhe cartas e ameaças. Nada conseguindo, enviou como exarca na Itália seu camareiro-mor Olímpio, com ordens severas de sujeição a bispos e proprietários de terras.

Olímpio chegou a Roma e encontrou o concílio reunido. Procurou, em primeiro lugar, excitar um cisma na Igreja, fazendo ameaças com as tropas que levara. Por mais que envidasse, tudo envidou em vão. Não obtendo êxito algum pela violência, recorreu à traição. Como o papa distribuía a comunhão na igreja de Santa Maria Maior, arranjou para que seu escudeiro o matasse. Deus, contudo, não permitiu que tão execrável trama se executasse.

O escudeiro estava preparado. Tudo estava pronto. Mas, como êle mesmo, Olímpio, mais tarde, sob juramento, assegurou a várias pessoas, viu-se cego e, pois, impossibilitado do que quer que fôsse. Reconhecendo naquilo a proteção de Deus ao seu Pontífice, converteu-se, relatando o que ia fazer, debaixo de ordens. E, partindo para a Sicília, com

um exército, em paz com a Igreja, lá morreu, num combate contra os sarracenos.

O imperador enviou, como seu sucessor, Teodoro, cognominado Calíopas, com ordem de raptar o papa, acusando-o de não honrar a Virgem Santíssima como mãe de Deus e de enviar cartas e dinheiro aos sarracenos.

São Martinho, advertido, retirou-se, com os clérigos, para a igreja de Latrão. O exarca chegou a Roma aos 15 de junho de 653. O papa, gravemente enfêrmo, mandou algumas pessoas tratar com o recém-chegado. O exarca recebeu-as no palácio; crendo que o papa estava entre os que recebia, mas, vendo que tal não se dava, disse:

— Desejamos adorar o Papa. Amanhã, que é domingo, iremos saudá-lo, porque, hoje, nos é impossível.

No dia seguinte, 16 de junho, a missa foi celebrada na igreja mesma de Latrão. Mas o exarca, vendo a multidão de povo que se movimentava para a cerimônia, enviou quem dissesse ao papa: "Estou tão fatigado da viagem, que me sinto impossibilitado de ir hoje a vós. Amanhã, sem falta, fá-lo-ei; adorarei a Vossa Santidade".

No dia seguinte, enviou o exarca um oficial, para dizer a São Martinho: "Preparastes um exército e barricadas de pedras para vossa defesa? Talvez se encontre gente armada dentro do palácio!"

O Papa, por tôda resposta, passeou o enviado por todo o palácio. E, fazendo-o verificar que nada havia disse:

— Eis como sempre agem contra nós os que nos querem perder, e a religião: com falsidades e calúnias. Quando Olímpio aqui veio, disseram-lhe,

vêde que grosseria, que o receberíamos de mão armada.

E lá se foi o enviado com aquela resposta.

Pouco depois, porém, apareceram os homens do exarca com tropas. O Papa, doente, havia pouco deitara-se para um rápido repouso. Os soldados entraram na igreja, armados de escudos, lanças e espadas, com os arcos a tiracolo. Cortaram os círios dos altares, pisaram o chão com um ruído terrível, o ruído do entrechocar das armas.

Entrementes, Calíopas apresentava aos sacerdotes e aos diáconos uma ordem do imperador para depor o santo Pontífice, como indigno e intruso, e para o enviar a Constantinopla, depois de ter subrogado outro bispo em seu lugar. Tal era a ordem do imperador. Mas a última parte, concernente à eleição de outro pontífice, não foi executada, porque, mais dum ano depois, o santo Papa escrevia de Constantinopla a um dos amigos: "Jamais tal foi feito, e jamais o será, espero-o. Na ausência do Pontífice, estarão a postos o arcediago, o arcipreste e o primeiro que o represente".

Então o santo papa Martinho saiu da igreja, ou dela foi retirado imediatamente. E o clero gritava em presença do exarca:

— Anátema! Anátema quem disser, ou crer, que o Papa se afastou o mais mínimo da fé! Maldição a quem não perseverar até a morte na fé católica!

Calíopas, querendo justificar-se perante os assistentes, começou por dizer:

— Não há fé senão a vossa, e a minha mesma não deixa de ser a vossa.

E o santo papa Martinho, sem resistência, foi levado ao imperador, porque não queria ver correr

o sangue de nenhuma das partes. Preferia dez vêzes morrer, como êle mesmo dizia, a ver o mal de quem quer que fôsse. Disse apenas ao exarca:

— Deixai vir comigo os do clero, aquêles que me são necessários: os bispos, os sacerdotes, os diáconos que eu julgar indispensáveis.

Calíopas respondeu:

— Todos os que quiserdes. Não constrangiremos ninguém.

— O clero está em meu poder, disse o Papa.

Um dos bispos gritou:

— Viveremos e morreremos convosco, pai!

Mas, Calíopas tramou tão bem, que Martinho acabou indo só, ou antes, com pouco mais ou menos seis jovens criados.

Fora de Roma, fecharam-se imediatamente as portas, de modo que ninguém saísse. E, numa barca, vogaram pelo Tibre. A Pôrto, chegaram aos 19 de junho, quarta-feira, às dez horas da manhã. No mesmo dia, deixaram aquela cidade e ancoraram em Misena no dia 1.º de julho. Dali, chegaram à Calábria. Depois de três meses de navegação, aportaram na ilha de Naxe, onde ficaram por um ano. Durante todo êsse tempo, o Papa, já doente, teve a saúde agravada. Não tinha repouso nem de dia nem de noite. E o apetite desapareceu, dando lugar a náuseas sem conta quando via qualquer alimento.

O navio era-lhe a prisão. Todavia, em Naxe, foi-lhe permitido deixá-lo para repousar numa casa da cidade.

Os bispos e os fiéis da ilha de Naxe, enviavam-lhe tudo o que lhe pudesse ser necessário. Mas os que custodiavam o Papa, acabaram por se enfurecer com aquêles mimos, dizendo:

— Quem ama êste homem é inimigo da república.

O santo Papa sentia mais as dores das injúrias do que as da própria gôta que o atormentava.

Partindo de Naxe, chegaram em Abydos. Dali, enviaram-se homens para Constantinopla, avisando o povo da chegada do Santo. E Martinho foi recebido como herético, inimigo de Deus, rebelde que sublevava o império todo.

Afinal, o santo Pontífice chegou a Constantinopla. Era o dia 17 de setembro de 654. E, da manhã, até às quatro horas da tarde, ignominiosamente, ficou exposto a tôda a gente, sôbre um catre, a dormir de doente, de exausto e de sofrido. Um sem-número de insolentes, gente sem entranhas, pagãos sem Deus nem lei, aproximavam-se-lhe e dirigiam-lhe, possessos, pesados insultos ultrajantes.

Ao cair da tarde, apareceu um escriba, um tal Sagolevo, acompanhado duma multidão de soldados. Arrebataram o Santo do navio e, sôbre uma estreita maca transportaram-no para a prisão, a chamada Prandearia; Sagolevo procurou fazer ver que o cativo ali não estava, para evitar tropelias. Ficou, pois, São Martinho só, isolado, naquela prisão, doente e depauperado, sem ver nem falar com quem quer que fôsse, durante oitenta e três dias, que fazem quase três meses, isto é, de 17 de setembro a 15 de dezembro.

Foi, aparentemente, daquela Prandearia que escreveu duas cartas ao amigo Teodoro. Na primeira, justificava-se das calúnias que lhe lançavam. Em primeiro lugar, pelo clero de Roma, que testemunhou tudo aquilo que em presença de Calíopas sucedera.

Depois, pelo protesto que não deixou de gritar até a morte. Diz:

"Nunca enviei, jamais, aos sarracenos, cartas ou dinheiro, muito menos sôbre o que deviam ou não crer. Sòmente dei, e isto eu o dava, aos servidores de Deus que vinham buscar esmolas. Mas de dar a êstes a dar aos sarracenos, é grande a distância. Quanto à Virgem Maria, gloriosíssima, Mãe de Deus e Mãe nossa, seguiram, sem sombra de dúvida, falsos testemunhos contra mim. Porque, vê tu, declaro maldito todo aquêle que a não honrar como deve ser honrada e venerada, acima de tudo, abaixo apenas do Filho, Nosso Senhor Jesus Cristo".

Na segunda carta, explica São Martinho como foi levado de Roma, e como o exarca Calíopas apresentou uma ordem do imperador para sub-rogar outro bispo em seu lugar. Diz assim, o pobre, então, mas glorioso agora:

"Espero que jamais se faça, que jamais se fará tal, porque, na ausência do bispo, estarão a postos o arcediago, o arcipreste ou o primeiro que o represente".

Contando o que havia sofrido durante a viagem, acrescenta:

"Fiquei quarenta e sete dias sem conseguir um único banho, nem frio, quanto mais quente. Estou magríssimo, que só Deus, bondoso, pode sabê-lo. E a lassidão, o enfraquecimento me consome dia a dia. Estou sofrendo do estômago, o que me não deixa sequer um momento de repouso. E isto há já bastante tempo, desde a viagem por mar. Trago o corpo todo terrìvelmente dolorido. Quando vou alimentar-me, falta-me tudo aquilo que possa levantar-me as fôrças. De tudo que me trazem, sinto-me

grandemente enojado. Mas, espero em Deus que tudo vê, que, quando daqui me tirar, procurará os que me perseguiram para lhes levar a penitência, para que se salvem.

Numa sexta-feira, então 15 de dezembro de 654, foi o santo Papa retirado da prisão, pela manhã, e levado à presença de Boucoléon, ao tribunal, alçado numa cadeira, tal a sua debilidade.

Vendo-o, de longe, sentado e transportado, Boucoléon berrou:

— Alto! Que o miserável venha pelos próprios pés!

Infeliz! Como seria possível? Mesmo sentado, era-lhe terrìvelmente incômodo o transporte. Como o que Boucoléon desejava era humanamente impossível, continuou na cadeira. Mas, quando se achegou ao lugar que lhe competia ficar, São Martinho ouviu que o malvado tornava a berrar:

— De pé! De pé!

De pé! De pé, como? E o Santo, amparado pelos dois homens que o transportaram, ficou, trêmulo e esgotado, alevantado. E Boucoléon, que presidia o tribunal, falou:

— Dize, miserável: que mal te fêz o imperador? Faltou-te alguma coisa? Fôste oprimido pela violência?

O vigário de Cristo nada respondia. E Boucoléon, autoritária e rìspidamente, depois de curta espera, gritou:

— Não respondes? Teus acusadores vão entrar!

Imediatamente, como no tribunal de Caifás, entrou, atropeladamente, uma chusma de falsas tes-

temunhas. E o que iam dizer, já o sabiam de indústria. Alguns desejavam dizer a verdade; mas, ameaçados, encolheram-se, e, temerosos, foram-se. Iam, pois, condenar um homem justo. Eram, na maior parte, soldados. Os restantes, gente inescrupulosa e afeita a tudo, homens e mulheres.

São Martinho viu-os entrar. Eram, ao todo, vinte. Quando iam jurar sôbre os Evangelhos, duas grossas lágrimas quentes rolaram pelas faces do santo Papa, todo êle compaixão:

— Não, pediu a Boucoléon. Não os façais jurar, eu vos suplico. Suplico-vos em nome de Deus! Que digam, sem juramento, o que têm de dizer. Vós mesmos, os que me julgais, fazei o que vos aprouver fazer! Não os deixeis jurar! Perderão a alma!

O primeiro acusador foi um patrício da Cilícia, que disse, com juramento, falando do Papa:

— Se êle tivesse cinqüenta cabeças, merecia perdê-las por ter-se intrometido com o Ocidente. Estava de comum acôrdo com Olímpio, e é inimigo mortal do imperador e do império.

Outro acusador reiterou o que o primeiro dissera, acrescentando:

— Tomou os soldados de Olímpio para si, fazendo-os jurar que o serviriam.

— É verdade? perguntou ao Santo, Boucoléon.

— Viram a verdade de tudo e abraçaram-na, respondeu São Martinho, dèbilmente.

O prefeito Troilo gritou:

— Bah! Não se trata da fé! Trata-se, sim, de coisas de Estado! Eis a questão! Nós somos todos cristãos e ortodoxos, os romanos e nós! Que te levou a encorajar Olímpio, fazendo-o conspirar contra o imperador?

O Santo respondeu imediatamente:

— Aquêle que enviastes, para me perder, ganhou a si mesmo. Que poderia eu fazer a Olímpio, que tinha as fôrças tôdas da Itália? Quanto a mim, fazei o que tendes de fazer, porque Deus sabe que correis por me dar uma grande recompensa!

Tudo o que o santo Papa dizia em latim era interpretado em grego pelo cônsul Inocêncio. E, como no tribunal de Caifás, assim tudo naquele que Boucoléon presidia. Agiram com o santo Papa como com o próprio Cristo.

Afinal, fizeram com que o Pontífice deixasse a sala do conselho. Sempre levado na cadeira, transportaram-no à côrte, que ficava defronte, para perto das cavalariças do imperador, onde se reunira o povo.

O santo de Deus vinha rodeado de soldados. Aquilo, para a massa, era um espetáculo formidável. Pouco depois, foi São Martinho alçado a um terraço, a fim de que o imperador pudesse vê-lo das janelas da sala de jantar. E o pressuroso Boucoléon, aparecendo com o imperador, apontou o Santo.

Pouco depois, passando por entre a multidão, veio ter com o santo Papa.

— Viste como Deus te livrou de nossas mãos? perguntou irônicamente. Eras contra o imperador, hem? Com que esperança? Deus abandonou-te, Deus deixou-te de lado!

Imediatamente ordenou a um dos soldados que lhe dilacerasse as vestes e lhe arrancasse os calçados. E, feito isto, entregou o Santo ao prefeito, dizendo:

— Ei-lo, senhor prefeito. Tomai-o e não titubeeis: fazei-o em pedacinhos!

A multidão era enorme. Enorme e estática. Estática e calada. Comprimida, prolongava-se até o hipódromo.

— Amaldiçoai-o, gritou ao povo, esbofando-se, Boucoléon. Amaldiçoai-o! Lançai sôbre êle o anátema!

Na multidão imensa, porém, quando muito, vinte pessoas se manifestaram contra o santo Papa. Os demais, crentes e muito crentes de que no céu havia um Deus Todo-poderoso, que tudo via e tudo sabia, entristecidos, baixaram os olhos. E, de olhos baixos, vagarosamente, dispersaram-se, mortificados e entristecidos.

Quanto ao santo Pontífice, entregaram-no aos carrascos. Despojaram-no, então, das vestes que já se haviam esfarrapado e do pálio sacerdotal. Revestiram-no com uma longa túnica sem cintura, desajeitada, aberta de ambos os lados, de modo que, ao vento, o corpo, magro, doente e lacerado, ficava nu. Rodearam-lhe o pescoço com uma golilha de ferro e puxaram-no pela corrente que a ela se prendia, passeando-o pela cidade, amparado por dois homens, até que o deram ao carcereiro. Era aquilo a demonstração da condenação à morte. Levaram-no para perto duma grande espada, de fôlha larga: era a arma com a qual seria executado.

São Martinho, entre tantos sofrimentos, conservava uma serenidade indescritível. A multidão, novamente reunida, gemia, debulhada em lágrimas. Um ministro de Satanás, algures, regozijando-se, insultou-o, fazendo, com as mãos em concha, porta-voz:

— Teu Deus onde está? Onde está Êle, teu Deus?

E ria-se e caçoava, chicoteante.

— E a fé? berrava. E a doutrina?

Chegados que foram ao pretório, livraram-no das cadeias e atiraram-no numa enxovia, junto a assassinos. Meia hora depois, contudo, transferiram-no para outra prisão, a de Diomedes. Levavam-no tão viclentamente que, em certo momento, escorregando, perdeu o equilíbrio e rodou a escadaria de pedras brutas. Lá em baixo, ensangüentado, agarraram-no e conduziram-no a nova prisão.

O frio era grande. Sôbre um banco, vacilando, São Martinho, tiritava, como prêsa duma grande febre terrível. Era o dia 15 de dezembro; o inverno tornara-se intolerável. De amigos, ninguém. Sòmente um jovem clérigo que o seguira na prisão e, ao pé do santo Papa, se lamentava doridamente.

Duas mulheres, que guardavam as chaves do presídio, mãe e filha, tocadas de compaixão, bem que desejavam melhor alojar o santo Pontífice, mas, medrosas do carcereiro, que era homem iracundo, contemporizavam. Ao pensamento de que, dum momento para outro, poderia vir a ordem de execução, entristeciam-se.

Um dia, lá de baixo, um oficial chamou o carcereiro. E, quando êste desceu, para atender o chamado, uma das mulheres entrou na prisão e encontrou o Pontífice como que morrendo. Alçoou-o, transportou-o delicadamente e pousou-o no próprio leito, cobrindo-o bem, para que se refizesse.

Até à tardinha, tardinha fria, cinzenta e triste, lá ficou êle, sem poder sussurrar uma única palavra. Então, o eunuco Gregório, que, de camareiro, passara

a prefeito de Constantinopla, enviou ao Santo o mordomo com boa comida, e com o recado:

— Esperamos de Deus que não morrereis, que não sucumbireis às penas.

O santo Papa, que desejava o martírio, afligiu-se mais ainda.

No dia seguinte, o imperador foi visitar o patriarca Paulo, que estava mal, à morte. E a êle tudo contou do que se fizera ao Papa. Paulo, o autor principal de tudo, pôs-se a gemer e acabou por dizer:

— Pior para mim! Aumentará a minha condenação!

— Por que? perguntou o imperador.

— Senhor, respondeu-lhe o patriarca, não é coisa deplorável tratar assim os Pontífices?

E, num repente, fêz com que o imperador se contentasse com aquilo que já havia feito.

O santo Papa ficou na prisão de Diomedes oitenta e cinco dias, que são quase três meses. Com o tempo da prisão anterior, quase seis, isto é, depois de 17 de setembro de 654 até 10 de março de 655. Então, o escriba Sagolevo veio dizer-lhe:

— Tenho ordens para levar-te à minha casa e enviar-te nestes dois dias, aonde mandar Boucoléon.

— Para onde? quis saber o Santo.

Sagolevo nada mais disse. E o Papa, chamando os que ali estavam:

— Vinde, irmãos meus, vinde! Digamos adeus, que me levam daqui, que me levam de vós todos!

Todos, chorando, se despediram do servidor de Deus, São Martinho. O Papa, olhando-os serena, docemente, a todos abençoou, dizendo:

— Senhores irmãos meus: tudo isto é bom, tudo isto é vantajoso!

Uma vez na casa do escriba, São Martinho veio a saber que, dali, partiria para o exílio, para Quersoneso Táurica, hoje Criméia.

Com efeito, aos 26 de março de 655, quinta-feira santa, foi o Papa, secretamente, embarcado. Depois de ter passado por diversos lugares, chegou a Quersona no dia 15 de março. Eis o que diz numa carta a um dos mais queridos amigos de Constantinopla:

"O portador desta carta chegou um mês depois de nós, de Bizâncio a Quersona. Alegrei-me com a chegada, crendo que mo enviavam da Itália para me socorrer, para tratar de minha subsistência. Perguntei-lhe, e, sabedor de que nada trouxera, espantei-me. Mas louvei a Deus, que faz com que soframos para nosso bem. Aqui a fome e a carência são terríveis. Fala-se de pão, mas ninguém jamais o vê. Se não nos mandarem nada da Itália ou do Ponto, não poderemos, em absoluto, viver. É impossível encontrar alguma coisa neste país. Se, pois, puderes mandar-me daí trigo, vinho, óleo ou qualquer coisa, faze com que o seja prontamente. Principalmente o que puderes enviar-me para as necessidades e freqüentes doenças que me acometem."

Ao mesmo amigo, escreveu ainda outra carta, em setembro, assim:

"Gostaria imensamente de poder consolar-te, e aos santos irmãos que se interessam por nós por amor do Senhor. Mas, eis a verdade: estamos não só separados de todo o resto do mundo, como privados mesmo da vida. Os habitantes aqui do país são todos pagãos, e os que vêm dalém, são iguais, têm os

mesmos costumes, e nada de caridade, nem mesmo natural compaixão que se encontra entre os bárbaros. Nada aqui se consegue. Sòmente com os bárbaros que, às vêzes, vêm em busca de sal, se consegue um pouco de trigo, à razão de quatro moedas de ouro por alqueire. Admiro-me da pouca sensibilidade de todos aquêles que me pertenciam outrora, bem como dos amigos e próximos. Esqueceram-se de mim e nem querem saber se ainda vivo. Mais admirado fico com aquêles que pertencem à igreja de São Pedro, do pouco caso que fazem dum homem que lhes é do próprio corpo. Se essa igreja não tem dinheiro, não lhe falta, graças a Deus, trigo, vinho, ou provisões outras, para nos dar como um pequeno socorro. Com tal consciência compareceremos nós ao tribunal de Cristo, nós que somos formados da mesma terra? Que anda se apoderando dos homens, para impedi-los de cumprir os mandamentos de Deus? Serei inimigo da Igreja, e dêles em particular? Todavia, peço ardentemente a Deus, pela intercessão de São Pedro, para que os conserve na fé, principalmente ao pastor que os governa presentemente, a fim de que não se afastem em nada daquilo que professaram por escrito, em presença do Senhor e dos anjos. Por êste miserável corpo, dêle cuidará o Senhor. E o Senhor está próximo. Por que, então, esta pena? Espero-o, com sua misericórdia conseguirei terminar minha carreira".

Morreu São Martinho, papa e mártir, aos 16 de setembro do mesmo ano de 655, sendo enterrado numa igreja da Virgem, perto da cidade de Quersona. Suas relíquias, mais tarde, foram para Roma. E lá, na igreja de São Martinho de Tours estão. Os gregos veneram-no como confessor, aos 14 de abril. Os latinos, como mártir, aos 12 de novembro,

dia da sua translação. Pontífice de alma imensa e superior a todos os golpes da adversidade, deixou cartas bem escritas, cheias de vigor e de sabedoria, bem como as respostas dadas no tribunal de Bizâncio. O estilo é nobre, sublime, digno, numa palavra, da majestade da Sé apostólica.

* * *

SANTO EMILIANO DO COGOLLA (*)

Monge

Um dos primeiros e grandes monges espanhóis do período visigótico, Emiliano, que conhecemos através duma *Vida* escrita por São Bráulio, bispo de Saragoça, nasceu em 747, em Berceo, perto de Cogolla, na Rioja, Castela.

Pastor desde menino, vivendo solitário nas montanhas, ouvindo o assobio do vento e o balido das ovelhas, assim viveu até perto dos vinte anos, quando, então, ingressando na escola dum ermitão, chamado Félix, principiou os estudos.

Era nas vizinhanças de Haro. Emiliano, aplicado, sempre atento, tornado a delícia do mestre, sequioso de adquirir conhecimentos, fêz grandes progressos, e, uma vez formado, tornou para casa.

Pouco tempo permaneceu com os seus: todo pendor para a vida solitária, buscou as montanhas da infância e da adolescência. Alçando-se na perfeição, viveu, por quarenta anos, longe de tudo e de todos, a orar e a jejuar.

Dídimo, bispo de Tarazona, que lhe conhecia o mérito, fê-lo padre, e lhe confiou a paróquia de Berceo. Generoso para com os pobres, socorria-os eficazmente, mas, um dia, clérigos mal informados,

denunciaram-no ao bispo, tachando-o de delapidador da Igreja.

Emiliano, admirado, ferido, deixou a paróquia, e subiu a montanha, a montanha querida, que o punha bem longe dos que tão mal se azafamavam lá em baixo.

Tendo elevado um oratório, não mais desceu, vivendo nas alturas até o fim da vida. Um padre, o padre Ascelo, juntou-se a êle, pouco depois que abandonou a paróquia de Berceo e lhe assistiu aos últimos momentos.

Santo Emiliano morreu centenário. Na montanha, pouco depois, surgiu um mosteiro, o ilustre *San Millan de la Cogolla*. Cogolla era pico que se elevava na cadeia montanhosa que sempre abrigara o santo monge. Com o tempo, sôbre o túmulo de Santo Emiliano, ergueu-se uma igreja.

O resumo do martirológio diz:

"Em Tarazona, na Espanha Taraconeza, o bem-aventurado Emiliano, padre, que brilhou por inúmeros milagres. São Bráulio, bispo de Saragoça, escreveu-lhe a vida admirável. Faleceu em 574 (?)".

No mesmo dia, em Witebsk, na Polônia, a morte de São Josafá, da ordem de São Basílio, bispo de Polozk e mártir: foi desumanamente massacrado por cismáticos porque lutava pela unidade e verdade católicas. Ver 14 de novembro.

Na Espanha, a morte de São Diogo, confessor, da ordem dos Irmãos Menores, célebre pela humildade. Ver 13 de novembro.

Na Ásia, a morte dos santos Aurélio e Públio, bispos, mártires.

Em Esschen, na Bélgica, São Livino, bispo e mártir: depois de ter convertido grande número de infiéis, foi morto pelos pagãos. O corpo, logo após o suplício, foi transportado para Gand, da qual é padroeiro.

Perto de Kazimierz, na Polônia, os santos ermitães mártires Bento, João, Mateus, Isaac e Cristiano: quando oravam, foram assaltados por ladrões e mortos, em 1003.

Perto do burgo de Sergines, em Sens, São Paterno, monge e mártir: procurando levar ao bom caminho alguns salteadores que encontrara na floresta vizinha, foi por êles assassinado (século VIII). Um dos matadores, no mesmo instante, foi tomado pelo demônio. Pôs-se a gritar: "Paterno, graças a mim, triunfas agora no céu. Não me deixes na tortura dêste fogo que me devora". Atirando-se sôbre o cadáver, livrou-se instantaneamente. Um morador de Sergines, chamado Trisulfo, estava cego havia nove anos. Numa visão, foi-lhe dado saber que recuperaria a vista se fôsse tocar no corpo de Paterno. De manhã, com alguns servidores, partiu. Tendo chegado, tocou o corpo do mártir e se curou. Como ainda estava insepulto o monge, Trisulfo enterrou-o, indo previnir o bispo de Sens, que providenciou para que as relíquias fôssem depostas na igreja de Sergines.

Em Avinhão, São Rufo, primeiro bispo daquela cidade.

Em Colônia, São Cuniberto, bispo, falecido em 660. Desenvolvendo grande atividade, tanto polí-

tica como religiosa, foi o primeiro bispo de Colônia com nome germânico.

Em Constantinopla, São Nilo, abade: sob Teodósio, o Jovem, deixou o cargo de prefeito da cidade e se fêz monge, tornando-se célebre pela doutrina e santidade (século V).

Em Sorrento, perto de Nápoles, São Renato, bispo.

Em Saintes, São Leodegário, bispo.

No Velay, os santos bispos Evódio ou Vosy, Escutário, Suacrio, Armentário, Aurélio e Benigno (séculos V, VII?).

Em Viena, Santo Hesíquio, bispo, falecido depois de 552. Assistiu aos concílios de Orléans, 549, e de Paris, 552.

São Machar, bispo (fim do século VI?). Considerado o apóstolo da região de Aberdeen, foi o fundador daquela diocese.

Na diocese de Bâle, na Suíça, Santo Himier, ermitão (século VI ou VII).

Na Irlanda, São Cummian Fada, abade. São Cummian, o Grande (Fada), era filho de Fiachna, rei de Munster. Nasceu em 592. Educado no mosteiro de Durrow, foi o fundador de Kilcummin. Faleceu em 662.

Em Deventer, Holanda, São Lebuíno, monge, desaparecido em 785. Evangelizou os saxões. Foi particularmente honrado, no século XV, pelos cônegos regulares de Windesheim.

Em Pisa, Itália, o bem-aventurado João Cini *da Paz*, terciário franciscano, falecido em 1335. Porque João Cini, do qual quase nada se sabe, morreu perto da porta chamada da Paz, o povo passou a nomeá-lo com êste sobrenome.

Ainda na Itália, em Ancona, o bem-aventurado Gabriel Ferreti, franciscano da Observância, falecido em 1456. De nobre família, nasceu em 1385. Foi guardião em Ancona e provincial das Marcas. Célebre pela humildade. Bento XIV aprovou-lhe o culto.

* * *

13.º DIA DE NOVEMBRO

SÃO NICOLAU

Papa, primeiro do nome

O papa Bento III, morto aos 10 de março de 858, deixou a sede vaga por quinze dias, sendo então eleito, e ocupando-a, Nicolau, primeiro do nome, do qual a Igreja honra a memória no dia 13 de novembro.

Era êle romano de nascimento, filho de Teodoro, magistrado num dos bairros de Roma. Desde a primeira infância, aplicou-se à paciência, à sobriedade, à humildade, mas, sobretudo, à pureza. A infância mesma que levou nada tem de pueril. O pai, que era da alta nobreza e que singularmente amava as belas-letras e as belas-artes, instruiu-o, êle mesmo, com o maior desvêlo, em tôdas as ciências divinas e humanas.

Nicolau crescia em idade e sabedoria. Desde que encontrava alguém em quem percebia a retidão, a êle se afeiçoava, procurando-lhe a companhia. Um santo homem, que privava com o pai, certa vez, predisse que Nicolau se elevaria a um alto grau de perfeição.

O papa Sérgio, conhecendo-lhe as virtudes, tirou-o da casa dos pais. E, no palácio patriarcal, passou Nicolau a ser subdiácono.

São Leão IV, testemunha dos progressos do jovem, fê-lo diácono e dedicou-lhe grande afeição.

Nicolau conduzira-se na nova ordem de maneira tão exemplar, que era amado pelo clero, louvado pela nobreza e querido pelo povo. O papa Bento gostava tanto dêle, que o fêz tomar parte no govêrno da Igreja, dêle não querendo separar-se um momento. À morte do Papa, com outros diáconos, Nicolau ajudou ternamente no sepultamento.

O imperador Luís, que acabava de sair de Roma, quando soube da morte do Pontífice, voltou prontamente. E o clero, a nobreza e o povo rezavam sem cessar para que Deus lhes desse um papa igual ao que acabavam de perder. E acordaram em eleger o diácono Nicolau. Correram à igreja de São Pedro, onde se escondera o Santo, porque se julgava indigno, e de lá o tiraram, quase que à fôrça, e, com grandes aclamações, o levaram ao palácio, onde o fizeram sentar-se no trono apostólico.

Pouco depois, sempre em meio a ruidosa manifestação de tôda a gente, foi reconduzido a São Pedro, o sagrado e entronizado em presença do imperador, celebrando, em seguida, sôbre o corpo do Santo Apóstolo, a missa.

Finalmente, ei-lo a caminho do palácio patriarcal, sempre sob a aclamação geral. E foi coroado. Era domingo, 24 de abril, do ano de 858.

Dois dias depois, almoçava com o imperador. Ao retirar-se, beijou o príncipe, como um pai ao filho, todo êle afeição. Quando o imperador saiu de Roma, para acampar num lugar chamado Quinto, o Papa, por amizade, foi visitá-lo, escoltado pela nobreza romana. Sabedor da visita, o príncipe, a pé, saiu-lhe ao encontro. Depois dos cumprimentos,

tomando as rédeas do cavalo em que Nicolau montava, conduziu o Santo Padre até o acampamento. Novamente, reuniram-se num almôço todo amizade e respeito. Finda a visita, o imperador, como o trouxera, assim o levou, até certo trecho.

Nicolau era belo de rosto e de talhe, modesto, sábio, ativo, aplicado aos jejuns e ao culto divino, liberal, doce com os pobres, protetor infatigável de viúvas e órfãos — zeloso defensor de todo o povo.

Os tempos eram difíceis. Príncipes indignos davam escândalos horríveis, perseguiam santos bispos, principalmente os que lhe reprovavam o modo de viver, chegando até a expulsá-los das sedes, substituindo-os por bajuladores, velhacos e artífices de cismas. O papa São Nicolau mostrou-se superior a tôdas as dificuldades que se lhe antolharam.

No Ocidente, os soberanos temporais eram, geralmente, medíocres, e detestáveis no Oriente, até Constantinopla. Apenas um era bom: uma mulher, a imperatriz santa, Teodora. Um filho, porém, e dois irmãos. não se lhe assemelhavam em nada.

O filho. o imperador Miguel, cognominado o Bêbado, não tinha mais de quinze anos e era duma estroinice sem-par. A mãe fê-lo casar-se com uma jovem chamada Eudóxia, mas o moço já vivia com outra mulher, e do mesmo nome, e continuou a levar a vida desenfreada e libertina de sempre. Os desmandos do jovem enchiam a côrte de intrigas e maldades. Dois homens eram-lhe os tutores. Um, o tio Bardas, visava a suplantá-lo e apoderar-se do trono, premeditando desterrar o sobrinho e assassinar a rainha. O tesouro, que santa Teodora deixara abarrotado, dissipava-o o filho, e o tio Bardas não lhe

ficava atrás. Descomposturas terríveis ouviram filho e irmão.

Separado da espôsa sem causa legítima, o tio Bardas vivia pùblicamente com a mulher do próprio filho, como outrora Herodes com a mulher do irmão. E o novo Herodes encontrou outro João Batista para increpá-lo pelo incesto: o santo patriarca Inácio. Bardas respondia às repreensões com ameaças e cinismos. Afinal, como tivera a audácia de se apresentar à igreja, na festa da Epifania, para participar dos santos mistérios, Inácio recusou-lhe a comunhão. Pouco faltou para que Bardas, vivamente excitado com aquela afronta, mandasse cortar a cabeça do santo patriarca. A intrepidez de Inácio, porém, apresentando-lhe o peito para que o varasse, e ameaçando-o com a cólera de Deus, deteve o celerado.

Bardas saiu da igreja espumando, todo envolto num furor indescritível; desde aquêle momento, resolveu tudo fazer para perder o patriarca desassombrado. Para tanto, lançou os olhos para Fótio, de quem o historiador Fleury, diz: era o maior espírito e o mais sábio homem do século, mas não passava dum grande hipócrita, agindo como bandido e falando como santo.

Foram êsses três homens, Miguel, o Bêbado, Bardas, o incestuoso, e Fótio, o perfeito celerado, que deram nascimento ao funesto cisma que cegou e alucinou a maior parte dos gregos e russos.

Santo Inácio, que, por seu lado, era filho do imperador Miguel-Rangabé, era amado pelo povo. Mas Gregório de Siracusa, deposto, formara contra êle uma poderosa conjura. Fótio e os parentes ali estavam.

O cisma local e indeciso de Gregório de Siracusa foi o germe do grande cisma de Fótio, o cisma mais deplorável de todos, que, com o tempo e a degeneração crescente das populações orientais, cortou e separou do tronco vivo e vivificante da unidade católica muitas igrejas particulares, desventuradas, que, por se tornarem cismáticas, em lugar de permanecerem católicas, pela união com a cátedra de São Pedro, ficaram à margem dos séculos e dos povos, como flor desprezada e murcha que os passantes nem sequer olhavam, servindo de joguête, aqui do sultão de Istambul, ali do tzar de Moscou.

Enquanto Gregório semeava a calúnia contra Santo Inácio, Bardas comprometeu-se a agir. E assim, a 23 de novembro de 857, o santo patriarca foi desterrado, enviado para a ilha de Terebinto.

Três dias depois, enviaram-se ao patriarca desterrado, os bispos considerados mais em evidência, para persuadi-lo a dar um ato, por escrito, de renúncia à sede. Aquêles mesmos bispos haviam prometido, jurando pela Trindade, que jamais deporiam o patriarca Inácio, sem condenação canônica! A viagem, porém, foi inútil.

Pouco depois, tornaram à carga, indo a Terebinto com patrícios e os mais acatados juízes. Nem esforços ou ameaças fizeram com que Inácio lhes desse a renúncia. O patriarca era insensível a tudo.

Muitos bispos, entretanto, reconhecendo a injustiça que perpetravam, negaram-se a reconhecer o sucessor que lhes queriam impingir — o que iria redundar no cisma. Bardas, para evitá-lo, falou-lhes em particular, e a cada um prometeu a sede de Constantinopla, se abandonassem Inácio. Nenhum dêles recusou, em vista do prêmio, o consentimento.

— O imperador, dizia Bardas, empenha a palavra. Mas, para lhe merecer a estima e ao mesmo tempo afastar tôda suspeita, há que declinar do patriarcado, por modéstia.

O imperador, chamando-os à parte, um de cada vez, fêz-lhes a oferta da qual, conforme insinuara Bardas, declinaram. Foi, então, designado Fótio, uma vez que todos haviam recusado.

Todavia, como não fôra Fótio eleito pelos bispos, segundo os cânones, mas sòmente pela autoridade de Bardas, todos os bispos o rejeitaram, e elegeram três outros, de comum acôrdo. Persistiram muitos dias nesta resolução, mas, a pouco e pouco, vítimas da trama, foram perdendo terreno e, de leigo, Fótio, em seis dias, foi ordenado bispo pelas mãos de Gregório de Siracusa. No primeiro dia, fizeram-no monge, no segundo leitor, no terceiro subdiácono, no quarto diácono, no quinto sacerdote, e no sexto, que foi o Natal de 857, ordenaram-no patriarca de Constantinopla.

Dois meses depois da ordenação, desprezando os juramentos que fizera, principiou a perseguir aquêles que se voltaram para Inácio. Muitos foram presos, torturados e submetidos a tôda a espécie de perseguição, para, em seguida, ser lisonjeados, mimoseados com presentes caros em troca das assinaturas que, usadas como deviam, redundariam em mal a Santo Inácio.

Não encontrando nada que satisfizesse o desejo de perder o Santo, Fótio persuadiu o patrício Bardas, e por êle o imperador Miguel, de que Inácio, secretamente, havia conspirado contra o Estado. Então, magistrados, acompanhados de subordinados, aportaram em Terebinto para as investigações, subme-

tendo os servidores de Inácio a cruéis torturas. Não conseguindo prova alguma, das torturas em segrêdo passaram à desenfreada violência, abertamente. E acabaram deportando o Santo e os servidores dêste para a ilha de Hiera, onde foram enclausurados num estábulo de cabras. Dali, transferiram-nos para um arrabalde de Constantinopla, onde um capitão, chamado Lalacon, era a tirania personificada, a malvadez feita homem. Inácio passou pelas mais duras provas, tudo para que consentisse em renunciar.

Os bispos de Constantinopla, que se achavam presentes, diante de tais violências, reuniram-se na igreja da Paz durante quarenta dias e declararam Fótio deposto, com anátema, tanto contra êle como contra todos aquêles que o reconheciam legítimo patriarca.

Fótio, por seu lado, sempre apoiado por Bardas, reunido num conciliábulo na igreja dos Apóstolos, pronunciou uma sentença de deposição e de anátema contra Santo Inácio. E como os bispos fiéis ao Santo e legítimo patriarca lhe condenassem aquela injustiça e perfídia, foram igualmente depostos e trancafiados numa infectíssima prisão do palácio, onde, todos os dias, ia vê-los. Com êles estava Santo Inácio, carregado de cadeias, de golilha.

A presença do Santo a todos encorajava, e aquilo não era bom. Resolveram, então, enviá-lo para Mitilene, na ilha de Lesbos, o que se deu no mês de agôsto do ano de 859.

Aos que eram suspeitos de amigos do Santo, aplicavam-se cruéis tormentos, depois do que eram exilados. Brás, guarda dos arquivos, teve a língua cortada, dada a sua fidelidade ao santo patriarca

e à tentativa de defender-lhe a liberdade que lhe era devida.

Como tais violências causavam murmúrios de reprovação e de insatisfação, o astuto Fótio sugeriu ao patrício Bardas, e por êle ao imperador, que se devia enviar uma embaixada ao papa Nicolau, para tratar, de modo definitivo, da questão de Inácio, por uma sentença que, ao mesmo tempo, acabasse de apagar qualquer resto da heresia dos iconoclastas.

O imperador Miguel, pois, escreveu ao papa São Nicolau, e enviou-lhe uma solene embaixada, da qual era chefe o capitão de sua guarda, com quatro bispos.

Com a carta do imperador, levavam outra de Fótio, na qual dizia ao Papa, pela mais impudente das mentiras, que Inácio, tendo sugerido que não mais podia, pela velhice, doença e cansaço, exercer as funções, se retirara da igreja de Constantinopla para um mosteiro que fundara, onde o imperador, tôda a cidade, e êle mesmo, Fótio, lhe rendiam tôdas as honras a que fazia jus. Tal carta de Fótio, desapareceu, mas há outra em que a mentira e a hipocrisia são mais gritantes ainda. Diz:

"Quando penso na grandeza do episcopado, na fraqueza humana, e na minha em particular, espanto-me e admiro-me de como posso carregar tão pesado fardo. Não posso exprimir a dor que me vai na alma, por ter-me comprometido. Retirando-se meu predecessor, o clero, os metropolitanos, e sobretudo o imperador, humano para com todos e cruel para comigo, possuídos de não sei que, vêm a mim, e, sem escutar minhas desculpas, nem me dar sossêgo dão; dizem-me que convém, absolutamente, que deixe o episcopado. Assim, não obstante as lágrimas que

derramo e meu desespêro, usam de violência e executam o que bem entendem".

Esta carta, pérfida, termina por uma profissão de fé inteiramente católica.

Quando os embaixadores chegaram a Roma, o santo papa Nicolau já sabia, mais ou menos, o que se passava em Constantinopla; pensava mesmo em enviar alguém para dar-lhe informações certas, mas, à chegada dos emissários, julgou que tudo se acertaria. As incertezas que tinha, porém, não se dissiparam. Onde alguém da parte de Inácio? Os inimigos não o haviam permitido deixar Constantinopla? O santo patriarca bem que escrevera uma carta circular aos bispos para lhes mostrar em que pé estavam as coisas. Acertara para que o sacerdote Lourenço e os dois Estêvãos, um diácono, o outro leigo, levassem a carta a Roma e a depositassem nas próprias mãos do Papa. Tinham saído de Constantinopla? Até ali, não.

O Papa usou de circunspecção, e, reunindo um concílio, nomeou dois legados, Rodoaldo, bispo de Pôrto, e Zacarias de Anagni, com ordem de decidir em concílio tudo aquilo que se pudesse propor sôbre as santas imagens, e sôbre o caso de Inácio e de Fótio; os legados que nomeara tinham ordem de agir apenas no campo jurídico, levando-lhe as informações colhidas. Deu-lhes duas cartas: a primeira para o imperador Miguel, a segunda para Fótio, as duas de 25 de setembro de 860.

Na carta ao imperador, relembra a autoridade que o Senhor outorgou a São Pedro, felicita o imperador pelo auxílio pedido, tanto mais que os santos Padres haviam estatuído que caso algum fôsse encer-

rado definitivamente sem o consentimento do Pontífice romano.

Com efeito, sabe-se, pelos historiadores gregos Sozomenes e Sócrates, que, desde o quarto século, havia o antigo costume, uma lei antiga, que rezava nada se decidir sem a autoridade do Pontífice de Roma.

O santo papa Nicolau queixava-se, pois, de a assembléia de Constantinopla haver deposto o patriarca Inácio sem ter consultado o Pontífice romano, tanto que, depois da carta mesma do imperador, citaram-se contra êle testemunhos que os cânones não admitem, e que, por outro lado, não convenciam pela própria confissão. A êsse primeiro mal, acrescentava-se outro, qual seja o de um leigo ocupar a sede de Constantinopla. Provava o Papa a irregularidade de tal ordenação, pelos cânones do concílio de Sárdica e pelos decretos dos papas Celestino, Leão, Gelásio e Adriano.

"Não podemos, pois, concluía, dar nosso consentimento, enquanto de tudo não soubermos por nossos legados, de tudo aquilo que de fato se deu e, para observar a ordem, desejamos que Inácio esteja na presença dos citados legados e do concílio todo. Explicará, então, de própria voz, porque abandonou o povo, desprezando ordenações de nossos santos predecessores Leão e Bento. Que se examine, então, se a deposição foi canônica. Uma vez terminada a questão, definir-nos-emos por uma sanção apostólica, sôbre o que se há de fazer, a fim de que uma paz duradoura paire sôbre vossa igreja agitada".

Em seguida, vinham disposições sôbre a questão das imagens, porque ainda havia iconoclastas em

Constantinopla, questão que o Papa tratava sumàriamente.

Na carta a Fótio, São Nicolau reconhecia que a profissão de fé por êle apresentada era católica, mas censurava a irregularidade da ordenação, como contrária aos cânones do concílio de Sárdica e aos decretos dos papas Celestino, Leão e Gelásio.

"Eis porque, diz, não podemos consentir, de maneira alguma, até que nos venham de volta aquêles que enviamos a Constantinopla, a fim de, por êles, podermos conhecer vossa conduta e vossa afeição pela fé".

Quando os legados chegaram a Constantinopla, foram, por três meses, atrapalhados, afastados de tudo o que pudesse desfavorecer Fótio ou Bardas, e ao imperador mesmo, sem que pudessem interrogar pessoa alguma que não as que eram favoráveis à ignomínia. Depois disso, como os legados insistissem, passaram às ameaças, ameaças terríveis, caso não se submetessem ao imperador. Apontavam-lhes o exílio, onde ficariam por tão longo tempo e de tal maneira, que a fome haveria de reduzi-los a comer bichos asquerosos.

Depois de oito meses de resistência, tiveram os legados a fraqueza de ceder e, num conciliábulo convocado por Fótio, deviam condenar, como indigno, o santo patriarca Inácio, que dizia em altas vozes:

— Quero o Papa! Levai-me ao Papa! Submeter-me-ei inteiramente ao julgamento do Papa!

Fótio desejava a renúncia de Inácio a qualquer preço. Para tanto, ordenou o metessem no sepulcro de Constantino Coprônimo, na igreja mesma dos Apóstolos, onde foi entregue a três homens crudelíssimos. E ali, depois de ser duramente espancado,

deixaram-no sem camisa, estendido sôbre o mármore gelado, porque o inverno ia rigoroso.

Das duas semanas que Inácio passou na tétrica prisão, uma a passou sem comer, sem dormir, e sempre de pé. Afinal, suspenso pelos punhos, prenderam-lhe aos pés pesadas pedras. E, durante tôda uma noite, os três brutos dirigiram-lhe os mais baixos insultos.

Inácio respirava dolorosa, ruidosamente, mas calado. No dia seguinte, tiraram-no daquele suplício tremendo e, de tal modo, que, ao cair, magoou-se, tingindo o chão de sangue.

Teodoro, um dos esbirros, tomou da mão do santo patriarca e, à fôrça, fê-lo marcar uma cruz sôbre um papel, o qual, correndo, levou a Fótio.

Fótio sorriu e acrescentou: "Inácio, indigno patriarca de Constantinopla. Confesso que fui elevado sem eleição e que governava tirânicamente".

Depois que foi enviada ao imperador a pretendida subscrição, Santo Inácio foi libertado e levado ao palácio de Pose, que era a casa de sua mãe, onde, então, pôde ter um pouco de descanso e sossêgo.

Como veio à tona a verdade? Como, de tudo o que sofreu o santo patriarca, veio a saber o papa Nicolau? Por meio de Teognosto, monge e arquimandrita de Roma, e exarca de Constantinopla. Numa carta ao Papa, lê-se:

"Inácio, oprimido pela tirania, abatido por numerosíssimas calamidades, e comigo os que não aprovavam as maldades do tempo, dez metropolitanos, quinze bispos, com uma multidão infinita doutros, entre sacerdotes e monges, a nosso senhor muito santo e bem-aventurado presidente, o patriarca de todos os apóstolos, o papa ecumênico Nicolau e

aos santos bispos que lhe são submissos, bem como a tôda a Igreja muito prudente de Roma, salvação no Senhor".

Depois desta abertura, o santo patriarca passa a narrar as desventuras nas quais se viu envolvido, e termina desta maneira:

"Vós, porém, senhor muito santo, mostrai-me vossa misericórdia. Dizei, com o bem-aventurado apóstolo Paulo: "Quem está enfêrmo, que eu não esteja enfêrmo?" Considerai os patriarcas que vos precederam: Fabiano, Júlio, Inocente, Leão, e todos os que, como heróis, combateram pela verdade contra a injustiça: imitai-lhes os exemplos e levantai-vos em nossa defesa".

Esta carta foi levada ao papa São Nicolau por Teognosto mesmo, que fêz a viagem a Roma secretamente, vestido como secular, e pôs o Papa ao par de tudo o que sucedera, desde o início.

O usurpador Fótio, porém, não contente com o mal já feito, aconselhou o imperador a fazer com que Inácio retornasse à igreja dos Apóstolos para ler a própria deposição e anatematizar-se a si mesmo. Depois, então, arrancar-lhe-iam os olhos e cortar-lhe-iam as mãos.

No dia de Pentecostes, que, naquele ano de 861, foi em 25 de maio, Inácio viu, ao sair casualmente à janela, que uma multidão de soldados armados principiava a cercar a casa. A noite descia, e o santo patriarca, inspirado por Deus, ràpidamente entrou, vestiu-se com as roupas dum servidor e jogou às costas um manto. Tomando dum bastão, deixou o palácio de Pose, como perfeito e modesto homem do povo, auxiliado pela escuridão da noite que descera de todo, acompanhado do discípulo Cipriano.

Grossas lágrimas banhavam-lhe as faces. E o santo patriarca pôde, assim escapar da sanha dos algozes.

Sem ser descoberto, embarcou e passou às ilhas do Príncipe, de Proconeso, depois à Propôntida, sempre mudando de esconderijo, escondendo-se nas cavernas, nas montanhas, nos lugares desertos, onde sofria grandes incômodos e vivia da caridade dos fiéis, reduzido a mendicância — apesar de patriarca que era e filho de imperador.

Fótio, tendo perdido a prêsa, ordenou que a procurassem pelos mosteiros e por tôdas as cidades. E, comandando muitos homens, ia-lhe o próprio chefe das tropas, com ordens de, encontrando o fugitivo, dar-lhe morte imediata, rebelde que era ao Estado. Por Inácio as tropas passaram muitas vêzes, mas o disfarce de secular que adotara caía-lhe tão bem, mudava-o tão completamente, que não o reconheciam.

No mês de agôsto, a cidade de Constantinopla foi agitada por um tremor de terra que durou quarenta dias. Todos acreditavam que aquilo não passava de vingança pelas injustas perseguições que o santo patriarca havia sofrido. O imperador e Bardas, horrorizados, juraram pùblicamente que jamais lhe fariam mal algum, nem a quem o tivesse albergado ou escondido, prometendo-lhe o livre regresso e a paz no mosteiro que quisesse.

Santo Inácio, então, procurou o patrício Petronas, irmão de Bardas, e, como êle, tio, pelo lado materno, do imperador, que deu como garantia ao santo patriarca o relicário que levava êste príncipe. Inácio pendurou-o ao pescoço, e foi procurar Bardas, que lhe disse:

— Por que andais errante, como fugitivo?

— Jesus Cristo, respondeu o santo, ordenou-nos que, quando fôssemos perseguidos, fugíssemos de cidade em cidade.

Bardas ordenou que o escoltassem ao mosteiro, com infinitos de cuidado, e o tremor de terra, imediatamente, cessou.

Entrementes, os legados Rodoaldo e Zacarias retornavam a Roma, carregados de presentes dados por Fótio, e disseram, oralmente, ao Papa, que Inácio fôra deposto e a ordenação de Fótio confirmada. Tão bem dissimularam a vergonhosa prevaricação, que Rodoaldo foi imediatamente encarregado doutra legação na Lorena, onde não se conduziria melhor.

Alguns dias depois, o santo Papa começou a ver mais claramente aquela obra de iniqüidade: chegava o secretário Leão, embaixador do imperador, com as atas do conciliábulo convocado por Fótio, e duas cartas, uma do imperador e outro do próprio Fótio.

Por essas cartas, e mais ainda pelas atas, o santo papa Nicolau viu claramente que seus legados haviam feito tudo ao contrário daquilo que lhes ordenara. Sensìvelmente aflito pela prevaricação, reuniu, no dia seguinte, tôda a Igreja romana, e, em presença do embaixador imperial, declarou que jamais havia enviado legados a Constantinopla para a deposição de Inácio nem para a promoção de Fótio. Não consentiria nunca nem numa nem noutra coisa.

Aquela declaração solene, feita como em face de tôda a Igreja, foi enviada, sem demora, a todos os bispos do Oriente, notadamente aos patriarcas de Alexandria, de Antioquia e de Jerusalém. O Papa faz-lhes ver, como a uma coisa notória, que o imperador e o povo de Constantinopla haviam enviado uma

embaixada à Igreja mãe, para obter sentença definitiva sôbre os debates surgidos entre Inácio e Fótio; que, conforme a essa demanda, a Sé apostólica enviara legados em busca de informações, reservando a decisão ao Papa; que, contràriamente às ordens, fôra Inácio, deposto, para ser substituído por Fótio.

"Sabei, pois, concluía o Papa, que não consentimos, de modo algum nem com a ordenação de Fótio nem com a deposição de Inácio".

Em seguida, endereçando as palavras aos três patriarcas, o de Alexandria, o de Antioquia e o de Jerusalém, aos metropolitanos e aos bispos:

"Nós vos prescrevemos e vos ordenamos, pela autoridade apostólica, permaneçais nos mesmos sentimentos a respeito de Inácio e de Fótio, e publiqueis esta carta nas vossas dioceses, a fim de que todos saibam do seu conteúdo".

O santo Papa respondeu ao mesmo tempo as duas cartas do imperador e de Fótio. Ao imperador, escreveu:

"Sabeis que não desejamos absolutamente receber Fótio nem condenar Inácio. Porque, afinal, que nos dizeis a isto? Há doze anos atrás nos apresentastes o dito Inácio como o pontífice exemplar de vossa capital, ornado de tôdas as virtudes. Nessas cartas, que temos em mãos, não cessais de louvá-lo e de exaltá-lo, não sòmente com vossas palavras, mas pelas palavras dos concílios mesmos, sem jamais o acusardes do que quer que seja. Por que, e sùbitamente, agora o acusais? Tal coisa é absolutamente contrária à nossa Igreja, ao nosso apostolado e aos santos Padres. E há mais: nas cartas que endereçastes a nosso predecessor Leão, vemos que o patriarca Inácio não sòmente é dum ilustre nascimento,

como pela vida monástica em fora se tem mostrado de retidão irrepreensível, tanto que foi feito bispo e patriarca. Sabemos, ao contrário, que Fótio, sem passar por grau nenhum da clericatura, foi feito, precipitadamente, de leigo, bispo".

E, falando de como Fótio pretendia justificar a ordenação, termina a carta com paternais exortações ao imperador, para que secundasse a Santa Sé nos esforços para estabelecer a ordem e a paz na igreja de Constantinopla.

O santo Papa Nicolau não se deixou jamais embair pelas frases e sofismas de Fótio: Vemo-lo pelo início mesmo da carta-resposta:

"Nicolau, bispo, servidor dos servidores de Deus, ao muito sábio varão Fótio".

Quer dizer, não o reconhecia como bispo. A todos os artifícios da retórica humana, o Papa opunha, desde o início, estas palavras de Jesus Cristo: *Tu és Pedro e sôbre esta pedra edificarei minha Igreja, e as portas do inferno não prevalecerão sôbre ela. Dar-te-ei as chaves do reino dos céus, e tudo aquilo que na terra ligares, no céu será ligado, assim como tudo o que na terra desligares, no céu também será desligado.* É sôbre êste fundamento que se erigiu a Igreja da qual Pedro tem a primazia, e, depois dêle, o Papa, seu sucessor. Donde, uma primeira conseqüência: como todos os fiéis recorrem à Igreja romana para conhecer a integridade da fé ou receber a absolvição dos delitos que praticam, os Pontífices não podem guardar silêncio sem serem culpados. Outra conseqüência, é que sendo a Igreja romana a cabeça de tôdas as igrejas, as decisões dos Pontífices não podem ser entravadas por costumes arbitrários, já que estão na plenitude da autoridade.

Todavia, em Constantinopla, o imperador Miguel continuava a recrear-se pùblicamente em festas, ao lado dos debochados. Basílio, arcebispo de Tessalônica, ancião venerável, teve a coragem de levantar a voz numa repreensão, por ocasião dum tremor de terra que abalou Constantinopla no dia da Ascensão, em 860. E dizia, cheio de circunspecção:

— Eis aí: a impiedade a atrair a cólera de Deus!

O arcebispo foi prêso e chicoteado, tal a irritação do príncipe, e tão duramente o fizeram, que se julgou que iria morrer. Fótio, ao contrário, dissimulava tôdas as impiedades, fazia a côrte assìduamente ao imperador, com êle almoçando ou jantando, em companhia de seus sacrílegos bufões. O imperador, não raro chasqueava:

— Teófilo é meu patriarca. É o chefe dêsses infames, Fótio o patriarca do césar Bardas, e Inácio o dos cristãos.

Com um imperador e um césar dessa espécie, concebe-se que Fótio não levasse muito a sério as cartas do Papa.

Um dia, quando muitos bispos, sacerdotes e leigos consideráveis se achavam na casa de Fótio, no palácio patriarcal, um desconhecido, trajando de monge, fêz-se anunciar, de repente, como tendo que entregar importantes cartas ao falso patriarca. O desconhecido, que se chamava Eustrate, foi introduzido imediatamente, e, na presença de todos os que com Fótio estavam, disse que Inácio o havia enviado a Roma com uma carta ao Papa, o qual nem se dignou olhá-la, muito menos recebê-la; que, ao contrário, deu-lhe, a êle, Eustrate, uma carta para o patriarca Fótio.

Eustrate apresentou, então, as duas cartas a Fótio: a de Inácio não continha senão mágoas, mal fundadas ou mal motivadas, cheia tôda ela de expressões injuriosas a Bardas e ao imperador mesmo. A pretendida carta do Papa a Fótio vinha cheia de louvores. Nicolau escusava-se do que se passara: um mal entendido era a causa de tudo. Doravante, envolvê-los-ia uma amizade e comunhão inviolável.

Fótio correu imediatamente ao imperador e a Bardas. E passou a insistir para que se punisse a insolência de Inácio, que não poupara sequer o imperador.

— Nem vossa augusta pessoa, senhor! Nem isso! exclamou.

Inácio foi, irremediàvelmente, prêso. E um processo jurídico teve início. Felizmente para o santo patriarca, os comissários que o trouxeram não eram assim tão miseráveis para que servissem de instrumentos à baixeza de Fótio. E tôda a trama, a infame impostura foi posta a nu: Eustrate, que dizia ter recebido a carta de Cipriano, discípulo de Inácio, nem sequer era conhecido daquele, nem mesmo dos que eram dedicados ao santo patriarca. Apertado, o inescrupuloso confessou a patifaria. Ora, como seria règiamente recompensado, esperta e ardilosamente escondeu o nome de Fótio, o maquiavélico perpetrador de tudo.

Bardas ficou irritadíssimo. E Eustrate foi fustigado, pùblicamente, pelas ruas de Constantinopla. Pouco depois, porém, Fótio recompensava-o, conseguindo, pela fôrça que tinha, um cargo honorável e lucrativo, no ministério da justiça.

Pobre povo aquêle! E que govêrno! Mais tarde, o embusteiro, o homem que fôra fustigado pelas ruas da capital, chegava a presidente da côrte judiciária! Posteriormente, averiguou-se que Fótio mesmo fôra o falsificador das cartas, o autor da infâmia tôda. Em verdade, as igrejas submetidas a Fótio podem, a bem dizer, vangloriar-se do primeiro patriarca!

No intervalo, Teognosto chegava a Roma com o apêlo de Santo Inácio à Sé apostólica. Os crimes e as violências cometidas por Fótio mantiveram em suspenso, por todo um dia, o santo Papa. Uma multidão de eclesiásticos, principalmente de monges, chegava constantemente a Roma, fugindo de Fótio. E todos iam atestando a veracidade das palavras do Santo Inácio, confirmando unânimemente tudo aquilo que lançara no apêlo que Teognosto, disfarçado de secular, trouxera com rara felicidade.

O Papa, vendo que nada mais restava para esperar de Bardas nem de Fótio, convocou, nos princípios do ano de 863, primeiramente na igreja de São Pedro, depois na de Latrão, um numeroso concílio. Nêle, em primeiro lugar, foram citados os dois legados, Rodoaldo e Zacarias, acusados de prevaricação. Como Rodoaldo estava ausente, em trabalhos apostólicos, Zacarias compareceu só. Convencido do crime, confessou, foi deposto e excomungado.

Passando ao caso de Fótio, pròpriamente dito, excomungaram-no também. E tôdas as ordenações que fizera foram declaradas nulas, sendo, em seguida, destituído de tôda dignidade sacerdotal e privado de tôdas as funções eclesiásticas, sob as mais severas censuras.

Diz a sentença:

"Fótio, que, como está agora demonstrado claramente, teve parte nos cismas, deixou o século para ser ordenado bispo por Gregório de Siracusa, deposto e excomungado de longa data; que, em vida de nosso colega Inácio, patriarca de Constantinopla, usurpou-lhe a sede e entrou no aprisco como um ladrão à noite entra numa casa para roubar; que, depois, relacionou-se com os que haviam condenado nosso predecessor Bento, de saudosa memória; que, contra sua promessa, convocou um concílio, onde ousou depor e anatematizar nosso irmão Inácio; que corrompeu os legados da Santa Sé, contra o direito dos homens, e os obrigou, não sòmente a desprezar, mas a combater nossas ordens; que relegou os bispos que com êle não desejavam comunicar-se, colocando outros nos lugares então vagos; que perseguiu a Igreja e ainda hoje a persegue, e não cessa de fazer sofrer tormentos horríveis a nosso irmão e colega Inácio, muito santo patriarca: êste Fótio, de tantos crimes culpado, seja privado de tôda honra sacerdotal e de tôda função clerical, pela autoridade de Deus Todo-poderoso, dos apóstolos São Pedro e São Paulo, de todos os Santos, dos seis concílios gerais e do julgamento que o Santo Espírito por nós pronuncia. De sorte que se, depois de ter tido conhecimento dêste decreto, se esforçar para ter a sede de Constantinopla e nela continuar, ou impedir que nosso colega Inácio governe tranqüilamente sua igreja, ou se ousar imiscuir-se em qualquer função sacerdotal, seja excluído de tôda a esperança de reentrar na comunhão, e fique anatematizado, sem receber o corpo e o sangue de Jesus Cristo Nosso Senhor, salvo em artigo de morte".

O mesmo concílio renovou a excomunhão de Gregório de Siracusa, já deposto e excomungado. E todos aquêles que participaram da ordenação de Fótio, tiveram as funções interditadas.

Continua o decreto:

"Quanto ao nosso muito santo irmão Inácio, patriarca da santa igreja de Constantinopla, que do trono, brilhante mas humildemente ocupado, foi expulso pela violência do imperador, e despojado dos símbolos sacerdotais pela prevaricação dos legados, declaramos, pela autoridade de Nosso Senhor Jesus Cristo, que jamais foi deposto nem anatematizado, embora o tenham feito aquêles que poder para tal nenhum tem. Eis porque, com a autoridade de São Pedro, dos santos cânones e decretos, o restabelecemos na dignidade e nas funções que, de direito, ainda devia estar exercendo, não fôra a infâmia dos inimigos de Cristo Jesus, Senhor Nosso; e quem quer que o venha impedir ou trazer-lhe qualquer inquietação, sem o consentimento da Santa Sé apostólica, seja deposto, se fôr clérigo, e anatematizado, se fôr laico, de qualquer grau que seja. Ordenamos que os bispos e os clérigos, exilados ou depostos depois da injusta expulsão de nosso irmão Inácio, sejam restabelecidos nas respectivas sedes e funções, sob pena de anátema os que se opuserem. Se são acusados dalgum crime, devem ser restabelecidos e, imediatamente julgados, mas ùnicamente pela Sé apostólica."

O santo papa Nicolau sabia muito bem que a cólera da excomunhão que acabava de lançar pouca impressão causaria a Fótio e seus protetores. Mas era necessidade que se impunha, era sagrado dever aquêle, que viria conservar na pureza a Igreja de Deus.

Quanto ao povo de Constantinopla, que se procurou e procurava ainda enganar por todos os meios possíveis, e que se não podia, por meios diretos, instruir no que convinha sôbre a questão Inácio Fótio, acabou sendo esclarecido. Apenas a sentença pronunciada contra Fótio foi conhecida em Constantinopla, não sòmente uma multidão de povo, mais um grande número de partidário, imediatamente dêle se separou, como de um intruso, que de fato era. E, destemerosos e esclarecidos, ousaram repudiá-lo na própria presença.

Uma nova e mais violenta perseguição principiou, agora contra aquêles que a Fótio abandonavam. Muitos dêles, com mais sorte, conseguiram chegar a Roma, pondo-se a salvo. Mas, e era a maioria, os demais, notadamente os laicos, foram aumentar o número dos piedosos que pela fé morrem: perderam bens, viram-se despojados dos cargos que ocupavam, foram aprisionados, exilados e, nem condição, nem idade, nem sexo conseguiam servir de proteção contra os cruéis tratamentos.

Todavia, a excomunhão do papa São Nicolau contra os perseguidores de Santo Inácio e contra os protetores de Fótio, teve efeitos horrorosos.

Um dia, Bardas mandou chamar um dos amigos íntimos e lhe disse, sufocado:

— Tive um sonho terrível, Filoteu, terrível!

Tremia e estava pálido como cadáver.

— Acalma-te, pediu-lhe o amigo, acalma-te e conta-me o que sonhaste.

Bardas conseguiu dominar-se e contou:

— Sonhei que me moíam os ossos e me cortavam aos pedacinhos. Eu ia com o imperador, numa procissão, à igreja, e de tôdas as janelas, pelo tra-

jeto, viam-se anjos e arcanjos que nos olhavam, circunspectos, de todos os lados. De repente, apareceram dois escudeiros cruéis e ferozes: um dêles, agarrando o imperador, carregou-o para a igreja, colocando-o ao lado direito do côro e, o outro, fazendo a mesma coisa comigo, jogou-me ao lado esquerdo. Então, no trono do santuário, foi sentar-se um velho solene e enérgico, em tudo semelhante a São Pedro, tendo de cada lado um homem de aspecto terrível, que parecia mestre de armas. Ajoelhado aos pés de São Pedro, estava, banhado em lágrimas, Inácio. E gritava: "Ó vós, que tendes as chaves do reino dos céus, se soubésseis da injustiça que a mim me fizeram, consolaríeis minha pobre velhice aflita!" São Pedro respondeu-lhe: "Mostra-me quem te maltratou, e Deus fará de tua tribulação doçuras de salvação". Inácio, então, virando-se, indicou-me. E disse: "Eis o que mais me fêz sofrer, o que mais me perseguiu, o que me fêz maiores males". São Pedro fêz sinal para o saldado que lhe ficava à direita e, dando-lhe um punhal, ordenou-lhe, com voz tronitroante: "Prende Bardas! Bardas inimigo de Deus! Fá-lo em pedacinhos!" E, enquanto me moíam os ossos e me faziam em pedaços, novamente ouvi a voz do Apóstolo ecoar pela nave da igreja, dizendo ao imperador: "Toma tento, filho desnaturado, toma tento!"

Quando Bardas terminou de referir o sonho, estava mais trêmulo e pálido do que antes.

Filoteu disse-lhe:

— Acalma-te, homem, poupa-te! Poupa-te e poupa ao velho Inácio! Pensa no julgamento de Deus Todo-poderoso, que será terrível, e não faças mais mal ao santo homem!

Bardas, porém, ao invés de seguir sábio conselho, enviou imediatamente um parente de Fótio, chamado Leão, acompanhado de soldados, à ilha onde Santo Inácio se encontrava, com ordem de vigiá-lo tão estreitamente, que não pudesse absolutamente celebrar a liturgia, e proibir que quem quer que fôsse lhe entrasse em casa. Santo Inácio mesmo viu-se com ordens severas de não sair. Era pelo começo da quaresma do ano de 866, e Inácio acabou ficando assim mais três meses aprisionado.

A guerra entre gregos e sarracenos, entretanto, continuava sempre, sem interrupções de maior monta; os primeiros, quase sempre eram os derrotados nas batalhas. Por duas vêzes, o imperador pensou que seria aprisionado ou morto.

No mês de abril de 866, pôs-se à frente das tropas para ir atacar a ilha de Creta. Bardas, que o acompanhou, não ia muito sereno, uma vez que sabia que Miguel suspeitava dêle. Para acalmá-lo, o imperador e o primeiro ministro Basílio, o Macedônio, disseram-lhe que não se preocupasse, que nada tinham contra êle. E, para melhor confirmar o que lhe diziam, assinaram, na igreja, na presença da cruz e com uma pena molhada no sangue de Jesus Cristo, o compromisso de que jamais lhe fariam qualquer mal. Todavia, estava já resolvido que Bardas ia morrer, sendo o sinal do massacre o próprio sinal da cruz, feito pelo genro mesmo de Bardas, e o lugar o interior da barraca de campanha do imperador.

De fato, ali foi feito em pedaços no dia 29 de abril daquele 866. Imediatamente, o imperador Miguel interrompeu a viagem e regressou a Constantinopla, onde nomeou e declarou mestre de ofícios o macedônio Basílio, a quem mandara casar-se com

sua concubina, e que havia dado a primeira estocada em Bardas. Como Miguel, inconstante e incapaz, não pudesse passar sem alguém que por êle governasse, associou Basílio ao império, pouco tempo depois, coroando-o solenemente em Santa Sofia, no dia de Pentecostes, 26 de maio daquele mesmo ano de 866.

Fótio, que perdera a proteção de Bardas, nem por isso perdera a coragem. Acomodando-se às circunstâncias e ao tempo, começou a maldizer e a detestar a memória daquele Bardas que lhe fôra pràticamente tudo. E principiou a trabalhar para ganhar as boas graças de Basílio e, assim, manejar Miguel, sem, contudo, saber com qual dos dois estaria a soberana autoridade. Entretanto, vendo que grande número se separava de sua comunhão depois da sentença pronunciada contra êle pelo papa Nicolau, a todos perseguiu a todo o transe. A uns, despojou-os das dignidades, a outros, dos bens, àqueles, baniu-os do país, aqueloutro viu-se trancafiado numa enxovia, sofrendo tormentos diversos e inomináveis. Arrasou as ermidas do Monte Olímpio e incendiou-as.

O imperador Miguel, mais feito para ser cocheiro que chefe de império, desgostou-se logo do novo colega, tanto mais que Basílio, longe de tomar parte nos deboches e nas impiedades, esforçava-se por demovê-lo com sábios conselhos. E Miguel sentia desejos de matá-lo.

— É fácil liqüidá-lo, disse ao imperador, um dia, um dos íntimos. Organiza uma caçada e deixa tudo a meu cargo. Verás como te livrarás dêle num instante.

A caçada foi organizada e Basílio convidado. Quando passavam por sôbre um despenhadeiro, chegou a hora, mas o feitiço virou contra o feiticeiro: o

cavalo do matador, espantando-se com o quer que fôsse, empinou-se, e, resvalando-lhe as patas traseiras, precipitou-se no abismo, levando consigo o cavaleiro. Miguel voltou murcho e não mais persistiu no intento.

Um dia, em meio a grande festa, em que tôda a côrte comparecera para festejar uma data nacional, Miguel teve uma idéia. Vira Basilicino, um remador da frota imperial e grande amigo de estroinice, e resolveu revesti-lo com a púrpura. Aproximou-se dêle, pois, pegou-o pela mão, levou-o para o trono, colocando-lhe a púrpura e o diadema, símbolos do poder, e proclamou-o imperador. E, a Basílio, que também à festa comparecera, disse:

— Não achas que a Basilicino, melhor que a ti, assenta a púrpura? Não te fiz imperador? Não tenho, então, poder para fazer outro?

No dia seguinte, Miguel levou Basilicino ao senado, todo êle revistido das insígnias da nova dignidade. Apresentou-o aos senadores, declarando-lhes:

— Associei-o a mim e ao império. Tomo a vós todos como testemunhas de que o fiz porque o acho melhor do que Basílio.

Tal extravagância surpreendeu tôda a gente. Pretenderia êle trocar de mestre todos os dias?

Basílio, de tôda a parte, recebia avisos de que estava definitivamente superado. Determinou-se, então, a agir o quanto antes. E, tramando, soube da festa que a imperatriz-mãe, Santa Teodora, ia dar ao filho, e à côrte tôda, no palácio de São Mamas. Escolhido o dia, que seria 24 de setembro de 867, passou aos pormenores da conjura.

Às nove horas da noite ia a festa alegre e Miguel já se encontrava totalmente embriagado. Pendendo de sono, exigiu que o levassem para o quarto. Basílio mesmo, amparando-o, conduziu-o ao leito. Basilicino, no mesmo estado de embriaguez, do mesmo modo que o imperador, foi deitado noutra cama.

Pouco mais tarde, Basílio apareceu com uma tropa fortemente armada. E a guarda, inferiorizada, embora oferecesse resistência, foi imediatamente abatida, com grande ruído d'armas. Àquele tumulto, Miguel e Basilicino despertaram. Correndo a ver de que se tratava, encontraram a morte: ambos, sem que um momento de hesitação por parte dos invasores do palácio se desse, viram-se varados com os sabres, impiedosamente.

Basílio, com a tropa, no mesmo instante, correu ao palácio real. Lá, forçando as portas, entrou. Paulo, o camareiro-mor, que lhe era fiel, aguardava-o, para as ordens. Basílio, então, ordenou-lhe que fôsse a São Mamas buscar o corpo de Miguel para lhe dar sepultura.

Paulo, transportando-se para o lugar do assassínio, encontrou o corpo do príncipe caído por terra, com as entranhas de fora. Ao lado do infeliz, a mãe e as irmãs, jogadas ao pé do morto, choravam lamentosamente.

Paulo envolveu-o na gualdrapa do cavalo que o conduzira, e levou-o a uma barca que o aguardava. O corpo, assim, foi levado para Crisópolis, onde foi enterrado, sem qualquer pompa, num mosteiro. Reinara Miguel perto de vinte e seis anos depois da morte do pai Teófilo, a saber: quatorze anos com a mãe, onze sòzinho, e quinze meses com Basílio, o Macedônio.

No dia seguinte, sendo Basílio declarado o único imperador, teve, como primeiro ato, a expulsão do usurpador Fótio da sede patriarcal de Constantinopla, banindo-o e enviando-o para o mosteiro de Scepé. E Santo Inácio foi libertado.

Quando chegou a Constantinopla, foi o santo patriarca acomodado no palácio de Manganes, que era sua casa paternal.

Basílio ordenou fôssem em busca de tôdas as subscrições de Fótio. Como resposta, os enviados, depois de certo tempo, transmitiram ao imperador o que Fótio lhes dissera: que nada levara para o exílio, uma vez que saíra precipitadamente. Todavia, descobriram, posteriormente, que as levara consigo, e um saco enorme foi embarcado para Constantinopla, para o imperador. Continha, entre outras coisas, dois livros ornados de ouro e de prata, com coberturas violetas. Com bela letra, num dêles constavam as atas de um suposto concílio contra Santo Inácio, e no outro uma carta sinódica contra o papa São Nicolau.

O suposto concílio estava dividido em sete ações, e, à frente de cada uma, havia miniaturas da mão de Gregório Asbestas, ex-bispo de Siracusa, porque era pintor. Na primeira, via-se Inácio maltratado e batido com varas, tendo sôbre a cabeça esta inscrição: *"Ho-diabolos"!* (1) Na segunda, ainda sob atos de violência, a inscrição: *Fundamento do Pecado!* Na terceira, quando da deposição do santo patriarca, lia-se: *O Filho da Perdição!* Na quarta, quando ia para o exílio, *A Mesquinhez de Simão, o Feiticeiro!* Na quinta, com o pescoço carregado de ferros, a inscrição dizia: *Que se levantem acima dêste*

(1) O Diabo! O Delator! O Difamador!

todos aquêles que clamam por Deus e o adoram! Na sexta, quando o condenaram: *Abominação da desolação!* Na sétima, finalmente, onde o arrastavam pelo chão e nêle cuspiam, lia-se: *O Anticristo!*

Em tais atas, vinha consignado o nome de cinqüenta e dois chefes de acusação contra Santo Inácio, todos manifestamente falsos. E, ao fim de cada parte, vinham linhas em branco, para o lançamento do que mais conviesse, para o futuro.

Essa impostura de Fótio era seguida de outra que completava o primeiro volume. Para vingar-se do Papa, forjou todo um concílio ecumênico, onde fazia presidir os imperadores Miguel e Basílio, com os legados das três grandes sedes do Oriente. Todo o senado a êle assistiu, com todos os bispos da dependência de Constantinopla. Neste segundo tômo, apareceram acusadores do Oriente e do Ocidente, que atribuíam ao papa Nicolau várias heresias, violências inconcebíveis e uma série enorme doutros crimes. Uma chusma de testemunhas confirmava tais acusações, invocando a justiça dos presentes reunidos e demandando a deposição do Papa.

Fótio, sempre escrupuloso e indulgente, dizia, então, que seria grande injustiça condenar o ausente, sem que fôsse ouvido o interessado, o Papa. "Apenas acabara de pronunciar aquelas palavras, diz êle naquele segundo volume, os legados dos três patriarcas, o de Alexandria, o de Antioquia e o de Jerusalém, com todos os bispos, com todos os senadores e todos os grandes do império, se levantam e pedem seja pronunciada sentença contra o papa Nicolau, já que seus crimes eram notórios e de provas jamais se necessitava".

À instâncias tão unânimes, à pressão de tão ilustre assembléia, a natural doçura de Fótio viu-se, afinal, obrigada a ceder. Recebeu as acusações contra o Papa, examinou-lhes a causa e, finalmente, condenou-o por mil crimes supostos, pronunciando contra êle sentença de deposição, e de excomunhão contra os que com êle privavam. E, de todo aquêle concílio ecumênico, nem uma só palavra de verdade havia. Tudo, absolutamente tudo, era a mais pura ficção, uma deslavada mentira de Fótio.

Depois de ter levantado tais atas, a seu belprazer, fêz com que as subscrevessem. E vinte e um bispos complacentes assinaram-nas, tendo êle mesmo, depois, com calma e vagar, ajuntado falsas firmas. E eram tantas, essas falsas firmas, que perfaziam, descaradamente, pouco mais dum milhar, entre elas as de dois imperadores, de três supostos legados do Oriente e de todos os senadores. Finalizando, vinham as duma multidão de abades e clérigos.

Ia mais longe, todavia, a impudência de Fótio: por dois embaixadores, que eram dois metropolitanos, o incrível Fótio ousara enviar as atas daquele imaginário concílio ao imperador Luís II, que reinava na Itália, e à espôsa, a imperatriz Ingelberge, suplicandolhes expulsassem Nicolau de Roma, já que vinha de ser condenado por um concílio ecumênico. As atas foram acompanhadas de presentes consideráveis e de cartas repletas de elogios sem-fim.

Por ordem do imperador Basílio, contudo, foram os dois enviados interceptados em caminho e desmascarados. É um autor grego, testemunha ocular, quem nos mostra êstes curiosos detalhes na *Vida de Santo Inácio.*

Num domingo, 23 de novembro do mesmo ano de 867, numa assembléia que se realizou no palácio de Magnaure, fêz o imperador Basílio que Inácio ali comparecesse e, vibrante, fêz-lhe o elogio, louvando-o por tudo que passara. Era, então, o mesmo dia, nove anos atrás, em que Inácio fôra deposto. Foi um dia festivo, em que o povo, gritando e aplaudindo, o fêz reentrar solenemente na igreja que era sua. A cidade tôda, por todo o dia e parte da noite, comemorou o acontecimento com transportes de alegria. À missa, assistida por grande número de fiéis, foi lido ao prefácio, pelo celebrante: "Rendamos graças ao Senhor", e o povo disse: "Êle é digno, Êle é justo".

Sendo Santo Inácio restabelecido na sede, interdisse as funções sagradas, não sòmente de Fótio, como também as daqueles que o execrável impostor ordenara, e as de todos os que com êle privavam, e suplicou ao imperador que providenciasse um concílio ecumênico para remediar tantos e tão grandes escândalos. Imediatamente, enviou-se a Roma um mensageiro, Eutímio, escudeiro do imperador Basílio, portando uma carta que, infelizmente, não mais temos. Há, porém, outra, na qual o imperador diz que, se depôs e baniu Fótio, foi ùnicamente para executar o julgamento da Sé apostólica.

No Ocidente, Lotário, rei de Lorena, também sentia a firmeza apostólica do Papa. Era pelo ano de 860, e o príncipe repudiara a espôsa legítima, Thietberge, para casar-se com outra mulher. Chamava-se Valdrada, e com ela vivia em adultério. Os bispos do país tiveram a culpável fraqueza de autorizar o enorme escândalo.

A rainha, chorosa e aflita, apelou para Roma, ao papa São Nicolau, que enviou dois legados a Metz.

Os dois legados tiveram a mesma fraqueza dos bispos.

Informado da prevaricação, o Papa excomungou os legados e os dois principais bispos. Os demais, reconhecendo humildemente, a falta, pediram-lhe perdão.

São Nicolau, então, ordenou ao rei que voltasse, sem demora, à legítima espôsa, que o esperava, sob pena de ser excomungado. Lotário prometeu obedecer as ordens do Papa, mas não foi muito fiel à promessa.

Tendo ido a Roma, em 866, o papa Adriano II, sucessor de Nicolau I, recebeu-o com honrarias e perguntou-lhe se havia observado exatamente o conselho do papa Nicolau.

— Como a ordens do céu! respondeu o rei, sem titubear.

E, como os presentes que o acompanhavam, confirmassem as palavras de príncipe, o Papa tornou:

— Se vosso testemunho é verdadeiro, rendemos a Deus grandes ações de graças. Resta, porém, meu filho querido, que venhais à confissão de São Pedro, onde, Deus ajudando, imolaremos a hóstia santa para a saúde de vosso corpo e de vossa alma. E fará que conosco participeis, e sereis incorporado aos membros de Nosso Senhor Jesus Cristo, do qual estivestes separado.

Ao final da missa, o Papa convidou o rei Lotário a que se aproximasse da santa mesa, e, tomando nas mãos o corpo e o sangue de Jesus Cristo, disse-lhe:

— Se vos sentis inocente, filho, do adultério que pelo papa Nicolau vos foi interdito, e se fizestes uma firme resolução de não ter jamais na vossa vida qualquer criminoso comércio com Valdrada, vossa con-

cubina, achegai-vos denodadamente desta santa mesa, e recebei o sacramento da salvação eterna, que vos servirá para a remissão dos pecados todos. Mas, se porventura tendes no coração a intenção de retornar ao vosso adultério, não sejais temerário a ponto de receberdes esta santa hóstia, a fim de que o que Deus preparou como remédio aos seus fiéis, não vos sirva de morte e condenação!

À estas palavras formidáveis, o rei Lotário ficou insensível. Cego pela paixão, sem hesitar, recebeu a comunhão do Pontífice.

O Papa, voltando-se, em seguida, para os que acompanhavam o rei, apresentando-lhes a hóstia, disse a cada um:

— Se não tendes de que temer e não consentistes com o que fêz vosso rei Lotário com Valdrada e com outras pessoas excomungadas pela Santa Sé, que o corpo e o sangue de Nosso Senhor Jesus Cristo sirva para levar-vos à vida eterna!

Alguns, impressionados, contritos, retiraram-se, mas a maior parte, como Lotário, comungou.

O rei de Lorena, estando assim bem com a Igreja, compareceu no palácio de Latrão e almoçou com o Papa, ao qual presenteou com inúmeros mimos, principalmente trabalhados cálices de ouro e prata.

Cheio de satisfação, Lotário, certo de que nada mais havia que temer, deixou Roma. E o Papa não devia julgar seu caso senão no ano seguinte. Todos os da companhia que haviam, temeràriamente, comungado foram mortos num ano, um após outro. Com êles, pereceu quase tôda a nobreza do reino: apenas ficaram aquêles que, amedrontados com a palavra do papa Adriano, se afastaram sem receber a comunhão, porque lhes doeria na consciência, se o fizessem. Mal-

grado tantas mortes espantosas, Lotário não queria reconhecer que a mão de Deus sôbre êle se abatia. E, um dia, a 8 de agôsto, de repente, perdendo o uso da palavra, sentindo-se esquisitamente fraco, como o demonstrava pelo tremor que o tomara, morria, às oito horas da manhã. Poucos, muito poucos cidadãos que escaparam daquela mortandade, o enterraram num pequeno mosteiro da cidade. Tal foi o funesto fim do rei Lotário e da criminosa paixão que o avassalou.

Nos tempos que sustentava a liberdade da Igreja e a honra do episcopado na pessoa de Santo Inácio, contra as violências tirânicas de Miguel e de Bardas, contra as cruéis velhacarias de Fótio, o incomparável para Nicolau chamou a Roma os dois apóstolos dos eslavos, São Cirilo e São Metódio para dar-lhes a consagração episcopal. Acoroçoando Santo Anscário, que era o apóstolo do Setentrião, declarou-o seu legado para aquelas bandas da Europa.

Desde o comêço do pontificado, 858, confirmou o papa Nicolau a união das igrejas de Bremen e de Hamburgo em favor do santo apóstolo. Gonthier, ordenado arcebispo de Colônia, depois de mais ou menos dez anos de vacância, e que contava o arcebispado de Bremen, em sua província, opunha-se, inicialmente, a esta união, malgrado os avisos e os rogos dos dois reis, Luís, da Germânia, e Lotário, de Lourena, bem como os bispos dos respectivos reinos. Afinal, às súplicas dos reis e de todos os bispos, declarou que se o Papa confirmasse tal união, êle a aprovaria também, e todos os sufragantes o consentiram.

O rei Luís, pois, enviou a Roma Salomão, bispo de Constança, e Santo Anscário, não podendo acompanhá-lo, ordenou fôsse com êle o padre Nerfrid,

um discípulo. Foram muito bem recebidos pelo Papa, que, vendo a utilidade daquela união para a conversão dos pagãos, a confirmou por cartas. Vê-se, então, como Santo Anscário foi feito primeiro arcebispo dos nordalbingues, com sede fixada em Hamburgo, pela autoridade de Gregório IV, papa. E confirma-o, declarando-o seu legado para pregar o Evangelho aos suecos, aos dinamarqueses, aos eslavos e às nações vizinhas.

Horic, o Jovem, rei da Dinamarca, depois de 854, embora ainda não fôsse cristão, aproveitou a embaixada do bispo de Constança, Salomão, para enviar presentes ao Papa e assegurar-lhe as boas disposições. O santo Papa agradeceu-lhe por uma carta, onde o felicitava pela fé que já mostrava antes do batismo, afirmando-lhe que não cessava de por êle orar, a fim de que Deus lhe fizesse conhecer, sempre e cada vez mais, a fragilidade dos ídolos, as misérias desta vida, a verdade do cristianismo, e que êle, afinal, viesse viver no verdadeiro culto.

Em 866, teve o Papa outra grande consolação: Bogóris, rei dos búlgaros, abraçava, pouco depois, a religião cristã. A conversão daquele soberano é assim contada: a fome assolava-lhe o país. A fome levara-o a invocar o Deus dos cristãos, do qual, certa vez, o monge Teodoro Cufara lhe falara, referindo-lhe grandes coisas. Cessada a fome, fêz-se cristão. Pouco depois, de Constantinopla, veio para o país um bispo, que o batizou e o chamou Miguel. Sabendo que o rei se fizera cristão definitivamente, os grandes da côrte principiaram a murmurar. E, dos murmúrios, passaram às imprecações. Sublevando-se, tentaram assaltar o castelo. O rei enfrentou-os. Levava a espada numa das mãos e na outra

a cruz que apertava e agora amava acima de tudo, acompanhado de quarenta homens que lhe eram fidelíssimos. Embora em pequeno número, tal era a fé que os arremessava ao inimigo, que os adversários, espantados e confundidos, não puderam sustentar o choque inicial: e a derrota, que logo surgiu, duma multidão, e a vitória duns poucos, assemelhava-se-lhes um milagre, incontestàvelmente. Poucos morreram no encontro. Cêrca de quarenta e dois homens. E ficou só nisso, porque Bogóris, todo embuído do ideal cristão, a todos, mesmos aos cabeças da sedição, acabou perdoando. E, ali, franca e ardentemente, concitou-os para que se fizessem cristãos, como êle se fizera. E um número incontável dêles assim procedeu.

Essa conversão dos búlgaros deu-se pelo ano de 865; no ano seguinte, o agora rei Miguel enviou a Roma o próprio filho, com vários nobres, levando oferendas a São Pedro, entre outras as armas com as quais foram, milagrosamente, vencidos os rebeldes. Encarregados de consultar o Papa, levavam um sem-número de perguntas sôbre questões religiosas, e o fito de solicitar do santo Pontífice bispos e padres. Em agôsto de 866, regressaram.

O papa São Nicolau sentiu a maior alegria com a chegada, não sòmente pela conversão mesma, mas ainda porque vinham de longe em busca de instruções da Santa Sé, bem como porque haviam aberto caminho para que se tornasse possível o envio de legados, por terra, a Constantinopla, passando pela Bulgária.

São Nicolau, para que fôsse instruído quem tão àvidamente o desejava ser, nomeou, para acompanhá-los e na terra permanecer, a Paulo, bispo de Populônia, na Toscana, e Formoso, bispo de Pôrto, pre-

lado de grande virtude. E com muitos livros, julgados necessários, e exemplares das Sagradas Escrituras, presenteou-os o Papa por sua vez. Os búlgaros, que possuíam rudes costumes, viram-se abrandados com a pregação do Evangelho. Já não matavam o guarda-fronteira, quando conseguiam escapar escravos do país. Não mais torturavam os desertores, os caluniadores, os envenenadores. A moderação, a humanidade e a caridade cristã a pouco e pouco foi adentrando aquelas almas sedentas de instrução e santidade. Quantos inocentes mataram êles ou torturaram? A penitência fêz-lhes bem. Deviam, agora, seguir religiosamente aquilo que, em Roma, o santo papa Nicolau lhes dissera:

— Filhos, o crime, a tortura, não os admitem as leis dos homens, muito menos as divinas.

O grande e santo papa Nicolau morreu aos 13 de novembro de 867. Na longa série dos grandes e santos pontífices que honraram a cátedra de São Pedro, o papa Nicolau merece, incontestàvelmente, um dos primeiros lugares. Ainda hoje a cristandade lhe honra anualmente, a memória, porque a Igreja a tem no número dos santos. Nove anos e sete meses velou êle pela Igreja de Deus com ardente zêlo, e esclarecidamente. Graças ao Espírito Santo, nenhum perigo, nenhuma ameaça pôde quebrar ou sequer abalar-lhe a confiança e a constância. Mesmo nos momentos mais críticos, e quando a terra parecia tremer-lhe sob os pés, São Nicolau permaneceu firme como rocha que o Todo-Poderoso plantara, contra a qual eram reduzidas à impotência tôdas as patifarias, as felonias tôdas, as imprudências dos imprudentes todos. À tôda a severidade dum apóstolo, porém,

aliara a doçura, a doçura do coração, que se lhe refletia na voz suave e no suave do olhar.

Particularmente, era devotado principalmente aos desgraçados, aos quais se extravazava em ternuras, em solicitudes mil. Possuía uma lista enorme com o nome de todos os coxos, cegos e pobres absolutamente inválidos de Roma. A êsses pobrezinhos de Deus, todos os dias, distribuía o que de comer. Aos que, com facilidade, podiam locomover-se, dera cartas, com as quais se apresentavam e retiravam o que lhes cabia. E, como grande era o número dêsses pobres, estabelecera grupos que apareciam determinados dias, de modo que, tantos eram êles, todos os dias da semana uma pequena multidão se aglomerava no local onde se estabelecera a distribuição. Em favor dos pobres, mandou reparar o aqueduto que levava água a São Pedro, daqueles pobres que pediam esmolas à entrada da igreja e aos peregrinos de tôdas as nações que vinham em busca do perdão pelos crimes cometidos.

De espírito elevado, duma erudição que abarcava todos os conhecimentos humanos, esclarecidíssimo pela luz da verdade, o renome de sua sabedoria expandiu-se ràpidamente por tôdas as partes do universo cristão. De todos os países, mesmo das mais longínquas regiões do Oriente, todos se encaminhavam a êle como à fonte de tôda a sabedoria e da verdade superior. Não só bispos, abades, padres e monges, mas leigos de tôdas as classes e de tôdas as condições, reis, príncipes e princesas, duques e condes, sábios e magistrados, numa palavra, quem quer que tivesse necessidade dum conselho, encontrá-lo-ia, sem sombra de dúvida, nas mãos paternais do grande

Papa, ao qual Deus, bondoso, se dignara esclarecer, e grandemente.

Nunca Roma ficara tão caracterizada como cidade universal, tal o movimento de gente de tôdas as raças, como sob o pontificado do grande São Nicolau. Ninguém mais fácil do que êle de ser encontrado, ninguém mais acessível do que o Pontífice. E de todos os que tiveram a ventura de vê-lo, de ouvi-lo, de falar-lhe, nenhum que não se admirasse de tanta sabedoria aliada a tanto dulçor e humildade, a tanta bondade, santidade e dignidade.

Quem não pudesse, por qualquer motivo, doença ou dificuldades prementes, a êle se dirigir, fazia-o por cartas. Dessas cartas, nenhuma, rigorosamente nenhuma, ficou sem resposta, e resposta tão rápida quanto lho permitiam as ocupações.

De suas cartas, infelizmente, poucas chegaram até nossos dias. Sob sua pena fecunda, porém, muitas eram tratados inteiros, divididos em capítulos, longas, finas e meditadas. Quatro ou cinco delas, seriam suficientes para alimentar um *in-quarto* de meia grossura.

Por outro lado, a antiga e austera disciplina da Igreja retomara, sob Nicolau, novo vigor, e penitências públicas muito severas não eram coisa rara no seu tempo.

* * *

SANTO HOMOBONO

No décimo-segundo século, enquanto a bem-aventurada Maria d'Oignies edificava o país de Liège, Santo Homobono trabalhava na cidade de Cremona, na Itália. O nome da família era Tucinge. O de Homobono, ou homem de bem, recebera-o no batismo, pressagiando o que seria um dia. O pai não era rico nem pobre. E o jovem foi criado nos sentimentos da piedade e na prática das virtudes cristãs.

Quando a idade o permitiu, dedicou-se ao comércio, sem passar pelo estudo das letras. Foi-lhe o guia o Espírito de Deus, por todo o curso da vida preservando-o de todos os escolhos onde lhe poderia perigar a inocência. Desde a infância, mostrou grande horror pelas injustiças. E, se fôra rico, gostosamente perderia a riqueza para não pecar. Via no seu estado uma ocupação que Deus lhe dera. E dela se desincumbia como se fôra um dever de obediência aos céus, por justiça a si mesmo, pela família e pela sociedade, da qual era membro.

Propuseram-lhe os pais que se casasse. Obediente em tudo, desposou uma jovem virtuosa e capaz de auxiliar no govêrno da casa. Com ela viveu no temor de Deus e na observação dos mandamentos, segundo os preceitos que o Apóstolo dava às pessoas casadas.

A caridade para com os pobres não conhecia, por assim dizer, limites. Depois da morte do pai, que, então, lhe deixara bens consideráveis, aumentou ainda mais o que distribuía aos pobres, aos quais ia procurar nos próprios tugúrios. E, ao passo que os consolava, exortava-os para que se arrependessem das faltas que, porventura, a miséria o induzisse a cometer, tudo fazendo para que levassem vida essencialmente cristã.

A espôsa, às vêzes, quando as esmolas pareciam excessivas, falava-lhe, não fôsse êle lançar a família na pobreza. Santo Homobono, todavia, limitava-se sorrir docemente, e docemente fazia ver que aquêle era o melhor meio de empregar o dinheiro: dar aos pobres não era emprestar a Deus? Não seria aquilo centuplicado, como o Cristo mesmo, Nosso Senhor, dissera?

Lê-se no autor de sua vida, que as imensas caridades que fazia foram constantemente acompanhadas de milagres, e que Deus lhe dera o dom de multiplicar aquilo que destinava ao socorro dos desgraçados.

À prática da esmola, acrescentava Santo Homobono a da abstinência e mortificação. Sabia aliar os deveres de estado aos da oração. Dedicava a esta última tempo considerável, sem contudo, descuidar-se dos demais deveres. Trabalhando, estava com o espírito voltado para Deus, em preces mudas. Assim, onde quer que estivesse, o lugar não deixava de servir para orar.

Todos os dias, na igreja de São Gilles, assistia às matinas, que à meia-noite se dizia, e dali não se retirava senão na manhã seguinte, depois da missa.

Era-lhe tão grande o fervor, que os que o viam, sentiam-se penetrados da mais viva devoção.

Os exemplos e discursos que dava e proferia converteram muita gente, um número enorme de pecadores. Os domingos e dias de festa, passava-os inteiramente a orar; assim foi, até o dia em que Deus o chamou para lhe recompensar as virtudes.

Foi num domingo, 13 de novembro de 1197, e êle assistia, como de costume, às matinas, ajoelhado diante do crucifixo, à espera da missa, que Deus o chamou. Ao *Gloria in excelsis,* Homobono abriu os braços. E era uma cruz. Pouco depois, caía de bruços. Os que o viram, julgaram que assim se pusera por devoção. Mas, ao evangelho, vendo que não se levantara, correram para êle e o acharam morto.

Sicardo, bispo de Cremona, depois de lhe ter constatado o heroísmo das virtudes e a certeza dos milagres, dirigiu-se a Roma, com muitas pessoas respeitáveis, para solicitar-lhe a canonização.

O papa Inocêncio III elevou-o ao número dos santos, e lhe publicou a bula em 1198. Homobono é o patrono de sua pátria. O célebre Vida, de Cremona, compôs um hino em sua honra.

* * *

SÃO DIEGO DE ALCALA (*)

Franciscano

Diego nasceu antes de 1400, de pais modestos, em São Nicolau, na Andaluzia.

Moço, retirou-se à solidão, vivendo perto da igreja de São Nicolau, cultivando um jardim e fabricando objetos de utilidade, com os quais presenteava os benfeitores. Com grande desejo de professar entre os franciscanos, um dia foi procurá-los em Arrizafa, perto de Córdova.

Enviado a uma das Canárias, à ilha de Fuerteventura, em 1440, converteu numerosos infiéis. Em 1450, viajou para Roma, para o ano jubilar, assistindo à canonização de São Bernardino de Siena, falecido em 1444.

De volta à pátria, de Sevilha passou para Alcala, em 1456, onde faleceu em 1463, aos 12 de novembro.

Conta-se de São Diego de Alcala que, pouco antes da morte, retornando de prolongado êxtase, exclamou, embevecido:

— Oh, como são suaves as flôres do paraíso!

Morreu repetindo palavras do hino de São Fortunato:

— *Dulce lignum, dulces clavos . . .*

São Diego, que operou inúmeros milagres depois da morte, tornou-se célebre pela humildade.

No mesmo dia em Tours, na Gália, São Brício, bispo, discípulo de São Martinho, falecido, ao que se supõe, em 444.

Em Rennes, Santo Amando, bispo, falecido em 500 (?).

Em Viena, São Leoniano, desaparecido em 518.

Em Rodez, São Dalmácio, bispo, que faleceu em 580. Contemporâneo de São Gregório de Tours. Eleito muito jovem, governou a Igreja de Rodez por cinqüenta e seis anos.

São Kiliano, monge. Irlandês, de sangue real, viveu em Roma, depois na França, falecendo em Aubigny, na diocese de Arras.

Santa Maxelenda, virgem e mártir, em 670.

Na atual diocese de Bordéus, Santo Abbon, abade de Fleury e mártir, em 1004.

Em Ravenna, a festa dos santos Valentim, Solutor e Vítor, mártires, quando de Diocleciano.

Em Aix, na Provença, São Mítrio, muito ilustre mártir.

Em Cesaréia, na Palestina, o martírio dos santos Antonino, Zébinas, Germano e de Santa Ênata, virgem, que foi assassinada e queimada, sob Galero Maximiano.

Na África, os santos mártires Arcádio, Pascásio, Probo e Eutiquiano, espanhóis, que, durante a perseguição vândala, foram presos, exilados, tortu-

rados e mortos. Aqui se vê a constância dum menino, Paulilo, irmão dos santos Pascásio e Eutiquiano, que, não podendo ser vergado, e não abandonando a fé católica, foi espancado e condenado à mais vil escravidão.

Em Toledo, Santo Eugênio, bispo.

Em Clermont, em Auvergne, São Quinciano, bispo.

* * *

ÍNDICE

OUTUBRO

25.º dia de outubro

São Gaudêncio, bispo de Bréscia, Itália 9
Santa Tabita ou Dorcas, Novo Testamento 16
São Crisanto e Santa Daria, mártires 18
São Frontão, primeiro bispo de Périgueux 24
São Crispim e São Crispiniano, mártires 26
São Lôbo, bispo 28

26.º dia de outubro

São Bernward ou Bernardo, bispo de Hildesheim 33
São Luciano e São Marciano, mártires 38
Santa Gibitrudes, monja 42

27.º dia de outubro

Santo Elesbão, rei da Etiópia 48
Santo Abraão, ermitão 52

28.º dia de outubro

São Simão e São Judas, apóstolos 56
São Faro, bispo 65
Santo Angilrano, bispo 67

29.º dia de outubro

São Narciso, bispo 72
Santa Ermelinda, virgem 74
Bem-aventurada Paula Montaldi, clarissa 76

30.º dia de outubro

São Marcelo, centurião — mártir 80
São Germano, bispo 83
Bem-aventurado Ângelo D'Acri, capuchinho 85

31.º dia de outubro

A Beata Benvinda Bojano, virgem da Ordem Terceira de São Domingos 91
Santo Afonso Rodríguez, jesuíta, porteiro do colégio 94
São Volfango, bispo de Ratisbona 96
São Foillan, abade 103
Bem-aventurado Tomás de Florença, franciscano 105

NOVEMBRO

1.º dia de novembro

Todos os Santos e Finados 111
São Cesário e São Julião, mártires 119
São Maturino, confessor 122
Todos os Santos (Apêndice) 127

2.º dia de novembro

Comemoração dos Fiéis Defuntos 129
São Marciano, ermitão 138
Bem-aventurada Margarida de Lorena, duquesa de Alençon, clarissa 142
Comemoração dos Fiéis Defuntos (Apêndice) 145

3.º dia de novembro

São Malaquias, arcebispo de Armagh, na Irlanda 148
Santo Humberto, bispo 167

4.º dia de novembro

São Carlos Borromeu, cardeal, arcebispo de Milão 174
São Vidal e Santo Agrícola, mártires 188
Santa Perpétua, espôsa de São Pedro 192

5.º dia de novembro

São Zacarias e Santa Isabel, pais de São João Batista 196
Santa Bertila, abadêssa 205
Bem-aventurado Martinho, dominicano 207
Bem-aventurado Gomidas Keumurdjian, mártir 210

6.º dia de novembro

São Leonardo, ermitão de Limosino 215
Bem-aventurada Cristina de Stommeln, virgem 226

7.º dia de novembro

São Vilibrodo, bispo de Utrecht, apóstolo da Frísia 229
São Baldino, bispo 238
São Lázaro, estilita 239

8.º dia de novembro

Santo Willehade, primeiro bispo de Bremen 244
São Godofredo, bispo de Amiens 252
Bem-aventurado Gregório, abade 257
Bem-aventurados José Nghi, Paulo Ngan, Martinho Thinh, Martinho Tho e João Batista Cou, mártires 258

9.º dia de novembro

São Teodoro, jovem soldado e mártir 261
A Dedicação da Basílica do Santo Salvador de Latrão 267
Santo Ursino, bispo 269

10.º dia de novembro

Santo André Avelino, teatino 273
São Justo, bispo de Rochester, um dos companheiros de Agostinho, apóstolo dos inglêses 275
São Noé, antigo testamento 304
São Demétrio, bispo 314

11.º dia de novembro

São Martinho, bispo de Tours 317
São Mena, mártir 339

12.º dia de novembro

São Martinho, papa e mártir 343
Santo Emiliano do Cogolla, monge 364

13.º dia de novembro

São Nicolau, papa, primeiro do nome 369
Santo Homobono 409
São Diego de Ascala, franciscano 412

Composto e Impresso nas
oficinas gráficas da
EDITÔRA DAS AMÉRICAS
São Paulo — 1961